PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Pós-Graduação em História

Sharley José da Cunha

O *MERCURIO PERUANO* (1791-1795): ilustração em Lima, sentimento *criollo* e conhecimento útil

São Paulo

2021

PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Programa de Pós-Graduação em História

Sharley José da Cunha

O *MERCURIO PERUANO* (1791-1795): ilustração em Lima, sentimento *criollo* e conhecimento útil

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História.

Linha de Pesquisa: Cultura e Representação.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Torres Londoño

São Paulo

2021

Sharley José da Cunha

O *MERCURIO PERUANO* (1791-1795):
ilustração em Lima, sentimento *criollo* e conhecimento útil

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como exigência parcial para obtenção do título de MESTRE em História.

Linha de Pesquisa: Cultura e Representação.

Apresentada em fevereiro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

_____

Prof. Dr. Fernando Torres Londoño
PUC-SP (Orientador)

_____

Profª. Dr. Maria Cristina Bohn Martins
Universidade do Vale do Rio Sinos.

_____

Profº Dr. Amilcar Torrão Filho
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo, 2021.

O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – Código de Financiamento 001.

Processo n.º 134044/2019-3

This study was financed in part by the Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Brasil (CNPq) – Finance Code 001.

Process no. 134044/2019-3

AGRADECIMENTOS

Um professor em uma manhã de domingo de janeiro de 2016 sentado em seu sofá, inspirado pelas estantes recheadas de livros, lhe veio à mente uma inspiração de pesquisa, o periódico Mercurio Peruano. Esta inspiração foi o impulso para o jovem pesquisador iniciar seus estudos e poder se principiar nos trabalhos académicos. Este "jovem" sou eu e o professor é o Fernando Torres-Londoño. Esta é a história que fiquei sabendo quando falava dos primeiros passos da pesquisa em Iniciação Cientifica que pude realizar sob orientação do Fernando, do qual este trabalho é uma das sementes. Desta inspiração surgiu diversos trabalhos conjuntos, publicações e este mestrado. Meu sincero agradecimento a todo aprendizado.

Só, nem existimos. Minha família sempre me apoiou. A simplicidade de meu Pai Benjamim, minha Mãe Lourdes e minha Irmã Fabiola, em seus humildes conhecimentos sobre a minha pesquisa, não impossibilitou que fossem sempre presentes e dessem todo subsidio emocional para que eu pudesse realizar este trabalho. Sou eternamente grato a eles pela paciência, confiança e sabedoria que carrego comigo.

Não poderia de deixar de agradecer a Cibele Fabichak, pelo seu apoio incondicional aos meus objetivos acadêmicos. Também sou eternamente grato a Nelson Penteado e Rachel Penteado pelo importante livro que foi me dado de presente. Sem esse material não teria conseguido realizar esta pesquisa.

Agradeço aos professores Amilcar Torrão Filho e Maria Cristina Bohn Martins por todas as dicas e ensinamentos na qualificação e pela gentil aceitação para participação na banca de defesa.

RESUMO

Esta pesquisa estuda o periódico *Mercurio Peruano*, que esteve em circulação na Lima colonial entre os anos de 1791 e 1795, pensado e editado por um grupo de intelectuais – em sua maioria, *criollos* da *Sociedad Académica de Amantes del País*. Com o objetivo de realizar uma análise das construções discursivas e epistemológicas nos diversos enunciados sobre a concepção de geografia, economia e História natural presente nessa documentação, partiu-se do pressuposto que o tipo de ilustração produzida pelos intelectuais editores do periódico visava a um conhecimento que devia ser útil para o desenvolvimento do Peru. Apresentam-se, ainda, as implicações das Reformas Bourbônicas no Vice-Reino do Peru ao longo do século XVIII e como os editores do *Mercurio* refletiram sobre essas transformações. Realiza-se, por fim, uma breve história da imprensa peruana na segunda metade do século XVIII sob a óptica de que esse tipo de produção escrita e sua consequente disseminação entre os mais diversos leitores *criollos* colaborou para a formação de um agrupamento social patriótico com uma crescente noção de *peruanidad* específica de Lima. Os diversos enunciados presentes no periódico contribuíram para a emergência de um discurso e um sentimento patriótico que faz parte da história do *criollismo* americano.

Palavras-chave: Mercurio Peruano; criollo; sociedade de intelectuais, Ilustração, Conhecimento útil; vice-reino do Peru.

ABSTRACT

This study addresses the journal called *Mercurio Peruano*, which was designed and edited by a group of intellectuals – most of them *criollos* from the *Sociedad Académica de Amantes del País* – and distributed in colonial Lima between 1791 and 1795. To carry out an analysis of discursive and epistemological constructions in the several statements regarding the conception of geography, economy and natural history present in the documents, this study used the presumption that the type of Enlightenment produced by the intellectual editors of the journal aimed to what should be useful for the development of Peru. This study also presents the implications of the Bourbons' Reforms in the Viceroyalty of Peru during the 18th century and how the editors of Mercurio reflected on these transformations. Finally, a brief history of Peruvian press in the second part of the 18th century is carried out, according to a point of view that stresses that this type of written production and its consequent dissemination among several *criollo* readers collaborated to create a patriotic group, with a growing and specific conception of *peruanidad* in Lima. The several statements present in the journal collaborated for the emergence of a discourse and a patriotic sentiment that is part of the history of the *Criollismo* in Americas.

Keywords: Mercurio Peruano, criollo; society of intellectuals, Illustration, Useful knowledge; viceroyalty of Peru

LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1 – Mercurio Peruano e os tomos compilados
IMAGEM 2 – Vinheta repetida no Mercurio.
IMAGEM 3 – Lista de Assinantes
IMAGEM 4 – Censo realizado por Gil Taboda y Lemos
IMAGEM 5 – Mercurio Peruano e o periódico The Spectator
IMAGEM 6 – “Plaza mayor de Lima”.

LISTA DE MAPAS

MAPA 1 – Vice-reinos e Audiências da América espanhola, séculos XVI e XVII, antes da criação do Vice-Reino de La Plata

MAPA 2 – Mapa da América espanhola em 1790 após criação do Vice-Reino de La Plata de 1776

MAPA 3 – Plan del curso de los Ríos Huallaga y Ucayali, y de la pampa del Sacramento. Levantado por el P. Fr. Manuel Sobreviela, Guardian del Colegio de Ocopa, en 1790.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Tabela de origem dos assinantes.
TABELA 2 – Origem sociológica dos assinantes
TABELA 3 – Principais atividades dos assinantes
TABELA 4 – Principais temas tratados no periódico

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO 20
1.1 Objetivos 22
1.1.1 Objetivos secundários 23
1.2 Estado da questão e problematização 23
1.3 Historiografia sobre o periódico 27
1.4 Aportes teórico-metodológicos 31
1.4.1 Nação 36
1.4.2 Pátria 37

2. *MERCURIO PERUANO* (1791-1795): UMA HISTÓRIA IMPRESSA 41
2.1 Entre encontros e *tertulias*: a Sociedad Académica de Amantes del País 41
2.2 O *Mercurio Peruano*: a escolha de um nome e os aspectos materiais e editoriais 49
2.3 Um periódico para seus leitores: composição e utilidade social 57
2.4 Múltiplos temas no *Mercurio Peruano* 65
2.5 Sobre História 68
2.6 Sociedade e "castas" 73
2.7 Os negros 79

3. *MERCURIO PERUANO* E AS REFORMAS DOS BOURBONS NO SÉCULO XVIII: UM CONTEXTO 83
3.1 As Reformas Bourbônicas e as mudanças no Vice-Reino do Peru no século XVIII 83
3.2 Reformas no ensino e nas universidades sob o governo de Vice-Rei Amat (1762–1774) 98
3.3 Lima na segunda metade do século XVIII 105
3.4 Imprensa e *periodismo* em Lima depois da segunda metade do século XVIII . 115

4. *MERCURIO PERUANO*: *CRIOLLISMO*, ILUSTRAÇÃO E CONHECIMENTO ÚTIL 123
4.1 Intelectualidade limenha na segunda metade do século XVIII 123
4.2 Agência *criolla*: características do *criollismo* limenho entre os *mercuristas* ... 130
4.3 Ilustração e conhecimento útil 141
4.4 Tradição geográfica no Peru: da conquista ao *Mercurio Peruano* 149
4.5 A idealização geográfica no *Mercurio Peruano*: História natural, "geografia econômica" e utilitarismo 157
4.6 O *Mercurio Peruano* e a discussão sobre a independência 171
4.7 O fim de uma experiência editorial 175

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 179

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 191

1 APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa tem seu antecedente no trabalho que este pesquisador tem realizado ao longo dos últimos cinco anos nos estudos para iniciação científica (IC) sob orientação do Prof. Dr. Fernando Torres Londoño. Na IC *Ilustração* criolla *e representação dos rios amazônicos: o* Mercurio Peruano *(1791-1795) e a construção de um discurso de apropriação da região do Rio Ucayali*, aprovada com fomento do PIBIC-CNPq e pela PUC-SP (2016-2017), tracei um caminho de investigação inserido no campo da História colonial da América Hispânica. Os primórdios da pesquisa contemplavam o final do século XVIII no Vice-Reino do Peru, em que mapeei como uma elite de intelectuais *criollos*[1] limenhos, por meio de discursos e enunciados expressos no periódico *Mercurio Peruano,* representaram a região do Rio Ucayali, localizada na selva amazônica, como um lugar passível de ser explorado, desconsiderando as populações nativas habitantes e contribuindo, assim, para a "invenção" da Amazônia peruana.

O *Mercurio Peruano* foi um periódico editado bissemanalmente entre os anos de 1791 e 1795 nos domínios hispânicos da Lima colonial. Seus editores e colaboradores eram membros da elite intelectual limenha, pertencentes à Sociedad Amantes del País, composta por espanhóis, *criollos* e outros europeus – uma intelectualidade masculina e, essencialmente, branca. Em seu curto período de circulação, foram publicados 12 tomos, divididos em 411 números e 3.568 páginas. Seu conteúdo traz assuntos diversos, como botânica, clima, cartografia, economia, história etc.[2]

Naquele almanaque, entre muitos assuntos referentes ao Peru, aparecem textos sobre territórios que, de Lima, eram praticamente desconhecidos, mas foram vistos

[1] Esta dissertação opta por utilizar a palavra *criollo* e derivadas em todo o texto, tal como registra o significado em espanhol: o descendente do europeu nascido na América. Em português, a palavra equivalente – crioulo – chegou a registrar o mesmo significado, mas também teve outra conotação, em muitos casos utilizada como depreciativo para se referirem aos descendentes dos africanos nascidos na América com clara referência racista razão pela qual optamos por não utilizá-la.

[2] As 6O nome completo do periódico é Mercurio Peruano de Historia, Literatura, y Noticias Públicas Que Da à Luz la Sociedad de Amantes de Lima. Utilizamos neste artigo *Mercurio Peruano, Mercurio* ou MP em relação ao periódico, e *mercurista* em relação ao que entendemos, pelo proposito dos editores do periódico de fazer conhecido o Peru por meio do *Mercurio*, e não em outra plataforma. As referências do periódico nesta dissertação está configurada da seguinte forma: *Mercurio Peruano*; algarismo romano (tomo); ano de publicação; e folha (f) para a página. Os 12 tomos do periódico encontram-se, em sua totalidade, disponíveis digitalizados no portal da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, com a versão fac-similar publicada em 1964 pela BNP. Em nossas pesquisas, temos utilizado a versão digitalizada dos tomos originais de 1791-1795, disponibilizada no *site* archive.org pela Biblioteca John Carter Brown. A versão digitalizada pode ser encontrada no link: https://archive.org/search.php?query=creator%3A%22Sociedad+Acad%C3%A9mica+de+Amantes+de+Lima%2

como “peruanos”. As reportagens contidas no periódico foram realizadas a partir de relatos de missionários franciscanos, expedições botânicas, cartas coloniais e dados estatísticos, entre outras fontes, feitos no século XVIII. Nesse período em que as fronteiras territoriais não estavam bem definidas, dar notícia sobre um território em disputa, como tenho entendido, configurava uma apropriação cartográfica e, ao mesmo tempo, produzia sentimentos patrióticos de pertencimento.

Os resultados a que este pesquisador chegou abriram um leque de investigação que é o cerne desta pesquisa. Ao ler as páginas do periódico e estudar a imprensa *criolla* na segunda metade dos anos 1700, deparei-me com uma questão cuja resposta não pude encontrar na Iniciação Científica: os intelectuais do *Mercurio Peruano*, ao descreverem os mais distantes e desconhecidos territórios imaginados, ressignificarem os já conhecidos, exporem a natureza peruana em categorias classificativas e tentarem dar conta da administração econômica e política, estariam configurando o Peru pátrio? E quais seriam os sentidos conferidos a esse Peru? Estariam eles desenvolvendo uma noção de sociedade em que um discurso *criollo* era materializado?

Essas dúvidas me acompanharam na oportunidade que tive ao realizar pesquisas nas bibliotecas e livrarias de Lima, na viagem que fiz entre 14 de janeiro e 29 de fevereiro de 2018, em especial as visitas à Biblioteca Nacional do Peru e à da PUC do Peru com o orientador deste projeto, Fernando Torres Londoño. No Peru, pude encontrar bibliografias especializadas tanto sobre o periódico quanto sobre a conjuntura específica em que ele foi produzido, um tema ainda inédito nas pesquisas brasileiras. Consegui localizar materiais ainda mal explorados que entendo como fundamentais para ampliar o horizonte de pesquisa sobre a História colonial do Peru. O levantamento desses materiais e grande parte da bibliografia aqui incluída são frutos dessa pesquisa.

Dividimos os conteúdos e analises nesta dissertação em três blocos principais (capitulo dois, três e quatro).

No segundo capitulo, “Mercurio Peruano (1791-1795): uma história impressa”, apresentaremos como foi se formando a sociedade de intelectuais que produziram o Mercurio Peruano, chamada de Sociedad Académica Amantes del País. A proposta desse capitulo é fazer o que podemos chamar de uma radiografia sobre o periódico. Trata-se de mostrar que por meio de reuniões, encontros e discussões os jovens intelectuais, criollos em sua maioria, pensaram e materializaram um projeto editorial audacioso que foi o Mercurio Peruano. O capitulo discute também as características dos leitores do periódico, e alguns dos temas como História, sociedade e castas.

No terceiro capitulo, “Mercurio Peruano e as reformas dos Bourbons no século XVIII: um contexto”, será feita uma breve introdução sobre as Reformas Bourbonicas, focando nas mudanças ocorridas no vice-reino do Peru na segunda metade do século XVIII. Discutiremos, também, sobre as reformas no ensino e nas universidades. É realizada uma leitura histórica sobre as condições da cidade Lima, e as analises dos artigos dos redatores do periódico e suas propostas de um ordenamento da cidade. Por fim, faremos uma pequena história do periodismo em Lima na segunda metade do XVIII.

No quarto capitulo, “Mercurio Peruano: Criollismo, Ilustração e Conhecimento Útil” – o mais desafiador – mostraremos no início, em um diálogo com uma historiografia crítica, a noção do que vem a ser um intelectual enquanto sujeito produtor de saber, cuja situação social implica uma relação com o poder. Para em seguida trabalhar o conceito de criollismo na ilustração em Lima, representada pelo Mercurio Peruano. Tratamos de entender o tipo de ilustração possível no periódico, e como a noção de conhecimento foi vista sob a óptica do utilitarismo. Daremos uma atenção especial para o tema da geografia presente no periódico, onde é feita o levantamento histórico de uma tradição geográfica no Perú até os anos de circulação do Mercurio. Dessa análise seguimos para um ponto muito importante nessa pesquisa, que é a concepção e idealização geográfica no periódico e sua relação com a História Natural e a Economia e a relação com a noção de um conhecimento util.

1.1 Objetivos

A pesquisa estuda o periódico *Mercurio Peruano*, produzido pela intelectualidade *criolla* limenha, cuja circulação bissemanal ocorreu no Vice-Reino do Peru entre 1791 a 1795 – e tem como objetivo analisar suas construções discursivas e epistemológicas, rastreando as raízes e manifestações do *criollismo* patriótico limenho de uma perspectiva que abrange enunciados sobre geografia, economia e história natural apresentados neste trabalho e problematizados a partir de um conhecimento que deveria ser utilitário, visando demonstrar a emergência do discurso e sentimento criollo materializado em um patriotismo científico.

1.1.1 Objetivos secundários

- Apresentar o *Mercurio Peruano*, seu conteúdo e principais discussões científicas para a comunidade de pesquisadores brasileiros;
- Indicar um conjunto de fatores históricos proporcionados pelas Reformas Bourbônicas, que iniciaram uma renovação da ciência nos domínios da Lima colonial;
- Situar alguns aspectos sobre a emergência de uma imprensa no Peru na segunda metade do século XVIII;
- Apresentar alguns nomes da comunidade de intelectuais *criollos* em Lima;
- Apresentar uma tradição geográfica e, por consequência, científica que possibilitou aos intelectuais do *Mercurio* um discurso cartográfico;
- Estudar o *criollismo* em Lima até o final do século XVIII.

1.2 Estado da questão e problematização

Após a expulsão dos jesuítas da América Hispânica em 1767, novos intelectuais surgiram com o intuito de dar conta do poder intelectual, administrativo e colonial da cidade letrada. O problema está em mapear essa organicidade, que pressupõe esse "dar conta". O propósito desta pesquisa entende que um dos canais de expressão discursiva foi o periódico *Mercurio Peruano*, o "vozeiro" da Sociedad Académica Amantes del País no Vice-Reino do Peru no final do século XVIII – e formado, em sua maioria, por *criollos* –, que ambicionava, por meio da projeção patriótico-enunciativa, apresentar o universo geográfico, natural, econômico, social e político do presente e do futuro do Peru. Essa projeção discursiva estaria forjando uma sociedade patriótica limenha? Estariam os intelectuais fundadores desse periódico construindo o "ser peruano"? A expressiva quantidade de textos sobre os três principais temas que aparecem no periódico – "conocimiento del país", "ciencias" y "economía", segundo Jean-Pierre Clément – faz com que tais temas sejam considerados os mais importantes para "utilidad práctica"? Seu desenvolvimento daria subsídios para o desejo da "felicidad del país"[3] e para a compreensão da realidade do Peru em sua totalidade?

[3] CLÉMENT, Jean-Pierre. **El Mercurio Peruano, 1790-1795**. Madrid: Iberoamericana, 1997. v. 1: Estudio.

Tais dúvidas movem esta pesquisa – e, para tentar chegar às respostas, é necessário entender que o *Mercurio* é resultado de processos históricos mais amplos, ocorridos entre a segunda metade e o final do século XVIII: a polêmica do Novo Mundo e a tentativa de encontrar respostas para as teorias depreciativas sobre a América e os seus habitantes; as mudanças promovidas pelas Reformas Bourbônicas e o trato com a economia comercial; as expedições científicas do século XVIII; os informes dos vice-reis sobre a situação estatística e social peruana; e os diários de missionários nas selvas amazônicas e outras longínquas regiões ainda não povoadas e exploradas pelos ocidentais, fossem eles *criollos* ou europeus. Esses materiais aparecem no periódico, mas (re)escritos pelos *mercuristas* com características enunciativas particulares e reflexões próprias e patrióticas.

No marco das transformações político-administrativas e utilitaristas promovidas pelas Reformas Bourbônicas na segunda metade do século XVIII, em busca de maior controle de suas possessões americanas, houve profundas reformulações na administração colonial e, consequentemente, política no Vice-Reino do Peru. Essas mudanças amplamente estudadas desde os anos 1970 por John R. Fisher[4] alertam-nos para os fenômenos do regionalismo e da aparente contradição entre os problemas sofridos por grupos poderosos no Vice-Reino e sua extraordinária lealdade à Espanha. Transformações estas que foram acompanhadas de perto pelos *criollos* limenhos, que passaram a buscar por novas formas de inserção no protagonismo da administração colonial.

Os *criollos* limenhos que eram redatores do *Mercurio* faziam parte do que a historiografia tem chamado de "classe intermediaria". Há, entre eles, o claro fascínio pelo continente europeu, e o *Mercurio Peruano* foi testemunha desse fato. Para essa classe, a razão devia ser utilitária. "Órfãos de uma cultura própria", existiu entre eles o sentimento de uma "identidade em movimento".

Para Rosa Zeta de Pozo, em seu texto "El *Mercurio Peruano*, expresión de la mentalidad reformista", o periódico "forma la opinión pública y logra el progreso y bienestar material y espiritual que harían la felicidad de la patria"[5] buscando conhecer a unidade geográfica peruana. A autora indica que 1700 é o século no qual nascem e se formam os homens que conduziram a emancipação e afirma que a independência não é

[4] FISHER, John. **El Perú borbónico. 1750-1824.** Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2000.
[5] ZETA DE POZO, Rosa. El *Mercurio Peruano*, expresión de la mentalidad reformista. *In*: SESÉ ALEGRE, José María; MAGALI ROSAS, Ruth. (comp.). **Luces y reformas en el Perú, siglo XVIII**. Lima: Universidad de Piura, 2005. p. XII.

um mero fenômeno do XIX, mas um largo e crescente processo de diferenciação cultural que vinha desde a segunda metade do século XVIII, uma vez que duas etapas de consciência nacional se haviam desenvolvido naquele período: a primeira, com Pedro Bravos de Lagunas e Victorino Montero; e a segunda, com os intelectuais da Sociedad Amante del País.

O reformismo visto no *Mercurio Peruano* foi descrito por José de La Puente Candamo, como "el caso más interesante de estudio y afirmación de lo peruano".[6] para Zeta de Pozo, o periódico buscou, por meio de seus textos e por ter periodicidade definida, cultivar, enriquecer e enraizar a noção de ser peruano. O interesse pelo conhecimento do Peru na segunda metade do século XVIII seguiu por duas correntes: a monárquica, apropriada pelas autoridades espanholas; e a peruana, promovida pelos *criollos* e pelos mestiços. Com isso, os intelectuais da publicação manifestavam um interesse profundo em conhecer o Peru, mas com agendas distintas. "El conocimiento del Perú [...] será también aprovechado por los Amantes del País, redactores del *Mercurio*, pero con una mentalidad distinta: la del estudio y afirmación de lo peruano como una unidad que tiene entidad propia".[7]

Os intelectuais que escreviam para o *Mercurio* e eram membros da Sociedad Amantes del País acompanhavam de perto as transformações epistemológicas ocorridas na Europa durante o século XVIII – o Iluminismo, ou, como ficou conhecido na Espanha, *la Ilustración*. Entre todas as revoluções no campo do saber promovidas pela ilustração, uma delas foi o papel da transformação epistemológica no bojo da concepção de natureza. Esse novo modo de apreender a natureza se deu por meio dos discursos e representações que vieram desde as classificações e taxinomias desenvolvidas por Lineu no século XVIII. Os intelectuais limenhos, a partir do conhecimento acumulado, permeado pelo forte incremento de ideias ilustradas europeias, desenvolveram concepções teóricas de conhecimento próprias. Um conhecimento *criollo* que misturava a ciência eurocêntrica da época com as práticas empiristas discursiva americanas.

Esse conhecimento em busca de "dar conta" do natural-regional se deu a partir das diversas formas de sociabilidade moderna que surgiram no século XVIII; de um lado, por meio das *tertulias*, e de outros, por meio das chamadas Sociedades Económicas de Amigos del País, ou sociedades patrióticas. Nesse cenário, a ilustração, como propõe François-Xavier Guerra, teve o sentido mais amplo de modernidade.

[6] DE LA PUENTE CANDAMO, José A. **La independencia del Perú**. Madrid: Mapfre, 1992
[7] ZETA DE POZO, *op. cit.*, p. 120.

Tratava-se, afinal, de sociedades econômicas que institucionalizaram a preocupação com a melhoria do país. Todas as diversas temáticas se transformavam em objetos passíveis de reflexão, e sua solução dependia da razão bem empregada:

> La insistencia sobre el país y la patria tuvo una importancia particular en América, pues produjo muchos estudios geográficos, investigaciones sobre la flora y la fauna, recuento de los recursos y estadísticas económicas que contribuyeron a reforzar las identidades locales y el correspondiente patriotismo, al apelar a estos elementos para contrarrestar las opiniones muchas veces peyorativas de los europeos.[8]

No caso peruano, o *Mercurio* foi um importante meio de difusão de ideias, estudos e de produção de discursos sobre uma natureza imaginada e a pátria. A imprensa *criolla* periódica e de caráter científico, como foi o *Mercurio Peruano,* serviu como plataforma desses discursos.

Esses impressos deram suporte à formação, então embrionária, da consciência *criolla* nos anos finais da colonização espanhola no Vice-Reino do Peru. A partir da segunda metade dos anos 1700, a imprensa passou a ter importância significativa na mentalidade patriótica da elite ilustrada. A ilustração *criolla* encontrou nos periódicos um caminho de autoafirmar-se como capaz de gerir a administração colonial aos olhos da Coroa, em discursos e enunciados que, naquele momento, não se categorizavam como emancipacionistas, mas de sentimentos e apegos emocionais patrióticos.

Periódicos e gazetas no "Século das Luzes" tiveram o papel de resposta às construções depreciativas produzidas na Europa sobre a América. Tais réplicas resultaram em amor telúrico e epistemologias próprias na futura Nação Imaginada. Esses impressos cumpriram o exercício real ou potencial de poder. Para os editores e autores, membros da elite, favoreceram a consolidação de um poder alternativo, como meio de veiculação ideológica. Com a promoção de um conhecimento metódico do meio ambiente e de seus recursos potenciais, promoveram informações claras propostas pela "republica de las letras". Significaram a abertura a modernidade e pela promoção do espanhol como língua científica, pela preocupação da exaltação do regional – uma autoconsciência científica regional formando uma sociedade patriota.

---

[8] GUERRA, François-Xavier. **Modernidad e independencias**: ensayos sobre las Revoluciones hispánicas. México: FCE, MAPFRE, 2000. p. 97-98.

1.3 Historiografia sobre o periódico

As pesquisas sobre o periódico *Mercurio Peruano* (1791-1795) aumentaram consideravelmente após a edição fac-similar realizada pelo projeto da Biblioteca Nacional del Perú (BNP) em 1964. Objeto de análise sobre formação dos primeiros traços da consciência patriótica em Lima nas últimas décadas do século XVIII, a edição da BNP apresentava aos historiadores os primeiros quatros tomos do periódico. A introdução, escrita entre 1962 e 1966 pelo idealizador do projeto e diretor da BNP, Carlos Cueto Fernandini, e carregada de um viés nacionalista, assinalava que "no ha sido la primera vez que la Biblioteca ha debido erguirse por encima de la adversidad para reconstruir, rasgo a rasgo, el alma histórica de la nación […]. El *Mercurio Peruano* es sin duda uno de los caminos que conducen al Perú permanente".[9] A partir dessa edição, abriram-se o acesso aos pesquisadores de outros países e exames aplicados. Durante a década de 1970, surgiram posições como a do historiador argentino Héctor José Tanzi, mostrando a visão negativa da recepção dos *mercuristas* acerca das transformações ideológicas promovidas pela Revolução Francesa. Na reflexão de Tanzi, os *mercuristas*, em relação aos sucessos franceses, "constituyeron una de las muchas influencias que contribuyeron a intensificar el descontento, en especial entre las clases que sufrían discriminación. El criollo de estirpe Hispana debió horrorizarse ante la doctrina de la igualdad predicada desde Francia".[10]

O ponto de virada deu-se no final dos anos 1970, com o pioneirismo do hispanista francês Jean-Pierre Clément: seus estudos, ainda não superados, continuam como referência para todos os pesquisadores do contexto e da conjuntura específica em que o periódico foi produzido. Seu primeiro livro sobre o *Mercurio*, intitulado *Índices del* Mercurio Peruano, publicado em 1979 pela BNP, apresenta pequenas sínteses dos artigos do periódico. Com sua tese de doutorado pela Université de la Sorbonne Nouvelle (1983), seu nome figurou entre os principais pesquisadores do periódico. No entanto, foi em 1997 e 1998, nos dois tomos do livro *El* Mercurio Peruano*, 1790–1795* (*I. Estudio*; e *II. Antología*), que Clément formatou metodologias específicas de estudos sobre o periódico e realizou um trabalho de sínteses e análises históricas, sociológicas e filológicas. O autor analisa o periódico em seus aspectos mais externos e formais:

[9] CUETO FERNANDINI, Carlos. Presentación de: 1964 Mercurio Peruano (1791-1794), edición facsímil. Lima: Biblioteca Nacional del Perú, 1964-1966, 12 vols.

[10] TANZI, Héctor José. El tema ideológico de la Revolución Norteamericana y su influencia en Hispanoamérica. **Revista de Historia de América**, [*s. l.*], n. 86, p. 187, jul.-dic. 1978.

descrição, elaboração, imprensa, tipografia etc. A obra é fundamental para o objetivo desta pesquisa, pois o autor se debruça sobre um dos temas mais discutidos acerca do *Mercurio:* a identidade *criolla*; e a noção de pertencimento que esses intelectuais estavam construindo. Clément propõe um estudo do emprego das palavras "nación" e "patria" e os sentidos que elas continham no século XVIII para esse grupo de intelectuais. O trabalho facilita o entendimento das representações mentais dessa elite ilustrada – e mostra, também, os conhecimentos das discussões filosóficas europeias e como os *mercuristas* se tinham apropriado das ideias estrangeiras, ressignificando-se. Em suma, o autor construiu um percurso intelectual de reflexões sobre o periódico que é essencial para todos os outros pesquisadores.

Os estudos sobre o *Mercurio* remontam a mais de 150 anos e reconstituem o discurso nacionalista da memória e da construção da nação peruana. No século XIX, entre 1861 e 1864, Manuel A. Fuentes, catedrático de medicina e *periodista*, publicou a coleção *Biblioteca peruana de historia, ciencias y literatura*, um importante compilado de assuntos do periódico sobre artes e ciências, e destacou na introdução: "la alta y merecida reputación que, no solo en América sino en Europa dos escritores do periódico".[11] O resgate da mentalidade dos editores do *Mercurio* continuou com Mariano Felipe Paz Soldán, que indicou no periódico os "escritos del anterior y presente siglo de los más acreditados autores peruanos",[12] destacando os pseudônimos utilizados pelos *mercuristas.* Com Estuardo Núñez Hague,[13] os estudos voltaram-se sobre as visões dos alemães sobre o *Mercurio Peruano*.

As análises mais direcionadas a questões filosóficas e políticas transcenderam os debates peruanos e chegaram até à Europa, em especial Portugal, com o intelectual e diplomático limenho Alberto Wagner de Reyna, que, em suas próprias palavras, afirmou que "as ideias do século das luzes no seu aspecto teológico e político e como enciclopedismo, em geral entraram em jogo, provocando luta e reação, e prepararam a independência do país",[14] em um texto que estabelece um diálogo entre a filosofia peruana da metade do século XX e a do século XVIII. As interpretações do periódico mais direcionadas a questões patrióticas e separatistas passaram ter novas leituras com

[11] FUENTES, Manuel A. **Biblioteca peruana de historia, ciencias y literatura**. Lima: Felipe Bailly, 1861. t. 1, p. 1-2.
[12] PAZ SOLDÁN, Mariano Felipe. **Biblioteca peruana, imprenta liberal**. Lima: Felipe Bailly, 1879. p. 41.
[13] NÚÑEZ HAGUE, Estuardo. La versión alemana del Mercurio Peruano. In: Boletín Bibliográfico de la Biblioteca Central de la Universidad Mayor de San Marcos, Lima 1936, año IX, nº 1, págs. 27-30.
[14] WAGNER DE REYNA, Alberto. A filosofia no Peru contemporâneo. **Revista Portuguesa de Filosofia**, [*s. l.*], t. 1, fasc. 4, p. 368-369, out.-dez. 1945.

Carlos Daniel Valcárcel, um importante historiador peruano, em seus artigos publicados na *Revista de Historia de América*, em que segundo ele, o *Mercurio Peruano* deve ser lido como "típico órgano fidelista, con aliento precursor de peruanismo, vocero de la Sociedad de Amantes del País"[15]; e, em outro artigo, ressalta que o periódico "tiene particular interés para el incremento cultural del Perú a fines del XVIII",[16] sendo "el vocero de los miembros de la Sociedad Amantes del País, institución cultural que agrupa a nuestros intelectuales progresistas".[17]

Esse periódico tem instigado diversos pesquisadores de diferentes áreas e assuntos em novas interpretações sobre o passado peruano, que têm ampliado os temas para outros objetos, tais como: questão de gênero Arcos-Herrera[18]; Meléndez,[19] Psicologia, Caycho Rodríguez,[20] E Medicina [21]Mariátegui, 1994.

Além disso, pesquisadores em diferentes países têm-se dedicado aos estudos sobre o *Mercurio*, tal como Clément, o hispanista francês já aqui citado. Outros exemplos são: no Canadá, as pesquisadoras de letras coloniais Catherine Poupeney Hart (2010, 2007, 2009); Maria del Rosário Solís, 2005; e Sebastian Wierny, 2010; na Inglaterra, Adam Sharman, 2017; na Espanha, Gil Aguado, 2016,, F. Javier Campos e Fernández de Sevilla, 2012, Víctor Peralta Ruiz, 2009 e Margarita Eva Rodríguez García, 2006, 2003, 2012,; nos Estados Unidos, Mariselle Meléndez, 2001, 2002; no Equador/Estados Unidos, Jorge Cañizares-Esguerra, 1995, 1997; e, na Colômbia, Mauricio Nieto Olarte, 2003,. No Brasil, os estudos sobre o *Mercurio* ainda são escassos. Os artigos que mais se aproximam não têm visto o periódico como objeto de pesquisa. Nos poucos estudos, o periódico é utilizado apenas em citações referentes a

---

[15] DANIEL VALCÁRCEL, Carlos. Fidelismo y Separatismo en el Perú. **Revista de Historia de América,** nº 37-38, enero-diciembre 1954, págs. 133-162

[16] DANIEL VALCÁRCEL, Carlos. Perú Borbónico y Emancipación" In: **Revista de Historia de América**, nº 50, diciembre 1960, págs. 315-438

[17] *Ibidem.*

[18] ARCOS-HERRERA, Carol. Mujeres e ilustración: polémica de los sexos en el mercurio peruano de historia, literatura y noticias públicas (1791-1795). Magister en Literatura Mención en Teoría Literaria. Universidad de Chile, 2008.

[19] MELÉNDEZ, Marisela. "Inconstancia en la mujer: Espacio y cuerpo femenino en el mercurio peruano, 1791-1794". **Revista Iberoamericana.** Vol. LXVII, Núms. 194-195, Enero-Junio 2001, 79-88; MELÉNDEZ, Mariselle. "Representing Gender, Deviance, and Heterogeneity in the Eighteenth-Century Peruvian Newspaper Mercurio Peruano", In: FÉLIX BOLAÑOS Alvaro; VERDESIO Gustavo (orgs). **Colonialism Past and Presen**t: The Politics of Reading and Writing about Colonial Latin American Texts Today. New York: SUNY University Press, 2002. pp. 175-195

[20] CAYCHO RODRÍGUEZ, Tomás. La Percepción de la Psicología de los Indígenas Peruanos en el Siglo XVIII los Planteamientos de Hipólito Unanue. In: **Revista de historia de la psicología**. Jan 2016. Disponível emhttps://www.researchgate.net/publication/303811837.

[21] MARIÁTEGUI, Javier. **El Mercurio Peruano y la Medicina**. Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 1994

conjunturas maiores, como indigenismo, imprensa colonial, identidades e espaço público hispano-americano, relatos sobre a fauna e a flora da América e iluminismo no século XVIII nas colônias espanholas e portuguesas. Entretanto, não encontramos algo específico que apresente o *Mercurio Peruano* como fonte para estudos sobre as formações discursivas de uma sociedade *criolla* patriótica no final do século XVIII, a que esta dissertação se propõe.

Esta pesquisa procura o diálogo com uma historiografia que entende o *Mercurio Peruano* como um documento de análise sobre uma intelectualidade *criolla* que passou a imaginar um Peru pátrio no final do século XVIII, possibilitando a tomada de "consciência de si", da qual afirma Wierny, Ainda não se pode chamar essa consciência de independentista, mas, ao descrever e exaltar as regiões peruanas, possibilitou ela o nascimento de sentimentos patrióticos, de orgulho telúrico e projeção de um "país futuro".

O imaginário que se estava construindo antecede a independência peruana, configurando o que Margarita Eva Rodríguez García (2006) chama de "criollismo limenho". No livro *Criollismo y patria en la Lima ilustrada (1732-1795)*, da historiadora espanhola, fruto de sua tese de doutorado defendida na Universidad Autónoma de Madrid em 2002, ela apresenta o desenvolvimento da cultura política de Lima durante o século XVIII, ressaltando a relação entre o discurso *criollo* e o patriotismo limenho. García vai além da história intelectual peruana, relacionando-a a todas as transformações ocorridas após as Reformas Bourbônicas e entendendo a ilustração peruana em conjunto com as transformações epistemológicas ocorridas na Espanha.

Ainda em termos de referências historiográficas, o livro *Ideología económica del* Mercurio Peruano (1972), de López Soria, apresenta uma proposta de metodologia de estudo, a partir da dialética "método-realidade" dos fenômenos ideológicos presentes no *Mercurio Peruano*.

Em outra proposta no final dos anos 1990, o equatoriano Jorge Cañizares-Esguerra, pesquisando sobre como seriam as Histórias naturais da América, analisou o *Mercurio Peruano* procurando entender como foi construída discursivamente a natureza peruana. Em "La Utopía de Hipólito Unanue: comercio, naturaliza, y religión en el Perú", um texto de 1995, o historiador mostra como os intelectuais *criollos* peruanos, convencidos de que o país passava por uma crise econômica, buscaram articular uma visão utópica para solucionar tal crise. Cañizares-Esguerra salientou que, no *Mercurio*,

foi apresentado um caminho para resolver a situação: o de ressaltar as potencialidades comerciais peruanas, cuja natureza, segundo os *mercuristas*, era "fecunda em prodígios". A ideia de que os Andes seriam como o "microcosmo do globo", ele ressalta, nunca reverberou com tanta força em outros países como no Peru.

Os autores da historiografia até agora apontada deixaram uma lacuna, pois não estudaram o *Mercurio Peruano* como uma plataforma de discursos e enunciados na projeção de uma sociedade patriótica, o que teria permitido analisar multidisciplinarmente seus artigos e mapear a emergência de um discurso *criollo*. A partir dessa premissa, esta dissertação visa a um debate com a historiografia especializada, com intuito de trazer aos estudiosos brasileiros novas interpretações sobre os anos finais da colonização espanhola e as tensões entre *criollos* e europeus – e como as independências das Américas devem ser estudadas nos processos de formação da consciência *criolla* no século XVIII. Além disso, sobretudo, apresentar um tipo de documentação muito pouco explorado (periódicos coloniais) sobre História da América nas universidades brasileiras.

1.4 Aportes teórico-metodológicos

O trato com a fonte aqui selecionada, o *Mercurio Peruano* (1791-1795), é um desafio. Suas páginas contêm mais que apenas informações sobre Vice-Reino do Peru. Como se trata de um periódico de caráter científico, composto por artigos sobre diversos temas e disciplinas, o leque teórico e metodológico aberto é amplo. No entanto, meu propósito é entendê-lo enquanto produto da plataforma editada e impressa dentro da imprensa colonial hispânica, mas produzida por *criollos* que, discursivamente, escreviam os artigos e escolhiam os temas que abordavam.

Os 12 tomos do periódico encontram-se disponíveis digitalizados e em sua totalidade no *site* da Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, com a versão fac-similar publicada em 1964 pela BNP. Em nossas pesquisas desde a Iniciação Cientifica, temos utilizado a versão digitalizada dos tomos originais de 1791–1795, disponibilizada no *site* archive.org da Biblioteca John Carter Brown.

Para as leituras e análises realizadas *in loco* e serializadas por temas do *Mercurio Peruano*, recorremos a metodologias que o entendem enquanto parte do capitalismo tipográfico; da imprensa colonial *criolla*; do material escrito e com seus filtros pelos

editores; enquanto discurso e lugar discursivo; e enquanto enunciados e estratégias de enunciação.

Considerando que editores dos artigos do *Mercurio* bebiam de fontes fornecidas por outros autores, mas (re)escreviam com suas intenções particulares, recorremos a uma proposta teórica e metodológica baseada em transcrição de textos de outros autores, intervenção no texto original. Essa proposta amplia o nosso objeto, fornecendo outras fontes que auxiliam na compreensão do próprio periódico, uma vez que os *mercuristas* utilizavam relatos de viagens, diários de missionários, estatísticas econômicas dos vice-reis etc., faziam a transmissão textual e construíam seus enunciados e discursos com intenções próprias, patrióticas. Essa formulação se aproxima do conceito de "dialogismo" trabalhado por Bakhtin,[22], ao mostrar como a presença das palavras dos outros, ou seja, dos textos maiores, aparecem nas palavras enunciadas no texto menor – no nosso caso, nas linhas editadas pelos *mercuristas,* que pressupõem o relativismo da autoria.

A partir da experiência adquirida na Iniciação Científica, identificamos a necessidade de analisar nosso objeto como documento escrito. Temos como norte pensar o periódico enquanto suporte de leitura, ou, como infere Roger Chartier, situar a importância de ver o leitor enquanto inscrito no texto. Assim, para Chartier, "torna-se necessário reunir duas perspectivas que em geral não se articulam: por um lado, o estudo de como os textos e as obras impressas que os comunicam e organizam a leitura autorizada", e por outro, "a compilação de leituras concretas, costuradas em declarações individuais ou reconstruídas no nível das comunidades de leitores – aquelas 'comunidades interpretativas'", em que "membros compartilham os mesmos estilos de leitura e as mesmas estratégias de interpretação".[23] Essa comunidade de leitores passou pela construção de um leitor ilustrado ao final da segunda metade do século XVIII, tendo continuação nas primeiras décadas do século XIX. Segundo o autor, é "fundamental lembrar que nenhum texto existe fora do suporte que lhe confere legibilidade: qualquer compreensão de um texto, não importa de que tipo, depende das formas com as quais ele chega até seu leitor".[24] Dessa maneira, esse suporte de leitura pressupõe identificar o *Mercurio* como parte própria de uma retórica discursiva e produtora de sentidos.

---

[22] BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016
[23] CHARTIER, Textos..., *op. cit.*, p. 216.
[24] *Loc. cit.*

Devemos pensar os periódicos coloniais, como o *Mercurio Peruano*, enquanto práticas de leituras – e perceber as diversas formas como os membros da sociedade colonial peruana, em pleno processo de transformações ocorridas ao longo do século XVIII, deram significado e sentido a seu ideário ilustrado. Para isso, os aportes teóricos metodológicos de Roger Chartier são-nos fundamentais sobre práticas de leitura para pensar as representações e os canais de difusão da informação no período da ilustração peruana, pois, como infere Chartier, a tarefa do historiador é a de "reconstruir as variações que diferenciam os 'espaços legíveis' – isto é, os textos nas suas formas discursivas e materiais – e as que governam as circunstâncias de sua 'efetuação'", ou seja, as leituras compreendidas como práticas concretas e como procedimentos de interpretação".[25]

Seguindo a pesquisadora de imprensa Tania Regina de Luca,[26] esse tipo de fonte "interessará menos pelo que eles dizem do que pela maneira como dizem, pelos termos que utilizam, pelos campos semânticos que traçam, pelo interdito, pelas zonas de silêncio que estabelecem". A escolha de um periódico como objeto de estudo se justifica na compreensão dele enquanto instrumento de manipulação de interesses e de intervenção nas lógicas sociais. A respeito dessa formulação, Luca ressalta que, por meio de impressos, é possível perceber os embates na arena do poder. Dado que o *Mercurio* é um impresso do século XVIII, é preciso estudar a interação entre os métodos de impressão disponíveis e o lugar social ocupado por ele. Assim como sugere a autora, é "importante estar alerta para os aspectos que envolvem a materialidade dos impressos e seus suportes", pois o *Mercurio* seguia a diagramação dos periódicos estrangeiros, sobretudo os ingleses, com pouquíssimas imagens e muitas notas de rodapé, que davam ao periódico um caráter científico.

Luca sugere que é preciso historicizar esse tipo de fonte, o que requer dar conta das condições técnicas de produção que viabilizavam a edição, tudo que se dispunha e o porquê foi escolhido um assunto e não outro. Nesse aspecto, deixamos claro que o periódico somente foi editado porque a Coroa Espanhola o permitiu, tendo efeitos claros na censura de alguns artigos. Os discursos, nessa formulação, adquirem significados que podem ser percebidos pelos procedimentos tipográficos e pela composição do tema exposto.

---

[25] CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1998.

[26] LUCA, Tania Regina de. "Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2018

Segundo Daniel Morán,[27] pesquisador da imprensa peruana, os periódicos serviram como uma espécie de tribuna política em que o poder de comunicação se deu por parte de uma classe ou grupo político – assim, a imprensa escrita servia de suporte para expressar as ideias fundamentais desse grupo. Morán mostra, a partir das concepções de Victor Peralta Ruiz, outro importante pesquisador de imprensa peruana, uma problemática que julgamos necessária para pensar o *Mercurio Peruano*, pois:

> Víctor Peralta Ruiz aborda la problemática a partir de las relaciones políticas y culturales en que se encuentran las diferentes sociedades. Para él son los espacios públicos los motores y la razón de ser de los discursos contenidos en la prensa escrita. Pues es allí donde se difunde y se pone en público las ideas antes privadas. Es un medio efectivo de socialización entre los seres humanos. Dichos espacios como los cafés, las librerías, la existencia de bibliotecas particulares, el teatro, las plazas, los parques, el mercado y las chicherías, ayudan a formar una opinión pública que se puede encontrar, muchas veces, fuera del control del gobierno.[28]

Para Morán, os periódicos podem ajudar a construir uma consciência nacional entre os habitantes de uma determinada sociedade. Segundo o autor, é preciso fazer a análise da imprensa escrita e sua relação com o poder político, o discurso e os interesses das diversas classes sociais, porque jornalistas são agentes difusores de ideias e argumentos e "expresan puestos en juego de los que producen y difunden el discurso en los periódicos los intereses de una clase social dominante, es el agente de enlace entre la vida social y los intereses".[29]

Daniel Morán apresenta metodologias específicas para analisar a imprensa escrita com a finalidade de reconstruir a história, as quais ele chama de "marco teórico y metodológico". Ele propõe definir como se considera teoricamente tal fonte. É preciso localizar o contexto histórico dos periódicos, como surgiram e como se desenvolveram. Faz-se, então, a localização e explicação da tendência ideológica dos periódicos, relacionando os interesses de cada um que participa da produção do periódico, a partir da relação existente entre a linha ideológica do periódico, o jornalista e o poder político, a fim localizar se há elaboração de um determinado discurso e/ou interesses particulares – e indagar sobre o sustento econômico para a produção editorial da publicação, ou seja, quem financia o periódico e permite difundir as informações e opiniões materializadas no discurso escrito. Além disso, é necessário averiguar se o redator tentava influenciar

[27] MORÁN, Daniel. La prensa y el discurso político en la historia peruana: algunas consideraciones teóricas y metodológicas. **Investigaciones Sociales**, Lima, año XII, n. 20, p. 229-248, 2008.
[28] MORÁN, *op. cit.*, p. 233-234.
[29] *Ibidem*, p. 235.

ou causar alguma ação determinada no público leitor, buscar fazer uma reflexão crítica do grau de circulação, difusão e leitura do discurso jornalístico na sociedade em que se desenvolve e, por fim, fazer um contraste com outras fontes.[30]

Por outro lado, é preciso pensar o *Mercurio Peruano* enquanto linguagem produtora de discursos e sentidos de "enunciação". Isso propiciou oportunidade para o uso de outras lentes teórico-metodológicas para compreender o "discurso" enquanto conceito, propostas por dois autores – Michel Foucault e Mikhail Bakhtin –, que nos dão subsídios para pensar o *Mercurio Peruano* a partir do discurso e de sua enunciação.

A noção de discurso segue a linha de Michel Foucault, em sua proposta de que em "toda sociedade, a produção de discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade". Com isso, Foucault indica a condição dos "discursos" enquanto se fazem por meio da "exclusão" e da "interdição".[31]

O sentido "enunciativo" segue as indicações de Bakhtin, entendido como "sentido de enunciação". Para esse autor, o "emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana". Esses enunciados "refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua", mas "acima de tudo por sua construção composicional" [32]

Os conceitos e categorias teóricas que darão subsídios analíticos foram escolhas pensadas a partir de nossos objetivos principais. Para ler o *Mercurio* em termos de referenciais teóricos sobre as construções discursivas, tratando da forma como foram configuradas a projeção ilustrada patriótico-enunciativa sobre o universo geográfico e natural, recorremos às formulações de Cañizares-Esguerra, Santiago Castro-Gomez e Mauricio Nieto Olarte. A respeito das projeções econômicas, sociais e políticas do Peru vistas pelos *mercuristas*, trata-se de um diálogo com López Soria, sobre a "ideologia econômica" do periódico. Sobre as manifestações do chamado "*criollismo* patriótico limenho", situamo-nos a partir da proposta de Margarita Eva Rodríguez García. Outros conceitos e categorias teóricas serão expostos nos argumentos a seguir.

---

[30] *Ibidem*, p. 236.
[31] FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2014. p. 8.
[32] BAKHTIN, *Op, cit*, p. 12.

A respeito dos termos "pátria" e "nação", como eram utilizadas pelos *mercuristas,* cabe um parêntese, pois os termos não eram sinônimos. Seguimos, portanto, a elaboração de Clément, tal como se explica na sequência.

1.4.1 Nação

Em um primeiro momento, está relacionado ao sentimento mais amplo, o de americanidade. "Nación" aparece no *Mercurio* 431 vezes, mas é um termo ambíguo. Em primeiro lugar, designa o ato de nascer, relacionado à ideia de nascimento. Também é constantemente relacionado à significação de um povo, como a respeito das "tribos" indígenas do Peru: "como todas las naciones incultas de esta América";[33] ou, em outras acepções, como a ideia de um grupo humano que tem em comum um território, uma língua, costumes e passado. Trata-se também, no periódico, como uma comunidade de origem, para diferenciar outros indivíduos que habitam o mesmo país, como "la nación francesa de Cádiz". Às vezes, "nación" designa uma parte da população de um mesmo país. Também, para os *mercuristas,* designa castas, em 36 casos (*la Nación India*,[34] por exemplo). Em outras 34 vezes, serve para identificar uma cultura, uma civilização antiga, tal como a europeia para Grécia e Roma, ou americana para os Incas. Em 80 vezes, "nación" é usado para se referir a um povo contemporâneo – "naciones sabias", ou "civilizadas", ou "ilustradas". "Nación" é usada como uma voz eminentemente positiva: 95 vezes, do qual 13 casos para nomear o Peru; e 51, para a Espanha e seu império. Por último, usa-se para representar um poder político: 55 vezes, mas em nenhum caso representa o Peru. Conforme infere Clément,

> Es que el sentimiento de pertenecer a un conjunto particular (territorial y humano) pasa para los mercuristas por el conocimiento de la naturaleza y de los hombres que hay en el país. Viven su pertenencia al Perú, tratan de profundizarla, pero todavía ni la reivindican ni la proclaman […] si bien no parecen conscientes de pertenecer a un pueblo separado del imperio español, tienen cada día más el sentimiento de vivir en un país, en un territorio bastante diferente de su 'matriz' (como se dice en la época) y al mismo tiempo distinto también de los demás conjuntos americanos.[35]

[33] *Mercurio Peruano*, IX, 1793, f. 5.
[34] *Ibidem*, VIII, 1793, f. 48.
[35] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 232.

1.4.2 Pátria

"Patria" é um termo comum para designar o país (espaço geográfico conforme as separações coloniais da época), onde um indivíduo nasceu ou reside há muito tempo, o que também se aplica a grupos. A palavra "patria" serve essencialmente para nomear o país em que alguém reside, e, na maior parte do periódico, este é qualificado como o Peru – 62%, segundo Clément. "Patriota", por sua vez, como ensina o peruanista, é, antes de tudo, "compatriota", aparecendo no *Mercurio* 14 vezes. "En el *Mercurio* [...] tal acepción, siempre para decir 'peruano'; a menudo viene acompañada del posesivo 'nuestro'. Sirve, pues, a la gente de la Sociedad Académica para expresar su pertenencia a un grupo preciso".[36] Patriotismo está ligado ao "amor" que os *mercuristas* tinham por sua pátria, ou seja, o Peru.

A noção de país está próxima à de "pátria". A pátria está carregada de sentimento afetivo e humanista. Dentro dessa perspectiva, Poupeney Hart[37] amplia a discussão, ao mostrar que "el amor patrio" nos textos do *Mercurio* "constituirá un tema motor por medio del cual la razón ilustrada se impregnará de 'sentimiento', prefigurando así un romanticismo racionalista que décadas más tarde influenciará el proceso de formación cultural y política de la América meridional".[38]

Sobre o que estamos lendo nas páginas do periódico como construção do universo geográfico e natural, recorremos ao que Cañizares-Esguerra chamou "utopia de um Peru futuro".[39] O historiador equatoriano ressalta que Hipólito Unanue, o importante médico *criollo*, um dos mais prolixos *mercuristas*, escreveu sobre uma visão utópica da natureza e da sociedade peruana. Em outro estudo, Cañizares-Esguerra defendeu o papel que a história natural teve na criação de uma identidade *criolla* nacional pouco antes das Guerras de Independência na América.[40] A História natural foi utilizada para modelar retoricamente territórios contínuos, homogêneos e totalmente integrados. Unanue tipifica, segundo o autor, as esperanças exageradas da

[36] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 237.
[37] POUPENEY HART, Catherine. Hacia una cartografía ideológica de la ilustración americana: los pliegues de la escritura en el *Mercurio Peruano*. **Revista de Crítica Literaria Latinoamericana**, v. 35, n. 70, p. 165-182, 2009. Disponível em: www.jstor.org/stable/41219731. Acesso em: 20 nov. 2020.
[38] *Ibidem*, p. 177
[39] CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. La utopía de Hipólito Unanue: comercio, naturaleza, y religión en el Perú. *In*: CUETO, Marcos. (ed.). **Saberes andinos**: ciencia y tecnología en Bolivia, Ecuador y Perú. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1995.
[40] CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. Nation and nature: natural history and the fashioning of creole national identity in late Colonial Spanish America. **Memorias LASA**, [*s. l.*]. 1997. Disponível em: http://168.96.200.17/ ar/libros/lasa97/ephistory. Acesso em: 20 nov. 2020

intelectualidade peruana. O trabalho de Unanue mostra a maneira pela qual a natureza se tornou um espaço de afirmação patriótica. Para o *mercurista*, o país foi o trabalho mais magnífico que a natureza já criou sobre a terra.[41]

Os artigos do *Mercurio* sobre botânica e História natural serão aqui abordados a partir da proposta de Michel Foucault,[42] que, em seu livro *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas* (2016 [1966]), mostrou que a História natural, no fim do século XVIII, se configurava a partir da categoria taxonômica e discursiva, em que o saber sobre a natureza naquele século passou a buscar por experiências, observações e leis que podiam organizar o domínio mais complexo e próximo dos seres vivos – e, sob os diferentes regimes teóricos, a "possibilidade de classificar os seres vivos, sustentando que toda a natureza pode entrar numa taxionomia".[43]

Em continuidade a esse modo de entender a História natural como discurso epistemológico, Santiago Castro-Gómez (2005), em seu livro *La hybris del punto cero: ciencia, raza e ilustración en la Nueva Granada (1750-1816)*, fornece ferramentas importantes para olhar o *Mercurio* como um projeto mais amplo, dentro da construção discursiva científica a que se propôs a ilustração a partir da Europa. O autor faz uma análise do Vice-Reino de Nova Granada, mas suas teses podem ser referenciadas para entender a formação dos projetos "biopolíticos", por se tratar das expedições científicas realizadas na natureza americana. Castro-Gómez, influenciado pelas teorias foucaultianas, desenvolve o que chama "punto cero". Essa formulação, como ele assinala, teria começado no século XVIII. As ideias ilustradas foram as de criar uma linguagem universal que se distanciasse da linguagem "comum", ou seja, uma linguagem que pudesse criar, por meio de discursos e enunciados epistêmicos, um saber para diferenciar-se do que veio antes. O autor traz também o conceito de "espaço estriado", por onde as expedições científicas promovidas pela Coroa Espanhola ao longo do século XVIII visavam a dominar os espaços geograficamente. Isso teria levado a uma política de controle populacional de "territorialização do espaço". Em cima disso, em relação às formas como os *mercuristas* apresentam os territórios ainda por descobrir e povoar nesse projeto de "país futuro", é-nos útil a formulação de "apropriação cartográfica" indicada por esse autor. Ao ler e analisar os artigos do *Mercurio*, vemos que seus redatores, ao detalhar e nomear rios e vales e descrever com emoção a natureza

[41] *Mercurio Peruano*, IV, 1792.
[42] FOUCAULT, Michel. Classificar. *In*: **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. 10. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016. cap. 5, p. 171-225.
[43] *Ibidem*, p. 172-173.

e os habitantes do Ucayali, estariam configurando uma ideia de um Peru além do litoral e dos Andes, um Peru que incluía a selva oriental definitivamente conquistada, ocupada e cartografada, que deixaria de ser a fronteira estabelecida pelas conquistas inca e espanhola para tornar-se promessa de futuro de um novo país, uma ideia de Peru.

Compreendemos, assim, que a conjuntura específica em que o *Mercurio* foi escrito e que foi apreendida pelos ilustrados *criollos* limenhos por meio do discurso classificativo gerou um modo patriótico de entendimento da natureza – nas expedições, explorações e publicações de narrativas sobre regiões desconhecidas dos vales amazônicos apresentadas em suas páginas, provocando, com isso, um sentimento de "orgulho telúrico".

Acerca desse apontamento, tratamos de estudar o periódico a partir das considerações de Cañizares-Esguerra (2011). Entendemos os *criollos mercuristas* como aqueles que nasceram na América e estiveram produzindo um discurso de afirmação e defesa para responder aos relatos construídos pelos europeus no século XVIII, a saber: de que os americanos eram inferiores por terem nascido em terras americanas e, portanto, contaminados por essas terras. Os redatores do *Mercurio*, portanto, buscaram uma resposta, o que se deu por meio da exaltação dos territórios e dos americanos, despertando os sentimentos telúricos e edificantes para uma pátria. O *Mercurio Peruano* foi um representante significativo da ilustração *criolla* – que, como infere Cañizares-Esguerra, se distingue da ilustração europeia presente na América, pois assume condições próprias, um sentimento patriótico e uma identidade patriótica. Esses *criollos* tinham um sentimento próprio e regional: eles falavam como peruanos, não como espanhóis. Essa ilustração patriótica se debruçaria sobre a "natureza" e os territórios desconhecidos para se apropriar deles pela via do conhecimento (com as classificações, taxonomias botânicas e cartografias detalhadas) e explorá-los economicamente.

A exploração econômica teve importância significativa nas projeções *mercuristas.* Para entender as nuances da ideologia econômica, temos recorrido às categorias analíticas de José López Soria (1972). O filósofo ressalta que a ideologia precursora do *Mercurio* deve ser vista a partir do ordenamento socioeconômico e político da realidade. Isso decorre de três fatores: a ideologia tradicional, a ideologia liberal da época e a observação da configuração da estrutura econômico-social e política de fins do século XVIII. López Soria fornece-nos caminhos para enxergar *la peruanidad* como forma de consciência ideológica. Isso se configura a partir da "dialéctica ideología-realidad", gestando um pensamento próprio, originário da própria

realidade situacional e histórica dos *mercuristas*. Os *mercuristas* objetivavam um "dever ser" da economia do Peru. A conquista das regiões distantes baseava-se no "utilitarismo-mercantilista", ou seja, na relação de comercialização e valores culturais pelo viés ocidental.

Para resgatar como se forma o sentimento de pertencimento visto nas páginas do periódico, buscamos um diálogo com o que Margarita Eva Rodríguez García chamou de "*criollismo* limenho patriótico". A autora mostra, a partir da análise de dois processos simultâneos, como foi a construção da identidade *criolla* e a recepção da cultura ilustrada do século XVIII por essa elite. O primeiro processo trata de mostrar como os *criollos* construíram uma identidade particular enaltecendo seus próprios atributos, assinalando suas diferenças culturais frente aos índios, os mestiços, os negros e os europeus. O segundo trata de mostrar que, nesse processo de identidade, as ideias ilustradas importadas da Europa e apropriadas pelos *criollos* foram-se "criollizando", para se adaptar aos interesses pessoais da elite ilustrada, ou seja, os representantes dessa ilustração peruana, sendo o *Mercurio* um deles, tomaram como referências os discursos espanhóis e os instrumentalizaram para seus próprios interesses pessoais e identitários. Os *mercuristas* assumiram o papel de difundir a educação, a ciência e a cultura tanto em Lima quanto no restante das regiões peruanas, criando uma noção ampla de pátria, uma sociedade patriótica identificada aqui nas recorrências enunciativas, fazendo emergir um discurso *criollo* limenho.

2. *MERCURIO PERUANO* (1791-1795): UMA HISTÓRIA IMPRESSA

2.1 Entre encontros e *tertulias*: a Sociedad Académica de Amantes del País

O periódico *Mercurio Peruano* (1791-1795)[44] deve ser entendido dentro da influência promovida pela *ilustración* espanhola sobre a elite intelectual peruana. Com o advento dos Bourbons, a sociedade espanhola experimentou um intenso fluxo de ideias no século XVIII. "La nueva dinastía comprensiblemente favoreció la renovación material, social y cultural de la nación española mediante la importación de libros y el establecimiento de nuevas instituciones, tales como las academias y las sociedades económicas"[45] – e ambas foram modelos similares aos existentes na Europa. Para se ter uma ideia, em 1789, a Espanha contava com 56 *sociedades* diferentes.

De modo similar à Espanha surgiram, na América, as *sociedades amigos del país*.[46] A exemplo da Sociedad de Amigos del País espanhola, José Rossi y Rubí, o italiano que desde 1780 vivia no Vice-Reino do Peru, fundou, com outros intelectuais, no final daquela mesma década, a Sociedad Amantes del País em Lima, considerada a primeira a alcançar uma existência institucional. Sua criação correspondia à moda comum do Antigo Regime, com reuniões literárias. Nos territórios hispano-americanos, essa nova forma de sociabilidade acabou se sobressaindo às *tertulias tradicionales*. Esse é o caso, nos tempos do vice-rei Jáuregui (1780-1784), do surgimento da Academia de la Juventud Limana, de onde provavelmente saiu a Sociedad Académica de Amantes del

[44] "Siguiendo prestigiosos modelos europeos, se elige repetidamente el título de "mercurio"". Exemplos: *Mercurio de México* (1739-1742) e *Mercurio Volante* de José Ignacio Bartolache (1772), para publicações destinadas a "llevar […] noticias a todas las partes, como un mensajero que anda a la ligera". BARTOLACHE, José Ignacio, 1772, *apud* POUPENEY HART, Catherine. Prensa periódica y letras coloniales. **Tinkuy**: Boletín de Investigación y Debate, n. 14, p. 13, 2010. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3296406. Acesso em: 30 nov. 2020. Justifica-se o nome nos mesmos termos, conforme um dos textos do *Mercurio*: "[…] siendo Mercurio el Mensajero de los Dioses, y nuestro Papel el que había de llevar las noticias por el Universo, pareció convenirle este nombre". *Mercurio Peruano*, XI, 1794, f. 260.

[45] GUIBOVICH PÉREZ, Pedro. Alcances y límites de un proyecto ilustrado: la Sociedad de Amantes del País y el *Mercurio Peruano*. **Histórica**, [*s. l.*], v. 29, n. 2, p. 48, mar. 2005. Disponível em: http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/historica/article/view/1277. Acesso em: 30 nov. 2020.

[46] "Sin embargo, las Sociedades de Amigos del País (grupos o sociedades literarias y científicas) discutían asuntos económicos, y el auge de tertulias hacia finales de siglo hacía posible intercambios intelectuales, políticos y sociales, que habrían de cambiar el rumbo del discurso público a finales del período colonial." KUETHE, Allan J.; KENNETH J. Andrien. El mundo atlántico español durante el siglo XVIII. **Guerra y reformas borbónicas, 1713-1796**. Bogotá: Editorial Universidad del Rosario, Banco de la República, 2018. p. 62.

País, responsável pelo *Mercurio*.[47] A respeito da primeira Academia, os *mercuristas* comentaram:

> Damos con gusto a la pública luz este ensayo de un joven estudios, que nos consta haberlo formado en sus primeros años él mismo; porque atendía esta circunstancia es verdaderamente digno de elogio, no menos que el empeño que él y sus socios tuvieron en erigir aquella privada Sociedad, en que aspiraban a instruirse por medio de la emulación en los conocimientos más sólidos de las ciencias exactas. Tenemos noticia de dicha junta, cuyo plan superior a lo que se podía esperar de sus Autores, pudiera hacer producido ventajas en su ilustración, y es sensible que no hubiese permanecido. […] Aun no dudamos añadir, que el amor de la ilustración y de la Patria, que comenzó a fomentar en los corazones de aquellos jóvenes, no influyo poco en la continuación de las tareas del *Mercurio.*[48]

A figura de Rossi y Rubí é peças-chave nas origens do pensamento ilustrado limenho representado pelo *Mercurio Peruano*. Em 1787, Rossi y Rubí, que acabava de completar 25 anos, começou uma amizade com um grupo de jovens, todos mais ou menos da sua idade, tal como José María Egaña. Ele organizava encontros literários com outros intelectuais durante os anos 1780, de onde saiu a primeira Academia Filarmónica – com características parecidas com as da Espanha –, que contava com o importante médico e cientista Hipólito Unanue. Rapidamente, essa iniciativa ganhou adesão de outros notáveis intelectuais, como o caso do *criollo* José Baquíjano y Carrillo. Essa academia tinha como proposito servir à "pátria". Em sua casa, organizavam-se alguns encontros e *tertulias*, que, segundo o artigo do *Mercurio*, "História de la Sociedade Académica Amantes del País, y principios del *Mercurio Peruano*",[49] falava da Academia de la Juventud Limana. Desse grupo surgiu, posteriormente, a Sociedad Académica Amantes del País.

Esses jovens se reuniam sempre na parte da noite, entre 20 e 23 horas. A organização tinha Egaña como presidente e Unanue como secretário. Essa nova associação, bastante empolgada, decidiu reformar a importante e conservadora Universidad de San Marcos nos anos finais de 1780. Em eleições para o cargo de reitor da universidade, José Baquíjano y Carrillo, um dos mais significativos editores do *Mercurio*, não consegue se eleger. No entanto, como comenta Guibovich Pérez, apesar da derrota em 1787, o grupo *ilustrado* na universidade promoveu abertura a novas e promissoras perspectivas – esse grupo de entusiastas *ilustrados* ajudou a criar a

[47] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 21.
[48] *Mercurio Peruano*, V, 1792, f. 211.
[49] *Ibidem*, I, 1791, f. 49

Sociedad Amantes del País como um espaço alternativo àquele desenvolvido na universidade.[50] Clément destaca que, "además, que otorgaron el título de miembros de mérito a tres mujeres, de las cuales no nos quedan más que los dulces seudónimos de Dorálice, Floridia y Egeria".[51] O projeto da primeira Academia Filarmónica dava sinais de que seguiria, mas em abril de 1788, começou a desmanchar por situações pessoais dos membros, como no caso de Rossi y Rubí, que perdeu sua esposa e foi para a serra chorar sua perda; e de Unanue, que adoeceu. Por falta de membros, a Academia Filarmónica desintegrou-se.

Em 1790, quase dois anos depois, com o retorno de D. Guasque e Rossi y Rubí, Hipólito Unanue e J. M. Egaña, os quatro amigos decidiram prosseguir com os encontros e passariam a se chamar Sociedad Académica de Amantes del País de Lima. Em agosto do mesmo ano, Jaime Bausate y Mesa, outro intelectual comprometido com a imprensa em Lima – que andava a passos largos – publicou seu projeto, o *Diario de Lima*, uma espécie de gazeta diária. Os jovens da Sociedad perceberam que suas reflexões também podiam ser expressas por meio da imprensa. Diferentemente de Bausate y Mesa, a Sociedad, nas palavras de Rossi y Rubí, sentia que esse impresso não expressava os debates que eles estavam realizando:

> Don Jayme Bausate hizo preceder a la publicación de su *Diario curioso*, nos franqueó un camino plausible, para hacer públicas y útiles nuestras tareas. Vimos, que aquella obra dejaba un hueco bastante para las materias que se agitaban en nuestros discursos Académicos. Pensamos en continuar aquella idea: los cuatro socios no nos creímos suficientes para su cabal desempeño. Buscamos otro que adelantase nuestra suficiencia, y en cierto modo reunirse en sus funciones la representación de toda la Sociedad entera lo hallamos en la persona de *Chrisipo* (D. José Baquíjano y Carrillo). Animados todos cinco por un mismo espíritu hemos dado principio a la publicación periódica del *Mercurio.*[52]

O historiador francês Jean-Pierre Clément, que dedicou muitos anos a estudar de forma exaustiva e sistemática os conteúdos do periódico, faz uma síntese que nos parece significativa para entender esses encontros filosóficos. Para ele, "el objeto principal de las reuniones de tan dignos personajes eran las disputas filosóficas y la reflexión

---

[50] GUIBOVICH PÉREZ, *op. cit.*, p. 52

[51] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 23. Para um estudo mais elaborado sobre as referências femininas no *Mercurio*, recomendamos a leitura do artigo: MELÉNDEZ, Mariselle. Inconstancia en la mujer: espacio y cuerpo femenino en el *Mercurio Peruano*, 1791-1794. **Revista Iberoamericana**, [*s. l.*], p. 79-88, jun. 2001. Disponível em: <http://revista-iberoamericana.pitt.edu/ojs/index.php/Iberoamericana/article/view/5893>. Acesso em: 30 nov. 2020.

[52] *Mercurio Peruano*, I, 1791, p. 51

colectiva sobre el mundo – físico y moral, político, económico y social – que los rodeaba. Fruto de ellas fue el *Mercurio Peruano*".[53]

O estatuto da Sociedad Amantes del País foi escrito apenas em 1792[54] por José Baquíjano y Carrillo, Hipólito Unanue, Jacinto Calero e José María Egaña, apresentado em março daquele mesmo ano. Em 19 de outubro, o vice-rei aceita o estatuto provisoriamente, deixando a aprovação definitiva à autoridade real. Esse estatuto assinalava:

> […] que la Sociedad había sido fundada para 'ilustrar' la historia, la literatura y las 'noticias públicas' del Perú. Las constituciones declaraban que el patriotismo, la humanidad y la filosofía habían sido los impulsores del establecimiento de la Sociedad, y que la religión y la autoridad habrían de ser respetados por sus miembros.[55]

Dos 30 membros, eleitos por pluralidade de votos, 22 eram limenhos. A principal tarefa dos acadêmicos era escrever para o *Mercurio Peruano.*

Em 1793, a partir desse novo *status*, a Sociedad, mesmo com o estatuto pendente de aprovação, levou Unanue a escrever um ambicioso plano de temas de interesses para o *Mercurio Peruano:*

> El plan, presentado en la junta del 12 de febrero de 1793, era extenso y quizá demasiado ambicioso, porque comprendía 25 divisiones y 75 subdivisiones temáticas. Las principales divisiones eran la Historia Antigua, la Historia Civil Moderna, la Geografía, la Historia Eclesiástica, la Literatura Peruana, la Política, la Educación Moral, la Economía Pública, la Agricultura, el Comercio, la Física, la Química, la Mineralogía, la Botánica, la Anatomía, la

[53] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 24.

[54] Foi apresentado em 1º de março de 1792, com aprovação do Vice-Reino em 19 de outubro do mesmo ano e aprovação real em 11 de junho de 1793. Conforme elaboração de Clément sobre o estatuto, "Después de recordar el objetivo — 'ilustrar la historia, la literatura y noticias públicas del Perú' (art. I.) que es el mismo subtítulo del *Mercurio* –, estas constituciones, como se llaman entonces los estatutos, fijan las condiciones de funcionamiento de la asociación. Y en particular las diferentes categorías de miembros: académicos – 30, cuyo papel esencial consiste en escribir los textos publicados por el periódico (arts, III y IV) –, consultores – 18, especialistas, repartidos en 4 secciones (Hacienda, Agricultura, Minería y Comercio), y encargados de aconsejar a los redactores (arts. VI y VII) – y honorarios (art. VIII). La Sociedad es dirigida por una 'junta privada', cuyos individuos ('los empleos') son elegidos por mayoría de votos; está se compone de un Presidente (arts, XII a XIV), un Vice-Presidente, dos Censores – encargados del control científico y moral de los textos propuestos para la publicación (art. XV) --, un Secretario, con un papel de animador de la Sociedad, – propone los temas de reflexión, distribuye las memorias que están por escribir entre los redactores y pone al día los papeles de la asociación (art, XVI) –, un Secretario de Correspondencias – a la vez tesorero y archivero (art, XVII) – y un Director de la Imprenta quien debe vigilar la impresión del periódico (art. XVIII). Las sesiones se celebran en una sala de la biblioteca de la Universidad de San Marcos, cada dos semanas para la junta directiva y por decisión del Presidente para las asambleas generales. A mediados de cada cuatrimestre, el Secretario reparte entre los académicos los temas que ha n de tratar y fija la fecha en la que tienen que entregar el fruto de sus reflexiones (art XIX)". *Ibidem*, p. 26.

[55] GUIBOVICH PÉREZ, *op. cit.*, p. 53.

> Medicina Práctica, la Historia Natural, las Bellas Letras, la Poesía y las Noticias Públicas. Se publicó en el *Mercurio Peruano*, No. 331, 6 de marzo de 1794, ff. 151-158, y No. 332, 9 de marzo de 1794, ff. 159-160.[56]

A Sociedad Académica teve como base ser de âmbito privado, com a finalidade primordial de difusão de *las luces.*

Optaram pelo qualificativo "Académica" – ostentado pela Sociedad –, diferentemente do que era mais comum em outras partes, o habitual "Económica" ou "Patriotica", utilizado em outros lugares. O objetivo dos membros da Sociedad, segundo análise de Clément, era: "los mercuristas han empleado el calificativo de Académica, que forma con el sustantivo al que se aplica una expresión redundante, casi pleonástica, puesto que academia significa 'sociedad de personas literatas' según reza el Diccionario de la Real Academia Española (ed. 1803)".[57] Ainda, em outras acepções do *Diccionario* citado, "sociedad de personas literatas" relaciona-se ao aspecto de estar "establecida con autoridad pública para el cultivo y adelantamiento de las ciencias, artes, buenas letras"[58], podendo ser esse sentido perfeitamente entendido para os objetivos didáticos da Sociedad Académica. Por sinal, segundo o mesmo dicionário "académica" remonta, também, à Escola de Platão no monte Céfiso, "es decir un lugar en el que hombres – jóvenes en su mayoría (y los mercuristas lo son) – se reunían para disputar, reflexionar, aprender juntos".[59] Diferentemente das Sociedades Económicas da Espanha, a Sociedad Académica Amantes del País de Lima buscava algo mais amplo, pois queria ser acadêmica, ser uma verdadeira "academia" para o Peru.

A Sociedad fundada em Lima fez pouco durante os anos de sua existência, exceto editar o *Mercurio Peruano*. Como destaca Guibovich Pérez, "la Sociedad y el *Mercurio Peruano* eran una misma cosa, o, dicho de otra manera, la Sociedad existía para editar el periódico".[60] A originalidade do *Mercurio* consiste especificamente em ser fruto de uma produção coletiva de uma verdadeira equipe redacional no sentido moderno da concepção *periodista*, como bem caracterizou a Sociedad, segundo Jean-Pierre Clément.

---

[56] GUIBOVICH PÉREZ, *op. cit.*, p. 54
[57] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 30.
[58] REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua castellana**. Compuesto por la Real Academia Española, reducido a un tomo para su uso más fácil uso (en formato HTML). Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, [1803] 2008. p. 9. Disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcs46r1. Acesso em: 20 nov. 2020.
[59] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 30.
[60] *Ibidem*, p. 56.

No quadro diretivo do periódico, encontramos uma gama heterogênica de carreiras intelectuais. Vejamos, por exemplo, um pouco da biografia dos principais redatores dos diversos artigos do periódico. A apresentação a seguir dialoga diretamente com os apontamentos de Clément em seus livros *El* Mercurio Peruano. Os autores aqui apresentados assinaram uma quarta parte das matérias do *Mercurio:* José Rossi y Rubí, José Maria Egaña, José Javier de Baquíjano y Carrillo, Ambrosio Cedán de Landa y Simón Pontero, Fray Diego Cisnero e José Hipólito Unanue. Um detalhe importante é que esses autores não assinavam os textos com seus nomes, mas com pseudônimos que faziam referência às culturas antigas grega e romana, ampliando assim, simbolicamente, suas ambições filosóficas.

José Rossi y Rubí (Hesperiófilo) foi conselheiro do Real Tribunal de Minería, considerado em 1º de março 1792 pela Sociedad Académica como o "fundador".[61] Com o pseudônimo de Hesperiófilo, assinou 58 artigos no periódico, de assuntos e amplitude variados. Escreveu para o periódico até maio de 1793, quando se despediu de Lima por motivos profissionais para voltar para a Espanha.

José Maria Egaña (Hermágoras), presidente da Sociedad entre 1790-1791, foi o primeiro presidente da Sociedad Académica. Foi em sua casa que ocorreram as primeiras reuniões (*las tertulias*) dos futuros *mercuristas*. Foi tenente da polícia da capital do Vice-Reino desde 1786, data em que foi criado esse cargo. Suas publicações giravam em torno de assuntos demográficos, totalizando oito publicações, apenas com dados estatísticos, pois não tinha vocação para escrever.

José Javier de Baquíjano y Carrillo (Cefalio), presidente da Sociedad entre 1792–1793, era limenho nascido em 1751 e rico. Tinha conexões familiares com personagens da nobreza e do alto comércio. Foi secretário *del Obispo de Cuzco*, advogado e catedrático de Direito na Universidad de San Marcos até 1795. *Alcalde del Crimen* na *Audiencia* de Lima (1802–1806), orador entre 1807-1814. Morreu em 1817, em Sevilla. No *Mercurio Peruano*, escreveu artigos de reflexão e introdução a vários tomos do periódico, histórias da Audiência de Lima, de Potosí, da Universidade de San Marcos e do Comércio no Peru. Um de seus textos merece atenção: "Elogio del Excelentísimo Señor Don Agustín de Jáuregui", que causou problemas com as autoridades por mencionar nesse discurso nomes como Maquiavel, Linguet e Reynal, autores considerados proibidos na península e na colônia.

[61] *Mercurio Peruano*, XI, 1794, f. 264.

Ambrosio Cedán de Landa y Simón Pontero (presidente da Sociedad em 1794) era nobre e doutor em Direito, condecorado com a Ordem de Carlos III e também membro de uma sociedade de conhecimento: La Real Academia de la Historia. Embora não fosse *criollo* – nasceu em Barcelona –, teve a vida profissional praticamente dedicada às Índias Ocidentais: fiscal da *Audiencia* de Santiago de Chile (1776), *Alcalde del Crimen* em Lima (1780), orador em Santiago (1784) e depois em Lima (1785) e regente em Guatemala (1795). Sua publicação de maior consistência no periódico foi o longo "Tratado sobre las Aguas de los Valles de Lima".

Fray Diego Cisnero, embora não oficialmente assinalado pela Sociedad Académica como presidente, cumpriu de fato essa função. Foi membro da Ordem de Los Jerónimos de Escorial, também administrador dos bens dessa ordem no Peru. Desde quando chegou a Lima, abriu uma livraria que, segundo Clément, vendia obras proibidas. Graças aos lucros obtidos com a livraria, pôde pagar os custos de publicação do último tomo do MP, o de número XII.

José Hipólito Unanue (1755–1833), que usava o pseudônimo Aristio, foi secretário da Sociedad Académica entre 1790-1793. Nascido em Arica, Peru, e doutor em medicina em 1786, ganhou a cátedra de Anatomia da Universidade de San Marcos em 1788 e, graças ao seu empenho, conseguiu criar o Anfiteatro Anatómico y de Conferencias Clinicas (1792), caracterizando a renovação da ciência médica peruana.[62] Foi o *Cosmógrafo Mayor del Reino* em 1793. Nessa função, elaborou a "Guía Política, eclesiástica y militar del virreinato". Em 1814, foi deputado por Arequipa em *las Cortes* e, no mesmo ano, médico ordinário *de la Cámara del Rey*. Tomou partido abertamente pela independência em 1821. Com a emancipação peruana, foi ministro da Fazenda de 1824 a 1825 e presidente da Junta de Governo (1824–1825). Morreu aos 78 anos. Unanue teve grande estima entre os sábios, tantos estrangeiros quanto compatriotas, sendo nomeado membro de muitas sociedades cientificas: Real Academia Médica de Madrid, Academia de Ciencias de Baviera, Academia Linneana de París e Academias Filosóficas da Filadélfia e Nova York. No *Mercurio Peruano*, sua função foi primordial, além de ser secretário do periódico e motivador do grupo, publicou 51 artigos, em sua maioria apaixonadamente patrióticos, sobre temas como medicina e higiene, geografia,

[62] CLÉMENT, Jean-Pierre. José Hipólito Unanue (1755-1833), journaliste, scientifique et politique péruvien. **El Argonauta Español** [En ligne], 6, 2009, mis en ligne le 15 juin 2009, consulté le 08 octobre 2018. Disponível em http://journals.openedition.org/argonauta/583. Acesso em: 20 nov. 2020; e MARIÁTEGUI, Javier. **El *Mercurio Peruano* y la Medicina**. Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 1994.

física e botânica, entre outros. Sua habilidade na escrita vai além do *Mercurio*, tendo publicado outro periódico, o *Verdadero Peruano* (1812), e livros, como o conhecido *Observaciones sobre el clima de Lima* (1806). No entender de Clément, "Unanue es, por su furioso activismo didáctico, perfectamente representativo de la Sociedad Académica".[63]

Outros autores incluíram Francisco Romero (Hiparco), filósofo e matemático, que assinou 55 observações meteorológicas e astronômicas; Igancio José de Lequanda, que publicou 47 notas de informações sobre o comercio marítimo; Jacinto Calero y Moreira (Crisipo); José Conquete y Fajardo, que foi *Director del Real Tribunal de Minería*, sendo o especialista sobre esse assunto no *Mercurio*; Francisco González Laguna, botânico e colaborador da expedição de Ruiz y Pavón (1777–1788), também cofundador do Jardín Botánico do Peru em 1791[64].

A cada 10 redatores, quatro são de Lima e seis, do Vice-Reino, um quadro que ressalta a peruanidade do *Mercurio*. Sobre a origem socioprofissional dos autores: 25% eram indeterminadas; 24%, intelectuais; 18%, funcionários do Vice-Reino; 15%, profissionais com atividades econômicas; 14%, clero; e 4%, militares. Observa-se uma preponderância de profissionais relacionados à saúde, e muitos deles eram médicos.[65]

Ao longo dos 12 tomos, esses autores não deixaram de exaltar a ilustração e a filosofia. Desejavam melhorar os conhecimentos do público limenho difundindo a ilustração no campo científico, com especial atenção para as áreas de História natural e de medicina: "bajo del punto de vista ilustra al Perú hemos comprendido a la naturaliza y al hombre em toda su extensión".[66] O enriquecimento do projeto intelectual desses acadêmicos se deu por um conhecimento científico patriótico: "lo que únicamente nos inflama es el deseo de hacer todo lo posible para servir a la patria y merecer algún lugar en su gratitud".[67] Os *mercuristas* preocupavam-se essencialmente com o Peru: "el bien general, el bien del reino, el bien de la capital, ha sido el fundamento, el enlace y el objeto único de la Sociedad de Amantes del País".[68]

[63] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 34.
[64] *Ibidem*, p. 35.
[65] *Ibidem*, p. 34.
[66] *Mercurio Peruano*, III, 1791, f. 24.
[67] *Ibidem*, III, 1791, f. 46.
[68] *Ibidem*, II, 1791, f. 76.

2.2 O *Mercurio Peruano*: a escolha de um nome e os aspectos materiais e editoriais

A escolha do nome do periódico seguiu o que era comumente aplicado ao jornalismo americano do século XVIII: entre as diversas publicações, a atribuição por parte dos autores de títulos que expusessem suas intenções fundamentais aos leitores. Entre os diversos exemplos encontramos o caso do *Mercurio Volante*, de Juan Ignacio Bartolache (México, 1772-1773), "que viene impreso con noticias importantes y curiosas sobre varios asuntos de Física y Medicina", e o *Diario de Lima*, de Jaume Bausate y Mesa (Lima, 1790-1793), qualificado como "curioso", "erudito", "económico y comercial"[69], entre outros. Seguindo esses exemplos, os editores do *Mercurio* também expressam suas intenções, pois o nome completo do periódico é *Mercurio Peruano de Historia, Literatura y Noticias Públicas.*

A atribuição de *Mercurio* nada teve de original, pois, desde o início da imprensa periódica, o termo já era utilizado. Na mitologia greco-romana, Mercúrio é o mensageiro dos Deuses. Os periódicos, então, simbolicamente, também levavam notícias ao universo, ou assim desejavam, como os conhecidos *Mercure Français* (1613), *Mercure Galant* (1672) e *Mercure de France* (que usou esse título até 1832). Segundo o levantamento de Clément, são mais de 30 jornais que tiveram a palavra "Mercúrio" como parte de seus títulos. Esse mesmo fenômeno ocorreu na Espanha, onde a palavra chega a ser sinônima de "periódico", como nos casos de *Mercurio Literario*, de Antonio Maria Herrero e José Lorenzo de Arenas (1739-1740), e *Mercurio de España*, de José Clavijo y Fajardo (1784).[70] Provavelmente, a Sociedad Académica Amantes del País, ao batizar assim o seu periódico, desejava promover ao público peruano esse gosto literário de que a Sociedad conhecia e apreciava. Nas palavras de Demetrio Guasque, publicadas no periódico:

> Tratábase en ese tiempo de ponerle nombre al niño; y yo tuve el inefable gozo de acertar a ponerle el de Mercurio Peruano, que mereció la aprobación de toda la familia [La Sociedad Académica] con preferencia a otros nombres quizá no tan adecuados y significantes como éste, porque, siendo Mercurio el mensajero de los dioses, y nuestro papel el que había de llevar las noticias por el Universo, pareció convenirle este nombre bajo el cual lo habéis conocido.[71]

[69] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 53.
[70] *Ibidem*, p. 54.
[71] *Mercurio Peruano*, XI, 1794, f. 262

A escolha mais interessante é a de usar "peruano" junto a "Mercurio". Até então, os periódicos existentes em Lima utilizavam "de Lima", como no caso da *Gaceta de Lima* e, em outras regiões americanas, *Gaceta de México*. Ao ser utilizado em *Mercurio Peruano*, o adjetivo obtém maior ressonância, pois dá ênfase à região em que o periódico era publicado, o que configura um caso diferente do uso do adjetivo "peruano", pois carrega mais intimidade que "de Lima" e com isso, "implica el deseo de ganar una audiencia más amplia y revela un interés más profundo".[72] Os autores do periódico pretendiam ir além da esfera letrada do vice-reinado peruano:

> La escasez de noticias que tenemos del país mismo que habitamos y del interno, y los ningunos vehículos que se proporcionan para hacer cundir en el orbe literario nuestras naciones, son las causas de onde nace que un reino como el peruano, tan favorecido de la naturaleza en la benignidad del clima y en la opulencia del suelo, apenas ocupe un lugar muy reducido en el cuadro del Universo que nos trazan los Historiadores.[73]

Nesse trecho, é perceptível como os *mercuristas* adotaram uma postura *criollista*, ou seja, a de defesa da ilustração da América e, mais frequentemente, do Peru.

Até então, os periódicos majoritariamente oficiais e controlados pelas autoridades somente se preocupavam com as notícias sobre acontecimento em outros países. Os redatores do periódico pensavam diferente: "más nos interesa el saber que pasa en nuestra Nación, que lo que ocupa al canadiense, al lapón o al musulmano [*sic*]".[74] Em suma, a opção pelo adjetivo "peruano" em seguida de "Mercurio" indica, ao mesmo tempo, uma preocupação regionalista não apenas em relação à capital limenha, mas globalmente peruana. Esses intelectuais, por meio de suas ideias expostas no periódico, estariam mais interessados pelo conjunto, por uma totalidade do Vice-Reino.

Os complementos do título (*de Historia, Literatura y Noticias Públicas*), contempla o aspecto que podemos chamar de enciclopédico. Assim, "de História" é, para esse periódico, a história civil e eclesiástica, biográfica etc., mas, sobretudo, é a história peruana. Essa equipe da redação almejava apresentar para os habitantes do Vice-Reino uma história retrospectiva de seu país, como infere Clément: "lo que revela

[72] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, , p. 55.
[73] *Mercurio Peruano*, "Prospecto", I, 1790, f. 3.
[74] *Mercurio Peruano*, "Prospecto", I, 1790 f.5.

un sentimiento de pasado proprio y la voluntad de estudiarlo";[75] ou, os autores do periódico, que melhor colocam:

> Una introducción a las relaciones de los señores virreys, a esos preciosos depósitos de nuestra Historia civil que van a ministrar un tesoro inagotable al Mercurio, el elogio póstumo de un peruano respetable, la historia de un estabelecimiento piadoso, el complemento al de la del famoso mineral de Huancavelica, publicada en el tomo 1º del *Mercurio*, pág. 65 y la descripción geográfica de una fecunda provincia ilustrarán a la primera [a Historia].[76]

"De Literatura", por sua vez, é um termo mais complexo, pois não tem o mesmo sentido de hoje. Primeiro, por causa da ideia de "bellas letras", que tem um campo semântico mais amplo. No século XVII, também foi designado o que é "ciencia". O *Diccionario de la Real Academia Española* define: "el conocimiento de las letras o ciencias".[77] "Literatura", portanto, significa: "letras", "belas artes", "ciências humanas", "naturais e exatas", "economia", "política", "religião" e "moral", ou seja, se a História estava preocupada com o passado peruano, a literatura dedicou-se ao presente e às perspectivas para o futuro.

"*Noticias Públicas*" é definido por um dos autores do periódico, Ambrosio Cerdán, como:

> […] las noticias públicas comprenden la tercera parte de *Mercurio.* En ésta pueden publicarse las que ocurriesen de suma importancia con los papeles mayor mérito que vengan de Europa con el debido discernimiento, y las Reales Órdenes y Cédulas que se confíen por el Superior Gobierno para este efecto.[78]

Raras vezes, os *mercuristas* publicaram notícias de fora do Peru, com exceção a partir de 1792-1793, em artigos inspirados nos periódicos espanhóis, que ecoavam as desavenças contra as concepções da Revolução Francesa.

De modo geral, podemos concluir que os ensinamentos do título e do subtítulo do periódico e todas as informações neles publicadas, independentemente do assunto, não tiveram outro fim a não ser servir a seu país de origem. Quando apresentavam algo exterior ao Vice-Reino, eram notícias que podiam ser úteis para *el país*, ou melhor, *la*

---

[75] CLÉMENT, **El *Mercurio*...**, *op. cit.*, p. 57.
[76] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 4.
[77] REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, *op. cit.*, p. 518.
[78] *Mercurio Peruano*, X, 1794. f. 160.

felicidad del país:[79] "el bien general, el bien del Reino, el bien de la capital, ha sido el fundamento, el enlace y el objeto único de la Sociedad de Amantes del País".[80] Para tentar alcançar esse objetivo, os *mercuristas* tiveram estratégias de publicação muito bem definidas. O periódico era publicado bissemanalmente em Lima, entre 1791 e 1795, aos domingos e às quintas-feiras. As entregas eram feitas por um transportador especial – *el repartidor* – nas casas dos assinantes que moravam na capital do Vice-Reino peruano, sempre a partir das 8h da manhã. Aos que moravam fora do Vice-Reino, era enviado via correios.[81].

A primeira entrega ocorreu em dezembro 1790, com o prospecto. Nesse prospecto, foi anunciado o periódico e os assuntos que veriam a ser tratados no *Mercurio*. O primeiro número foi às ruas em 2 de janeiro de 1791, e o último, em 31 de agosto de 1794, um domingo. No ano seguinte, Fray Diego Cisneros distribuiu um compilado de artigos que ainda não haviam sido impressos e constituíram o tomo XII. A quantidade final totaliza 416 números.

Organizado em um *pliego*,[82] "el formato era un en cuarto. Cada número solía llevar 8 páginas, cuyas dimensiones eran de 19,5 por 14 centímetros".[83] O número de oito folhas foi excedido muitas vezes. Houve 48 números com dez páginas; 24 com 12.2; 14.7 com 16; e até dois com 18. Foram impressas 3.568 páginas para um total de 416 números, o que dá, nas contas de Clément, 8,79 páginas por entrega, implicando, com isso, custos de impressão maiores do que o previsto.

---

[79] Essa obsessão pela "felicidade", como sugere o belo texto de Paul Hazard, estava relacionada no século da ilustração à doutrina do otimismo: "A felicidade, tal como foi concebida pelos racionalistas do século XVIII, teve características que só a este dizem respeito. Felicidade imediata: hoje, imediatamente [...]. Felicidade que era mais conquista que dom; felicidade voluntária". A filosofia devia ser guiada pela prática, e não fosse outra coisa que a busca dos meios para felicidade. "A felicidade tornava-se enfim um direito, noção que se substituía à de dever", pois a felicidade, comenta o autor, era a finalidade de todos os seres inteligentes. HAZARD, Paul. **O pensamento europeu no século XVIII**: de Montesquieu a Lessing. Portugal: Editorial Presença, 1974. p. 28. Os *mercuristas* estiveram sempre em busca da felicidade, palavra que, no século XVIII, esteve ligada à "prosperidade" conforme o *Diccionario de la lengua castellana* (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA., *op. cit.*, p. 403). Para os redatores do periódico, era a prosperidade econômica para desenvolvimento e bem comum da população do Peru.

[80] *Mercurio Peruano*, II,1791, f. 76.

[81] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 37.

[82] Conforme o *Diccionario de la lengua castellana*, "pliego" é "la porción, o pieza de papel que se fabrica de una vez em el molde, y se hace de diversos tamaños; como el común, el de marquilla, marca mayor. Llámase PLIEGO, porque se dobla por medio para empaquetarlos con más comodidad. Philyra, playula papirácea". REAL ACADEMIA ESPAÑOLA., *op. cit.*, p. 665.

[83] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 38.

Imagem 1 – Mercurio Peruano e os tomos compilados

Fonte: https://www.tierra-inca.com/album/photos/view.php?cat=34&id=1747

Todos os exemplares foram impressos na Imprenta Real de los Niños Expósitos Huérfanos, uma *prensa* criada no início do século XVII por Luis Ocaña, destruída várias vezes por terremotos, em especial de 1687 e 1746, e recuperada em definitivo em 1748 sob administração de Diego Ladrón de Guevara, um rico comerciante de origem navarra. Guevara renovou todo o material comprando máquinas e tipos em Madri, instalados pelo tipógrafo José Zubieta, no que, para os *mercuristas*, era a "imprenta más aseada que tiene la ciudad".[84] O estado da imprensa limenha era catastrófico, segundo comenta Clément citando J. T. Medina, um estudioso da história da imprensa na América:

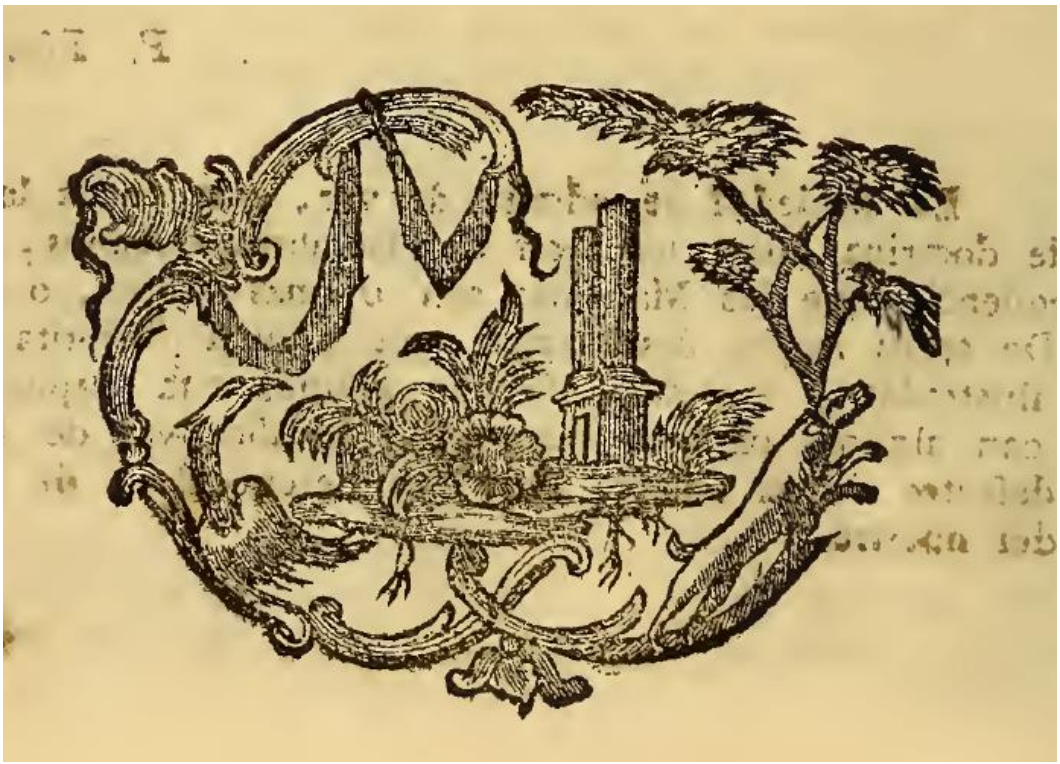
> Apenas necesitamos decir que los libros impresos em Lima no descuellan por su hermosura tipográfica; lejos de eso, su inmensa mayoría se nos presenta con caracteres de un arte verdaderamente primitivo: hecho que no puede parecer extraño cuando se considera el escaso y pobre material con que trabajan: mala tinta, fabricada de ordinario en el país, viñetas toscas, prensas ordinarias y tipos gastados has lo increíble.[85]

O uso de gravuras e ilustrações no periódico são raríssimos, exceto pela vinheta (Imagem 2) sempre repetida, que também serviu para ocupar espaços em branco do pé de página. A ausência de gravações é decorrente do custo elevado desse tipo de

[84] *Mercurio Peruano*, IV, 1792, f. 165.
[85] MEDINA, 1964, I, LIX, *apud* CLÉMENT, **El *Mercurio***, *op. cit.*, p. 40.

produção naquela época e ao fato de o único gravador ser de idade avançada e lento, como reclamavam os *mercuristas*: "una de las causas que más retardan los progresos y belleza del *Mercurio,* es la falta absoluta que tenemos de Grabadores expertos. Oprimido de anos, achaques y trabajo, el único que hay en la Ciudad, necesita un espacio eterno para terminar la menor de sus obras".[86]

Imagem 2- Vinheta repetida no Mercurio.



Fonte: *Mercurio Peruano, Tomos.*

O impressor José Vasquez foi o autor dos dois únicos mapas produzidos pela *Sociedad Académica*: um que mostra os rios Huallaga e Ucayali, publicado no *Mercurio* e acompanhado de um relato das missões franciscanas dessa região, e um esboço do vice-reinado feito por Andrés Baleato em 1794 e impresso na *Guía política*, sob comando de Hipólito Unanue.[87] Outras duas imagens que aparecem são a de um monumento produzido nas Filipinas, em memória do naturalista Antonio de Pineda;[88] e

[86] *Mercurio Peruano,* VIII, 1793, f. 2

[87] UNANUE, J. Hipólito. **Guía política, eclesiástica y militar del virreynato del Perú para el año de 1794 compuesta de orden del superior gobierno**. Lima: Impr. Real de los Niños Huérfanos, 1794. Disponível em https://catalog.hathitrust.org/Record/010823047. Acesso em: 3 dez. 2020.

[88] *Mercurio Peruano,* IX, 1792, p. 29.

outro, uma rama da folha da coca, com folhas, flores e frutos em um artigo de Unanue sobre a planta.[89]

O *Mercurio* foi um produto comercial, como esclarece Clément: "[…] El *Mercurio Peruano* es un producto cultural y, por consiguiente, político. Pero al mismo tiempo es un producto comercial".[90] Começou com um lançamento promissor, mas depois alternou entre momentos de altos e baixos. Unanue lamentava "que el destino de este Periódico es fluctuar de continuo entre la ruina y la esperanza".[91] Sua aventura editorial padeceu de uma severa falta de fundos.

As publicações e entregas dependeram praticamente de assinantes, em uma quantidade que variou entre 258 a 399 assinaturas. Esses dados podem ser encontrados nas últimas páginas de todos os tomos, na parte em que era publicada os nomes de cada assinante. Além do interesse pelos conteúdos propriamente ditos do periódico, ter seu nome em tal publicação dava um certo prestígio aos assinantes.

Podemos dizer que o *Mercurio* não teve outro tipo de venda.[92] O custo para os assinantes era caro àquela época, como os *mercuristas* nos indicam: "Su subscripción se fija a 14 reales mensuales. Quien no subscriba, paga a 2 reales cada pliego, lo que vendrá a salirle a dos pesos al mes".[93] Em termos comparativos, com esse valor, o leitor podia adquirir em Lima três quilos de carne – barato no contexto dos padrões daquela época na América –, oito quilos de pão, um de açúcar e meia lata de cera.

A Sociedad Académica teve muitas dificuldades financeiras para manter a publicação em dia. Desde o segundo dos 12 tomos, datado de 25 de agosto de 1791, eles já expunham aos leitores que apenas as assinaturas não bastavam economicamente para cobrir todos os custos:

> sentimos el más vivo placer, cuando consideramos que nuestro *Mercurio* proporciona este corto servicio a la humanidad y a la patria. Tal vez este es uno de los motivos que nos han hecho sostener hasta ahora el ingrato empeño de este Papel, para cuyos gastos precisos no alcanzan a menudo todos los recursos que el Público nos franquea en pago y gratitud de nuestras infelices lucubraciones.[94]

---

[89] *Ibidem*, 1794, XI, f. 251.
[90] CLÉMENT, **El *Mercurio*...**, *op. cit.*, p. 43
[91] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 1.
[92] "[…] en la fase final de la experiencia mercurista, los ejemplares no vendidos representarán un 20% de la tirada, cifra muy superior a la norma del tiempo, y que puede explicar, por lo menos parcialmente, el fracaso financiero de la empresa". O *Mercurio* foi vendido em único lugar de lima, uma livraria de Lino Cabrera, em *la calle de los Bodegones*. CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 45.
[93] *Mercurio Peruano*, "Prospecto", I, 1790, f. 6.
[94] *Ibidem*, II, 1791, f. 308.

As dificuldades financeiras da Sociedad Académica foram sempre um dos problemas para os *mercuristas*. Se, no ano de 1791, como exposto anteriormente, eles já reclamavam, no ano seguinte, em janeiro de 1792, não foi diferente. Chamavam a atenção para o aumento dos gastos de sua empreitada editorial: *"*ellos fueron sin duda menores si desatendiendo al aseo de la edición, y a la comodidad de los que leen nuestras obras, se dieran estas al Público bajo de otra prensa menos costosa".[95] As dificuldades financeiras não paravam de assombrar os ilustrados do *Mercurio*: em, 1793 a situação piorou ainda mais: "sin fondo para los gastos de la prensa y sin papeles (artículos) que poder publicar, aun los más ardientes sólo deseaban verse libres de unas tareas que hicieron en otro tiempo sus más gratas delicias".[96] O periódico foi, claramente, uma empreitada que estava fadada ao fracasso financeiro.

A primeira explicação é material. Os custos para impressão eram altos, como reclamavam: "creímos al principio encontrar más ayuda y apoyo en el común de los que deben interesarse en las glorias del *Mercurio Peruano*; pero contra nuestra fundada esperanza han sido muy pocos los auxilios que se nos han franqueado".[97] A situação pode ser melhor entendida se considerarmos que era necessário importar todo o material de impressão da Espanha (papel, material técnico, caracteres etc.), chegando ao ponto de que os *mercuristas* arcassem eles mesmos com os custos para financiar a produção do periódico. Em 1793, por exemplo, lamentavam que a continuidade do *Mercurio* estava

> vinculada privativamente al sacrificio voluntario de nuestro proprio dinero. La mayor parte de sus gastos cargan sobre nosotros directamente, y en ellos hemos invertido los sueldos y demás proventos que ganamos con el sudor de nuestras frentes en los respectivos destinos en que la Providencia nos ha construido.[98]

A situação financeira não melhorou, o que é uma das explicações para o encerramento da publicação.

---

[95] *Mercurio Peruano*, IV, 1792, f. 6.
[96] *Ibidem*, X, 1793, f. 3;
[97] *Ibidem*, II, 1791, f. 5.
[98] *Ibidem*, VII, 1793, f. 8.

2.3 Um periódico para seus leitores: composição e utilidade social

As características redacionais de qualquer texto impresso variam de acordo com quem os lê ou com quem um texto procura fazer interlocuções. Como ensina Roger Chartier, "um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado";[99] ou, ainda parafraseando a Michel de Certeau, o texto em si não tem qualquer significação, a não ser por meio de seus leitores: "ele só se torna um texto através de sua relação com a exterioridade do leitor".[100]

Segundo Clément, um periódico no século XVIII podia ter ampla circulação; trata-se de um indicativo de que cada exemplar podia ser lido por muitas pessoas. Esse tipo de publicação era tradicionalmente lido em voz alta para todas as outras pessoas presentes, em encontros chamados *tertulias.* A atividade era recorrente na época, em parte porque a população era analfabeta e também porque textos como os do *Mercurio* tinham como principal característica a eloquência. Os periódicos eram lidos e discutidos nos recentes estabelecimentos criados, os "cafés",[101] pontos de discussões acaloradas, como foi descrito no próprio *Mercurio*: "los cafés no ha servido en Lima más que para almorzar y ocupar la siesta; las discusiones literarias empiezan a tener lugar en ellos. El *Diario Erudito* y el *Mercurio* subministran bastante pábulo al criterio del público".[102]

Clément considera que, para cada exemplar, havia de 10 a 12 leitores, o que daria uma média de alcance de 3.500 a 7.000 leitores. Em Lima, para cada 350 exemplares vendidos, considera-se que tenham chegado a 4.000 leitores, em uma população de 17.215 europeus, dos quais 8.335 eram homens. Isso significa que, em Lima, para cada dois brancos, um era leitor do *Mercurio Peruano*, de modo que se "permite apreciar el impacto que tuvieron el periódico y la Sociedad Académica sobre la sociedad limeña en general".[103]

Trata-se de um periódico dirigido a um público geral, culto e necessariamente erudito. Os editores do *Mercurio* eram conscientes da necessidade de fazer concessões ao público leitor, pois buscava seduzi-los, e espantá-los. Dentro disso, José Rossi y Rubí, um dos *mercuristas*, tinha um projeto de criação de um leitorado *ilustrado.*

---

[99] CHARTIER, **A ordem**..., *op. cit.*, p. 11.
[100] CERTEAU, Michel, 1990, p. 247 *apud* CHARTIER, **A ordem**..., *op. cit.*, p. 12.
[101] "El primer estabelecimiento de este tipo había sido abierto en Lima en 1771 por Francisco Serio; en 1788 ya coexistían 6 en la capital del virreinato. CLÉMENT, J-P. D'Arabie en Amerique: la grande migration du café, 1992, p. 23 *apud* CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 64.
[102] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 29.
[103] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 65.

O italiano Rossi y Rubí foi um dos mais prolíficos, qualitativa e quantitativamente. Ele almejava a criação de um leitor ilustrado para o periódico, como conta Rosario Solís. O *mercurista*, em seu objetivo de difundir a cultura da *ilustración* no Peru, durante toda sua participação *en la aventura del* Mercurio até sua partida para Espanha 1793 (tomos I, II, III, IV, VII, e VIII), se "ve precisado a diagnosticar e identificar el 'gusto' del *lector concreto*, para luego, sobre esa base, implantar un plan de acción tendiente a promover una nueva sensibilidad y crear un *lector ilustrado*".[104]

Rossi detectou um leitorado não acostumado ao tipo de leitura proposta pelo *Mercurio.* Para ele, esses leitores estavam mais interessados em notícias da Europa. Ele percebe um gosto incipiente pelos periódicos e uma tendência favorável ao saber científico. O *Mercurio* seria, então, a base não apenas informativa, mas também educadora e orientadora desses leitores. O italiano constata um leitorado escasso e de perfil europeizado. O pouco leitorado interessava-se pela imprensa espanhola (Lima, nesse período, tinha grande concentração de imigração espanhola). A maioria da população era analfabeta, a instrução era privilégio das "classes dominantes" e certos grupos das "classes intermediárias".

Com isso, Rossi procurou aplicar uma série de "estratégias periodistas". Ele utilizou cerca de doze pseudônimos em cartas enviadas por ele mesmo para o *Mercurio*, em uma estratégia que permitia criar diálogos e debates instigantes para o público leitor. Nesse sentido, Rosario Solís conceitua essa estratégia de participações de leitores imaginários, como uma "ilusoria comunidad de lectores" reunidos em torno de um debate imaginário.[105]

A busca desse leitorado permitiria a viabilidade do *Mercurio.* Rossi foi simultaneamente construindo seu leitor ideal. Entretanto, de qual público ele falava? Segundo o "Prospecto" (1790) do *Mercurio*, "la sabiduría e ilustración de nuestro actual felicísimo Gobierno es trascendental a todo el Público; y éste hará siempre justicia a la utilidad de nuestras tareas y propenderá gustoso a su fomento".[106] A noção de público leitor, para Rossi y Rubí, é toda comunidade de leitores. "La noción de Público que se emparenta a la noción habermasiana em la cual Público incluye a todos los individuos subordinados a un gobierno", ressalta Rosario Solís.[107]

---

[104] ROSARIO SOLÍS, María del. **La obra de José Rossi y Rubí en el *Mercurio Peruano***: búsqueda y creación del lector criollo ilustrado. Thesis (M.Sc.) – Université de Montréal, 2005. p. 67.
[105] *Ibidem*, p. 77.
[106] *Mercurio Peruano*, "Prospecto", I, 1791, f. 7.
[107] ROSARIO SOLÍS, *op. cit.*, p. 71

A tarefa de capitação de um público leitor foi bastante árdua para Rossi. Percebendo isso, Rossi enxergou a seguinte dicotomia: "Público lector ideal y Público lector concreto".[108] Rossi criou um público de leitor ideal composto de indivíduos completamente ligados aos ideais de *la ilustración.* Para Rosario Solís:

> En ese proceso de creación, Rossi asumirá ciertas presunciones como características propias de ese lector imaginario: sensibilidad al ejercicio de una razón empírica, cultura utilitaria, valores humanistas, interés por el acontecer local, permeabilidad al cambio, sed de conocimiento y voluntad de difundir el saber. Tal representación mental, en la cual Rossi buscará encajar al lector concreto, le creará inevitables enfrentamientos.[109]

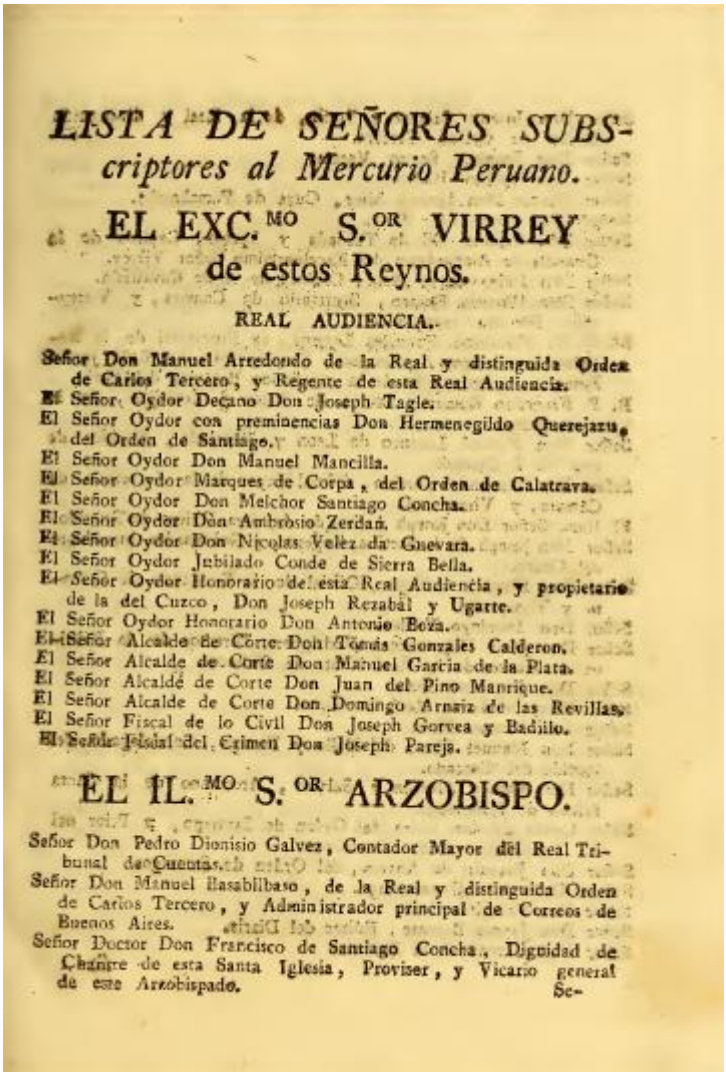
Se, por um lado, Rossi y Rubí almejava uma comunidade de leitores; por outro, o que hoje temos de mais objetivo é a análise dos assinantes do periódico. Compreender a configuração sociopolítica deles fornece uma composição da fisionomia geral da publicação do periódico. Os assinantes formam uma coletividade de leitores mais ampla. Podemos pensar a categoria de "assinantes" a partir da ideia de uma utilidade social, considerando-se o que representa a publicação por parte do *Mercurio* da lista dos seus assinantes,[110] o que, de alguma forma, dava a muitos anônimos a oportunidade de ver seu nome junto ao das famílias mais ilustres da colônia. O *Mercurio* insiste no seguinte aspecto: "Hacer colocar su nombre en la lista de los subscritores de un papel, no sólo es proporcionarse un conducto para hacerse conocido, sino que esto (lo que es más apreciable) arguye gusto y patriotismo".[111]

O *Mercurio Peruano* publicava regularmente a lista de assinantes. Ter seu nome mencionado na lista de assinantes era sinônimo de participar dos debates da mais alta erudição, era considerado honroso. Ironicamente, os *mercuristas* comentaram que "se hubiera tenido por un drope el pulpero que no hubiese dejado ver su nombre escrito con letras de molde en la lista de señores subscriptores".[112] A Sociedad Académica redigia a lista com rigor. O Rei e o Vice-Rei apareciam em primeiro lugar; depois, o regente, os oradores e os demais magistrados da Audiência; em seguida, o arcebispo de Lima; e finalmente, os demais assinantes em ordem cronológica do momento de assinatura.

---

[108] ROSARIO SOLÍS, *op. cit.*, p. 73.
[109] *Loc. cit.*
[110] No auge do periódico, o total de assinantes foi de 575.
[111] *Mercurio Peruano*, III, 1791, f. 254.
[112] *Mercurio Peruano*, XI, 1794, f. 265.

Imagem 3 – Lista de Assinantes



LISTA DE SEÑORES SUBS-
criptores al Mercurio Peruano.

EL EXC.MO S.OR VIRREY
de estos Reynos.

REAL AUDIENCIA.

Señor Don Manuel Arredondo de la Real y distinguida Orden de Carlos Tercero, y Regente de esta Real Audiencia.
El Señor Oydor Decano Don Joseph Tagle.
El Señor Oydor con preminencias Don Hermenegildo Querejazu, del Orden de Santiago.
El Señor Oydor Don Manuel Mancilla.
El Señor Oydor Marques de Corpa, del Orden de Calatrava.
El Señor Oydor Don Melchor Santiago Concha.
El Señor Oydor Don Ambrosio Zerdan.
El Señor Oydor Don Nicolas Velez de Guevara.
El Señor Oydor Jubilado Conde de Sierra Bella.
El Señor Oydor Honorario de esta Real Audiencia, y propietario de la del Cuzco, Don Joseph Rezabal y Ugarte.
El Señor Oydor Honorario Don Antonio Boza.
El Señor Alcalde de Córte Don Tomas Gonzales Calderon.
El Señor Alcalde de Corte Don Manuel Garcia de la Plata.
El Señor Alcaldé de Corte Don Juan del Pino Manrique.
El Señor Alcalde de Corte Don Domingo Arnaiz de las Revillas.
El Señor Fiscal de lo Civil Don Joseph Gorvea y Badillo.
El Señor Fiscal del Crimen Don Joseph Pareja.

EL IL.MO S.OR ARZOBISPO.

Señor Don Pedro Dionisio Galvez, Contador Mayor del Real Tribunal de Cuentas.
Señor Don Manuel Basablibaso, de la Real y distinguida Orden de Carlos Tercero, y Administrador principal de Correos de Buenos Aires.
Señor Doctor Don Francisco de Santiago Concha, Dignidad de Chantre de esta Santa Iglesia, Proviser, y Vicario general de este Arzobispado.
Se-

Fonte: *Mercurio Peruano, I, 1791, f 10.*

Levando em conta um total de 517, em seus tempos áureos, esse número revela uma multiplicidade de interesses. Segundo a elaboração de Clément, o conhecimento que oferece o *Mercurio* "puede considerarse como interesante y útil para el comercio y el saber en general; este periódico desempeña perfectamente el papel que se había fijado y, lógicamente, no le faltan suscriptores ilustrados ni protagonistas de la economía".[113]

Vejamos as tabelas elaboradas por Clément sobre as regiões de residência dos assinantes.

[113] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 67.

Tabela 1 – tabela de origem dos assinantes.

Origem das assinaturas	Número	%
Lima, capital	289	55,8
Vice-Reino do Perú; Intendencias de Cuzco: 20; Lima: 19; Tarma: 14; Trujillo: 11; Huamanga: 7; Huancavelica 4; y Capitanía General de Chile: 8	98	19,0
Outros vice-reinos: Río de La Plata: 26; Nueva Granada; 14; Nueva España: 7	47	9,1
España: 11; Extranjero: 3	14	2,7
Indeterminados	69	13,4
Total	517	100

Fonte: CLÉMENT, Jean-Pierre. "El Mercurio Peruano, 1790-1795" Frankfurt; Vervuert; Madrid: Iberoamericana. Vol 1: Estudio. Vol 2: Antología. 1997, p. 67

Dessa primeira tabela, podemos concluir que, pelo fato de 75%, dos assinantes residirem no Vice-Reino, confirma-se *la peruanidad* desejada pelo *Mercurio.* Completa a primeira tabela a origem estamental dos assinantes:

Tabela 2 –origem sociológica dos assinantes

Origem de *las suscripciones*	Número	%
Estado eclesiástico	84	16,3
Estado nobre: Nobreza espanhola: 145, *Títulos de Castilla*: 31; Nobres *extranjeros*: 5	181	35,1
Estado *llano* ou terceiro estado	239	46,3
Indeterminados	12	2,3
Total	516	100

Fonte: CLÉMENT, Jean-Pierre. "El Mercurio Peruano, 1790-1795" Frankfurt; Vervuert; Madrid: Iberoamericana. Vol 1: Estudio. Vol 2: Antología. 1997, p. 69

Diferentemente dos periódicos da metrópole, em que o clero era o grupo principal de assinantes, no que se refere ao *Mercurio*, ele ocupa a terceira posição. Os nobres, muitos deles com títulos adquiridos no fim do século XVII, dos quais 33% foram condecorados com uma ordem militar, são pessoas que o poder real quis favorecer ou tinham recursos para comprar o título nobiliário. Há também representantes do Estado *Llano*, um termo ambíguo, pois abarca desde membros do comércio a pequenos funcionários etc. As profissões dos assinantes mostram-se importantes para analisarmos a esfera literária que o periódico alcançou.

Tabela 3 – principais atividades dos assinantes

Actividad	Núm.	Total
Administração política		
Alta administração (reis, ministros, vice-reis etc.)	12	
Administração vice-reinal (assessoria geral, secretaria e *escribanía* do governo)	12	
Administração provincial (intendentes, assessores, subdelegados)	31	
Audiencia (oradores, fiscais, escrivães etc.)	37	
Administração municipal (*alcaldes*, *regidores*)	12	
Total	104	104
Administração Financeira		
Caixas Reais	8	
Tribunal de Contas	16	
Casa da Moeda	10	
Renda com o tabaco	5	
Aduana	8	
Correios	5	
Tributos	6	
Censos	3	
Temporalidades	4	
Outros	4	
Total	70	70
Atividades econômicas		
Comércio	29	
Indústria e artesanato	4	
Mineração	10	
Agricultura	3	
Total	46	46
Igreja		
Clero secular (incluídas 33 curas de paróquias)	55	
Clero regular	12	
Inquisição	41	
Total	71	71
Intelectuais		
Advogados	13	
Corpo docente	32	
Cientistas	9	
Saúde (médicos e cirurgiões)	4	
Periodistas	3	
Mulheres ilustradas	7	
Sociedad de Amigos del País	3	
Total	72	72
Militares		
Exército Real	24	
Milícias	17	
Total	41	41
Indeterminados	113	113
Total Geral		517

Fonte: CLÉMENT, Jean-Pierre. "El Mercurio Peruano, 1790-1795" Frankfurt; Vervuert; Madrid: Iberoamericana. Vol 1: Estudio. Vol 2: Antología. 1997, p. 70-75

Algumas informações importantes da Tabela 3: 78% das ocupações profissionais dos assinantes são conhecidas. Há uma preponderância de funcionários que constituem

os dois primeiros dados apontados na tabela. É notável, também, o enorme peso da Audiência na vida dos peruanos. Isso pode ser entendido pelo seu papel político, que era essencial no vice-reinado. Citando Guillermo Lohmann Villena (1974), Clément sublinha a forte *criollización* desse corpo profissional. Outro grupo importante foi o dos intendentes. Mais que personagens políticos, eles tiveram um papel fundamental na dinamização da economia – e encontravam no *Mercurio* artigos sobre o comércio, estudos sobre a mineração e investigação sobre a flora peruana, entre outros temas, "que los ayudaban a fomentar el desarrollo comercial, industrial y agrícola de la provincia que se les había encomendado".[114]

Todas as entidades administrativas e graus de hierarquia estavam representados, exceto os mais modestos, devido à falta de recursos para assinar o periódico. No clero, os sacerdotes paroquiais desempenhavam um papel importante na difusão das "luzes", servindo de intermediário entre a cultura e os fiéis, que, em muitos casos, eram analfabetos e não tinham recursos financeiros para comprar livros ou periódicos. Os intelectuais, por sua vez, ocupavam cargos educacionais, de advogados, ou professores. Para determinar a função dos intelectuais em uma categoria gramisciana, Obando Morán estipula o valor de 85% para os que pertenciam ou eram de ascendência intelectual.[115] As mulheres: para cada 10 assinantes, um era mulher, uma proporção bastante modesta; segundo Clément, no Peru, mulheres eram encaradas como mais emancipadas que homens, como destaca o texto de Ricardo Palma, *Tradiciones peruanas* ("El divorcio de la condesita" e outros mais). O interesse por parte das mulheres nas novas ideias filosóficas que aparecem no periódico mostra uma espécie de prelúdio que ficou mais claro na atuação delas durante o período das lutas pela independência, motivo pelo qual San Martín condecorou 200 mulheres patriotas com a *Orden del Sol*. Clément destaca que, mesmo sendo um papel discreto, era muito eficaz a presença de nomes como D.ª Isabel de Orbea, D.ª Josefa Portocarreo e D.ª Maruana de Querejazu Concha, entre outras. A respeito dos militares, pouco se sabe do interesse deles, mas é importante ressaltar que muitos deles, no decorrer dos anos seguintes, passaram a ter cargos políticos na administração. Os indeterminados são as pessoas cujos dados se limitam aos nomes e, às vezes, a seus endereços de residência; a grande

[114] CLÉMENT, **El *Mercurio*...**, *op. cit.*, p. 78.
[115] OBANDO MORÁN, J. Octavio. La ilustración peruana a través de el *Mercurio Peruano* (1791-1795). **Nueva Crónica** 10.4000/bifea.6049 [en línea], [*s. l.*], v. 21, n. 1, p. 20, 2013.

maioria deles era de peruanos, pessoas de nível social bem mais modesto – tendeiros, pequenos funcionários etc. –, a título de comparação com os grupos anteriores.

Muitos não foram assinantes por longos períodos, pois era comum o desejo de apenas ter seu nome aparecendo na lista de assinantes. Estes representam o que Clement chama de Estado *llano*, "el pequeño pueblo de las ciudades, capaz de leer y de interesarse por las ideas nuevas, será quien constituya, algunos años más tarde, el contingente principal de las tropas emancipadoras".[116]

Podemos dizer, portanto, que os assinantes eram de uma classe de confortável posição social, por conseguirem pagar pela assinatura (25% do total, e 37% deles podiam pagar também a assinatura do *Diario de Lima*), e sabemos que o *Mercurio* era mais caro que os demais órgãos de imprensa. Alguns dos juízes da Real Audiência, que viriam a tornar-se assinantes do periódico, situavam-se entre os maiores comerciantes do reino. Entre outros exemplos, muitos eram ricos, como Manuel Maria del Valle y Postigo, *asesor del virreinato*, que, em 1805, possuía três *haciendas*.

Encontram-se, entre os assinantes, todos os tipos de vínculos familiares possíveis. Outros tipos de vínculos encontrados foram os dos "vascos" e o *criollismo*: 23% dos assinantes limenhos eram *vascos*, com grande influência econômica; 60% deles residiam em Lima, e suas atividades principais estavam ligadas ao comércio. Também podemos destacar que a estreita união existente entre os membros dessa comunidade se traduziu em atos de solidariedade, como foi publicado na edição do *Mercurio Peruano* em que é mencionada a "junta general de caballeros vizcaínos de la ciudad de Lima, celebrada [...] el 12 de enero de 1794".[117] Outro vínculo foi o da *americanidad*. Nos estudos de Clément, 29% dos assinantes tinham origem conhecida: 53 *limeños*, 21 de outras províncias, seis chilenos, no total de 80, somados a mais sete americanos de outros vice-reinados e 34 assimilados – europeus que viviam havia mais de 10 anos na América.[118] Segundo esses cálculos, dos conhecidos, 82% dos assinantes eram *criollos*.

O vínculo ao comércio sugere-nos que houve uma dominação burguesa, uma população que frequentemente tinha tendências aristocráticas. Grande parte das pessoas

[116] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 82.
[117] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 97-101.
[118] Essa categoria de "assimilados" é bem interessante, pois abre uma chave de leitura que amplia o entendimento do *criollismo*. De acordo com Clément, "consideramos como criollos no sólo a la gente nacida en América (criollos propiamente dichos), sino también a los que viven en América desde hace más de 10 años (asimilados) […]. Se puede agregar que, de los 34 suscriptores peninsulares 'asimilados' a criollos en lista, 20 (o sea el 58,8% de ellos) han acabado sus días en las Indias después de pasar allí prácticamente toda la vida". CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 87.

que aparecem na lista de assinantes consideravam que a terra já não era a única fonte de riqueza disponível no país. José Baquíjano y Carrillo expressa em artigo no *Mercurio*: "desde luego inculcamos la preferencia que debe llevar en nuestra atención el laboreo de las Minas, porque son las manantiales de nuestra riqueza".[119] Essa atitude traduz uma mudança que está em desenvolvimento sobre as concepções econômico-políticas do grupo dominante da colônia, que, segundo Clément, corresponde "a un movimiento general de las mentalidades".

2.4 Múltiplos temas no *Mercurio Peruano*

O meio mais rápido de difusão da ilustração no século XVIII foi o periódico, por todas as facilidades que o formato tem em comparação às grandes obras literárias, que pouco eram lidas por não serem acessíveis para a sociedade em geral por causa do custo implícito na compra de livros. A importância da imprensa periódica como meio de transmissão de conhecimento foi também compartilhada pela autoridade máxima do Peru daquele período, o vice-rei Francisco Gil de Taboada y Lemos, governante entre 1790 e 1796.[120] Os redatores do *Mercurio* partilhavam dessa mesma compreensão:

> [...] el espíritu del siglo es propenso a la ilustración, a la humanidad y la filosofía. La América, que desde muchos tiempos se hallaba poseída de esas mismas ideas, se ha unido insensiblemente en adoptar un medio muy oportuno para transmitirlas; este es el de los Periódicos.[121]

Embora o conteúdo do *Mercurio* fosse bastante diverso, economia, geografia e filosofia tinham sido temas de presença mais significativa. O *Mercurio Peruano* imprimiu numerosas descrições corográficas das regiões do Vice-Reino peruano, a despeito de seu propósito de defender a melhoria da economia por meio do avanço do conhecimento. Tratava-se de um periódico dirigido a um público geral, culto e necessariamente erudito. Para os membros da Sociedad Académica, informações sobre o Peru eram escassas, "en particular acerca de su comercio, minería, artes, agricultura, pesca, manufacturas, literatura, botánica, mecánica, religión y costumbres públicas; pero

[119] *Mercurio Peruano*, I, f. 289.
[120] POUPNEY HART, *op. cit.*; GUIBOVICH PÉREZ, *op. cit.*
[121] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 308.

também sobre los sucesos de actualidad relativos a 'nuestra nación' así como de los pueblos extranjeros".[122]

O *Mercurio Peruano*, ao longo de suas 3.568 páginas, 416 números e 586 artigos, abarca quase todos os temas possíveis: medicina, técnica de mineração, botânica, descrições geográficas, caridade, economia, ilustração, História natural etc. Como uma "verdadeira" equipe editorial, a escolha dos temas passava por seu órgão editor, respeitando a regras elencadas e elaboradas:

> […] los proponía el Secretario, quien distribuía las memorias por redactar entre los académicos, según los conocimientos e intereses manifestados por cada uno (Estatutos, art, XVI); además existían consultores en los principales ramos, para aconsejar a los diferentes redactores (arts .VI y VII), y censores que estaban encargados de velar por la corrección científica y moral de los textos (art XV). Todo esto quiere decir que la materia impresa no podía sino concordar con los deseos de los mercuristas.[123]

Isso indica que quando essa equipe aceitava publicar um tal artigo em vez de outro, estava em completa aceitação com a postura ideológica daqueles que haviam tomado tal decisão.

No começo da publicação, os *mercuristas* buscavam alcançar o maior número possíveis de leitores, resultando no seguinte cenário: dos 24 assuntos tratados, no total, 19 deles aparecem nos primeiros quatro meses, enquanto, mais tarde, com uma comunidade de leitores já estabelecida, é perceptível o aprofundamento em alguns estudos específicos. Isso pode sugerir uma seriedade dos redatores, bem como a falta de variedade nos temas abordados, tanto que observam: "a la verdad, por más esfuerzos que se habían hecho en los cuadrimestres anteriores, no se había podido conseguir [em especial desde o sexto] tener escritas con anticipación algunas de las materias que debían publicarse. Siempre ha sido preciso escribirlas de un día para otro".[124] Os autores, que não eram jornalistas profissionais, não conseguiam alimentar com frequência as páginas do *Mercurio*. Os responsáveis tendiam, então, a favorecer publicações de artigos longos, às vezes verdadeiros folhetins – botânicos ou geográficos, por exemplo –, o que dava aos redatores um "respiro" de quatro a cinco entregas.

---

[122] GUIBOVICH PÉREZ, *op. cit.*, p. 53.
[123] CLEMENT, **El *Mercurio*...**, *op. cit.*, p. 91.
[124] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 3-4.

A Tabela 4 apresenta a prioridade de alguns temas sobre outros, dando um cenário geral dos diversos assuntos tratados. Os temas, juntos, configuram o periódico e são mais precisos que os "assuntos". Estes últimos aparecem dentro do tema, e podem ser diversos; por exemplo: quando abordam a botânica, este é um assunto sob um tema mais amplo, que, no caso, seria o de História natural.

Tabela 4 – principais temas tratados no periódico

Temas	% do Tema
Conocimiento del País	
Geografia	73,88
História	27,38
Total no Periódico	33,84%
Ciências	
Medicina	64,39
História natural	21,27
Física	10,45
Química	9,9
Total no Periódico	25,51%
Economia	
Comércio	31,1
Minería	24,47
Economia Política	22,7
Finanças	11,48
Técnica	6,18
Total no Periódico	14,53%
Informações de serviço	
Informações práticas	75,86
Meteorologia	13,76
Textos sobre impostos	10,38
Total no Periódico	10,85%
Conhecimento do homem	
Educação	45,41
Costumes	45,16
Psicologia e Moral	9,43
Total no Periódico	6,51%
Belas Letras e Artes	
Poesia	78,08
Música	12,3
Prosa	8,85
Teatro	3,82
Atualidade Política	
França - Revolução Francesa	3,59%
Religião	1,75%
Direito	1,73%

Fonte: CLÉMENT, Jean-Pierre. "El Mercurio Peruano, 1790-1795" Frankfurt; Vervuert; Madrid: Iberoamericana. Vol 1: Estudio. Vol 2: Antología. 1997, p. 89-90

Conocimiento del País,[125] Ciências e Economia juntos cobrem 73,88% da superfície do periódico, demonstrando que isso está conectado diretamente ao propósito dos *mercuristas* anunciado no "Prospecto": "El principal objeto de este papel periódico [...] es hacer más conocido el país que habitamos".[126]

Além do peso para os artigos, o periódico procurou tratar de diversos outros assuntos, abrangendo religião, castas, história e sociedade, indígenas, mulheres limenhas, negros, hospícios, medicina, a importância do trabalho e pobres e marginalizados, entre outros. Apresentamos a seguir alguns desses temas, expondo a forma e a escolha de suas estratégias enunciativas que contribuem com a ideia de patriotismo científico.

2.5 Sobre História

Os artigos sobre História e sociedade no *Mercurio* são marcados por contradições perceptíveis em textos dos redatores e colaboradores em estudos sobre a História "pátria" e a sociedade peruana. Encontram-se elementos racionalistas em suas análises históricas. Entretanto, quanto à sociedade, eles mantêm concepções neoescolásticas. Nessa mesma linha, o periódico foi, por um lado, classificado como "*indigenista historicista*",[127] pois mencionam muitas vezes os Incas. Por outro lado, prevalecem as ideias de um Peru espanhol ocidental e cristão que nega seus índios contemporâneos. Disso decorrem dois problemas centrais: os diferentes discursos apresentados pela Sociedad Académica Amantes del País e a concepção que os *mercuristas* tinham da sociedade peruana; e quais foram os propósitos desses autores ao escreverem sobre suas reflexões históricas e sociais.[128].

A História peruana construída pelos *mercuristas* herda, por um lado, uma tradição historiográfica conflitiva: modelos interpretativos dados por *el Inca* Garcilaso de La Veja, no início do XVII, e Por Pedro Peralta Barnuevo, no século XVIII; por

[125] No último capítulo desta dissertação, retornaremos a esse termo para relacioná-los aos objetivos que tentaremos construir sobre "geografia econômica". Por enquanto, podemos indicar que *Conocimiento del País*, no periódico, está relacionado a investigar e expor os recursos econômicos possíveis que o território oferece, destinado a seus interlocutores.

[126] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 1.

[127] Termo utilizado por Clément, Alberto Flores Galindo e outros.

[128] QUIROZ CHUECA, Francisco; QUIROZ CABAÑAS, Lleisen Homero. El *Mercurio Peruano* (1791-1795): historia y sociedad. **Investigaciones Sociales**, [*s. l.*], v. 18, n. 33, p. 132, 2014. Disponível em: http://revistasinvestigacion.unmsm.edu.pe/index.php/sociales/article/view/10989. Acesso em: 3 dez. 2020.

outro lado, as ideias imperiais sobre a história americana eram produzidas por Antonio de Ulloa e Cosme Bueno, de uma história espanhola sobre Andes.

Os textos sobre História no periódico consideram o sentido da época, que, por meio da História, permitiria conhecer melhor o homem, um pensamento que também aparece nas páginas do *Mercurio*. Clément resalta: "hasta comienzos de siglo, la Historia es esencialmente literaria; el buen historiador es el que maneja con facilidad el arte del retrato (grandes personajes) o del relato (acontecimientos). Se aceptan entonces sin ningún asomo de crítica los textos de los historiadores de la Antigüedad (Tito Livio, Polibio, etc.)".[129] No decorrer do século, isso muda, nas palavras de Feijoo em seu *Reflexiones sobre la historia*:

> Juzgase comúnmente, que para escribir una historia no se necesita de otra cosa que saber leer y escribir, y tener libros de donde trasladar las especies. Así emprenden esta ocupación hombres llenos de pasiones y pobres de talentos, cuyo estilo se reduce a copiar sin examen, sin juicio, sin estilo, sin método, cuanto lisonjera su fantasía o favorece su parcialidad.[130]

Os *mercuristas* seguem Voltaire, em suas acepções de estudar a História a partir dos usos, costumes, comércio, finança, agricultura e população. Voltaire tinha a visão de que "as mudanças dos costumes e das leis serão, enfim, seu grande objeto".[131]

Os temas abordados no *Mercurio Peruano* respondem perfeitamente a esses aspectos. Parafraseando Paul Hazard, vários historiadores da época imaginavam-se romancistas da aventura humana.[132] Podemos fazer tal leitura no *Mercurio*, quando nos textos são abordadas a História *de Los Incas*, dos *Virreis* e também um tipo de história sobre lugares públicos da capital do Vice-Reino peruano, como o *Coliseo de Gallos*, a *Universidad*, *cafés* e *hospitales* ou, ainda, a história do comércio na região das minas. Em suma, uma história que estuda o passado para entender o presente em que vivem e sobre o qual relatam.

Ao contar a "Historia de la mina de Huancavelica" em artigo datado de 30 de janeiro de 1791, os redatores demonstram estarem preocupados, eles comentam, com

---

[129] CLEMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 124

[130] FEIJOO, p. 179b apud CLÉMENT, **El *Mercurio***, *op. cit.*, p. 125.

[131] "Pensou-se menos em recolher uma enorme multidão de fatos eclipsando-se uns aos outros, do que agrupar os principais e os mais reconhecidos para servirem de guia ao leitor, e fazê-lo julgar, por si mesmo, a extinção, o renascimento e os progressos do espírito humano, reconhecendo os povos pelos próprios usos e costumes desses povos" (Voltaire, 1878b, p. 140). VOLTAIRE. Remarques pour Servir de Supplément à l'Essai sur les Mœurs (Troisième Remarque), in: **Essai sur les Mœurs, Paris**: Garnier, 1963, p. 906 (t. II) *apud* MENEZES, Edmilson. Duas posições de Voltaire sobre a história. **Philosophica**, Lisboa, n. 43, p. 61, 2014.

[132] HAZARD, *op. cit*.

"rectificar las noticias superficiales, informes, y erradas, que han publicado relativamente a esta Mina casi todos los Geógrafos e Historiadores".[133] Eles estão atentos por "hacer la descripción de la Villa de Huancavelica, su fundación y sucesos, su fuente prodigiosa de agua caliente, petrificable, sus relaciones de comercio y otros puntos análogos, que algún día darán materia a la parte historia de nuestro *Mercurio*".[134]

Mais significativa é a história contada por Hipólito Unanue no artigo "Idea General de Los Monumentos del Antiguo Perú […]". Considerando o aspecto romântico destacado por Hazard, Unanue, por essa óptica, relata que

> […] apenas el hombre empieza a vivir, cuando todo le anuncia su próxima ruina. Los elementos destinados a alimentarlo se conjuran para su destrucción; y el mismo globo que habita, no cesa con violentas convulsiones de intentar sacudirse de una carga que parece oprimirle […] sus heroicos hechos, es un ídolo a quien ofrece los últimos holocaustos.[135]

Nos debates do século XVIII sobre a credibilidade da História do Novo Mundo, Cañizares-Esguerra mostra em seu livro as novas artes da escrita da História no século XVIII sobre a América. O autor indica que nomes como o de Buffon, Voltaire e de Pauw, entre outros, debatiam sobre a credibilidade das histórias contadas sobre as populações pré-hispânicas, sobretudo os Astecas e os Incas. Esses autores defendiam os métodos de crítica interna. Enquanto a crítica externa entendia a partir dos testemunhos (posição social, educação, motivos), a interna enfatizava a coerência dos relatos.[136] Voltaire, em 1748, defendia a utilização dos critérios internos para confiabilidade dos testemunhos históricos. O método consistia em recusar "acreditar em todo historiador, antigo ou moderno, que descreveu coisas indo contra a natureza e o bater do coração humano".[137] Este filósofo dizia que os relatos de que os americanos devoravam gente como se devora cabritos ia contra a natureza humana. Buffon, um ano depois, também aplicava o mesmo método da crítica interna. Para ele, a falta de quaisquer monumentos arquitetônicos existentes e a forma como os espanhóis conquistaram rapidamente esses "impérios" indicava que os relatos espanhóis informando as altas densidades populacionais na América estavam errados. Para ir contra essa tradição, Unanue, como

---

[133] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 68.
[134] *Loc. cit.*
[135] *Ibidem*, f. 201.
[136] CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como escrever a História do Novo Mundo**: histórias, epistemologias e identidades no Mundo Atlântico do Século XVIII. São Paulo: EDUSP, 2011. p. 39
[137] VOLTAIRE *apud* CAÑIZARES-ESGUERRA, *loc. cit.*

representante dos *mercuristas,* procurava contar uma história de enaltecimento dos grandes feitos arquitetônicos dos Incas.

A ideia de Unanue foi mostrar como os Incas, responsáveis pelos monumentos antigos, estariam para os peruanos, por meio dos monumentos, como grandes personagens da história humana: "estos preciosos trofeos de la vanidad y grandeza de los hombres y de las Naciones, destinados a inmortalizar los forman sin duda un objeto dignísimo de la consideración y estudio de un literato".[138] Segundo o *mercurista,* é preciso se atentar para "el estudio de los monumentos que erigieron los Incas para ostentar su poder y recordar su existencia".[139] A situação da historiografia do século XVIII entendia o progresso histórico como "suporte genealógico sólido", e isso era visto nos escritos dos redatores do periódico, como Baquíjano, Rossi y Rubí e Hipólito Unanue. "Lo que interesa a los mercuristas es establecer que los Andes tienen un alto grado de civilización en su historia y los Incas sirven perfectamente para este fin pues presentan un nivel elevado de civilización previa a la suya que, por definición, ha de ser necesariamente superior".[140] Unanue é enfático nessa defesa:

> […] los recitados de sus glorias [dos Incas]; las tradiciones y reliquias de sus antiguos usos y costumbres, que permanecen entre los Indios modernos […]; el reconocimiento de las obras que erigieron por magnificencia, o por necesidad, ofrecen ciertamente una nueva luz capaz de esclarecer la obscuridad en que yace emergida la parte histórica y civil de la Monarquía Peruana.[141]

Para os membros da Sociedad Académica, o estudo da História não se apoia na autoridade. Um acontecimento não existe se não se funda sobre os documentos. Esses documentos, entendiam os *mercuristas,* deve responder à lei da não contradição, tanto interna quando externa, e, para poder considerá-los válidos, argumentavam que "hay historias verdaderas, como las hay falsas: las primeras necesitan calificarse con muchos testigos autorizados de experiencia y verdad, uniendo a estas calidades la de que todos

---

[138] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 202.

[139] *Ibidem*, f. 203.

[140] Um momento importante no *Mercurio Peruano* (1794, X, f. 141) foi quando Unanue declara que não se deve dedicar estudos sobre os pré-hispânicos durante o período da conquista cultura. "La historia incaica — historia antigua — debía ser más una descripción física y etnográfica de los tiempos prehispánicos que un análisis histórico". Unanue desconfia tanto dos relatos de Garcilaso quanto de outros relatos sobre a religião e a política do Tahuantinsuyo: "La descripción de monumentos, cantos y quipus sirve a Unanue para 'conjeturar el grado de civilización a que ascendieron y aun la duración de su imperio'" *apud* QUIROZ CHUECA; QUIROZ CABAÑAS, *op. cit.*, p. 134.

[141] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 203.

caminen entre si uniformes y concordantes".[142] O que é importante para os intelectuais do *Mercurio* é procurar no passado raízes de sua "nacionalidade".

O primeiro número do *Mercurio* data de janeiro de 1791, como já citamos anteriormente, e nele está declarado seu principal proposito. Relembramos: "El principal objeto de este Papel Periódico, según el anuncio que se anticipó en su Prospecto, es hacer más conocido el País que habitamos, este País contra el cual los Autores extranjeros han publicado tantos paralogismos".[143] O proposito está dentro do que destacou o historiador Antonello Gerbi, ao trazer a "disputa do novo mundo".[144] Segundo o autor, as ideias difamatórias dos ilustrados europeus lançadas sobre a América (Raynal, de Pauw, Buffon), os ataques ao catolicismo e aos *criollos* servem de incentivos para conhecer a realidade da América e particularmente do Peru – mas, ao mesmo tempo, diferenciando-se dos indígenas, negros e mestiços. Os *mercuristas* colocam-se na "polêmica" e inserem-nos nesses debates teóricos ocorridos ao longo do século XVIII:

> […] todo lo contrario, se manda para los casos em que los dicterios o las sátiras se dirijan contra nuestra patria el Perú. Entonces la Sociedad hará todos los esfuerzos posibles, has sacrificarse para su defensa. si los detractores son literarios del otro hemisferio, especialmente si son extranjeros, deberá la Sociedad impugnarlos con las pruebas de hecho, y con los raciocinios más vehementes.[145]

Para os redatores do periódico, se os detratores europeus sustentam a tese de que os americanos são inferiores, é porque não conhecem a realidade do Novo Mundo. Comentam que esses intelectuais, em referência aos europeus, são "tan ajeno y distante de la realidad que da bien a conocer que sus dicterios son efectos del odio".[146] Afirmam que de Pauw, outro importante e polêmico naturalista detrator da América, é de péssimo caráter e que sua cientificidade é nula, pois o naturalista considera que todos os indígenas americanos são membros de uma mesma etnia e que vivem em um mesmo estado de civilização primitiva, confundindo os peruanos como os esquimós, por exemplo.[147]. Para os *mercuristas*, a falta de rigor de de Pauw é tamanha que chega a pôr

---

[142] *Mercurio Peruano*, VI, 1792, f, 22.
[143] *Ibidem*, I, 1791, f. 1.
[144] GERBI, Antonello. **O Novo Mundo**: história de uma polêmica (1750-1900). São Paulo: Cia. das Letras, 1996.
[145] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 132.
[146] *Ibidem*, X, 1794, f. 105.
[147] *Loc. cit.*

em um mesmo nível *criollos* e índios.[148] Ademais, esses europeus não consideravam os monumentos de Cusco e Quito, a fortaleza de Herbay e os caminhos abertos em meio à cordilheira que "manifiestan la instrucción de los Indios antiguos en las arquitecturas civil e militar".[149] A resposta aos europeus é ainda mais interessante. Unanue escreveu em uma nota de rodapé:

> Los autores de la Enciclopedia en el artículo *América*, niegan haber en el Perú tal vereda. No hay otro modo de convencerlos, sino que hagan un viaje, y verán los restos suntuosos que nos han quedado. Quisiéramos que unos filósofos que se glorían de tener por Patria a todo el mundo no fuesen tan falaces y enemigos de la verdad, desnudándose de las preocupaciones nacionales cuando lean a Garcilaso, a quien levantan mil testimonios.[150]

No *Mercurio*, os editores, ao refutar as ideias negativas sobre *criollos*, mostravam-se como intelectualmente capazes de realizar estudos sobre a realidade do Vice-Reino. Segundo defendiam, "desde el establecimiento del *Mercurio*, hemos procurado dar à luz algunas descripciones de distintos territorios del País, con el doble motivo de dar a conocer su situación local y sus costumbres, su industria y su comercio".[151] Nos comentarios de Rossi y Rubí, eles se viam como "jóvenes todos, empleados algunos, en el servicio del Rey, otros graduados en los diversos ejercicios de la Universidad, otros ministros del altar, hemos abrazado unánimes y gustosamente la difícil empresa de abrirnos una nueva senda, que nos conduzca al término feliz de ser útiles a la Patria".[152]

2.6 Sociedade e "castas"

Sobre a sociedade peruana, as posturas sociais e políticas dos *mercuristas* foram moderadas e até colaboracionistas com o absolutismo colonial. As ideias sociais presentes no *Mercurio* "son propias del racionalismo despótico" e buscavam inserir a razão a serviço do Estado, mapeando, assim, seu funcionamento com a intenção de

[148] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 105.
[149] *Loc. cit.*
[150] *Loc. cit.*
[151] *Mercurio Peruano*, VIII, 1793, f. 258.
[152] *Ibidem*, VII, 1793, f. 6. Nessa "sociedad de clientelaje", os funcionários e os pensadores buscavam ganhar "gracias del Rei"e "los criollos forman parte de ese complejo entramado del poder buscando ser corregidores, catedráticos, secretarios, asesores, oidores, visitadores, etc." QUIROZ CHUECA; QUIROZ CABAÑAS, *op. cit.*, p. 135.

"buscar los medios para preservar el orden social y así garantizar la continuidad del orden colonial en los Andes".[153]

Houve uma mudança no olhar por parte dos *criollos* sobre os indígenas e outros setores da população em função das rebeliões desenroladas no Peru do século XVIII: passaram a ter uma visão depreciativa dos indígenas, na qual essa população seria selvagem como nos tempos da conquista. A população negra também é motivo de preocupação, causada pelos ventos da Revolução Haitiana, pois havia uma alta concentração dela. Para os *criollos* do *Mercurio*, Lima estava diante de uma ameaça constante. Nesse contexto, conforme Quiroz Chueca e Quiroz Cabañas, "la población selvática era la gran desconocida entonces, pero se había dado a conocer en tiempos de la rebelión de 1742 encabezada por Juan Santos Atahualpa, que provocó que todo el centro del país quedase bajo una vigilancia militar muy drástica". Com isso, os *mercuristas* procuravam conhecer todas as diversas dimensões da sociedade: a religião, a demografia, as raças e as relações das classes baixas e o grupo dominante. [154]

A obra dos *mercuristas* constitui uma busca constante pelo homem peruano. O homem físico, seu entorno natural, isso por meio da ciência. O homem espiritual através de sua religiosidade. Faltava, nesse conjunto, o homem enquanto animal social, como entendiam.[155] Em cima disso, apresentam o modo como viam os indígenas e outros componentes da sociedade peruana.

No período de circulação do periódico, Clément conta que as relações dos espanhóis, americanos ou europeus com as outras castas estavam determinadas pela história: "los indios son los descendientes de la raza vencida y los mestizos participan de esta inferioridad engendrada por la Conquista; en cuán a los negros, importados como mercancías, son mayoritariamente esclavos, algo que ni siquiera pueden ser los indios".[156] Os mestiços, ou as *castas*, segundo Cañizares-Esguerra, são produtos da intensa miscigenação entre todos – espanhóis, indígenas e negros, que estavam na mais baixa escala de credibilidade desenvolvida pelo discurso da "epistemologia patriótica" e eram alvos constantes de críticas.[157] Não é à toa que, como mostraremos a seguir, o que importava para os *mercuristas* eram os indígenas antigos, pois a mestiçagem e o indígena contemporâneo obscureciam os feitos da cultura inca.

---

[153] *Mercurio Peruano*, VII, 1793, f. 6.
[154] QUIROZ CHUECA; QUIROZ CABAÑAS, *op. cit.*, p. 135.
[155] *Mercurio Peruano*, IV, 1792, f. 138.
[156] No censo elaborado pelo vice-rei Gil Taboada e Lemos de 1792, os índios eram 56,58% da população e os brancos, 12% no Vice-Reino peruano. CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 153
[157] CAÑIZARES-ESGUERRA, **Como escrever**..., *op. cit.*, p. 258.

Nos séculos que antecedem o período da ilustração, desde a conquista, a questão do indígena e sua natureza vinha sendo amplamente debatida. Nos primeiros tempos das aventuras europeias no "Novo Mundo", o índio foi considerado não humano, bárbaro, pagão, selvagem e incivilizado, o que consolidou a ideia errônea de que eles poderiam ser escravizados. Sendo inferior por natureza, caberia ao espanhol impor a "civilidade cristã", uma imagem negativa e falaciosa que nunca desapareceu totalmente. Ao mesmo tempo, o olhar para as grandes civilizações, como as dos Incas, acontecia em paralelo, como um reconhecimento de alto grau civilizatório.[158] Com o passar dos séculos, o índio continuava sendo considerado bárbaro e inferior, mas possuía certa inteligência, passível de ser civilizado e digno da proteção do Rei. No século XVIII, essa tendência não acabou. Na Europa, o que predominou foi a visão dicotômica que se tinha do indígena: por um lado, a ideia do "bom selvagem", especialmente ligada à literatura, e por outro, a visão que o colocava como um ser ruim, vagabundo e decadente, incapaz de alcançar a civilização. Esta segunda óptica esteve presente em Amédée François Frézier e Charles Marie de la Condamine, ambos franceses, e nos espanhóis Jorge Juan, Antonio de Ulloa, Hipólito Ruiz e Antonio de Alcedo.[159] Ademais, não podemos esquecer que a rebelião de Tupac Amaru II, no Peru, fez reforçar essa visão.

Não há textos nos periódicos dedicados aos índios da serra, mas muitos artigos sobre os da selva e os pré-colombianos. Estes últimos, os Incas, são representados como tendo tido um passado glorioso, sobretudo nos artigos "Idea general de los monumentos del antiguo Perú e introducción a su estudio", de José Hipólito Unanue,[160] e "Carta sobre los monumentos antíguos de los peruanos", de Pedro Nolasco Crespo.[161] O tema aparece em outros textos, mas não de forma sistemática como nos dois aqui mencionados. De acordo com os intelectuais do *Mercurio*, a grandeza da civilização Incaica é amplamente perceptível, nos monumentos, nas casas, nos palácios, nos mausoléus e nas fortalezas. Os *mercuristas* queriam conhecer todos os aspectos dessa cultura, entusiasmados pelo que entendiam como um admirável caráter moral: "los indios ofrecen un ejemplar de humanidad asombrosa para los que tienen la presunción de llamarlos bárbaros. Por orden Inca se labran a costa del común las tierras de los

[158] BEAUCLAIR, Nicolas. La instrumentalización del Indio en el desarrollo de una identidad peruana patriótica: el caso del *Mercurio Peruano* (1790-1795). **Tinkuy**: Boletín de Investigación y Debate, n. 14, p. 37, 2010.
[159] *Ibidem*, p. 35-56.
[160] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 201-208.
[161] *Ibidem*, V, 1792, f. 254-266.

huérfanos y viudas inmediatamente después de las del Sol".[162]. Isso ao mesmo tempo que condenavam o aspecto religioso, que segundo entendiam: "la posteridad los más claros monumentos, tanto de idolatría como de su opulencia".[163] Esse entusiasmo dos *mercuristas* com os indígenas antigos, na representação dos Incas, é completamente oposto à visão que eles tinham a respeito dos indígenas contemporâneos, que foram apresentados como era comum naquela época – como já adiantamos –, de uma visão tradicional em que os indígenas eram relacionados a vícios e, como uma "raça" vencida, são mostrados com repulsa pois "el indio, como conquistado, odia por lo general cordialmente al Español", [164] exclamavam no periódico. Como bem colocado por Clément, os adjetivos foram escolhidos com cuidado, em uma estratégia enunciativa, em enumeram as desqualificações preconceituosas. Seguindo as formulações do naturalista Carl Von Lineu, em seu "Sistema Naturae", os *mercuristas* parecem parafrasear o sueco:

> El cabello grueso, negro y lacio; la frente estrecha y calzada; los ojos pequeños, turbios y mohínos; la nariz ancha y aventada; a la barba escasa y lampiña; el color pálido, cetrino, y como ahumado; los hombros y espaldas cargadas; las piernas y rodillas gruesas y cortas; el sudor fétido, por cuyo olor son hallados […]. Todas estas y algunas más distinciones naturales que se dejan ver en todo Indio de un modo o de otro, aun cuando más se adorne y asee, son otras tantas diferencias […].[165]

Todos os detalhes são eloquentes. O racismo presente nessa pequena passagem é antecedido pela expressão "todo índio", em que a generalização categoriza todos os indígenas, com os mesmos defeitos assinalados:

> […] ahumados: la negrura y el humo evocan el fuego infernal y el indio huele siempre más o menos a azufre; cargadas: la inclinación hacia abajo implica el vencimiento, el abatimiento, la bajeza física y moral; gruesas: la delicadeza de las extremidades y de las articulaciones suele ser clara señal de nobleza; aquí sucede lo contrario; moros: la asimilación con los moriscos (los perros infieles de la Reconquista), rebaja al indio al rango de animal.[166]

De um ponto de vista moral, todos os índios são supersticiosos, e entendiam que a idolatria não havia sido superada: "su antigua religión era la de adorar al Sol y dar culto al Diablo; y esta noticia y esta costumbre heredada, los hace muy infelices. Así se

[162] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 297.
[163] *Ibidem*, VIII, 1793, f. 39
[164] *Ibidem*, X, 1794, f. 276.
[165] *Ibidem*, f. 276-277.
[166] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., op. cit., p. 156.

ha visto unas pestes que los han desolado, naturalmente permitidas por la Providencia para su castigo".[167] No entanto, havia pontos de elogios sobre os indígenas. Os redatores do periódico admitiram que os indígenas tinham qualidades morais: obediência e docilidade e são amáveis.[168] Há, também, humanidade demonstrada no trato dos indígenas amazônicos.[169] Para os *mercuristas*, em alguns casos, os indígenas se comportam muito bem: "Contento con su maíz, sus papas y su chicha, mira la multiplicidad de manjares como una voluntaria ruina de la salud y de la vida"[170].

Em outros momentos, os *mercuristas* chegam a denunciar a exploração de que sofrem os índios. Para eles, a mão de obra indígena não é útil para trabalho se não está em boas condições. Eles denunciam que "el trabajo violento en las minas, la inmoderada introducción de los licroes fuertes y el opresivo servicio de la mita [...] en las obscuras entrañas de la tierra, donde no ha de respirar sino vapores pestilencias y homicidas, apresuraron su destrucción".[171]. E mostram que as condições de trabalho eram lamentáveis: "la inclemencia del cielo y del clima arruinan su salud. No es éste el único daño que experimentan, porque, introduciéndoseles en el continuo reposo las partes metálicas y en especial el azogue por los poros de la piel, les causan vaguidos, perlesías, parálisis, cólicos y otros muchos males".[172]

Luis Monguió, importante pesquisador espanhol que dedicou uma parte de suas pesquisas sobre a questão indígena no *Mercurio Peruano*, fez uma síntese que nos parece perfeitamente pertinente. O autor, conforme citado por Beauclair, distingue três maneiras no modo como os *mercuristas* se referem aos indígenas:

> […] primero, referencias a un indianismo retrospectivo, historicista, centrado en el imperio inca, al que se idealiza; segundo, evocaciones de imágenes de los indios selváticos considerados como seres que se encuentran en la etapa de infancia de la humanidad, por tanto, a los que se tiene que cristianizar e hispanizar; y tercero, descripciones de los indios de la Sierra y la Costa presentados negativamente, sobre todo como borrachos, perezosos e idólatras. Afirma Monguió que, en general, 'aquellos autores abrigaban […] opiniones harto negativas acerca de los indios de su tierra y de su tiempo'".[173]

[167] *Mercurio Peruano*, VIII, 1793, f. 48. Outro ponto criticado pelos *mercuristas* é o gosto dos indígenas pelas festas – porque os índios transformam festas religiosas em pagãs, cheias de bebedeiras e comilança de carne, o que, para os redatores do periódico, "debilitan las exportaciones de carne" e se soma à violência que bebidas alcóolicas podem facilitar, "mata más indios en un año que las minas en cincuenta". *Ibidem*, VII, 1793, f. 94, ainda mais os diversos atos sexuais "exacerbados" que reinavam em tais festas. *Ibidem*, VI, 1792, f. 275-277.
[168] *Ibidem*, VIII, 1793, f. 48-49.
[169] *Ibidem*, III, 1791, f. 87, 90.
[170] *Ibidem*, I. 1791, f. 6.
[171] *Ibidem*, I. 1791, f. 274.
[172] *Ibidem*, II, 1791, f. 31.
[173] MONGUIÓ, 1985, p. 351 *apud* BEAUCLAIR, *op. cit.*, p. 38

No *Mercurio Peruano* existem outras complexidades sobre a questão indígena que se apoia na lógica utilitarista da ilustração, ou, como Nicolas Beauclair postula, "una instrumentalización del indígena". Assim é o caso, por exemplo, de uma carta enviada ao *Mercurio* intitulada, "Carta remitida a la Sociedad, que publica con algunas Notas",[174] escrita por Don Francisco de Paula de la Mata Linares. No artigo, é abordada a questão da assimilação dos indígenas, que, para o autor da carta, seria mais interessante se não existisse a separação entre os índios e "las demás clases de habitantes da América".[175] O que Mata Linares via, destaca Beauclair, era a utilidade, para a pátria peruana, que todos as pessoas do vice-reinado tivessem os mesmos direitos: "la América [...] resulta uma separación de intereses con que se consideran como enemigos, o rivales preparados [...] la separación se ve que no aprovecha. Pruébese, pues, si tendrá mejor efecto la reunión".[176] O que parece uma proposta de defesa do índio traz, no fundo, a intenção de utilizá-lo como instrumento de *la patria peruana*: "Adelantamiento sobre todo económico ya que, al diluir la república de indios, el virreinato se encontraría con más consumidores y trabajadores".[177]

Em suma, coexistiram visões tanto positivas quanto negativas a respeito dos índios do Peru no periódico. Positivas, porque traziam elogios ao passado glorioso dos Incas, vistos por uma perspectiva patriótica e como bons exemplos para recuperar o que havia de historicamente positivo em benefício da pátria e fazer frente às teorias detratoras que vinham da Europa – e que podiam ser relacionadas à ideia, que propõe Cañizares-Esguerra, de "uma epistemologia patriótica". O índio contemporâneo, que é retratado, em boa parte do periódico, como um perigo constante por sua selvageria, é visto como positivo por suas possibilidades como instrumentos úteis ao desenvolvimento da pátria, ou, como enfatiza Beauclair, "evidentemente, estas posiciones muestran que el indio no es un individuo al que se quiere defender, sino más bien un instrumento para el beneficio de la patria".[178]

174 *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 261-280; 344-346.
175 *Ibidem*, f. 257.
176 *Ibidem*, f. 259-261
177 BEAUCLAIR, *op. cit.*, p. 53.
178 *Loc. cit.*

2.7 Os negros

O *Mercurio* interessava-se muito mais pelos negros, que representavam 17% da população de Lima, do que pelos mestiços.[179] A publicação apresentava suas origens e cultura;[180] o trabalho escravo nas plantações da costa; mencionava que 500 deles eram traficados por ano;[181] que eram caros para seus donos e que teria sido mais barato, segundo os *hacendados*, importá-los pelo Panamá;[182] e indicaram que a organização dos negros estava pautada em dez castas ou tribos. "Se trata de los Terranovas, Mandingas, Cambandas, Carabalíes, Canges, Chalas, Huarochiríes, Congos y Mirangas".[183] Comentaram sobre suas festas, religiosas ou não, e também sobre alimentação,[184] costumes[185] e que trabalhavam em Lima como artesãos, sapateiros, barbeiros[186] e professores de dança.[187] Com isso, entendemos que, ao longo dos 12 tomos, os redatores fizeram um panorama amplo da vida e obra dos negros do Peru, especialmente os de Lima.

No entanto, o panorama não era completo e, às vezes, era até discordante. O *Mercurio* referiu-se aos negros como apegados a vícios e que os bailes africanos eram nada agradáveis: "Sacan un ruido musical, golpeando una quijada de caballo o borrico, descarnada, seca, y con dentadura movible; lo mismo hacen frotando un palo liso con otro entrecortado en la superficie. El instrumento que tiene algún asomo de melodía es el que llaman marímba".[188] O trecho mostra uma visão dos negros como completa e absolutamente inferiores. Consideramos que isso era recorrente no século XVIII em Lima, assim como no Concolorcorvo. Alonso Carrió de Lavandera escreveu, 20 anos antes, algo muito semelhante:

> Las diversiones de los negros bozales son las más bárbaras que se pueden imaginar. Su canto es un aúlio. De ver sólo instrumentos de su música se inferirá lo desagradable de su sonido. La quijada de un asno, bien descarnada,

[179] CLÉMENT, **El *Mercurio*...**, *op. cit.*, p. 160.
[180] *Mercurio Peruano*, VIII, 1793, f. 50.
[181] *Ibidem*, I, 1791, f. 275.
[182] *Ibidem*, VIII, 1793, f. 97.
[183] *Ibidem*, II, 1791, f. 115.
[184] *Ibidem*, VIII, 1793, f. 250.
[185] *Loc. cit.*
[186] *Ibidem*, X, 1794, f. 115.
[187] *Ibidem*, II, 1791, 67.
[188] *Ibidem*, f. 122.

> con su dentadura floja, son las cuerdas de su principal instrumento, que rascan con un hueso de carnero […].[189]

Para os *mercuristas*, os negros eram inferiores: "Por lo demás debemos que em la música, en el baile y en otras muchísimas relaciones dependientes del talento y del gusto, muchísimo más atrazados [*sic*] están los negros en comparación de los indios, que los indios respectivamente a los españoles".[190] Há também situações mais graves, segundo entendiam, sobre o lugar que os negros ocupavam em famílias europeias. Em um artigo metafórico, intitulado "Apólogo histórico sobre la corrupción de las colonias romanas de África", Roma representa Espanha, e as colônias africanas, o Peru.[191] Além disso, o artigo representa as mulheres negras como enganadoras de seus maridos, mães sem tempo para amamentar os filhos e que supostamente deixavam a tarefa a cargo das amas de leite, que assim adquiriam mais poder a cada dia que passava.[192]

Há algo no texto que poderia ser chamado de humano. É certo que não aparecem nele lamentações sobre os castigos aos negros[193] e nem sobre a segregação racial,[194] mas demonstra-se compaixão aos negros que trabalhavam duramente nas plantações e condena-se a escravidão, chegando-se a afirmar que "es inadmisible tratarlos como objetos o animales".[195] Em outras partes, outros pontos de vista são registrados. Há o questionamento: "si es más provechoso al bien del Perú la esclavitud o libertad de los negros".[196] Nesse caso, o interesse não é humanitário, mas econômico. De acordo com a lógica do texto, um escravo seria menos rentável do que um trabalhador assalariado: "Lo cierto es que un esclavo de hacienda en Abancay es más costoso que un indio que gana dos reales diarios".[197] Esse pensamento mostra, como salienta Clément, um obstáculo para a burguesia *criolla*, que, em embora não tivesse tido "gran simpatía por la población negra, está dispuesta a ofrecerle una suerte mejor por razones tanto humanas como económicas".[198]

Enquanto a maioria dos artigos publicados no *Mercurio* buscava demonstrar a grandeza *del País*, *el Perú*, e seu potencial para alcançar o progresso econômico e

---

[189] CARRIÓ DE LA VENDERA, Alonso. **Concolorcorvo, o El lazarillo de ciegos y caminantes**. [1773] 1973, p. 383-384. *apud* CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 161.
[190] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 123.
[191] *Ibidem*, I, 1791, f. 33-36.
[192] *Ibidem*, f. 35.
[193] *Ibidem*, II, 191, f. 115-116.
[194] *Ibidem*, f. 216.
[195] *Ibidem*, f. 113.
[196] *Ibidem*, X, 1794, f. 155.
[197] *Ibid*em XII, 1795, f. 151.
[198] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit*, p. 164.

intelectual, havia, no entanto, um bom número de artigos que retratam negros, "mulatos" e pessoas de outras castas descendentes de africanos como responsáveis pela desordem social e decadência do Peru. Marcelle Melendez acentua que problemas como malformações congênitas, sexualidade desviante, falta de educação e comportamento primitivo foram discutidos no periódico, usando como exemplos esses setores da população. Mulheres e homens negros foram examinados de uma perspectiva moral, social e cultural.[199]

Quanto aos mestiços, "mulatos" e outras castas, os *mercuristas* demonstram pouco interesse. Parecido com o que fizeram com indígenas, ao examinarem os negros, os redatores atribuem defeitos a eles, como delinquência e influência nefasta – no caso dos "mulatos", a seus amos. Por outro lado, admitem que negros têm algumas qualidades, afirmando que os "mulatos" eram fieis e bons artesãos. Segundo Clément, essa dubiedade sobre as "castas" pode ser um sinal do "justo médio", caraterístico do século XVIII. Eles querem dar uma impressão de seriedade científica sobre a sociedade. "Sirve para mostrar su inferioridad con referencia a los redactores, es decir a la raza blanca, la que domina en la colonia."[200]

Em uma carta assinada por Don Francisco de Paula de la Mata Linares, enviada à Sociedad Académica e publicada no *Mercurio*,[201] ele propõe que os índios fossem juridicamente comparados aos *criollos*, ou seja, sem castas. Isso claramente provocava o *status quo* dos *criollos*. Os *mercuristas*, porta-vozes da classe branca, a elite local, contestam. Para eles, a estratificação ajudaria na governança: "así como de la oposición recíproca de los elementos resulta la armonía del universo, así también de la rivalidad de las castas […] resulta el mutuo concurso de todos y cada una en la parte que puede a la felicidad del Estado".[202] Clément argumenta: "el grupo dominante de los criollos no tiene, por consiguiente, ningún interés en modificar el equilibrio del edificio social existente".[203]

---

[199] MELENDEZ, Mariselle. *Patria*, *Criollos* and Blacks: Imagining the nation in the *Mercurio Peruano* 1791-1795. **Colonial Latin American Review**, v. 15, n. 2, p. 207-227. 2006. 7

[200] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit*, p. 165.

[201] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 255-267; 271-280. Ele também era intendente de la Concepción de Chile e irmão do poderoso Benito de La Mata Linares, regente da *Audiencia* de Buenos Aires.

[202] Ibid., f. 261)

[203] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit*, p. 166.

3. *MERCURIO PERUANO* E AS REFORMAS DOS BOURBONS NO SÉCULO XVIII: UM CONTEXTO

3.1 As Reformas Bourbônicas e as mudanças no Vice-Reino do Peru no século XVIII

O *Mercurio Peruano* é resultado das transformações administrativas, econômicas e culturais promovidas pelas Reformas Bourbônicas e da abertura às ideias *ilustradas* – em sua vertente espanhola –, junto às reformas educativas nas universidades, à liberação da imprensa em Lima e de todas as mudanças ocorridas na administração colonial, com a expulsão dos jesuítas, as expedições científicas realizadas com o objetivo de mapear e procurar novos recursos financeiros e os embates que foram gerados entre os peninsulares e os *criollos* em função da perda de *status*. O periódico, no final do século XVIII, ao buscar dar conta da realidade peruana, refletiu todas essas transformações, uma vez que, em suas páginas, apareceram os mais variados temas sobre a administração colonial, propostas de exploração econômica de regiões distantes, aprimoramento da mineração, dados estatísticos e outros acontecimentos históricos ocorridos na segunda metade do século XVIII com os Bourbons.

As Reformas Bourbônicas foram um conjunto de medidas administrativas, políticas e econômicas pensadas e aplicadas em todas as possessões espanholas ao longo de todo o século XVIII. Essas medidas foram as transformações realizadas sob o império espanhol da nova casa dinástica dos Bourbons, que passava a substituir, depois de um longo período de guerra de sucessão, os Habsburgos.

As modernizações realizadas pelos Bourbons passaram pela centralização política que abandonou o modelo anterior de um estado decentralizado dos Habsburgos, que haviam deixado a Espanha em pleno processo de perda de sua hegemonia frente às outras potências imperiais europeias, que já iniciavam um processo de industrialização acelerado. Somam-se a isso todos os prejuízos ocasionados pelo contrabando, além do baixo ingresso fiscal por falta de uma boa administração. Os Bourbons, então, levaram a cabo suas reformas. De forma resumida, elencamos alguns pontos principais.[204]

[204] Esse resumo pode ser encontrado em qualquer manual de História da América. Indicamos um ótimo texto para esse fim: RAMÍREZ, Hernán. As Reformas Bourbônicas (1750-1808). *In*: **História da América**: da Pré-história ao período colonial. Maringá: EDUEM, 2011.

- **Reformas políticas**: que vieram sob a proibição da venda de cargos; criação das intendências, que tinham o objetivo de acabar com a corrupção e centralizar os aspectos administrativos, fiscais e militares e a organização de leis para os territórios; substituição de funcionários (muitos deles *criollos*, no caso da América) por outros formados na Espanha, podando o poder local dos *cabildos*;
- **Reformas militares**: criação de um exército permanente nas regiões mais importantes e a construção de algumas fortificações;
- **Reforma do clero**: a justificativa ancorava-se na tentativa de diminuir o poder e a influência da Igreja no campo político e no da educação, o que culminou na redução de privilégios, na expulsão dos jesuítas e na diminuição do peso da Igreja sobre a educação primária e universitária;
- **Reformas econômicas**: nas quais foi feita a tentativa de liberar o comércio internacional, com a abertura de portos espanhóis e também os da América, que passaram a fazer comércio mediante as companhias comerciais; e liberar também o monopólio da produção e comércio de tabaco, aguardente e pólvora, acompanhado do investimento na mineração e a criação de aduanas para fomentar a arrecadação fiscal e a criação de bancos de créditos;
- **Reformas educativas**: as reformas nesse campo – como já adiantamos nos capítulos precedentes, em que mostramos a criação e o surgimento das *sociedades de amigos del País* na Espanha e na América, que emergiram do contexto das colônias –, foram fundadas escolas de artes e outros ofícios relacionados às *Reales Escuelas y las Academias Militares*, bem como realizadas diversas expedições científicas ao redor do mundo, sobretudo na América do Sul.

Desde meados dos anos 30 do século XVIII, os Bourbons já eram desejavam aplicar reformas na América para convertê-la em uma economia em desenvolvimento na Espanha e de recuperação do poderio imperial frente às outras potências europeias. A América, ao longo de todo o período colonial, foi fonte de matérias-primas e mercado para exportação de produtos manufaturados. A defesa de suas possessões americanas e o desejo de obter maior proveito das possibilidades produtivas coloniais partiriam, como destaca Rodríguez García, da racionalização e da modernização do “comércio que

mantenían con las colonias" e "se convirtieron en las primeras preocupaciones de la Monarquía".[205]

O projeto implicava ampliar o conhecimento sobre os territórios, assim como a formação de novos técnicos e a educação dos *criollos* nos princípios políticos que sustentavam o reformismo, acompanhado de uma mudança de mentalidade e de pautas culturais diferentes. Essas, como outras mudanças,

> […] sería uno de los cambios fundamentales em el desarrollo de la cultura política criolla a lo largo del siglo XVIII: la incorporación de una parte de los criollos al reformismo borbónico convencidos de que éste podía servir al progreso del Perú y de los peruanos y, con ella, la aportación de nuevas ideas a ese proyecto de largo recorrido llamado criollismo.[206]

O deslocamento da cultura política destacado por Rodríguez García aponta para algo historicamente mais complexo: quais foram as alterações administrativas? Como isso influencia a mentalidade *criolla*, refletida nas páginas do *Mercurio Peruano*?

A Coroa Espanhola via-se diante de uma grave crise financeira. Como indica David Brading (1998), o estímulo da mudança foi a guerra com a Grã-Bretanha, a entrada tardia na Guerra dos Sete Anos (1756–1763) e sua imediata derrota. A formação, expansão e manutenção de um exército, bem como uma marinha permanente, passaram a ser objeto de enorme preocupação para a Coroa Espanhola. Para resolver a situação, ela volta-se diretamente para suas colônias americanas, com o intuito de reerguer seu poderio econômico e militar.

Em termos contextuais, as reformas estiveram nas mãos de Felipe V até meados de 1740, seguido por Fernando VI (1746–1759), que de fato iniciou o processo, e depois com Carlos III (1759–1788), momento em que houve uma aceleração e sistematização do processo, e, por fim, com Carlos IV (1788–1808), que não conseguiu dar continuidade às "reformas", tendo um fim dramático de seu reinado que culminou na dissolução do Império nas garras de Napoleão.

Destacamos três fases importantes para entender as Reformas Bourbônicas. A primeira fase esteve efetivamente ligada ao abade Giulio Alberoni, o favorito da Corte, que exercia mais influência sobre Felipe V. Alberoni tentou desfazer as concessões comerciais assinadas no Tratado de Utrecht, em particular as que tinham relação com o comércio das Índias. Suas iniciativas reformistas para as Índias incluíram a transferência

[205] RODRÍGUEZ GARCÍA, Margarita Eva. **Criollismo y patria en la Lima ilustrada (1732-1795)**. Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2006. p. 123.
[206] *Ibidem*, p. 124.

da Casa de Contratação e do Consulado de *Cargadores* de Sevilla para Cádiz e a criação do novo Vice-Reino de Nova Granada, com o estabelecimento de produção de tabaco em Cuba. Alberoni ficou por pouco tempo, sendo substituído por José de Patiño (1726-1736), que deu continuidade ao programa reformista. No cargo de *primer ministro virtual,* Patiño controlava também o *Ministerio de Marina y Indias.* No posto, dedicou-se a restringir o contrabando comercial e reconstruir a força bélica de *la Armada* espanhola. Essa primeira fase, ressaltam Kuethe e Kenneth, teve alguns impedimentos: "las ambiciones dinásticas de la Corona en Europa de nuevo complicaron y a veces impidieron los continuos esfuerzos para modernizar el sistema comercial colonial y deshacer las concesiones otorgadas a poderes extranjeros".[207]

A segunda onda reformista aconteceu a partir de 1737, mesmo momento em que a Coroa Espanhola consegue romper o controle da elite de Sevilla ao completar a transferência do Consulado de Cádiz, processo iniciado em 1717. Sob influência das ideias do pensador político espanhol, um dos mais importantes do século XVIII, José del Campillo y Cossío, as reformas prosseguiram, o que marca também o momento do verdadeiro começo da reforma comercial. Também foi a fase da ampliação de modo substancial das exitosas iniciativas comerciais e eclesiásticas, influenciada diretamente pelos proeminentes ministros de Fernando VI, o marquês de Ensenada e José de Carvajal y Lancáster. Ao finalizar a *Guerra de la Oreja de Jenkins*, que havia começado em 1739, unida à Guerra de Sucessão austríaca de 1740 a 1748, a Espanha voltou-se completamente para a reforma dentro do império, e, como destacado pelo importante pesquisador da era bourbônica na Espanha, John Lynch, o interesse da Espanha "residía no en los campos de batalla europeos sino en el Atlántico y más allá".[208] Com isso, enquanto os ministros de Fernando faziam rodar o programa reformativo doméstico, também levaram a cabo significativas inovações às colônias americanas. Já por volta de 1750, haviam encerrado as vendas de cargos coloniais burocráticos. A reforma eclesiástica mais significativa por parte desses ministros foi a decisão tomada entre 1749 e 1753 de espoliar as ordens religiosas de suas *doctrinas de indios* (paróquias indígenas rurais), obliterando em grande medida sua riqueza e poder. Esse período austero terminou de forma prematura logo depois da morte de Carvajal em 1754. Para completar, junta-se à trama a elite mais reacionária da Corte e seus aliados estrangeiros

[207] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit*., p. 18.
[208] Kuethe e Kenneth fazem um bom levantamento das ideias centrais de John Lynch. KUETHE; KENNETH, *op. cit.*, p. 1713-1796..

para destituir Ensenada de todo o seu poder, e consequentemente enfraquecer o impulso reformista. Fernando VI, depois da morte de sua rainha, Bárbara de Bragança, em 1758 – que, tempos antes, se unia a outros membros da Corte para acabar com Ensenada –, pouco a pouco, foi tomado por uma depressão e, por fim, pela loucura, morrendo em seguida, o que causou a paralisação das reformas.

Por fim, o último e mais importante acontecimento para esta pesquisa foi o impulso reformista que teve seu ímpeto no reinado de Carlos III (1759-1788), conhecida como terceira fase, a mais ambiciosa de todas. Atentemo-nos a esse período para entender um cenário possível para o surgimento do *Mercurio Peruano.*

Segundo David Branding, "se as ambições e a personalidade dos monarcas Bourbons influenciaram sem dúvida a direção da política, não obstante foi a elite ministerial que introduziu o que significou uma revolução administrativa".[209] Esses ministros eram membros da pequena nobreza empobrecida ou plebeus. Os Bourbons, ao usarem do artifício de conferir títulos a seus servidores de confiança, criaram e apoiaram-se numa "nobreza de serviço", fortalecendo, com isso, laços e autoridade sobre servidores.[210] Muitos dos novos ministros vinham da baixa nobreza ou de aspirantes da classe média, tal como Pedro Rodríguez Campomanes e José de Moñino, mais tarde conhecido como conde de Floridablanca, que serviram como fiscais no conselho de Castilla, enquanto José de Gálvez serviu como ministro de Índias.[211]

O Estado absolutista era um instrumento essencial às reformas. Com a autoridade real renovada, a aristocracia foi simplesmente excluída dos conselhos de Estado, e a Igreja foi frontalmente atacada. Gálvez foi o principal responsável pela criação do Vice-Reino de Buenos Aires e pela designação de Juan Antonio de Areche como visitante-geral do Peru. Branding nos chama a atenção ao inserir Gálvez como despótico e ambicioso – suas políticas levaram à "alienação da elite *criolla*".[212]

Nos anos de 1776 e 1777, Gálvez promove uma série de medidas com o intuito de ampliar o número de membros da maioria das Audiências. Isso ocorreu por meio de uma política ousada e decidida de transferência, promoção e afastamento, com o intuito de acabar com o predomínio *criollo*. Seguindo-se os anos 1785 e 1786, com a criação de

---

[209] BRADING, David. A Espanha dos Bourbons e seu império americano. *In*: BETHELL, Leslie. **História da América colonial**. São Paulo: EDUSP, 1998. v. 1, p. 394.

[210] Tanto é que a ilustração europeia teve boa parte das suas principais figuras, servidores públicos completamente envolvidos no governo de seu país. *Ibidem*, p. 395.

[211] KUETH; KENNETH, *op. cit.,* p. 475- 476.

[212] "Gálvez não fazia segredo de seu desdém pelos dons intelectuais dos espanhóis da América [...]. quanto por sua preferência por espanhóis da Península, coma exclusão de candidatos crioulos em todas as esferas e níveis do governo colonial". BRADING, A Espanha..., *op. cit.*, p. 406.

novas Audiências em outras cidades capitais do império hispânico, observa-se a formação de uma verdadeira "burocracia judicial" na sociedade colonial baseada na autonomia formada no recrutamento de membros direto da Península.[213]

A cartada central de Gálvez, provocando uma revolução no governo, foi a introdução de "intendentes", funcionários que incorporavam todas as ambições administrativas e intervencionistas do Estado Bourbon. Em 1782, foram nomeados oito intendentes no Vice-Reino de *la Plata*; dois anos depois, mais oito no Peru; e foram implementadas 12 intendências na Nova Espanha. Em sua maioria esmagadora, espanhóis da Península, os intendentes eram a prova viva da nova força executiva da monarquia.[214] Ao contrário do *corregidor*, o intendente tinha a responsabilidade geral sobre a administração, as finanças, as Forças Armadas e a Justiça. A reforma da intendência, em sua raiz, tinha um grande elemento de descentralização, e isso, conferem Schwartz e Lockhart, "pode ser visto como precedente do federalismo do período pós-independência".[215]

Os ministros de Carlos III pautaram-se em um programa de reformas elaborado no *Nuevo Sistema de Gobierno Económico para America*, de Campillo y Cossio, um manuscrito que circulava desde 1743, tendo sido publicado somente em 1762, como segunda parte da obra de Bernardo Ward, *Proyecto Económico*, obra que, inclusive, continha muitas advertências sobre a riqueza e o poder da Igreja.[216]

Com o intuito de recompilar informações e iniciar as mudanças administrativas, fiscais, militares e comerciais, Carlos III e seus ministros realizaram a terceira fase do processo reformista, enviando visitadores reais para várias partes das Índias. Desde 1750, a Coroa já havia começado a substituir os titulares *criollos* dos cargos mais altos

---

[213] John Fisher faz um balanço resumido nas transformações das posições dos criollos nessas audiências ao relatar que, entre 1730 e 1750, mais da metade (52%) dos 102 novos ministro nomeados nas audiências eram *criollos*: "sin embargo, entre 1751 y 1777, los criollos de toda América apenas si obtuvieron doce de las 102 vacantes que hubo (12%) y, si bien la deliberada política propeninsular se suavizó durante el reinado de Carlos IV, en el periodo 1778-1808 apenas el 30% del total de cargos fue ocupado por los criollos" FISHER, John. **El Perú borbónico, 1750-1824**. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2000. p. 70.

[214] Stuart B. Schwartz e James Lockhart comentam que "no campo da administração civil, a reforma mais notável dos Bourbons foi o surgimento dos intendentes, administradores de províncias com poderes mais amplos que todos os que os antecederam. Mais uma vez, a inspiração veio especificamente da França, onde durante os séculos XVII e XVIII funcionários chamados *intendants* passaram a ser os principais representantes da Coroa nas províncias. SCHWARTZ, Stuart B.; LOCKHART, James. **América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 406.

[215] *Ibidem*, p. 408.

[216] BRADING, A Espanha..., *op. cit.*, p. 402.

por burocratas jovens e tecnicamente melhores treinados, peninsulares e fieis à Coroa. Com Carlos, esse processo caminhou a passos largos[217].

Como salienta Brading, na América hispânica, as reformas foram iniciadas por soldados e funcionários enviados da Espanha, tanto que foi chamada de "Reconquista das Américas".[218] A primeira medida foi o fornecimento de uma força militar adequada, que seria a defesa contra os ataques estrangeiros e levantamentos internos. No findar do século, o recrutamento tinha, em sua maioria esmagadora, americanos nativos, e uma boa parcela dos oficiais, de capitão para baixo, constituída de *criollos*. A distribuição de títulos militares e privilégios legais tinha a importância de estimular a lealdade da elite *criolla.*

A primeira fase da reforma sobre o comando de Carlos III culminou com a ampliação do livre comércio imperial e a expulsão dos jesuítas. Seguindo o exemplo de Portugal, a Coroa Espanhola decretou a expulsão de todos os jesuítas. De acordo com Brading, os jesuítas

> [...] no Paraguai, haviam estabelecido um virtual Estado dentro do Estado, governando 96 mil índios guaranis protegidos por sua própria milícia armada. Em outros lugares como sonora e as províncias amazônicas de Quito, a ordem dirigia uma série de unidades missionárias, igualmente importante, em todas as principais cidades do império os colégios jesuítas educavam a elite crioula.[219]

Atendendo a seus ministros, Carlos III, ao decretar a expulsão da Ordem, provocou um abalo na lealdade de seus súditos na colônia ao mandar para o exílio, na Itália, mais de mil jesuítas americanos, a própria "essência" da elite *criolla.* Uma série de diferentes grupos de interesses, com grande influência na América Hispânica, corriam o risco de perder seu poder quando Carlos, junto a seus ministros, buscou alterar as tradicionais relações políticas, comerciais e sociais. Entre estes, incluíam-se membros do clero conservador da Espanha e das Índias, que se opunham aos esforços *regalistas* de limitar o poder da Igreja. Um desses grupos foi a Sociedade de Jesus –

---

[217] "Los oficiales reales en Madrid también crearon nuevas y más poderosas unidades administrativas en áreas antes periféricas de América del Sur que habían evolucionado en centros de contrabando. Madrid ya había restablecido el Virreinato de Nueva Granada (hoy día Ecuador, Colombia, Panamá y Venezuela) durante el reino de Felipe V, y en 1776, el gobierno de Carios III creó el Virreinato del Río de la Plata (hoy día Argentina, Bolivia, Paraguay y Uruguay)". KUETHE; KENNETH, *op. cit.*, p. 23.

[218] BRADING, A Espanha..., *op. cit.*, 403.

[219] *Ibidem*, p. 404.

destacada por seu pensamento independente.[220] A expulsão dos jesuítas serviu de plataforma para as drásticas reformas políticas, comerciais e sociais durante o reinado de Carlos III.

Outra importante intervenção foi a criação do Vice-Reino do Rio da Prata em 1776, com Buenos Aires como capital (MAPAS 1 e 2).[221] Essa realocação geográfico-administrativa visava a conseguir maior arrecadação com a economia em crescimento, de forma a proporcionar melhor proteção contra as investidas estrangeiras. O rearranjo inverteu completamente o equilíbrio da região, dando prioridade ao porto do Sul.[222] O impacto foi muito eficaz e, segundo Brading, transformou radicalmente a administração civil:

> [...] em 1776, estabeleceu-se um novo Vice-Reino com a capital em Buenos aires, cobrindo uma vasta região agora ocupada por Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia. O resultado foi uma mudança radical no equilíbrio geopolítico do continente [...]. Lima, a antiga capital de todo império na América do Sul, sofreu uma grave perda de prestigio. A inclusão do Alto Peru no novo Vice-Reino, com o propósito de fornecer a Buenos Aires os lucros fiscais de Potosí, preparou o caminho para a divisão política permanente da zona andina.[223]

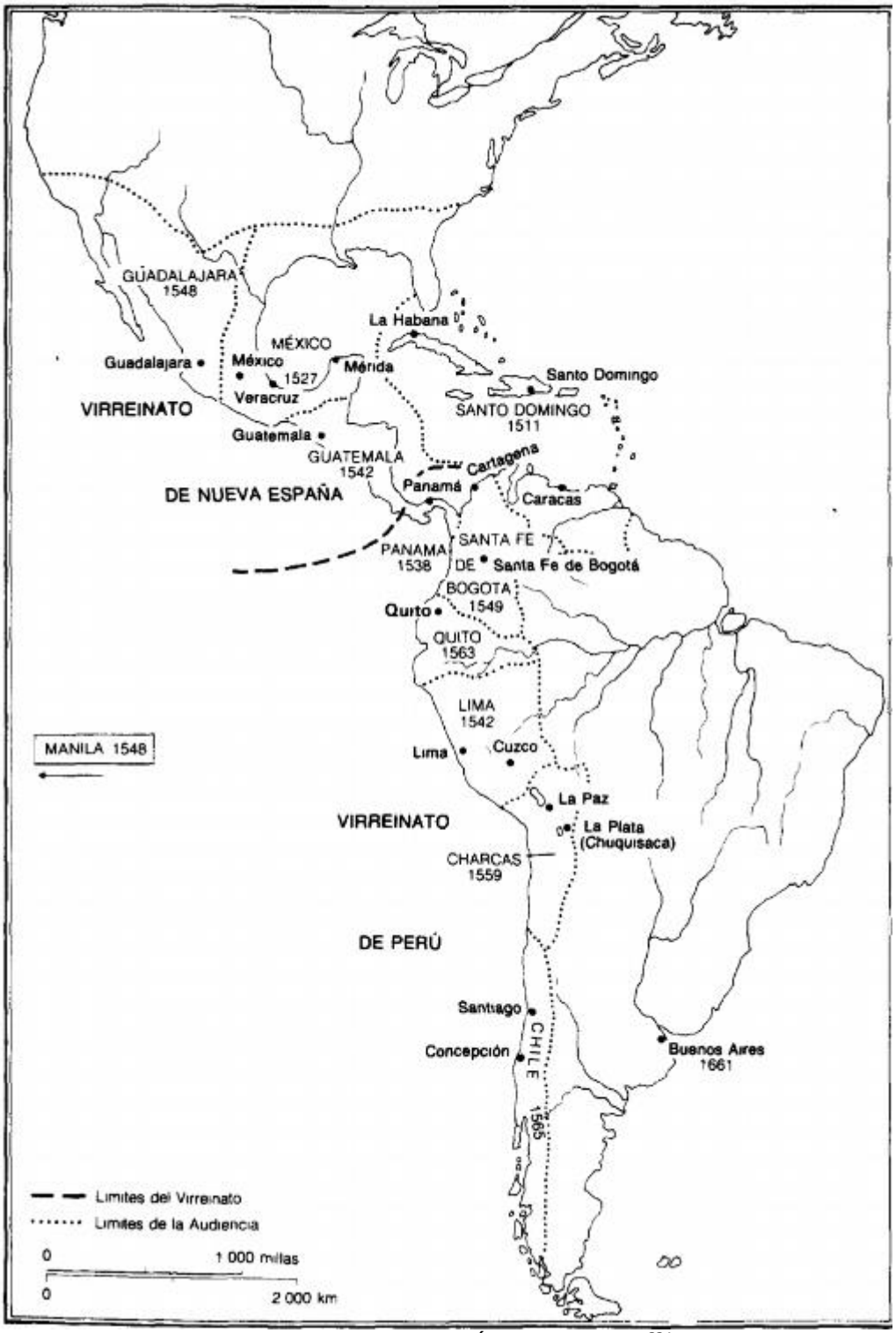
[220] Kuethe e Kenneth comentam que quando revoltas populares contra a Coroa surgiram em Madri em 1766, seguidas por outras convulsões em outras cidades espanholas, os ministros *regalistas* do Rei olharam a ordem jesuíta como "conveniente chivo expiatorio", e Carlos III expulsou a Ordem do Império espanhol em 2 de abril de 1767. KUETHE; KENNETH, *op. cit.*

[221] Um detalhado exame dos fatores que levaram a incorporação do Alto Peru no novo Vice-Reino pode ser estudo em: LYNCH, John. **Administración colonial española**: el sistema de intendencias en el virreinato del Río de la Plata. Buenos Aires: Editorial Universitaria, 1962.

[222] SCHWARTZ; LOCKHART, *op. cit.*, p. 392.

[223] BRADING, A Espanha..., *op. cit.*, p. 406.

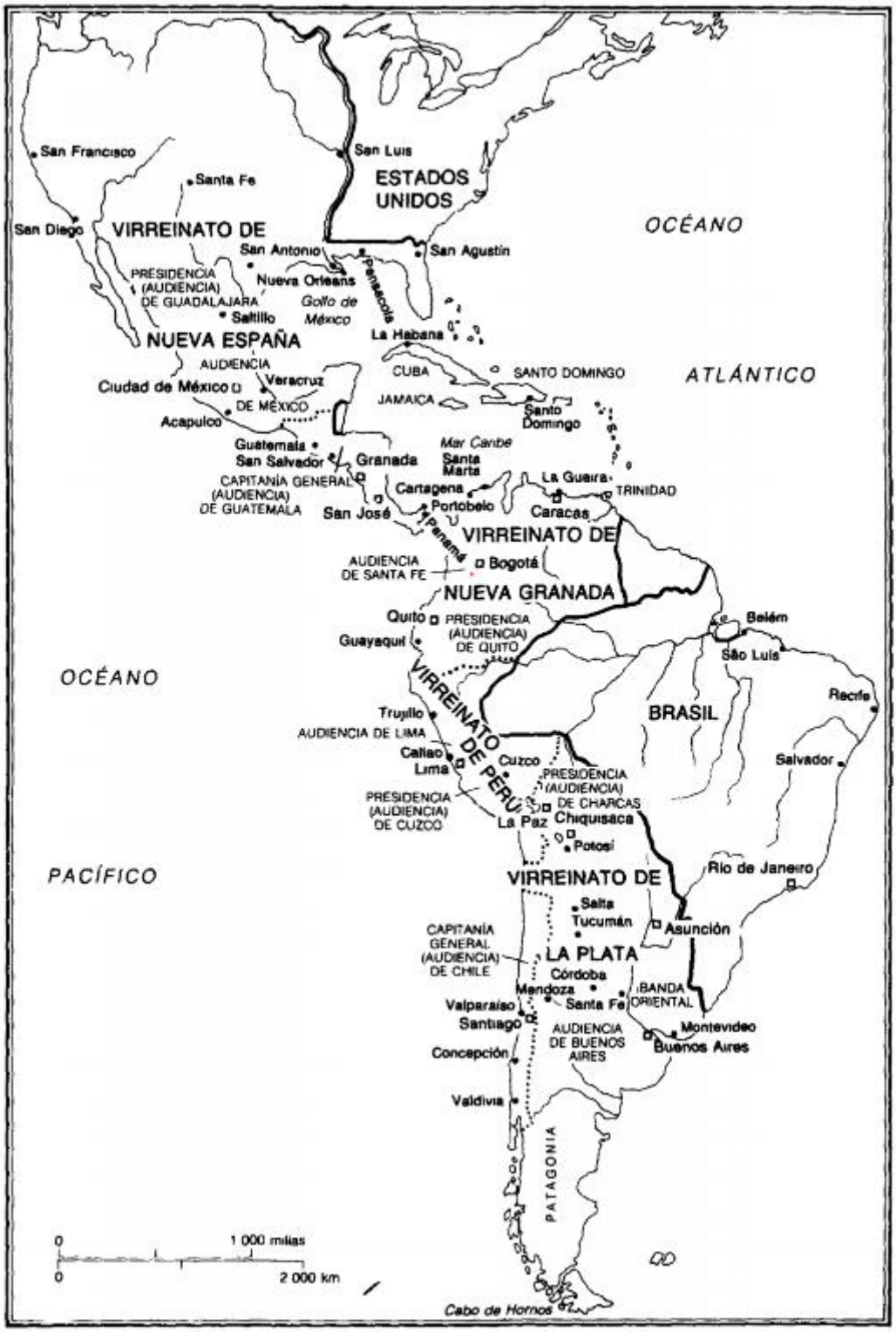
Mapa 1 – Vice-reinos e Audiências da América espanhola, séculos XVI e XVII, antes da criação do Vice-Reino de *La Plata*



Fonte: (MORALES PADRÓN, 1975, p. 391).[224]

[224] MORALES PADRÓN, Francisco. Historia general de América. 2. ed. Madrid, 1975, p. 391. *In:* BETHELL, Leslie (org.). **História de América Latina**. Barcelona: Editorial Crítica, 1990. p. 5.

Mapa 2 – Mapa da América espanhola em 1790 após criação do Vice-Reino de *La Plata* de 1776.



Fonte: (BETHELL, 1990, p. 93).[225]

[225] BETHELL, **História de América Latina**, *op. cit.*

O impacto dessa reorganização fez com que a inclusão das minas de prata do Alto Peru fortalecesse Buenos Aires, gerando descontentamento entre os *criollos* peruanos ao fazer de Buenos Aires o principal ponto de saída de prata de Potosí, dando desequilíbrio econômico para o Vice-Reino do Peru, sentido posteriormente nas lamentações das páginas do *Mercurio Peruano*, em artigo assinado por Jose Rossi y Rubí, datado de 2 de janeiro de 1791:

> Este grande imperio, cuya fundación por los Incas queda envuelta em las tinieblas de un conjunto de fabulas y de una tradición incierta, ha perdido mucho de su grandeza local desde el tempo em que se le desmembraron por la parte de N. las Provincias que forman el Reyno de Quito, y sucesivamente las que al E. constituyen el Virreynato de Buenos-Ayres.[226]

Se no *Mercurio Peruano*, essa situação teve impacto para o Vice-Reino, outra intervenção, entendida aqui como positiva, foi a criação de um sistema de correio. A Coroa estabeleceu um eficaz serviço real de correio, melhorando e regularizando muito a comunicação. Um viajante que passou por Lima nessa época, Juan Enrique de Graf, comentou em seu *Discurso mercuriales económico-político* que o correio havia "cultivado y perfeccionado la amistad entre muchos miembros y la Sociedad Civil que antes ignoraba toda correspondencia y trato".[227] Outra destacada e mais tradicional fonte de informações fornecidas pelos ministros foram os memoriais e as petições de indivíduos e corporações. Cada súdito do império tinha o direito de apresentar solicitações, expressar opiniões, manifestar queixas e sugerir mudanças especificas na política. Essas petições, como os memoriais, podiam representar uma visão da opinião pública das províncias. *Las noticias secretas*, de Jorge Juan y António de Ulloa, por exemplo, foi um dos muitos documentos que circularam nos meios governamentais de Madri.

Uma das principais preocupações da elite administrativa que operava sobre as ordens dos Bourbons era o problema do progresso econômico. Para isso, foi feita a promoção da ciência e do conhecimento útil como os censos. O governo lançou um censo nacional que compilou uma enorme quantidade de dados estatísticos que abordavam todos os aspectos da vida econômica do país. A realização desses levantamentos era uma obsessão de todos os governos iluministas. Durante a época dos intendentes, foi feita a contagem realmente sistemática do total da população. Presentes

---

[226] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 2.

[227] ENRIQUE DE GRAF *apud* ALVAREZ DE MIRANDA, Pedro. **Palabras e ideas***:* el léxico de la Ilustración temprana en España (1680-1760). Madrid, 1992, p. 358.

em muitos números do *Mercurio Peruano*, os censos exemplificados em dados estatísticos e tabelas demográficas também foram parte da obsessão dos *mercuristas*. (IMAGEM 6)

Outra expectativa de cunho utilitarista dos Bourbons operou sobre a promoção de expedições cientificas na América ao longo do século XVIII. Em um contexto mais amplo, as atividades culturais e científicas desenvolvidas na Europa, como parte das influências da *ilustración*, deram-se entre os círculos intelectuais europeus oitocentistas sedentos por conhecer a História, os recursos naturais e a população da América do Sul, importante para formação de uma consciência científica regional. Curiosidade estimulada pelos Bourbons, que permitiram numerosos viajantes científicos e os "viajantes filósofos", como conceitua Cañizares-Esguerra,[228] de visitar o continente americano. Obras como

> […] la relación que Amédée Frézier hiciera en 1716 de sus exploraciones por las costas de Chile y del Perú entre 1712 y 1714, o como el informe de los viajes científicos realizados entre 1735 y 1744 en la América del Sur por Jorge Juan y Antonio de Ulloa, fueron las que abrieron los ojos de los pensadores ilustrados de la Europa del siglo XVIII, haciéndoles ver la necesidad de incorporar a su visión del mundo un corpus creciente de información sobre las sociedades no europeas.[229]

A organização e envio de expedições aos domínios americanos, além de ser uma consequência direta das políticas científicas ilustradas dos Bourbons, foi resultado de uma série de fatores políticos e econômicos, como a delimitação de fronteiras e controle da expansão de outras potências imperiais; expansão do comércio; a contenção do contrabando; e a exploração de novos recursos naturais, demográficos e cartográficos.[230]

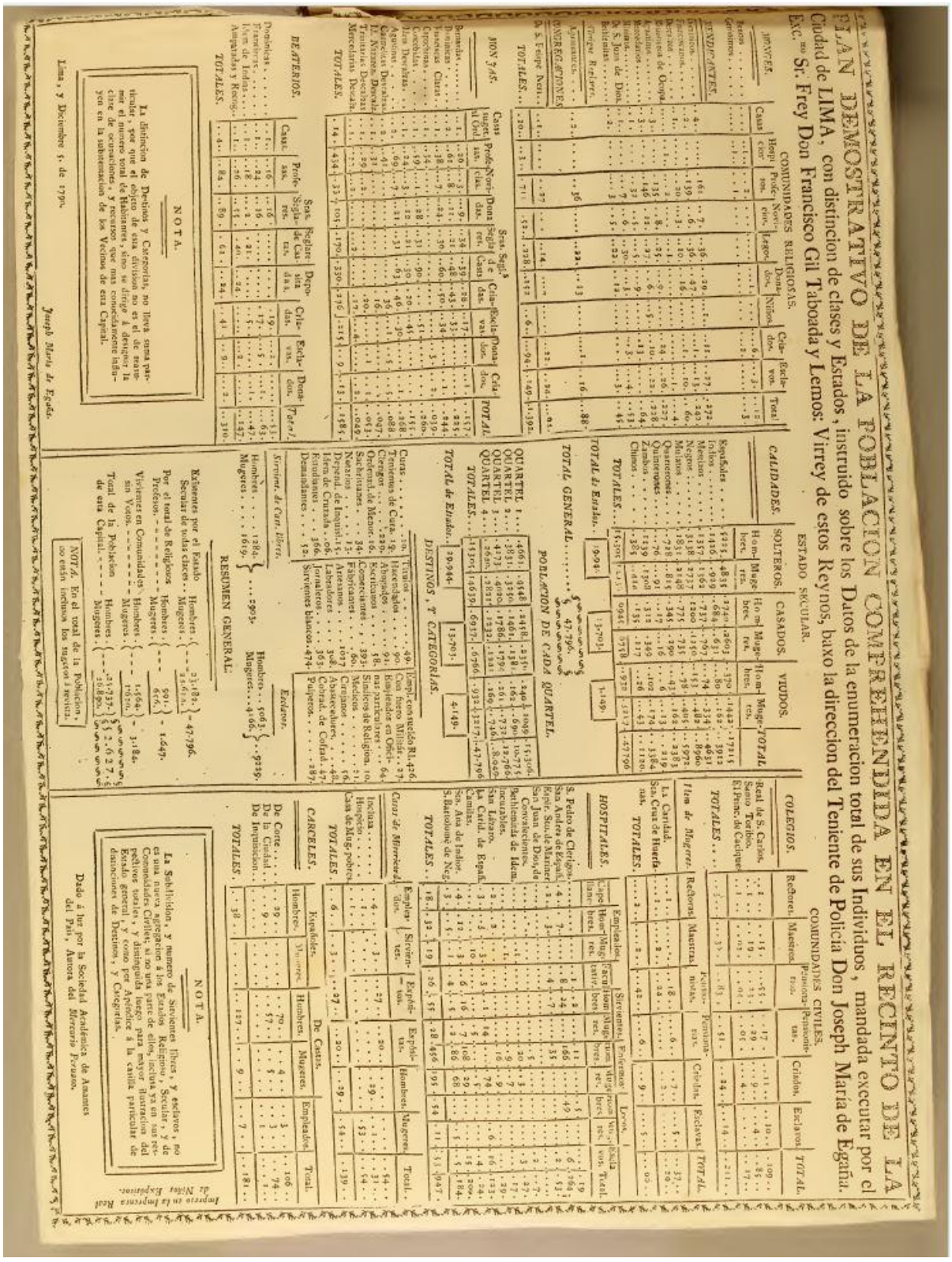
---

[228] Cañizares-Esguerra conceitua "viajante filósofo", como um "novo e peculiar gênero de compilações de relatos de viagem que denominei filosófico". "Essa nova crítica, as fontes tradicionais", diz o autor, levou à busca de novas formas de evidência, "a escrita de histórias conjeturais", filosóficas, da terra e dos povos da América. CAÑIZARES-ESGUERRA, **Como escrever**..., op. cit., p. 22.

[229] FISHER, *op. cit.*, p. 35

[230] PUIG-SAMPER, Miguel Ángel. Las expediciones científicas españolas en el siglo XVIII. **Canelobre**: Revista del Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, Csic., Madrid, España, n. 57, p. 20-41, 2011. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4098632. Acesso em: 4 dez. 2020.

Imagem 4 – O *Mercurio Peruano* publica na íntegra o censo realizado por Gil Taboda y Lemos



PLAN DEMOSTRATIVO DE LA POBLACION COMPREHENDIDA EN EL RECINTO DE LA Ciudad de LIMA, con distincion de clases y Estados, instruido sobre los Datos de la enumeracion total de sus Individuos, mandada executar por el Exc.mo Sr. Frey Don Francisco Gil Taboada y Lemos: Virrey de estos Reynos, baxo la direccion del Teniente de Policia Don Joseph Maria de Egaña.

ESTADO SECULAR.

COMUNIDADES RELIGIOSAS.

COMUNIDADES CIVILES.

COLEGIOS.

CALIDADES.

SOLTEROS.

CASADOS.

VIUDOS.

TOTAL.

HOSPITALES.

CARCELES.

DESTINOS, Y CATEGORIAS.

RESUMEN GENERAL:

Dado á luz por la Sociedad Académica de Amantes del Pais, Autora del *Mercurio Peruano*.

Fonte: *Mercurio Peruano*, I, 1791.

Juan Pimentel, em sua tese de doutorado e em outros livros de sua autoria, faz um balanço bastante instigante e crítico, em que problematiza as expedições científicas que aconteceram no período Bourbônico.[231] Antes, segundo o autor, esse tema já havia sido tratado exaustivamente, e não há um denominador comum para enquadrar o termo "expedições científicas" enquanto conceito. No entanto, algumas referências da historiografia, como José Luis Peset e Antonio Lafuante, em uma compilação sobre Carlos III e na ilustração no texto *Las actividades e instituciones científicas em Las España Ilustrada*, argumentam que as expedições foram organizadas em função de três pontos: cartografia, botânica e mineração.[232] Segundo o levantamento de Angel Guirao, em seus estudos sobre o tema, houve o número de 63 viagens espanholas com essa determinação ao longo do século XVIII. Outros autores dessa escola espanhola de historiadores, como Francisco Solano, também Guirao e Manuel Lucena Salmoral, entre outros, estudaram por diferentes métodos a relação inseparável entre expedições e Estado. Esses estudos apontam que a principal disciplina científica dessa área foi chamada "geografia de destino".[233]

Essa forma de pensar as expedições científicas sustenta um fato, como argumenta Pimentel, por sua dimensão geoestratégica internacional, no qual estão inseridas completamente as ambições espanholas para manter e rentabilizar suas possessões ultramarinas, proporcionadas por uma série de avanços científicos. A América, então, é vista com o objetivo de estudar seus recursos naturais, racionalizá-los e rentabilizá-los para sua efetiva exploração, em que três áreas dominantes se destacam: "geografía-cartografía, historia natural-botánica y minería-metalurgia"[234]. Nessa elaboração, Pimentel sugere pensar o que essas áreas pressupõe, a partir de cinco aspectos: a primeira dessas disciplinas corresponde às chamadas "comissões hidrográficas", também relacionadas à cartografia e astronomia. Foi esse o caso da expedição geodésica hispano-francesa de Charles M. de La Condamine, Juan y Ulloa e Quito para medir o grau do meridiano entre 1736 e 1744.[235]

---

[231] PIMENTEL, Juan. **Ciencia y política en el pensamiento colonial de Alejandro Malaspina** (1754-1794). Orientador: José Luis Peset Reig. 2002. (Tesis doctoral en Historia). Facultad de Geografía E Historia Departamento De Historia Contemporánea, Universidad Complutense de Madrid, 2002.

[232] Ver em PIMENTEL, *op. cit.*, p. 182.

[233] *Loc. cit.*

[234] *Ibidem*, p. 183.

[235] Junta-se a essa operação as de Iturriaga al Orinoco (1754-1761) para determinar "los límites con el Brasil portugués, y las sucesivas de Lángara a Filipinas por el Cabo de Buena Esperanza (1765, 1772 y 774), verdaderos hitos desde el punto de vista de las rutas oceánicas y la astronomía náutica". *Ibidem*, p. 184.

O segundo aporte se deu sobre a botânica, que foi uma das explorações mais interessantes no bojo das investigações científicas na América. Dada as intenções de explorar e comercializar as diversas fontes naturais, bem como a possibilidade de identificar novas espécies, assuntos motivados pelo próprio desenvolvimento da disciplina na Europa ilustrada. Tendo nas décadas finais do XVIII expedições específicas com esse fim, como as de Ruiz y Pavon ao Peru (1777–1788), a de Mutis a Nova Granada (1783–1816), Sessé y Mociño a Nova Espanha (1787–1803) e Cuéllar a Filipinas (1785–1801).

O terceiro aparato expedicionário foi a mineração, que ficou mais claro a partir de 1786, com o novo procedimento de amalgamação de Born e tentar resolver os problemas antigos do esgotamento do mercúrio. Essas expedições ficaram a cargo dos especialistas alemães Nordenflycht, Weber, Helms (Alto Peru e Potosí) e Sonneschmidt y Linder (Nova Espanha).

Em quarto lugar – evidentemente – foi o quanto essas expedições contribuíram decisivamente para difusão da ciência europeia na América: o território do nosso continente "se convirtió en un laboratorio donde los científicos intentaban resolver polémicas metropolitanas (la figura de la tierra) os enigmas geográficos (el Paso del Noroeste)".[236]

Por último, tudo isso guarda relação com a quinta característica desse ciclo explorador, nas palavras de Pimentel, "el medio americano". Na América, houve transformações, reorientações dos interesses metropolitanos, produzindo resultados distintos dos previstos – o que, da Espanha, veio como um projeto colonial, acabou por se converter, em alguns casos, em fonte de inspiração para o desenvolvimento de tradições cientificas americanas, um tema a ser tratado com mais acuidade nas nossas conclusões.

Por fim, recordamos que as Reformas Bourbônicas provocaram uma série de resistências, com violentos e sangrentos levantamentos.[237] Não pretendemos expandir esse tema, mas, em suma, durante os últimos anos do reinado de Carlos, diversos grupos na América hispânica se opuseram energicamente às reformas, chegando, inclusive a

[236] PIMENTEL, *op. cit.*, p. 188.

[237] Um estudo bem localizado realizado por Scarlett O'Phelan Godoy apresenta um levantamento das diversas revoltas ocorridas ao longo do século XVIII no Peru. O'PHELAN GODOY, Scarlett. **Un siglo de rebeliones anticoloniales**: Perú y Bolivia, 1700 -1783. Lima: IEP, 2012.

insurreições armadas contra o Estado bourbônico.[238] A divisão do Alto Peru do Vice-Reino peruano havia transformado os padrões regionais do comércio e causado um deslocamento econômico da região, que veio a piorar com o aumento dos impostos, resultando em descontentamentos locais com as novas normas da Coroa. A primeira fase de resistência contra as reformas começou desfavorável, com uma série de protestos locais por parte do povo Aymara sob a liderança de Tomás Katari. Simultaneamente, ainda mais séria e violenta, houve a insurreição mais ameaçadora do poder espanhol ao sudeste de Cuzco, dirigida por José Gabriel Condorcanqui, que havia assumido o nome de Túpac Amaru II em memória do líder inca executado em 1572. *Las Reformas* haviam provocado privações econômicas e elevado os impostos; junto a isso, a corrupção política local, materializada na taxação de altos tributos, havia causado hostilidade contra o regime espanhol. Depois que Túpac Amaru e suas tropas executaram o corrupto corregidor local, Antonio de Arriag, uma rebelião generalizada emergiu e incendiou a região de Cusco. A rebelião foi sufocada posteriormente pelo exército dos Bourbons.

Para avaliar o contexto das Reformas Bourbônicas e suas implicações na conjuntura do surgimento do *Mercurio Peruan*o, resta mencionar as reformas no ensino e nas universidades – o que permite ter a compreensão de que a ilustração provocou uma mudança no entendimento do que vem ser o conhecimento em Lima.

3.2 Reformas no ensino e nas universidades sob o governo de Vice-Rei Amat. (1762–1774)

Na segunda metade do século XVIII, novas instituições de ensino superior foram criadas na península espanhola. Processo parecido ocorreu também na América. Logo da expulsão dos jesuítas a Coroa criou, no que havia sido seus antigos colégios, novas instituições em que se ensinavam a ciência a grupos privilegiados[239]. Como exposto na

[238] O aumento constante da mestiçagem e os levantamentos indígenas ao longo do século XVIII no Vice-Reino peruano fortaleceram os objetivos bourbônicos em que "Colonización, hispanización y civilización estuvieron estrechamente unidas en la mente de los reformistas del Virreinato" RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 140.

[239] As reformas promovidas pelo vice-rei Amat passaram ao Peru uma nova cultura política, acompanhada do despotismo ilustrado dos Bourbons, de igual forma provocando uma disputa entre os modernos e os antigos, "entre partidarios y detractores de las innovaciones. Frente a quienes se opusieron a las reformas, se perfilo un sector de la élite criolla que además de prestar su apoyo al reformismo borbónico incorporaría en sus declaraciones y manifestaciones públicas un nuevo lenguaje cuyas consecuencias políticas aún no se preveían". *Ibidem*, p. 167.

Real Ordem de 20 de fevereiro de 1769, Amat proibiu o ensino na cátedra de teologia de San Marcos das doutrinas probabilísticas como eram feitas pelos jesuítas.[240] Logo em seguida a essa medida, os antigos colégios jesuítas foram substituídos por uma nova instituição de caráter regalista para a educação dos *criollos:* o Convictorio Carolino.

O *Drama de dos palanganas Veterano y Bisoño, tenido en las gradas de la catedral,*[241] de julho de 1776, atribuído a Antonio Ruiz Cano e Marqués de Soto Florido, reflete a oposição que o governo de Amat encontrou ao tentar implantar *las reformas* e o balanço final que obteve seu governo de uma parte da sociedade *criolla* peruana. O objeto principal de crítica no *Drama* foi em todo momento a atuação do vice-rei Amat. Esse documento permite-nos aproximar das críticas políticas e ideológicas sobre o governo de Amat, a partir do relato de três episódios, *la reforma de la Universidad, el Concilio Limense y la creación de las milicias*. O autor expressou o embate entre o Amat e alguns *criollos*. Rodríguez García aponta que, no decorrer do *Drama*, os personagens repetidamente se identificam com os novos sujeitos políticos do reformismo bourbônico. No entanto, o tom do escrito é de ironia e comédia, o que dá margem para duvidar de muitas dessas manifestações. A pesquisadora argumenta que

> […] de hecho, los supuestos más profundos que envuelven a la obra responden a una cultura política diferente a la que los reformistas pretendían instaurar en ese momento en el Virreinato. Pero la aparente aceptación de los principios políticos del regalismo borbónico, por parte de Veterano y Bisoño, protagonistas de la obra, dejaba el Drama a salvo, ante posibles acusaciones de rebeldía y oposición a las directrices que emanaban de la Corona.[242]

Amat, desde 1762, percebe o quadro atrasado dos estudos na Universidade de San Marcos. Com a expulsão dos jesuítas, ele vê a possibilidade de uma renovação educativa. Efetivamente, o vice-rei recebeu perante a *Real Cédula*, de 14 de janeiro de 1768, e a *Real Orden*, de 25 de outubro do mesmo ano, instruções para empreender a reforma das instituições educativas. A partir dessas ordens, decorre a criação do *Convictorio de San Carlos*. Conjuntamente, ele elaborou, em 1771, um novo plano de estudos para a Universidade que modificava "tanto las constituciones que afectaban al gobierno y administración de San Marcos, como el contenido de las materias impartidas en las aulas".[243] Entretanto, um setor universitário impediu que o plano fosse posto em

[240] Cabe salientar também o papel dos jesuítas a respeito do conhecimento cientifico visto que em suas bibliotecas constavam a existência de obras de Newton, Descartes, Leibniz, bacon y Galileo.
[241] Citado em RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*
[242] *Ibidem*, p. 150.
[243] *Ibidem*, p. 152.

prática. O peso da ciência tradicional impediu uma difusão mais ampla de *las luces* até as últimas décadas do século.

Entre os objetivos de Amat, seguindo as instruções da Coroa, esteve a reforma da educação universitária a partir dos princípios ilustrados seguindo um processo semelhante ao que estava acontecendo nas universidades peninsulares: "critica a la enseñanza escolástica, mayor atención a las materias de aplicación práctica como la física experimental o las matemáticas, y reforma de la enseñanza de la medicina con mayor atención a la anatomía y a la cirugía".[244]

Em razão do enfrentamento com a Inglaterra, as primeiras medidas introduzidas na Universidade eram relacionadas a objetivos defensivos, no sentido de impulsionar o ensino de matemáticas em San Marcos para futuros militares. A partir do decreto de 21 de fevereiro de 1766, cadetes que iam às zonas de defesa da capital se matriculavam na Universidade para estudar matemáticas e assim poderem obter seus soldos completos, seguindo os modelos das Academias de Barcelona, Cádiz, Ceuta ou Santiago de Chile.

Com a expulsão da Companhia de Jesus, Amat seguiu as orientações da *Junta de Aplicaciones*, constituída em 1769 para decidir o que seria feito com os colégios e as casas dos jesuítas. Ele "decidió por una parte la creación del Convictorio de San Carlos" e, por outra parte, elaborou, em 1771, um novo plano de estudos para a Universidade "que modificaba tanto las constituciones que afectaban al gobierno y administración de San Marcos como el contenido de las Materias impartidas en las aulas".[245] Junto a essa mudança, concedeu à universidade a importante biblioteca e o laboratório de ciências físicas que faziam parte das propriedades intelectuais que os jesuítas tinham no *Colégio de San Pablo.*

Rodríguez Garcia ressalta que

> La prudencia del gobernante se reflejó en la timidez con que el nuevo Plan de Estudios para San Marcos introducía la ciencia moderna en la Universidad, renunciado, por ejemplo, a la incorporación de las enseñanzas de Newton. Sin embargo, aspectos como la prescripción de la física de Cartier en lugar de la de Aristóteles implicaban ya un ataque a la enseñanza escolástica, hegemónica en la Universidad de la época, y encontraría rápidamente oposición.[246]

[244] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 178.
[245] *Loc. cit.*
[246] *Ibidem*, p. 187.

As matemáticas incorporavam-se aos currículos dos estudantes para que eles fizessem dois cursos e obtivessem o título em artes, o que exigia a implementação de um maior empirismo e a experimentação em todos os estudos. *El plan* seguido por Amat continha também outros aspectos em acordo com os interesses dos Bourbons, como a incorporação do *Derecho Natural y de Gentes* e a introdução do *Derecho Patrio*; juntas, essas matérias ajudavam a estabelecer os objetivos da Coroa.

O caso do Convictorio Carolino reflete os planos de Amat. Pensado primeiramente para servir de residência aos estudantes de San Marcos para repassar aos alunos os ensinos realizados na Universidade, o *Convictorio* acabou convertendo-se em um verdadeiro lugar *del Plan de Amat,* perante a impossibilidade de aplicá-lo na Universidade – e também o principal centro de difusão do pensamento ilustrado junto a redação do *Mercurio Peruano.*[247]

Por meio do livro de claustros da Universidad de San Marcos de Lima, em meados da década de 1780, quando inovações educativas passaram a ser discutidas, é possível ligar esse panorama ao do intelectual limenho e entrar em contato com alguns dos motivos que impediram a aplicação do *plan* de Amat em San Marcos e "intuir las tensiones políticas latentes y la incipiente aparición de partidos que se fueron dibujando en el Virreinato".[248] A análise dessa documentação permite entender a discussão entre os defensores e detratores das novidades no Peru. Um dos informes sobre o estado da Universidade, em 1781, foi o de Ignacio de Alvarado y Perales, reitor de San Marcos, cujo ponto principal não era o fracasso do plano de Amat, mas a falta de recursos econômicos que impossibilitara sua implantação. No entanto, deixava-se claro o mal-estar provocado pela forma como Amat havia introduzido as reformas sem consultar o claustro, o conselho dos professores universitários. Um dos exemplos é o discurso do reitor da Universidade, Alvarado y Perales, em que ele defendia a jurisdição universitária.[249] Ao mesmo tempo que a oposição realizada por um grupo de alunos do Convictorio Carolino, que disputavam a cátedra de artes, confirmava a relutância de Alvarado y Perales de ceder às reformas empreendidas por ilustrados como Baquíjano y

---

[247] ESPINOZA RUIZ, Antonio Grover. La reforma de la educación superior en Lima: el caso del Real Convictorio de San Carlos. *In*: O'PHELAN GODOY, Scarlett. (comp.). **El Perú en el siglo XVIII**: la Era Borbónica. Lima, 1999. p. 222.

[248] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 189.

[249] "Informe del rector Alvarado y Perales al virrey Jáuregui", **Colección Documental del Sesquicentenario de la Independencia del Perú**, tomo XIX, libro XIV de Claustros, Vol. I. Lima 1971m p 17-41 *apud* RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 190.

Carrillo, Toribio Rodríguez de Mendoza e Ambrosio Cerdán de Landa – todos eles – participaram posteriormente da elaboração do *Mercurio Peruano.*

Um dos principais editores do *Mercurio Peruano*, José Baquíjano y Carrillo liderou no claustro da Universidade o grupo de adeptos das reformas. Diferentemente do reitor, em seu discurso de 1781, Baquíjano solicitava ao vice-rei Jáuregui:

> Carlos, a quien una pluma honor (referencia a Feijoo) del siglo y la nación previene se depuren en la enseñanza las preocupaciones de los partidos, las extravagancias de las sectas, y los envejecidos absurdos de la escuela, ordena que olvidando el servil respecto que de edad en edad se ha transmitido para esos antiguos dioses de la filosofía y la moral, sólo se atienda al clamor de la razón y la evidencia. Pero fatales circunstancias embarazan sus justos designios: solo producen el frío d invierno de la inacción. Ese enjambre de industriosas abejas, que, a la sombra y abrigo de estos claustros, fabrican con celo el panal de la doctrina, se dispersan y ahuyentan: caen en un profundo letargo, pues la escarcha y granizo del abandono ha resfriado la emulación de los espíritus. Muda en su soledad, gimiendo en el silencio, apresuraba por sus votos la Academia la restauración de su gloria. Un gobernador, cuyo nombre ha esculpido la América en los anales de la virtud proyecta y principia esa importante obra, Pero a V.E.: ser reserva precipitar las tinieblas en el caos, y hacer revivir la primavera.[250]

O embate entre os apoiadores da reforma e os contrários a elas ficou elucidado nas eleições para reitor em 1783. Baquíjano, encabeçando um memorial assinado por 45 doutores, conseguiu impedir que o Vice-rei Jáuregui postergasse o cargo de Alvarado por mais um ano como reitor de San Marcos, convocando novas eleições. Baquíjano avisou ao Vice-rei que a alta hierarquia eclesiástica pressionava determinados membros do claustro para promover a candidatura de Joseph Miguel Villata e impedir sua chegada à reitoria. Mesmo assim, Baquíjano perdeu a eleição por poucos votos.

Baquíjano, em discurso marcadamente *regalista*, acusou o novo reitor de oferecer cátedras a seus partidários e permitir a alguns do claustro atitudes de desacato com a autoridade do Vice-rei,

> [...] formándose um cuerpo independiente, y libre sin jefe a quien sujetarse proyecto de rebelión que tranquilamente dejo pasar el Dor. Villalta y los demás empleados de la Escuela o por una culpable y estudiada confederación, o por una criminal ignorancia de la veneración debida a quien representa como VE tan al vivo la imagen del soberano.[251]

---

[250] BAQUÍJANO Y CARRILLO, José. "Elogio a Jáuregui", **Colección Documental del Sesquicentenario de la Independencia del Perú**, tomo I. Los Ideólogos, Vol. III. Lima: Valcárcel, 1976, p. 92 *apud* RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 191.

[251] "Representación de José Baquíjano y Carrillo al Virrey Jáuregui remitido con un oficio del Virrey (16-1-1784)", **Colección Documental del Sesquicentenario de la Independencia del Perú**, tomo XIX, Libro XIV de Claustros, Vol. Valcárcel, 1971, p. 92 a*pud* RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 195.

A atitude da Coroa em relação às inovações científicas, a partir de 1784, mostrar-se-ia eclética, passando despercebido, em alguns casos, o ensino filosófico e atitudes excessivamente críticas no seio da Universidade. Por essas e outras razões, Baquíjano caiu em desgraça perante a administração colonial, tanto que a Coroa ficou escandalizada ao saber que as obras de Marmotel, Montesquieu, Linguet, Raynal ou Maquiavel, citadas por Baquíjano em seu discurso, circulavam livremente no vice-reinado – e ordenou, então, a retirada tanto do discurso de Baquíjano, *Elogio*, como de todas as obras proibidas pelo Tribunal de Inquisição e do Estado.

A nomeação por parte da Coroa de Joseph Rezabal y Ugarte, em 3 de novembro de 1784, como diretor de estudos de San Marcos, dá a entender a vontade da Coroa de tomar conta do rumo das reformas universitárias, agradando ao reitor Villalta, que se manifestou em um informe: "una providencia nueva, no contenida en las Constituciones, que parecía rebajar las facultades que correspondían al rector para la absoluta dirección y gobierno de los estudios".[252]

O fracasso do Vice-rei Amat no plano de reformas na universidade de San Marcos demonstrou o peso dos setores mais conservadores. Um destaque foi o ensino de filosofia e medicina, em que surgiram os maiores enfrentamentos, e não foi em vão, pois deviam ser os receptores de novos modos de ensinar física e as matemáticas. Rezabal y Ugarte, com oposição escamoteada contra os novos conhecimentos científicos, defendia a utilidade da matriz aristotélica para o estudo da filosofia, com uma recusa aos comentários árabes na obra de Aristóteles, em especial de Averróis. "Transfería después a los autores 'modernos' las mismas acusaciones que éstos habitualmente lanzaban a la enseñanza escolástica: la de mantener saberes oscuros e indescifrables y haberse organizado en sectas y partidos que se enfrentaban en controversias interminables sobre 'la nada'".[253] De acordo com Rodríguez García,

> No hay que olvidar que hasta entonces la física estudiada en la facultad de Artes o Filosofía había sido entendida por los teólogos como un conjunto de saberes necesarios para la teología que se estudiaría posteriormente y por tanto no podía contradecirla, a riesgo de poner en duda el orden divino. los teólogos escolásticos avisaron del peligro que conllevaba la introducción de la física experimental y una concepción empírica del saber que abandonaba las certezas a cambio de meras probabilidades.[254]

[252] "Real Ordem sobre el Elogio Y Libros prohibidos", **Colección Documental del Sesquicentenario de la Independencia del Perú**, tomo I. Los Ideólogos, Vol. III. Lima: Valcárcel, 1976, p. 253-255 *apud* RODRÍGUEZ GARCIA, *op. cit.*, p. 194.
[253] *Ibidem*, p. 195.
[254] *Ibidem*, p. 199.

A postura da Coroa não foi totalmente a favor da escolástica, visto que a desejada recuperação do poderio espanhol no âmbito internacional implicava necessariamente ter conhecimentos técnicos para suas reformas militares, econômicas e administrativas. Mesmo assim, no campo da teologia, os Bourbons estiveram ligados ao ensino da história escolástica, pois viam na crítica histórica um meio de "invalidar competencias que la curia vaticana a lo largo del tempo se había arrogado em España o para suprimir privilegios eclesiásticos inventados, y así, ampliar el campo de intervención de la Corona".[255]

A aplicação da "matematização do universo", pela óptica da concepção newtoniana, resultaria em algo mais perigoso que a simples aplicação de cálculos matemáticos: "la Concepción del universo como una enorme maquinara que funcionaba a la perfección podía llevar a ensalzar la grandeza de Dios o a prescindir de él".[256] Assim como o *Derecho natural y de Gentes* podia conceber uma sociedade sem a intervenção da providência divina para organizar seu governo político e daria harmonia entre os membros da mesma, "atendiendo exclusivamente a los dictados de la razón", decorreu, com isso, a eliminação do estudo dessa matéria no Convictorio.

Foi dentro desse ambiente de reformas e discussões acadêmicas, criando-se intelectualmente, que os jovens *criollos* peruanos posteriormente fundariam o *Mercurio Peruano*, influenciados por esses debates.

[255] SANCHEZ-BLANCO, Francisco. **La mentalidad ilustrada**. Madrid: Tauros Pensamientos, 1999. p. 85.
[256] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**…, *op. cit.*, p. 196.

3.3 Lima na segunda metade do século XVIII

O Vice-Reino do Peru colonial, no final do século XVIII, estava estruturado em uma sociedade essencialmente hierarquizada: uma pirâmide ocupada por uma pequena elite dominante em seu vértice superior, uma quase inexistente "classe intermediária" e sua base ancorada em classes de campesinos, servos e escravos. Essa típica divisão do Antigo Regime servia de suporte a um sistema corrupto e violento.[257]

No período bourbônico, houve um progressivo crescimento demográfico em uma cifra aproximada de 10 milhões de habitantes em 1700, 7% dos quais foram definidos como espanhóis, 5% como negros e os restantes definidos como índios e outras "castas".[258] Em 1709, Le Sieur Bachelier, um viajante francês que chegou a Lima, indicava "más de doce mil esclavos indios y moros".[259]

No Vice-Reino peruano, o censo iniciado durante o governo de Gil Taboada y Lemos em 1791 e completado em 1792 apresentou uma população total de 1.076.122 habitantes, dos quais 608.000 foram indicados como índios. Outras cifras levantadas por Fisher mostram uma população total de 1.115.207 habitantes, em que 648.615 (58%) foram classificados como índios, 244.313 (22%) como mestiços, 140.890 (13%) como espanhóis e 81,389 (7%) como negros (40.385, somados os escravos e os libertos).[260] Em 1795, foi calculado que os *criollos* eram 12,6% do total da população do Vice-Reino.[261]

---

[257] "La violencia se vuelve consustancial a un sistema de clases que se manifiesta tanto en aspectos estructurales como en el lenguaje cotidiano, alimentado por un marcado racismo, no solo contra el indio serrano, sino contra el nativo de la selva y los negros esclavos y libres". QUIROZ CABAÑAS, Lleisen Homero. **La razón ensombrecida**: ilustración y reformismo en el *Mercurio Peruano* 1790-1795 (Tesis de licenciado en Historia) – UNMSM, Perú, 2016.

[258] Pablo Salinas comenta que "la política de aumento de población en el 'siglo de las luces' fue considerada primordial para el enriquecimiento de las naciones. Por esta razón, la España borbónica consideró indispensable la aplicación de políticas demográficas que pudieran recuperar el reino del despoblamiento del siglo anterior. El resultado en la península es un aparente aumento del 22%, si se tiene en cuenta el censo del ministro Ustariz en 1717 que contó 7.5 millones comparado al del 1768 con 9.3 millones y al de 1787 que calculó la población en 10.4 millones". SALINAS, Pablo. **Lima imaginada por el *Mercurio Peruano***: la obsesión organizadora y ordenadora de la ciudad desde el balcón ilustrado *apud* POUPENEY HART, Prensa…, *op. cit.*, p. 1-34.

[259] BACHELIER, Le Sieur. **Lima en 1709**, por Bachelier. *In*: BARRENECHEA, Raúl Porras. **Pequeña antología de Lima**. Lima: Instituto Raúl Porras Barrenechea, [1709]1965.

[260] Segundo o historiador, essas classificações constituem atitudes sociais e fiscais, mais que intenção de assegurar uma rígida medição da composição da sociedade. FISHER, *op. cit.*, p. 107.

[261] Sobre a economia, matéria dedicada em muitas páginas do *Mercurio Peruano*, comenta John Fisher que, nos séculos XVI e XVII, na Europa do século XVIII, a América continuou sendo fonte de metais preciosos – prata principalmente –, essenciais para o funcionamento do capitalismo moderno e para financiar o comércio com outras regiões do mundo. O ouro e prata constituíam não menos que 56% do valor de importações americanas, seguido pelo tabaco (14%), cacau (8%), anil (5%), cochinilha (4%),

A sociedade peruana colonial pré-moderna ou pré-burguesa tinha uma estrutura complexa, composta por três partes: na primeira, havia a diferenciação social, de acordo com o patrimônio de seus indivíduos; na segunda, havia a classe diferenciada por sua condição estamental privilegiada, vinda de resquícios do Antigo Regime; e na terceira, havia componentes sociais divididos por suas características étnico-culturais. Rosario Solís (2005) propõe um panorama socioeconômico limenho dividindo essa hierarquia no que ela chama de uma "taxonomia sociológica elemental". Segundo a pesquisadora, encontrava-se, naquele momento, um conjunto tripartido, formado por "classes dominantes", "classes intermediárias" e "classes populares".

As classes dominantes eram formadas pela burguesia europeia – que surge numa "esfera pública" descentralizada, já que, no Peru, durante a época das luzes, não existia burguesia: a atividade econômica estava em poucas mãos. Na primeira metade do século XVIII, a nobreza colonial estava empobrecida e apenas dispunha de privilégios e propriedades. Com isso, a Coroa vendia títulos, gerando a formação de uma "nobreza comercial". Há, portanto, um caráter de duplicidade desse nobre colonial; era o que representava e o que produzia.[262]

Por sua vez, as classes intermediárias, subordinadas de uma maneira ou outra ao capital comercial, eram compostas por funcionários, comerciantes não enobrecidos, intelectuais, profissionais (médicos, advogados, estudantes e escrivães, entre outros), religiosos e artesãos.[263] Essa classe formada por *criollos*, mulatos, estrangeiros e espanhóis estava ligada ao comércio. Ela dedicava-se ao "trabalho", à carreira profissional e aos esforços pessoais. Sobre isso, Rosario Solís comenta: "los criollos buscavam uma identidade [...] por meio da 'emulação'". Há, entre eles, o claro fascínio pelo continente europeu, e o *Mercurio Peruano* foi testemunha desse fato. Para essa classe, a razão devia ser utilitária; existia dentro dela o sentimento de uma "identidade em movimento", "órfãos de uma cultura própria". O despotismo ilustrado encontrou um "auditório" nessas classes, ou seja, uma intelectualidade local a serviço das Reformas Bourbônicas.

Por último, havia as classes populares, compostas por um "tecido social heterogêneo", fragmentado e menosprezado. Estavam ali os mestiços, os mulatos, os

açúcar (3%) e uma gama enorme de outros produtos, como a *cascarilla*, o algodão, o core, a lã de vicuña, ervas e especiarias, e os produtos medicinais. FISHER, *op. cit.*, p. 102.

[262] ROSARIO SOLÍS, *op. cit.*, p. 21.

[263] GALINDO, Alberto Flores. **La ciudad sumergida**: aristocracia y plebe en Lima, 1760-1830 *apud* ROSARIO SOLÍS, *op. cit.*, p. 21.

negros e os índios. Ocupavam empregos precários e viviam na pobreza (a plebe). Era uma "cultura marginal", excluída do sistema educativo e majoritariamente analfabeta.

A sociedade colonial peruana, no fim do século XVIII, sofre mudanças em todas as suas dimensões. A primeira dessas dimensões é a demográfica. Junto ao crescimento econômico, por um lado, veio o aumento populacional, decorrente, em linhas gerais, da crescente atividade mineira e das atividades produtivas relacionadas, como agricultura e indústria têxtil. Por outro lado, a atividade rural, ligada ao mercado local e externo, alcançou um desenvolvimento sustentado "con el abastecimiento de esclavos y peones y la concentración de la propiedad gracias a la actividad de propietarios privados (tabaco, algodón, azúcar, lanas, etc.) e institucionales (en particular, las haciendas azucareras de la orden de los jesuitas)".[264] Essas informações podem ser encontradas no *Mercurio Peruano* nas diversas "descrições geográficas".

O reflexo das Reformas Bourbônicas e a expulsão da ordem dos jesuítas influem diretamente na produção rural na década de 1760. Bachelier, 50 anos antes, havia descrito que, em Lima, "los jesuitas forman una gran isla, que les pertenece, y se necesitaría un volumen entero para detallar las riquezas que poseen en este país".[265] O viajante relata, ainda, que "el padre que tiene la dirección [das haciendas jesuíticas] tenían doscientos esclavos para trabajar sus posesiones del campo".[266] Com a expulsão da ordem, as *haciendas* jesuítas caem em mãos de comerciantes e burocratas, gerando uma descontinuidade dos ritmos produtivos, criando problemas em poucas décadas. No entanto, a indústria têxtil sofreu alterações significativas, decorrentes do novo esquema mercantil que privilegiava as importações em grande escala procedentes da Espanha. Esses fatores são parte das mudanças significativas no Peru colonial ao longo do século XVIII. Partindo desses pressupostos, os *mercuristas* fazem um balanço do país em sua totalidade, embora o foco deles tenha sido a cidade de Lima.

A cidade transforma-se no centro de análise preferencial *mercuristas*. Sua população total, no fim do século XVIII, girava em torno de 52 mil habitantes. O crescimento demográfico é matéria de preocupação dos *mercuristas*, sobretudo no que tange ao incremento de gente pobre e desempregada. Lima era sede de instituições importantes: civil, militar e eclesiástica. Os intelectuais do *Mercurio* procuraram

[264] QUIROZ CABAÑAS, *op. cit.*, p. 89.
[265] BACHELIER, [1709] *apud* BARRENECHEA, *op. cit.*, p. 207.
[266] *Loc. cit.*

"racionalizar" a cidade, que havia crescido de tal forma que passou a preocupar a elite quanto à concentração da plebe, como um perigo constante para a segurança.

Após o terremoto de 1746, a cidade de Lima não se reconstrói somente no aspecto físico. Surgem novas configurações arquitetônicas e, também, sociais, motivadas pela ilustração com requintes do catolicismo. Foram enviadas *ordenanzas* direto da metrópole, destinadas a reestruturar a situação da higiene e da ordem urbana – e foram executadas obras de uso público, como os cafés, *plazas de toros*, teatros, jardins, *coliseos de gallos* e praças, o que estimulou os *mercuristas* a buscar explicações. Também nesse contexto, os *mercuristas* começaram a tentar controlar os *costumbres de la plebe*.

O *Mercurio Peruano* serviu perfeitamente como um reforçador para essa nova configuração de ordenamento. Seus artigos respondem e atendem – ou assim acreditavam – às necessidades de todos os habitantes de Lima, propondo, sistematizando, interpretando a composição da "cidade real", configurando enunciativamente uma "Lima imaginada" no *Mercurio,* como sugere Pablo Salinas. Esses investimentos redacionais por parte dos *mercuristas* resume uma política unificadora nos termos de Ángel Rama, ao manifestar "el sueño de un orden servía para perpetuar el poder para conservar la estructura socio-económica y cultural que ese poder garantizaba".[267] O *Mercurio*, nessa chave interpretativa, representa uma nova classe intelectual que buscava controlar, pelo menos em seus enunciados, a desordem de uma cidade, "con la pretensión de realizar un profundo reconocimiento del horizonte 'bárbaro' hasta límites que le imponían sus propios decretos".[268]

Na Europa do século XVIII, outras transformações importantes refletiram-se no Vice-Reino. Clément escreve que, no Ocidente, a limpeza das cidades uniu-se a uma limpeza moral.[269] Em um contexto em que enfermidades, pobreza, desocupação e delinquência preocupavam o governo bourbônico, o *Mercurio* uniu-se a propor melhorias para Lima, em artigos que resumem o interesse dos membros da Sociedad Académica de Amantes del País em estabelecer um "ordenamiento criollo ilustrado" da cidade. Os autores do periódico apresentam para os leitores limenhos uma maneira diferente de viver – uma Lima moderna e contra o modelo barroco que imperava até então.

---

[267] RAMA, Ángel. **La ciudad letrada**. Hanover: Ediciones del Norte, 1984 *apud* SALINAS, 2010.
[268] *Ibidem*, p. 80.
[269] CLÉMENT, 1984, p. 85 *apud* SALINAS, 2010.

Nessa perspectiva, o artigo assinado por Jacinto Calero y Moreira (Chrysippo), "Historia y descripción de nuestro Coliseo de Gallos", [270] fornece uma amostra representativa, que pode ser relacionada à ideia sugerida por Angel Rama da "cidade letrada" e "cidade ordenada". Como destaca Salinas, esse artigo do *Mercurio* está inserido dentro da "cidade real", verdadeira e caótica. O artigo começa mostrando o que antecedeu à criação do Coliseu: "costumbre desarrollada en el desorden de la voluntad, el ocio y la falta de limpieza",[271] e menciona que, a partir de um decreto da metrópole, as rinhas de galos, que até então eram uma atividade irregular, passaram a ser organizadas. As rinhas eram realizadas em qualquer lugar e sem qualquer registro. O *mercurista* passa a descrever os problemas dessas situação e logo mostra como se deu a melhora: "se eligió luego un coliseo fijo para ordenar esa sana costumbre".[272] Nessa solução, vemos como a alternativa efetiva da criação do Coliseu sistematiza e centraliza essa atividade e a coloca dentro da legalidade e de uma realidade moderna e burguesa. Com isso, continua o artigo, "en algunos días suele ser crecido el concurso de todas clases, pero no se advierte el menor desorden".[273] Bastante empolgado, o *mercurista* elogia o Coliseu, "no solo le dan una vista agradable, sino que concurren también a su aseo y limpieza, y a conservar un aire puro y fresco, sin el cual es preciso se originen en los teatros graves enfermedades".[274]

Em outra história apresentada no *Mercurio*, a concentração de atividades como essa relatada melhorou o uso do controle civil, além dos aspectos de limpeza e ordenamento, ou seja, um espaço público legalizado, centralizado e ordenado, representado pelo *Coliseo de Gallos.*

A preocupação com esse ordenamento por parte dos *mercuristas* com Lima é expressa também pela descrição da situação dos pobres, dos marginalizados e a questão da mendicância. Observamos, no periódico, que existem problemas evidentes sobre pobreza e marginalidade. Segundo nos situa, "no excede el número de los ocupados de ambos sexos, estados y condiciones, de 190 personas, que girando por regla de proporción las 52600 de su absoluta población, sufre cada una de la clase laboriosa cerca de tres, cuyo peso la agobia destruye". [275] Entendemos, portanto, porque os editores do *Mercurio,* cujos membros mais importantes possuíam informações sobre a

[270] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 41
[271] *Loc. cit.*
[272] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 42
[273] *Loc. cit.*
[274] *Loc. cit.*
[275] *Ibidem*, X, 1794, f. 120.

situação econômica do Peru, interessam-se por essa questão, publicando sete artigos extensos que tratam do "Hospital de la Caridad", [276] "Del Colegio de Niñas Expósitas"[277], "Del Hospital de Niños Expósitos",[278] de um caso de "beneficencia",[279] do "Hospicio general de los pobres",[280] de "La Casa o Recogimiento de las Amparadas de la Concepción"[281] e a "Gente vaga que tiene Lima".[282]

Este último artigo contribui significativamente à ideia de como os membros da Sociedad Académica entendiam e propunham uma solução ordenadora para os problemas da cidade. Segundo o autor desse artigo, Joseph Ignacio de Lequanda, membro da sociedade limenha e também *Ministro Principal de Real Hacienda* e *Contador de la Real Aduana de Lima,* era preciso dar alguma ocupação às *gentes vagas.* Para ele, "dar útil ocupación a los que carecen de ella, me ha hecho conocer ser este uno de los puntos más interesantes", que, segundo explicava, "pudiera resultar a la Patria […] auxilios eficaces, para la conservación y desahogo de no pequeña parte de sus moradores inútiles, o nocivos, por falta de destino y ocupación".[283] Lequanda defendia que essas pessoas tinham disposição para "las ciencias y artes mecánicas y liberales" e seriam úteis para "el aumento de las fábricas, y progresos de un comercio".[284] O amor pela *patria*, ele escreve, é o que motiva essa questão, e comenta que "hemos bosquejado las proporciones felices de Lima, no para decantar sus glorias, sino como concausas que son de que los naturalmente inaplicados al trabajo, se abandonen al ocio y vaguean si destino".[285]

No artigo, Lequanda reclama que a caridade dava margem à multiplicação do número de indigentes causando inercia ao trabalho.[286] O *mercurista* reclamava, também, que havia crescido a mendicância. A enorme quantidade de mendigos que incomoda

[276] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 9-13.
[277] *Ibidem*, f. 169-173.
[278] *Ibidem*, II, 1791, f. 294-308, 317
[279] *Ibidem*, f. 214-216
[280] *Ibidem*, IV, 1792, f. 124-160, 163-182.
[281] *Ibidem*, f. 231-238, 241-266.
[282] *Ibidem*, X, 1794, f. 103-108, 111-117, 119-125, 127-132.
[283] *Ibidem*, X, 1794, f. 104.
[284] *Ibidem*, f. 105.
[285] *Ibidem*, f. 108.
[286] Essa pobreza pode ser explicada também como comenta Quiroz Cabañas. Para o jovem pesquisador, com o terremoto de 1746, a cidade transforma-se, mas essa transformação não vem acompanhada de uma mudança da propriedade. "Los antiguos propietarios laicos y religiosos (manos muertas), continúan usufructuando los espacios urbanos sin dar cabida a una renovación de la propiedad a través de la venta". Surge em Lima uma cidade subterrânea, quase desconhecida. Os mais poderosos proprietários de grandes armazéns criaram os chamados *corralones* y *callejones*. Estes *callejones* abrigava parte da população sem posses, pobre. Sendo assim, Lima era uma "cidade subterrânea" para a população indígena, termo de Alberto Flores, citado por QUIROZ CABAÑAS, *op. cit.*, p. 91.

Lequanda parece ser algo recorrente na América daquele período. Ao menos em Lima, no começo do século, Bachelier chamava a atenção para o aspecto:

> […] lo que incomoda em Lima es que al anochecer se es agobiado por los mendigos, que se encuentran en todas las calles, que no dejan de estar bien vestidos, tanto los hombres como las mujeres; son gentes que desde corta edad se acostumbran a este género de vida ociosa y holgazana y que viven muy contentos de tener cómo subsistir cómodamente, sin darse mucho trabajo.[287]

Nos anos em que o *Mercurio* esteve em circulação, o periódico não mudou. Lequanda aponta que a única solução, utilizando como o exemplo de outros países, seria a criação de hospícios e que "tenga ocupados a los méndigos en trabajos proporcionales a sus fuerzas".[288]

Desde a criação de hospícios no século XVI, sempre houve uma preocupação com o trabalho para os "loucos". Como indica Clément, partia do Estado "la medida esencial que imaginaba era el trabajo obligatorio en centros adaptados".[289] Esse tipo de objetivo aparece claramente no *Mercurio*, por exemplo, no texto sobre a "Fundación del Hospicio general de Pobres de Lima" de Diego Ladrón de Guevara. O *mercurista* comentava que

> El Cielo […] le descubrió el más oportuno medio de exterminar la mendicidad incómoda, en la erección de un hospicio general donde, recogidos los inválidos, fuesen proveídos de habitación y sustento, ocupados en algún fácil trabajo mecánico para evitar el ocio, y asistidos con el pasto espiritual para alejar de ellos el vicio y ejercitarlos en la virtud.[290]

Se antes do século XVIII, esses trabalhos forçados tinham como aporte a punição espiritual, no século da ilustração, eles passam a ter também a preocupação com o aspecto econômico e social.[291] Assim, vemos no *Mercurio*: "[...] Se quitó la máscara a la ficción y embuste, y los viles vagabundos, los holgazanes impostores, los

---

[287] BACHALIER, *op. cit.*, p. 209.
[288] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 111.
[289] CLÉMENT, **El *Mercurio*...**, *op. cit.*, p. 186.
[290] *Mercurio Peruano*, IV, 1792, f. 169.
[291] Michel Foucault em *História da Loucura* também comenta sobre essa situação, assim como se expressa Roberto Machado, ao fazer uma análise da questão da loucura na obra de Foucault. A ideia de Foucault é que o "enclausuramento clássico não é uma instituição médica; é uma instituição assistencial situada entre a polícia e a justiça: uma ordem terceira de repressão" para indivíduos associais, considerados perigosos e "é o lugar de pobres e ociosos, em que a obrigação de trabalho tem valor de exercício ético e garantia moral", ou mais, "tudo fora feito desde então para fazer desaparecer o louco do espaço social". MACHADO, Roberto. **Foucault, filosofia e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. p. 17.

fingidos enfermos sanaron al improviso y se convirtieron en útiles regnícolas trabajando en servicio del público para su sustento"[292].

Para os *mercuristas*, a preocupação com o tema dava-se pelo fato de que o Peru estava em decadência econômica e era necessário buscar todo tipo de renda. No artigo "Discurso sobre el destino que debe darse a la gente vaga que tiene Lima", do já citado Lequanda, é possível apreciar essa vontade decididamente econômica. Os habitantes devem "ser laboriosos", ele enfatiza. O Vice-Reinado tem de produzir mais, especificamente *industriales*, ou seja, fica nítida a ideia de que é preciso ter o maior número de trabalhadores, ao passo em que os indígenas eram vistos como produtores de matérias-primas e consumidores de mercadorias, uma imagem negativa construída dos índios a partir do domínio espanhol.[293]

O abade Reynal, em sua história da colonização espanhola para descrever os usos dos habitantes de Lima e com base no livro de Frazier, oferecia opiniões bastantes depreciativas sobre os *criollos* peruanos. "Raynal se explayo sobre las tiranías ejercidas por los españoles sobre los indios, haciéndoles responsables del estado de barbarie en que permanecían los naturales". Sustentava que "las restricciones al comercio, el poder de la iglesia y las continuas guerras habían llevado a España a la decadencia".[294] O intelectual limenho Eusébio Llano Zapata, antes dessas colocações de Reynal, havia indicado, na introdução do livro *Memorias histórico-físicas-apologéticas de la América Meridional* (1761), uma defesa da atuação dos espanhóis na América frente às acusações de maus tratos contra os indígenas. No entanto, sua obra se deu entre a defesa "de la naturaleza de los indígenas y la justificación de la política de represión hacia los indios contemporáneos". Fruto de seu *criollismo* e seu aporte ilustrado, afirmava que os índios tinham as mesma disposição para ciências e as artes, "solo a la falta de cultura podía atribuirse la aparente ignorancia de los indios".[295]

Essa mentalidade colonialista pode ser entendida desde que saibamos que, no final do período colonial, Lima era uma cidade cortesã, dominada pelo consumo e o

---

[292] *Mercurio Peruano*, IV, 1792, f. 172.

[293] Nas regiões mais distantes do Império, espaço de pouco controle da Coroa, havia dois motivos essenciais: defesa militar e oportunidades comerciais. Em muitos desses territórios, a presença espanhola dava-se pelas reduções jesuítas, que, logo de sua expulsão, foram ocupadas pelos franciscanos, em sua maioria, que geralmente os substituíam. As notícias e relações dos religiosos transmitem um duplo papel dos assentamentos missionários, tanto no papel da difusão do evangelho quanto em objetivos seculares, desejo do reformismo bourbônico.

[294] BRADING, David. **Orbe indiano de la monarquía católica a la República Criolla, 1492-186**. México: Fondo de Cultura Económica, 1991. p. 479.

[295] LLANO ZAPATA, José Eusebio. **Memorias históricas**... *apud* RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 136.

despotismo. Toda uma série de funcionários contribuiu para manter esse sistema. “Los defensores del despotismo no solo están en la corte del virrey, se extienden por la Real Audiencia, la Real Universidad de San Marcos, la Iglesia, o están dispersos en diversos tribunales e instituciones civiles, militares y religiosas”.[296]

Para o pesquisador Eduardo Torres Arancivia, os funcionários e pensadores que faziam parte da corte “son hábiles y diestros trajinantes que se mueven en esa telaraña funcional que buscan ganar la gracia del soberano, formando una compleja red de clientelaje”.[297] Esse tabuleiro cortesão era amplo e heterogêneo; contava com letrados, secretários, administradores, juristas, clérigos e outros assessores. No Peru, os *criollos* formavam parte desse complexo quadro do poder. Eles buscavam ser corregedores, secretários, assessores, visitadores etc. Na observação de Frézier em 1713, a partir do Vice-Reino peruano, esta demanda já estava presente,

> […] por lo que se refiere al ingenio, los criollos de Lima no adolecen de falta de éste; tienen vivacidad y disposición para las ciencias; los de la sierra tienen menos, pero tanto los unos como los otros se creen bastante superiores a los españoles, a los que tratan entre ellos de *caballos*, es decir, de animales; puede ser que esto sea un resultado de la antipatía que reina entre ellos, aunque sean súbditos de un mismo monarca. Creo que una de las principales razones de esta aversión es la de ver siempre a estos extranjeros ocupando los primeros cargos del Estado y hacer lo mejor del comercio, única ocupación de los blancos, que desdeñan dedicarse a otros oficios y a las artes, para las que no tienen gusto.[298]

Como podemos ver no relato, houve, ao longo de todo século XVIII, uma tensão constante por cargos de poder.

Os *mercuristas* formavam parte de um quadro social dominante, mas não se trata de uma elite burguesa a serviço de uma classe burguesa, ou seja, os *mercuristas* não estavam ligados diretamente ao comércio. “Salvo Baquíjano que es un noble terrateniente, los demás son funcionarios, religiosos e intelectuales. Entre los altos funcionarios sobresalen los nombres de Calero y Moreira, Egaña, Cisneros, Cerdán de Landa y Simón Pontero”.[299] Grande parte eram espanhóis, como são os casos de Joseph Ignacio de Lequanda, Cerdán e Fray Diego Cisneros, enquanto o lado *criollo* era representado por Baquíjano e Unanue. Rossi y Rubí, considerado o “pai” do *Mercurio*, era italiano.

---

[296] QUIROZ CABAÑAS, *op. cit.*, p. 94.
[297] TORRES ARANCIVIA, Eduardo. **Buscando un rey**: el autoritarismo en la historia del Perú. Siglos XVI-XXI, Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú, p. 85 *apud* QUIROZ CABAÑAS, *loc. cit*.
[298] FRÉZIER, Amedie François. **Lima en 1713** *apud* BARRENECHEA, *op. cit.*, p. 218.
[299] QUIROZ CABAÑAS, *op. cit.*, p. 94.

Levando em conta tais considerações, os *mercuristas*, como participantes desse poder, não apenas defendiam o reformismo dos Bourbons, como também construíam seus ideais em consonância com os interesses da Coroa. Com isso, a síntese de Quiroz Cabañas sobre cenário histórico no qual os *mercuristas* estão inseridos é bastante pertinente, pois o desenvolvimento cultural peruano está marcado por "el contexto histórico que, si bien no anula por completo la libertad de pensamiento, determina los alcances y límites de las ideas. Las luces y sombras en las que transitan las colonias americanas en el siglo XVIII tienen una fuerte ligazón con el proceso histórico".[300]

Lima, no século XVIII, passou por todas essas questões, materializadas pelas Reformas Bourbônicas, em que fez parte de uma mudança da própria monarquia absolutista espanhola. Carlos III, o "religioso ilustrado", considerado como o homem de Deus e também o *Hombre-Estado,* no sentido semelhante ao que escreve Hobbes no *Leviatã*. No entanto, para os *mercuristas*, sendo pensadores ilustrados, eles tendiam a seguir uma corrente oposta, contrária ao absolutismo defendido por esse pensador e pelos funcionários coloniais. No entanto, nunca fazem explícita sua crítica a essa teoria absolutista do Estado, ou, como assinala Quiroz Cabañas, "como buenos conservadores y defensores del régimen y status quo, se mostrarán como dignos representantes de la voz oficial y partícipes de la teoría absoluta del Estado". Segundo comenta o *mercurista* Cerdán.

> […] Em obsequio del Público y bien del Estado, que son los principales Númenes á que ha consagrado la Sociedad sus afanes laboriosos, sin aspirar al interés de lucros pecuniarios, que aunque indispensables para la continuación de la Prensa y otras operaciones consiguientes, han sabido suplir generosamente los Socios con oblaciones voluntarias, a fin de que nunca fuese interrumpido el Mercurio , tan protegido por este Gobierno Superior, como recomendado por la dignación Augusta de Nuestro Gran Monarca.[301]

Ao longo do período bourbônico no Peru, como assinalamos anteriormente, uma das preocupações da Monarquia Bourbônica foi obter informações para melhor explorar econômica e administrativamente suas colônias americanas. A *Real Cédula* de Felipe V, de 19 de julho de 1741, ordenava aos vice-reis do Peru e Nova Espanha informações sobre o número e qualidade dos habitantes, dos povos, das missões e das reduções. No Vice-Reino peruano, essa solicitação de Felipe V jogou luz sobre as *Relaciones*

[300] QUIROZ CABAÑAS, *op. cit.*, p. 95.
[301] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 257.

Geográficas de Cosme Bueno, publicadas entre 1768 e em 1776 no *El conocimiento de los tempos*, um almanaque limenho. Com dados e números dos seus habitantes, sua composição étnica e descrições geográficas foi realizada por Cosme Bueno. Essa compilação pode ser entendida como um instrumento de mudança social no qual o "conocimiento útil que servía a los programas de reforma del Despotismo Ilustrado".[302] Refletiam também as mudanças culturais percebendo as adesões e resistências por parte dos *criollos.*

3.4 Imprensa e *periodismo* em Lima depois da segunda metade do século XVIII

Um poderoso setor urbano sustentava-se por meio da força burocrática da "cidade letrada", conforme entende Ángel Rama, uma "frondosa burocracia instalada nas cidades a cargo das tarefas de comunicação entre a metrópole e as sociedades".[303] Essa sociedade estava imersa em uma concepção rigidamente estratificada e patriarcal, em que uma porção bem reduzida da população havia-se utilizado da escrita impressa para consolidar seu prestígio. Dentro disso, encontrava-se excluída e marginalizada a maioria da população (brancos pobres, mestiços, autóctones, afrodescendentes) e as mulheres de todas as classes sociais.[304]

A imprensa periódica surge nos domínios espanhóis na América no século XVIII. O leitor desse período, o leitor moderno, não encontra ali obras tão chamativas como foram as crônicas e não há as histórias épicas da Conquista.[305]

A imprensa surgiu tardiamente na América. Em uma definição simples, a imprensa americana é a publicação de notícias de interesses em geral, impressa e periódica, dirigida a um público aberto e disposto a pagar por ela. O conceito remonta a

---

[302] SERRERA CONTERAS, Ramón; VILA VILAR, Luisa; HERNANDEZ-DIÁZ, Concepción. (ed.). **El aragonés Cosme Bueno y la descripción geográfica del Río de la Plata (1768-1776)**, Hesca, 1996 *apud* RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 206.

[303] RAMA, Ángel. **A cidade das letras**. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 43.

[304] POUPENEY HART, Prensa..., *op. cit.*, p. 2.

[305] Poupeney Hart situa uma *periodización propuesta* por H. Vidal em *Socio historia de la literatura colonial hispano-americana*: 1) "Literatura de la Conquista" (de 1492 a 1560), na qual se apresentam os feitos militares, econômicos e missionários com o objetivos de receber reconhecimento; 2) "Literatura de la Estabilización Colonial" (de 1560 a 1750), que manifesta "aspiración de los intelectuales a insertarse em el aparato burocrático tradicional de las ciudades virreinales para gozar de los beneficios materiales y espirituales provenientes de la acumulación y administración em ellas de riquezas de la productividad material americana"; 3) "Literatura prerrevolucionaria", marcada pelo prestígio alcançado devido ao aparato burocrático espanhol estatal encarregado de reformar e modernizar o sistema mercantilista espanhol. VIDAL, Hernán. **Socio historia de la literatura colonial hispanoamericana**: tres lecturas orgánicas. Minneapolis: Institute for the Study of Ideologies and Literature, 1985, p. 10 *apud* POUPENEY HART, Prensa..., *op. cit.*, p. 1.

meados da segunda década do século XVIII – primeiro, aparece de forma regular no México e pouco depois, na Guatemala. Poupeney Hart insere o surgimento dessa nova forma de produção escrita acompanhado da aparição de outras formas de sociabilidades culturais, como os cafés, as academias, as lojas maçônicas, "contribuyendo así a la difusión delos valores asociados a la burguesía en expansión, y la creciente expresión de una opinión pública".[306] O *periodismo* americano consolida-se e diversifica-se, tanto geográfica quanto tematicamente, com a influência dos Bourbons, "que lo utilizarán como instrumento de educación y control político, en el contexto de la implementación de numerosas reformas. Actúa entonces como unos de los cauces principales de difusión del pensamiento ilustrado".[307]

Outra particularidade a respeito da imprensa *periodista* na América é formada pelas condições materiais de produção de suas publicações. Diferentemente de outras partes do globo, a imprensa colonial americana *periodista* enfrentou inúmeras adversidades para seu desenvolvimento. As publicações periódicas somente tiveram seu dinamismo editorial na América no final do século XVIII e nas primeiras décadas do século XIX. Isso se deve ao impulso das revoluções liberais de 1808-1814 no contexto das lutas emancipatórias. O recurso impresso foi utilizado como instrumento de combate, multiplicando-se vertiginosamente. Antes disso, como veremos, houve alguns empecilhos travando a dinamização dessa prática editorial.

A imprensa periódica na América encontrava-se dependente de condições sociopolíticas, econômicas, culturais e demográficas muito concretas, "cuyas determinaciones se vieron agudizadas en el suelo americano, primordialmente por el efecto de la subalternidad y la distancia".[308] A existência de periódicos em terras hispano-americanas encontrou dificuldades sobre os olhos da monarquia. O controle de informação veiculada por parte da monarquia ficou limitada a poucos centros políticos administrativos.

A limitação e o custo do papel expressivamente mais alto que na Europa foi outro dos obstáculos materiais para desenvolvimento do *periodismo* colonial. Buscando prevenir as ideias revolucionárias europeias – a Revolução Francesa, como exemplo mais significativo –, a monarquia espanhola provocou o cerceamento dessas ideias revolucionárias, e o mesmo ocorreu na América. Em nosso continente, o número

[306] POUPENEY HART, Prensa..., *op. cit.*, p. 5.
[307] *Ibidem*, p.7.
[308] *Ibidem*, p. 10.

reduzido de publicações "repercutió de varias maneras, sin embargo, el pánico generado por los eventos franceses: se manifiesta en el endurecimiento de las líneas editoriales del Mercurio Peruano, que no tardó en concluir su etapa creativa, 1794".[309] Isso demonstra o grau de dependência dos periódicos da boa vontade do governo.

Para sustentar a produção desses periódicos, era essencial ter muitos assinantes para comprá-los. Também havia a dependência do próprio periódico de certas condições intelecto-demográficas, ou seja, a existência de uma população relativamente densa de dotados com um nível de instrução suficientemente elevado para escrever em publicações, ressalta Poupeney Hart. Acerca disso, lembramos da história de Rossi y Rubí, o mercurista do *Mercurio Peruano* e seu projeto de invenção do leitor ilustrado e seu plano de ação para ter um leitor ideal.

Eram comuns, naquele período, as leituras coletivas e públicas em espaços de sociabilidade, de modo que impacto do periódico não se limitava apenas a uma porção reduzida da população. Isso era feito em cafés, "fondas, pulperías o chicherías" e nas entradas das livrarias. Mesmo se financeiramente não fosse tão vantajoso, percebe-se uma projeção dos debates além dos confins da "cidade letrada".[310]

Outro obstáculo para produção dos periódicos foi a distância. A insuficiência de vias de comunicação terrestre e a insegurança do tráfico marítimo, assim como a falta de um sistema confiável, extenso e rápido de correios são fatores que justificam a existência de poucos periódicos, ou a impossibilidade de existência deles.

As características formais do periódico antigo seguiam certa homogeneidade, efeito direto de leis promulgadas pela Coroa. Quer dizer, a imprensa colonial na América espanhola apresenta características formais iguais à anglo-americana ou à europeia, assim como o exemplo a seguir (Imagem 5).

[309] POUPENEY HART, Hacia..., *op. cit.*, p. 171.

[310] ROSARIO SOLÍS, *op. cit.*; POUPNEY HART, Prensa..., *op. cit*. Para o escritor espanhol Juan Sempere y Guarinos, indica Guibovich Pérez, "los papeles periódicos tenían una importancia central en el progreso del conocimiento [...]. Considera que, antes de la aparición de la prensa, el estudio de la ciencia era patrimonio de una minoría y el resto de la sociedad quedaba en la ignorancia de un gran número de objetos". GUIBOVICH PÉREZ, *op. cit.*, p. 56.

Imagem 5 –o *Mercurio Peruano* à esquerda, e o importante periódico inglês do século XVIII, *The Spectator*

Fonte: POUPENEY HART. Catherine (coord.) Tinkuy: Boletín de Investigación y Debate, Université de Montréal, n. 6, 2007.

Em suas etapas tipológicas, a imprensa periodista colonial americana teve suas particularidades. Para Catherine Poupeney Hart, "la práctica periodística surgió en la fase final de la colonización española de América, pero llegó a representar eventos y expresar preocupaciones que corresponden a momentos bien diferenciados". Destacamos três tipos apresentados por essa autora: "prensa virreinal (centrada em la ciudad barroca), prensa ilustrada (más abierta a la región y al mundo atlántico), y preindependentista (em la que se refractan de varias maneras eventos ocurridos em los grandes centros de poder occidentales)".[311]

Outra tipologia interessante segue a proposta de Saladino García. Como mostra Poupeney Hart, esse autor apresenta três fases sobre as publicações periódicas na América sob domínio dos Bourbons:

[311] POUPNEY HART, Prensa..., *op. cit.*, p. 16.

> (...) las de la primera fase, corresponden a la primera mitad del siglo XVIII, tienen por afán hacer extensiva la información administrativa, las disposiciones reales y, en menor proporción, comunicar acontecimientos naturales y noticias humanísticas y científicas; las de la segunda fase, son las que se editaron durante la segunda mitad de dicho siglo, que corresponden al periodo denominado clásico de la Ilustración, sus contenidos son diversos y las informaciones científicas y técnicas son dominantes, aparece la prensa especializada, es la época del origen de la divulgación científica; las de la tercera fase, que abarcan la primera década del siglo XIX, siendo producto del ambiente ilustrado, tienen como peculiaridad su compromiso social aunque hay disminución de información científica y técnica con incremento de contenidos sociopolíticos y económicos.[312]

Dois gêneros destacaram-se na imprensa periódica americana, as "gazetas" e os "periódicos". A diferença entre os dois estão em "suas estratégias de enunciação". Poupeney Hart classifica da seguinte maneira: "*gazetas*" ("políticas" o "noticiosas") e os "papeles periódicos" (denominados também de "literarios" ou "científicos").[313] Há, por parte dos *periodistas*, um sentimento de superioridade. Para esclarecer o que estamos querendo dizer, vejamos o fragmento a seguir, vindo de um artigo escrito pelo *mercurista* José Rossi y Rubí:

> Cuando empezamos a escribir para el *Mercurio*, en Lima no estaba todavía bien formado el gusto a favor de los periódicos […] la mayor parte confundía los papeles como el nuestro, con las Gacetas […]. Nos fue preciso excitar la curiosidad.[314]

"*Excitar la curiosidade*" significa oferecer em abundância e também de maneira pouco imprevisível matérias que propõem reflexões diversas entre si:

> […] un Periódico no puede ser de un mismo tono, de un mismo estilo, ni ceñido a un asunto único. Es un espléndido banquete en que, si la universalidad de los manjares no agrada igualmente a todos los convidados, deben ellos estar complacidos cuando la abundancia y variedad de las viandas da lugar a la elección y discernimiento.[315]

Segundo Poupeney Hart, as funções e os temas da imprensa colonial cumpriram um "haz de funciones vinculadas con el ejercicio real o potencia del poder" – e isso chegou a coincidir com os interesses dos governantes e do setor letrado. Na perspectiva dos governantes, a existência de periódicos permitia veicular certas orientações e

---

[312] SALADINO GARCÍA, Alberto. **Ciencia y prensa durante la ilustración latinoamericana**. Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México, 1996, p. 68 apud POUPENEY HART, Prensa..., *op. cit.*, p. 16.
[313] *Ibidem*, 2010, p. 18.
[314] *Mercurio Peruano*, VII, 1793, f. 7.
[315] *Mercurio Peruano*, IV, 1792, f. 2.

práticas ideológicas. Por outro lado, para os editores e autores, membros da elite, "su cultivo y consumo favorecían la consolidación de un poder alternativo, aunque no respondiera necesariamente en ellos a un plan consciente o concertado".[316]

Essa veiculação ideológica e suas práticas estiveram dentro da implementação bourbônica, cuja centralização se deu por meio de programas e reformas voltadas para a capitação eficaz das riquezas americanas, "se había reanudado con mayor sistematicidad la práctica de encuestas y descripciones de la tierra institucionalizada a finales del siglo XVIII".[317] Havia um projeto executado por funcionários hispânicos em conluio com os interesses da elite *criolla* em reabilitar a pátria (*pátria chica y continental*), com a promoção de um conhecimento metódico do meio ambiente e de seus recursos potenciais. É nesse contexto em que foram publicadas na imprensa, e com ampla difusão, "las relaciones geográficas y las historias naturales".

Nesses textos, a noção de "serviço" atua como impulsionador da escritura. Já não se plantam somente valores supremos, como Deus e o Rei, mas um "bem comum", "la patria (chica)", "la nación (española), la humanidad". Servir a isso, entende Poupeney Hart, seria promover informações claras propostas pela "República de las letras".

A imprensa periodista americana do século XVIII propôs-se uma audaciosa propagação do saber, motivadas pela *ilustración:*

> Se privilegian también cuestiones científicas y técnicas relacionadas con La economía, la geografía, la cartografía, la meteorología, la física, la mecánica, la química, el urbanismo, la botánica, la zoología, la mineralogía, la agronomía, La demografía, las diferentes ramas de la salud (incluyendo la medicina, la cirugía, la obstétrica, la epidemiología, la sexualidad); se habla de educación, "moral pública" o costumbres, historia, etnografía, arqueología, música, y se cultivan las bellas letras, la poesía muy particularmente.[318]

Praticamente, todos os registros discursivos são expostos na imprensa periódica, exceto o dramático e, menos ainda, narrativas de ficção.

Portanto, a imprensa periódica nas sociedades coloniais significou uma abertura à modernidade em geral, com a promoção do espanhol como língua científica apta para popularizar "los conocimientos científicos y técnicos, que se difundieron ampliamente

---

[316] POUPENEY HART, Prensa..., *op. cit.*, p. 24-25.
[317] *Loc. cit.*
[318] *Ibidem*, p. 26.

en sus páginas"; a inserção de referências europeias e anglo-americanas, inserção e tradução de artigos científicos e *ilustrados*.

Segundo Saladino García, destaca Poupeney Hart, esse projeto significou a preocupação pela exaltação do regional, incluindo a "autoconsciência científica regional", como base para a construção ulterior de identidades nacionais – e o *Mercurio Peruano* estava completamente inserido nisso.

O contexto "periodístico" limenho, como aludimos anteriormente, desenvolveu-se dentro de um controle editorial da Coroa, ou seja, somente foi possível porque pôde contar com sua lealdade. Todos os periódicos limenhos continham conceitos como utilidade e progresso; eles eram permitidos porque tinham canais de controle de opinião pública.[319] Por meio desses periódicos, a educação foi usada como instrumento de fidelização à monarquia. A Coroa permitiu três: o *Diario de Lima* (1790-1793), o *Mercurio Peruano* (1791-1795) e o *Semanário Critico* (1791), entre outros.

Por outro lado, periódicos e gazetas ajudaram a criar natural e até apoliticamente, nos termos de Benedict Anderson, uma "comunidade imaginada" entre o conjunto específico de leitores. Foi apenas uma questão de tempo até aparecerem os elementos políticos. Os leitores desses jornais entendiam isso como um interesse de todos. Nesse sentido, compreende-se perfeitamente o conceito de comunidade imaginada.

Segundo Anderson, o nacionalismo[320] na América constituiu-se, entre outros fatores, junto de um elemento essencial, a imprensa. Para esse autor, o "capitalismo editorial" possibilitou o desenvolvimento de laços e sentimentos patrióticos que culminou na emancipação americana. De acordo com essa linha de pensamento, Anderson traz-nos elementos importantes para pensar a constituição de uma imprensa colonial enquanto formadora das identidades das nações americanas, no que nosso periódico, o *Mercurio Peruano*, pode ser inserido.

---

[319] ROSARIOS SOLÍS, 2005.

[320] Para Anderson, valeria a pena tratar tal conceito do mesmo modo que se trata o 'parentesco e a 'religião', em vez de colocá-lo ao lado do 'liberalismo' ou do 'fascismo'". Dentro de um espírito antropológico, como um artefato cultural. O nacionalismo é fruto da imaginação, ou seja, todas as nações fazem parte do exercício da imaginação. "As comunidades se distinguem não por sua falsidade/autenticidade, mas pelo estilo em que são imaginadas". Ela é imaginada como uma comunidade, independente da desigualdade social existente. "A nação sempre é concebida como uma profunda camaradagem horizontal". ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 32-34.

4. *MERCURIO PERUANO*: *CRIOLLISMO,* ILUSTRAÇÃO E CONHECIMENTO ÚTIL

4.1 Intelectualidade limenha na segunda metade do século XVIII

Uma questão importante que nos rodeia sobre a função do *Mercurio Peruano* é o entendimento do que seriam os "intelectuais" e como podemos problematizar esse termo para entender o periódico. Partindo dessa inquietação, tratamos de pensar o termo "intelectuais" nesse período e como se configura a intelectualidade em Lima.

Começamos dialogando com o conceito "intelectual" na América Latina, como Carlos Altamirano e outros autores no livro *Historia de los intelectuales en América Latina*.[321] No texto, Altamarino resgata a ideia de como as elites culturais têm sido atores importantes na reconstrução histórica sobre o continente americano de língua espanhola. Esses personagens funcionaram como elos entre o centro e as periferias no contexto colonial, no campo das artes, da literatura, da ciência e outros campos das ideias. E não só em produções de cunho cultural, mas também no domínio da história política[322].

O termo "intelectuais", de forma idêntica a outras partes do globo, teve na cidade seu topo característico. Citando José Luis Romero, Altamirano comenta que "la condición urbana define igualmente el tipo de cultura en que ellos se forman, una

[321] ALTAMARINO, Carlos (dir.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. I – La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires; Madrid: Conocimiento; Katz, 2008.

[322] Significativa, também, tem sido a historiografia peruana dedicada a história intelectual deste país. Longe de conseguir dar conta de toda produção, apenas em termos de referências relevantes aos olhos de Aguirre e McEvoy, essa produção vem sendo ligada quase sempre à "história das ideias". Foi esse o campo realizado por Javier Prado (1918), que fez uma das primeiras grandes sínteses da história intelectual peruana. Prado procurou constituir um levantamento histórico que começa na colônia e segue até o começo do século XX. Por sua vez, Salazar Bondy (1965) tem sido, segundo os intelectuais peruanos, uma referência obrigatória para quem tem como objeto as "ideias" no Peru contemporâneo. Outras produções estão voltadas a intelectuais específicos (basta ir em uma ou duas livrarias em Lima, passar os olhos nas estantes de História, que isso fica bem claro). Essas biografias históricas vêm-se ocupando de momentos e personagens importantes, como Garcilaso de La Veja, Guaman Poma de Ayala, Llano Zapata, Hipólito Unanue, Manuel Atanasio Fuentes, José María Arguedas etc.; ou ainda de grupos ou gerações, como os "ilustrados", "intelectuais modernizadores do século XIX", "os Juristas", a "geração literária dos anos 50", entre outros. Aguirre e McEvoy destacam ainda algumas exceções a essa corrente historiográfica preocupada com a história das ideias: "existen esfuerzos recientes por pensar a los intelectuales como actores y agentes sociales y políticos, y no solo como pensadores y productores de conocimiento". São esses o caso do Oliart e Portocarrero (1989), que trabalham sobre "ideia crítica"; os trabalhos de Ormar Gonzáles (1996; 1999), cujos temas transitam sobre diversos grupos de intelectuais, como os "arielistas"; e os estudos de Mónica Bernabé (2006), voltados à leitura crítica da boêmia no começo do século XX. AGUIRRE, Carlos; McEVOY, Carmen. (eds.) **Intelectuales y poder**: Ensayos en torno a la república de las letras en el Perú e Hispanoamérica (ss. XVI-XX). Lima: PUCP, Instituto Riva-Agüero, 2008.

cultura de padrón europeo occidental, que, desde la conquista y la colonización ibéricas, tiene su sede y sus focos de irradiación en las ciudades".[323] Rodríguez García, ao apontar as características do *criollismo* em Lima no século XVIII, também contribui com esse argumento. A maior parte dos intelectuais que contribuíram para o surgimento de uma ideologia *criolla* estavam dentro da Universidade de San Marcos localizada em Lima, que foi, nessa época, o principal foco de produção literária nas possessões espanholas.[324]

Uma segunda acepção do termo "intelectual" vem do conceito ligado à uma categoria socioprofissional. Para Altamirano, os intelectuais, de modo geral, são pessoas ligadas entre si em instituições, círculos, grupos sociais diversos, movimentos e inseridos no campo da cultura; eles objetivam a produção de mensagens que entendem ser a verdade, ou o que creem ser verdadeiro. De acordo com o autor, entendemos que diferente das elites intelectuais dos séculos passados, sejam sacerdotes ou escribas, a ação dos intelectuais conecta ao que Régis Debray chamou de "grafoesfera".[325] Trata-se de uma categoria que domina a imprensa e a produção de livros desde o início de sua existência, processo em que suas aspirações se concretizam – ou seja, nas publicações impressas. Essa intelectualidade buscou, seguindo esta formulação, com seus enunciados, estarem na arena política, que vai além da vida intelectual.[326] Essas aspirações podem ser mais convincentes se nos atermos à biografa de alguns dos autores do periódico *Mercurio Peruano.* Eles não eram apenas intelectuais que escreviam suas ideias nas páginas bissemanais do periódico, pois faziam parte de outros âmbitos da organização administrativa, científica e econômica da colônia.

Na América Latina, como em outras partes do mundo, a noção de intelectual tem uma história que se desenvolveu em distintos contextos sociais, culturais e políticos. No século XVIII, a influência da cultura ilustrada ocidental proporcionou aos intelectuais ilustrados, como os "limenhos" que escrevem para o *Mercurio*, uma imagem de seu papel social. Isso faz parte de uma renovação no modo de entendimento da importância

[323] ALTAMIRANO, *op. cit.*, p. 11.
[324] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 36-37.
[325] *apud* ALTAMARINO, *loc. cit.*
[326] Outra discussão sobre o conceito de intelectual foi elaborada por Antonio Gramsci. A respeito desse conceito Calos Aguirre e Carmen McEvoy destacam que "entre muchos esfuerzos por definir a los intelectuales y su función en la sociedad deberíamos quizás mencionar el de Antonio Gramsci y su ya clásica división entre intelectuales tradicionales e intelectuales orgánicos, una división que ponía el acento en la identificación de los intelectuales con determinados proyectos políticos, estructuras de poder y clases sociales. AGUIRRE; McEVOY, *op. cit.*

científica fomentados pela ilustração. Uma dessas histórias é a de José Eusebio Llano y Zapata.

Durante a primeira metade do século XVIII, as correntes de renovação no campo das ciências em Lima, como o caso de Pedro Peralta y Barnuevo, tornaram-se conhecidas graças ao importante intelectual europeu Benito Feijoo; os *criollos* americanos conheciam e admiravam sua obra e trocavam opiniões sobre ela. A historiadora Rodríguez García comenta que "los criollos peruanos, durante la primera mitad del siglo, discutían las ideas ilustradas, antes de que existiera una política oficial desde la metrópoli de propagación de las luces en ultramar".[327] Constatando que era preciso buscar outras formas de conhecimento advindas da Europa, além das diretrizes da Coroa, "junto a los libros que llegaban por la vía del contrabando, el pensamiento europeo era transmitido por los propios criollos que con frecuencia viajaban y residían un tiempo en la Península".[328] Entre esses, destacam-se o limenho Pablo de Olavide e Llano Zapata, que se havia se fixado em Cádiz. Eles forneceram um exemplo para esse fenômeno, que pode ser visto por meio de sua correspondência mantida com seus "compatriotas" peruanos, e também com as expedições científicas como outra forma de trocas ilustradas.

A necessidade que alguns *criollos* sentiram de avançar no conhecimento científico, fruto das motivações advindas da Europa pelas correntes ilustradas, provocaram o descontentamento com as excessivas restrições que o despotismo ilustrado impusera a *las luces.* Nos territórios americanos, as ideias ilustradas, igual ocorrera em outras partes do mundo, sofreram transformações de acordo com os interesses daqueles que a propagaram. A difusão do conhecimento científico e outras novidades ilustradas eram vinculadas ao fomento do território.

Numa análise ampliada, Stuart Schwartz e James Lockhart comentam que, na segunda metade do século XVII e no início do XVIII, as instituições intelectuais hispânicas foram desenvolvidas internamente e estavam centradas nas universidades e em alguns ramos da Igreja. No entanto, ao mesmo tempo, a vida intelectual, em seu conteúdo, continuou sob forte influência da metrópole. Pouco mudou nesse aspecto no século XVIII. As críticas ao antiescolasticismo e antiobscurantismo começavam a prevalecer nas universidades hispano-americanas, onde regularmente as dissertações criticavam bastante Aristóteles e todas as autoridades não comprovadas. Assinalam os

[327] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 175.
[328] *Loc. cit.*

autores que a atitude pró-científica não era entendida como antirreligiosa e "pelo menos até os anos imediatamente anteriores à independência, foram os aspectos práticos, mais que os ideológicos, que fascinaram a maioria dos intelectuais espanhóis e hispano-americanos".[329]

As novas tendências e convenções do exterior moldaram a vida intelectual. Os estrangeiros estavam mais em evidência e a nova maneira de pensar era marcadamente cosmopolita e universal. Porém, os *criollos* souberam como reverter para seu próprio caminho a ilustração europeia. Embora uma parte desses estudos se tivesse dedicado aos campos da astronomia ou da matemática, praticamente a maioria dos textos tinha relação com o exame de algum aspecto do próprio cenário local. Ainda, para Lockhart e Schwartz,

> [..] quanto mais fundo se olha, mais parece que Iluminismo deu apenas cor e ímpeto a um novo estudo e afirmação de si mesma, da América espanhola, cuja hora estava chegando em consequência da maturidade atingida pelas sociedades locais, independentemente das modas intelectuais da Europa.[330]

A produção intelectual ganhou impulso justamente no mesmo instante em que ocorria uma ascensão em outros aspectos da vida hispano-americana, tanto no âmbito econômico quanto no aumento da população, como se emergisse das forças gerais presentes na sociedade local. Tais processos não foram apenas frutos das decisões tomadas pela Coroa Espanhola, mas também resultados da atitude do *criollismo* ante esses processos.

Ángel Rama, autor de *A cidade letrada*, já havia nos alertado para o monopólio da escrita como a representação de poder. Dessa perspectiva, estariam os *mercuristas* nesse âmbito do poder? A resposta será um dos desafios nos tópicos a seguir. Por ora, adiantamos que a leitura do periódico entendida dentro de uma dimensão sociopolítica, a partir da cultura escrita, revela um comportamento, desde Lima, dos letrados latino-americanos preocupados com a administração e poderes locais.[331] *La ciudad letrada* apresentada por Rama abriu caminho para uma variedade de perspectivas analíticas, entre as quais se encontram as pesquisas culturais, a história intelectual, o pós-

[329] SCHWARTZ; LOKCHART, *op. cit.*, p. 397-398.
[330] *Ibidem*, p. 399.
[331] Importante, também, é a discussão sobre a função social do intelectual, que tem sido visto a partir do uso de conceitos como "intelectual público", "intelectual comprometido", "intelectual local", entre outros. Outras referências dentro desse debate colocam a problematização a partir da identificação do intelectual com a de "letrado" o "acadêmico", objetivando estender o espectro de práticas culturais fazendo com que emerja o conceito no plural de "intelectuais". AGUIRRE; McEVOY, *op. cit.*, p. 16.

colonialismo e os espaços urbanos. Aguirre e McEvoy comentam que a cidade letrada para Rama, "fue el producto de la tendencia controladora de la política barroca, y el letrado colonial fue el medio para lograr esos objetivos"[332]. Durante esse processo, os letrados cumpriram uma atividade administrativa essencialmente ligada ao exercício do poder político. A capacidade de manusear a palavra escrita "fue constitutiva del poder que ejercieron al interior de las estructuras de dominación colonial".[333] Em diálogo com Michel Foucault, Rama trouxe a inovação pela primeira vez ao postular teoricamente um objeto transdisciplinar: o letrado e a cultura letrada no centro do estudo do "discurso" e a prática do poder na América Latina. No entanto, *la ciudad ideal* não se efetivou como tal: o que ocorreu está mais próximo de um dispositivo de controle do saber e de negociação com o poder.[334]

Apesar da circulação de ideias, material escrito e dados sobre o Atlântico espanhol do século XVIII, uma verdadeira esfera pública, que permitiria a opinião pública mediar entre o Estado e a sociedade civil, apareceu lentamente. Materiais impressos raramente estavam disponíveis para a maioria das pessoas, tanto que o *Mercurio* só veio a aparecer em 1791. Esse período de efervescência de novas ideologias científicas, sociais, políticas e econômicas construídas pela *ilustración* fomentaram nos intelectuais uma situação dentro do âmbito do poder. E, nesse ponto, "producir discursos de legitimación del orden social, incluida la definición de la cultura legítima, que no era otra que la de los mismos letrados"[335]. Em cima de tais colocações, entendemos a necessidade de mostrar como essa cultura letrada, no caso do *Mercurio Peruano*, se forja sobre um *criollismo* ilustrado que carrega um patriotismo regionalista bem particular em Lima.

A Ilustração peruana desenvolveu-se com suas especificidades. Rodríguez García apresenta dois processos: "el proceso de institucionalización de la ciencia em el Virreinato y la recepción de la ideas modernas, especialmente las científicas, puestas al servicio del mejora del territorio en el periódico *Mercurio Peruano*".[336] Para isso, apresenta um cenário interessante pautado na obra do intelectual peruano Jose Eusebio Llano Zapata. *Criollo* de uma família que possuía cargos importantes em Lima, ele

---

[332] AGUIRRE; McEVOY, *op. cit.*, p. 17.
[333] *Ibidem*, p. 18.
[334] A análise do discurso, um método fecundo para aprofundamento sobre a história intelectual, fornece uma ferramenta muito útil proporcionando pontos de observação sobre o passado, ainda mais se tratando de uma fonte impressa, como o *Mercurio*.
[335] ALTAMIRANO, *op. cit.*, p. 18.
[336] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 177.

residiu em Cádiz e, desde 1761, estava buscando financiamento para seu projeto científico de elaboração da história natural do Peru. Esse trabalho levaria o nome de *Memórias Histórico-físicas-apologéticas de la América Meridional*, organizado em quatro tomos e cujo único exemplar que chegou a publicar foi o primeiro: "Se dedicaba al reino mineral, el segundo al vegetal, el tercero al animal y el cuarto a la descripción de los principales río".[337] Com esse autor e sua obra iniciava-se no Vice-Reino a aplicação da ciência ilustrada por parte da elite intelectual *criolla*, ao desenvolvimento e progresso do território peruano e de seus habitantes.

Llano adere à nova cultura científica e seus benefícios para o Vice-Reino Peruano e, também, às ideias sobre reformas educativas e científicas que deveriam ser introduzidas no Peru. Esse intelectual protagonizou a defesa de uma ciência útil e "ajena, en términos generales, a las discusiones ontológicas". O trabalho analítico que o autor inicia no Vice-Reino pode ser entendido dentro do que Margarita Garrido, em seu estudo sobre Nueva Granada, chama um processo de *criollización y territorialización*, tanto para os problemas que aparecem no território peruano, quanto para as soluções propostas:

> El examen del País con las herramientas cognitivas que les proporcionaba la ciencia ilustrada condujo a los criollos a buscar formas para mejorar la productividad del mismo y por tanto a preocuparse por su futuro, desde lo que la autora ha llamado patriotismo científico.[338]

Em diálogo com essa formulação, temos entendido os ilustrados do *Mercurio Peruano* inseridos nessa tradição intelectual do que temos chamado de "sociedade patriótica". Dado que seus escritos ilustrados têm dado constante ênfase a um regionalismo cientifico.

A obra de Llano é extraordinária pelo fato de dar conta de grande parte do território peruano e não a uma província apenas, como eram feitas por outros, antecedendo aos viajantes que desembarcaram na América nas décadas finais do período ilustrado, "junto a una mayor consciência de las posibilidades productivas que ofrecía el territorio, los viajes ilustrados contribuyeron a la creación de nuevas

---

[337] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 164.

[338] Conceitos ampliados a partir da perspectiva de Rodríguez García. A apropriação dessa nova ciência não entrava em contradição com os planos reformistas da Coroa Espanhola para América. Pois fortaleceria a o desejo de conhecimento das possibilidades de obter melhores rendimentos de suas possessões americanas, "impulsaba el reconocimiento del territorio, de sus características y de sus recursos naturales". *Ibidem*, p. 165.

identidades que ensanchaban sus límites territoriales y se proyectaban el Futuro".[339] Esse processo, conforme Rodríguez García, pode ser entendido como "criollización de la nueva cultura científica", em especial as possibilidades, dentro da perspectiva de Llano, de que a ciência ilustrada oferecia aos *criollos* soluções para a falta de expectativas profissionais que vinham se sucedendo.

Llano foi o primeiro a plantear de maneira clara as vantagens que poderiam encontrar os *criollos* nas ciências naturais e outros conhecimentos úteis como a metalurgia:

> Lo cierto es, que, si em nuestros Países se muda de sistema literario, se verán en poco tempo los ventajes, que yo les promuevo con el cultivo de la Metalurgia, y Estudio de las Ciencias Naturales […] Por medio, pues, del cultivo de esta Ciencia, que es las más ventajosa a los Comunes Intereses, se conciliara el agrado del Monarca que siempre es propicio sobre los que velan en los adelantamientos, y utilidades del Estado.[340]

Em 1760, Llano Zapata se interessava na reforma dos estudos, especialmente na América dos conhecimentos, "útiles al fomento del territorio y a las necesidades reformistas de la Corona y capaces de dar respuesta a las necesidades profesionales de los criollos"[341]. Entre todos os seus projetos culturais, destaca-se sua proposta de criação de uma biblioteca pública. Essa biblioteca atenderia a todos aqueles faziam parte da *Republica de las letras*. Pois havia uma dificuldade de acesso às publicações europeias.

Junto a essas solicitações constam as reivindicações clássicas do *criollismo*, de verem seus méritos reconhecidos. Como assinala David Branding em seu livro clássico, *Orbe Indiano*, havia um fio invisível que agrupava as queixas e reivindicações dos *criollos* desde o início da colônia até a independência. Llano incluiu, ainda, reflexões pessoais sobre a ilustração nas colônias espanholas e portuguesas: "lo cierto es, que no hay rincón en las Indias, principalmente en el Perú, donde no se encuentren hombres de singular instrucción, y conocimiento de alguna Ciencia, o Arte útil. No solo en nuestras posesiones".[342]

---

[339] RODRÍGUEZ GARCÍA, *loc. cit.*.

[340] LLANO ZAPATA, José Eusebio. Carta al Marqués de Villa-Orellana, Vizconde de Antiána Mariscal de Campo, y Gobernador de las Armas en el Reyno de Quito, 1760, p. 211-219 *apud* RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, 166.

[341] *Ibidem*, p. 167.

[342] LLANO ZAPATA, José Eusebio. "Carta al ilustrísimo señor don Cayetano Marcellano de Agramont". Cádiz, 1764 *apud* RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 169.

Para os ilustrados desse contexto, *las luces* relativizaram a importância de "los factores naturales en el desarrollo de las diferentes naciones, concediendo más importancia a la acción del hombre sobre el medio, en definitiva, a la cultura y a la educación, tal y como aparece en las reflexiones de Llano".[343] Essa confiança na capacidade dos governantes para desenvolvimento do território e, em geral, nos homens, para promover o bem-estar dos seus concidadãos, foi o que posteriormente permitiu a projeção para um futuro das identidades territoriais que foram surgindo.

Boa parte dessa nova onda científica se concentra nas últimas décadas do século XVIII. Surgindo em quase todas as capitais locais hispano-americanas, grupos de discussão chamados "sociedades econômicas de amigos do país", para estudar cientificamente o cenário local e aplicar conhecimento ao aperfeiçoamento da economia local. Entre os intelectuais, eram frequentes as criações de revistas enciclopédicas que continham um pouco de tudo, mas enfatizavam discussões científicas sobre cultivos locais, indústria, doenças, características geográficas e temas semelhantes, sempre pautados na aplicação prática. Nota-se a maior participação de médicos, já que a Medicina era, pelo menos potencialmente, mais científica que o Direito ou a Teologia. Hipólito Unanue, editor e principal colaborador do *Mercurio Peruano* da década de 1790, era médico e professor de medicina.

4.2 Agência *criolla*: características do *criollismo* limenho entre os *mercuristas*

Uma das inquietudes patentes nos estudos sobre a América colonial tardia tem sido a interpretação da categoria *criollo.* Essa categoria, que carrega ambiguidades em si, instiga historiografias diversas na América Latina a procurar as raízes de sociabilidades que levariam às independências do século XIX.

Antes de seguir com a história do *criollismo* em Lima, a cidade dos *mercuristas*, é preciso fazer uma observação: o *criollo*, enquanto grupo social utilizado enfaticamente até agora nesta pesquisa, tem suas particularidades e, no Peru, possui diferenciações regionais e culturais. Nesse ponto, podemos ver uma diferença no caso dos *criollos* de Cusco, que guardam influências da cultura andina em suas formas de viver e agir na cidade dos Incas, que geravam preconceitos e conflitos; essas diferenças também se efetivaram no campo discursivo. Ana María Lorandi e Cora Virginia Bunster destacam

[343] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 169.

que “la rivalidad entre ambas ciudades se manifestaba en asuntos de carácter económico, […] pero también en cuestiones sociales como la discriminación de los limeños hacia los cuzqueños, la cual fue creciendo con el tiempo”[344]. Baquíjano, um dos *mercuristas*, entendia, por exemplo a rebelião de Túpac Amaru não só como temor de ver os indígenas tomarem o poder, mas também porque simbolizava a possibilidade de um Peru controlado desde Cusco.[345] Colocado esse detalhe, seguimos para outra discussão que elegemos para os fins que nos interessam neste capítulo: o *criollismo* patriótico em Lima.

O termo *criollo* somente foi usado nos documentos oficiais nas décadas finais do século XVIII. É possível encontrar a palavra, de modo anacrônico, em muitos manuais de História da América, que usam o termo desde a época da conquista. Como ensinam Schwartz e Lokhart, durante o período colonial, “espanhol”, era a única categoria, tanto na lei quanto na fala cotidiana, para se referir ao agrupamento essencialmente unitário dos que pertenciam à matriz espanhola, tenham eles nascido na América ou na Espanha. Os dois tipos não deixavam de ser espanhóis, mas havia uma diferenciação, os chamados “espanhóis europeus” ou “espanhóis peninsulares”, quase sempre reduzidos a “peninsulares” e “europeus”. Somente nos últimos anos do período colonial passou a existir uma distinção pública correspondente ao que chamamos de *criollo.* Nessa mesma época, vale lembrar, esse termo possuía uma conotação pejorativa derivada de sua originalidade, como os descendentes de escravos negros. Desde então, *criollo*, podia ser aplicado a pessoas de qualquer origem étnica nascidas na América e com maior frequência ia acompanhado de uma especificação regional, por exemplo, *criollo* de Lima, Cuzco etc.

Se, para o termo *criollo*, devemos fazer essa ressalva, para sua derivação, *criollismo*, enquanto conceito utilizado como categoria de análise, ela torna-se mais potente para os estudos históricos, pois nos dá abertura para investigações sobre o sentimento *criollo*, no sentido de agrupamento coletivo, como os *criollos* do *Mercurio* e seu *criollismo* enunciativo patriótico e cientifico; ou, ainda para podermos entender o fenômeno dos laços de sociabilidade que foram surgindo ao longo dos séculos em Lima desde a “conquista”, de um sentimento de pertencimento e diferenciação frente aos

[344] LORANDI, Ana María; BUNSTER, Cora Virginia. **La Pedagogía del Miedo**: los Borbones y el Criollismo en el Cuzco 1780 – 1790. Cusco; Lima: CBC, IFEA, 2013. p. 48.
[345] *Ibidem*, p. 49

"europeus". Acertadamente, esse tem sido o caminho analítico adotado por Rodríguez García no seu estudo sobre *criollismo* e pátria em Lima.

O patriotismo *criollo* no Vice-Reinado peruano, segundo Rodríguez García, começa desde a conquista, no momento em que os espanhóis deixaram de ser o que eram ao deixar sua pátria materna e, junto com essa vinda, ocorre uma transformação de todo um universo cultural; ou seja, alguns dos elementos que configuram a "consciência *criolla*" pode ser vista no século XVI. Em termos ideológicos, nos séculos seguintes, pode ser visto em símbolos religiosos como a Virgem de Guadalupe no México e Santa Rosa de Lima no Peru.[346]

Temos que levar em conta o que significou o processo de mestiçagem cultural para formação do *criollismo*. Ao mesmo tempo que tem essa transposição cultural, os espanhóis identificam-se como diferentes dos indígenas, ou melhor, "en las autodefiniciones que los criollos hacen de sí mismos el indio, y más adelante las castas, son el otro".[347] A mestiçagem cultural aconteceu desde os fins do século XVII nas incorporações de um passado pré-hispânico, por parte das representações realizadas pelos *criollos* nas histórias construídas sobre suas pátrias. No âmbito jurídico, aparece na "republica de índios" e "uma república de espanhóis", gerando com isso, todo um processo de uma sociedade dual, que foi determinante na configuração da identidade.

O *criollismo* foi se configurando pela a forma como os *criollos* construíram uma identidade particular a partir "de las definiciones que dieron de sí mismos",[348] estando materialmente presente nos memoriais destinados ao governo, nas relações das missões, nas crônicas dos conquistadores, nas representações públicas festivas e, no século XVIII, nos periódicos ilustrados. Tudo isso funcionou como um ideário político discursivo com o intuito de defender o lugar que reivindicavam para si.

Em um dos primeiros trabalhos sobre o *criollismo,* André Saint Lu chamava a atenção para a idealização do "conquistador" nas reivindicações dos *criollos*, destaca Rodríguez García. O que defende esses pesquisadores é que desde os conquistadores que atravessaram o oceano, já havia o sentimento de possessão exclusiva sobre as terras descobertas. Resultando em hostilidades entre os conquistadores e os posteriormente enviados pela Coroa. Esse antagonismo hispânico-peninsular indica que "el espíritu

[346] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**…, *op. cit.*, p. 15-16.
[347] *Ibidem*, p. 17.
[348] *Ibidem*, p. 18.

criollo precedió al nacimiento del primer español americano"[349]. O conflito *criollo*-peninsular passa pela forma que os primeiros veem os segundos como adversários que usurpariam seus direitos, que ameaçavam suas posições hegemônicas – e isso se resolvia, muitas vezes, em casamentos.

Antes mesmo da "polêmica do novo mundo", sobre a qual Antonelo Gerbi fala sobre o século XVIII, houve uma defesa da natureza *criolla* e a exaltação do meio americano no século XVII. Foi comum, nesse período, a aplicação das teorias de Aristóteles sobre a influência do clima e do território sobre os habitantes, e como isso influencia a natureza do indígena. Essa mesma lógica foi aplicada aos *criollos.* Isso dava a justificativa para eles não poderem ocupar determinados cargos, por causa da transmissão de hábitos perniciosos pelo leite das mulheres indígenas, segundo eles defendiam. Isso seria levado também ao caráter dos *criollos*, e daria a justificativa para os europeus ocuparem os cargos de poder. Foram produzidas tentativas de repostas por parte dos *criollos,* que passava pela defesa da natureza e a capacidade deles, bem como a exaltação dos territórios que habitavam. Esse foi um dos elementos que configuraram o *criollismo* no vice-reinado peruano.

A exaltação do território peruano, destaca Rodríguez Garcia, passou por obras como a de Buenaventura de Salina y Cordova, *Memorial de las feitorias del Nuevo Mundo Piru*, de 1630. Um dos aspectos que caracteriza essa obra "fue su esfuerzo por presentar de forma positiva la naturaleza peruana dentro del ideal platónico del Renacimiento", que caracterizava a paisagem mais rica e a natureza perfeita dos habitantes americanos.[350]

Obras como a de Salina y Cordova ainda têm um complemento muito interessante: a importância dada a cidade como símbolo da identidade *criolla* (IMAGEM 8). No século XVII, a cidade era vista como sinônimo de civilidade. Assim, Cusco passou a ser interpretada como providencialista da conquista. Os intelectuais do *Mercurio* enxergam na cidade um espaço de civilidade. Entre todas as cidades, há o protagonismo de Lima. Em parte, porque os poderes estavam concentrados na capital e porque estava concentrada toda a estrutura comercial. Lima se torna nessa época o principal centro de produção literária.

Até esse momento do século XVII, em síntese, temos o *criollismo* identificado na exaltação da natureza americana, no elogio das cidades *criollas* e falta, como no

[349] *Ibidem*, p. 25.
[350] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**…, *op. cit.*, p. 33.

século precedente, o elogio da conquista – que parece ter sido um elemento presente em todos os séculos que estamos apresentando.

Essa defesa dos conquistadores por parte dos *criollos* é explicada pela situação de miséria que passavam os descendentes dos conquistadores. Eles passaram a buscar e defender a posição social de suas famílias por meio de algumas frentes: reivindicações de cargos políticos que seriam justificadas por suas virtudes herdadas; pelos enaltecimentos das missões, que segundo entendiam, foram civilizadoras e evangelizadoras; e pela exaltação de uma aristocracia militar unida à ideologia imperial no contexto da conquista. Rodríguez García argumenta que "los criollos convirtieron el concepto de conquista en la base de su permanencia social".[351]

Essa lógica esteve presente também nas páginas do *Mercurio Peruano* no século XVIII. Esta reivindicação positiva dos conquistadores diz respeito ao modo como tratam os como "abuelos", carregando nessa palavra um profundo sentimentalismo. Criticam a Las Casas, ele "maliciosamente celebrado por solos preocupados extranjeros [...] cuyas consecuencias por defecto o exceso en las manos ejecutoras, fueron tan odiosas y funestas para estas Indias"[352]. Isso teria provocado um "acercamento moral" de *los criollos* em referência ao seu passado europeu. Os *mercuristas* entendiam que não podia negar ou recusar suas origens, ao passo que são filhos e netos dos conquistadores: "La verdad es que ni la envidia de los extranjeros, ni la emulación reciproca que tuvieron los mismos españoles, ni la ingratitud de algún otro americano ha sido capaz, ni lo será jamás de obscurecer la gloria española por estas portentosas conquistas".[353]

[351] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**…, *op. cit.*, p. 44.
[352] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 237.
[353] *Mercurio Peruano*, V, 1792, f. 258.

Imagem 6 – "Plaza mayor de Lima". Anônimo.

Nota. Essa pintura mostra uma espécie de mercado a céu aberto na praça central de Lima em 1680, com destaque para os letrados que estão na parte inferior do lado direito. Mostra também um ordenamento arquitetônico da cidade e ilustra a cidade como espaço de intelectualidade criolla.
Fonte: RODRIGUEZ GARCÍA, Margarita Eva. Criollismo y patria en la Lima ilustrada (1732-1795). Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2006

Escritos como esses, para o caso do *criollismo* limenho, podem ser vistos em nomes como Salinas y Cordova e Juan Meléndez, em seu *Tesoros verdaderos de las Indias.* Esse tipo de literatura *criolla* na América em geral foi muito prolífica. Bernard Lavellé fez um balanço sobre alguns nomes, como citado por Clément:

> En La Argentina de Ruy Díaz de Guzmán (1612), el Memorial de las historias del Nuevo Mundo Perú de Fr. Buenaventura de Salinas y Córdoba (1630) y la Crónica religiosísima de la Provincia de los Doce Apósteles del Perú de su hermano Fr. Diego de Córdoba y Salina (1651), la Crónica moralizada de la orden de san Agustín en el Perú de Fr Antonio de la Calancha (1638), la Histórica relación del reino de Chile de Alonso de Ovalle (1646), entre otros.[354]

Em todos esses textos, conhecidos pelos *mercuristas*, encontram-se argumentos que defendem os espanhóis americanos:

[354] LAVELLÉ, 1982 *apud* CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 251.

> Ya irá descubriendo el lector que la fecundidad grande del Perú no se limita a los tesoros que producen las entrañas de la tierra, sino que también en las preciosas minas de los entendimientos de los naturales se hallan riquezas, cuyo valor excede la estimación del mundo.[355]

Essa situação é ligada à defesa do ser *criollo*. Vale a ideia apresentada por Clement, em que desde o século XVII permeava um sentimento *anticriollo* até mesmo na Espanha. Partia até mesmo da metrópole a ideia que depreciava as pessoas nascidas na América, de serem gente pouco melhor que os mestiços. "La reivindicación de abuelos blancos, esforzados y gloriosos, es, por consiguiente, una necesidad absoluta para los criollos, para salvarse tanto a los ojos de los peninsulares como a los suyos proprios".[356]

Além da exaltação dos conquistadores, no decorrer do século XVII configurou-se uma memória histórica do passado indígena, no que podemos chamar de uma identidade *criolla* indigenista. Um início do patriotismo *criollo* comum do século XVIII, como no México (Nueva España) da incorporação do passado indígena feita por Clavijero. No Peru, diferente do México, a existência de uma elite indígena é incorporada ao passado imperial dos relatos *criollos*, como nos escritos de Garcilazo de La Vega. O *criollo*, para conseguir suas reivindicações, não apela justamente à identidade hispânica.

No século XVIII, a perspectiva se altera. Rodríguez García assinala que houve uma mudança significativa para o Vice-Reino do Peru, o que ela chama de "marco teórico". As dinâmicas regionais passam a ter maior relevância, uma identidade particular vinculada ao território, inclusive a espanhola. Citando David Brading, a autora infere que

> en todo territorio americano la transformación operada por los Borbones de los Reinos de Indias en provincias de una misma nación, y las reformas que se derivaron de ese nuevo planteamiento, chocaron con la percepción que los criollos tenían de la posición que su territorio ocupaba en el conjunto de la Monarquía Hispánica, acelerando las discusiones teóricas sobre su propria identidad.[357]

Processo este que ficara mais claro no período da ilustração.

---

[355] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 107.

[356] Complementa o historiador francês: "Esto explica su búsqueda permanente del pasado peruano, que se manifiesta por el rastreo incesante de documentos – que piden a los lectores (MP, II, 1791, f 317) o que compran (MP, I, 1791, f. 33) – Y por la publicación de un gran número de artículos históricos, que representan el 9% de la superficie impresa del periódico y una tercera parte de los 24 temas abordados por los mercuristas". CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 243.

[357] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 52.

A ilustração teve um papel importante para os *criollos*. Além de aumentar o conhecimento sobre seus países, deu ferramentas para que os *criollos* questionassem o status colonial dos territórios americanos. Servindo, também, como afirmação e defesa da identidade americana com os novos instrumentos científicos proporcionados por *las luces*, ao mesmo tempo que provocava o descontentamento com as reformas dos Bourbons e suas novas concepções políticas que se chocaram com as dinâmicas autônomas na América.

Os novos instrumentos da ilustração deram aos *criollos* o aparato cientifico para avaliar os recursos e a geografia do vice-reinado. Passaram a examinar a realidade natural e social, a questionar a relação dos territórios hispânicos com a metrópole.

O *criollismo* presente no *Mercurio* pode ser analisado em outras frentes enunciativas. Esse é o caso de uma reivindicação do passado indígena, que aparece nas páginas do *Mercurio*, e aborda o que chamamos anteriormente de "indianismo historicista", tanto pelo passado pré-colombiano incaico, quanto pela história espanhola. Postura esta que pode perfeitamente qualificar de "garcilasista", desde o célebre texto de Garcilaso de La Veja.

Partimos da ideia de que as estratégias enunciativas dos *mercuristas*, funcionou como se eles fossem porta-vozes dos *criollos*. Desde o artigo do *Mercurio* sobre os *monumentos antíguos del Peru*, aparecem claramente suas intenções desfazer "la falsa idea de la brutalidad" e de "extrema barbárie" dos incas.[358]. O texto defende o incanato, os monumentos e os vestígios arquitetônicos deixado pelos Incas, e os colocam como peritos em hidrologia, tanto que, para os *mercuristas*, as obras arquitetônicas eram tão avançadas que resistiram aos terremotos. Também mencionam a similaridade, no aspecto sagrado, da agricultura entre os Incas e os antigos romanos. Buscam mostrar – e talvez convencer a si mesmos – como salienta Clément, que eles são fruto de culturas antigas e, assim, são nobres, avançados e superiores. Podemos pensar o quanto isso orienta a ideia que os *criollos* têm de si mesmo. Ao retratar o passado greco-romano, indicam sua descendência europeia, por conseguinte dos conquistadores, ao mesmo tempo em que se sentem orgulhosos do passado Inca.

Mesmo com uma mentalidade difusa a respeito da percepção do pertencimento à uma entidade social particular, "que no es puramente española, se pasa luego a una etapa posterior caracterizada por el rechazo España ya su dominación". [359] E

[358] *Mercurio Peruano*, V, 1792, f. 255.
[359] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 246.

concordamos com Clément que, no Peru, naquele momento, não havia manifestação clara desse apontamento, mas que estava germinando, mesmo que de maneira rarefeita, na mentalidade dos *criollos* do Vice-Reino.

Mais convincente para pensar o *criollismo* presente no *Mercurio* foi a oposição aos detratores europeus, nas disputas ilustradas do século XVIII. Todas as críticas que vinham da Europa, desde uma teoria que se pretendia científica, se dava na influência do clima sobre os americanos. Relembramos que, desde o século XVII, a teoria conhecida como "dos climas" foi fundamentada por nomes como de Montesquieu e, sobretudo nas ciências, por Buffon, que afirmava em sua *História Natural* que, "en cuanto comenzó el Hombre a cambiar de cielo y se expandió de clima en clima, su naturaleza sufrió alteraciones"[360]. Na medicina, não foi diferente. O alemão Johann Friedrich Blumenbach explicava em sua tese, *De generis Humani varietate nativa* (1775): "Perece evidente que el clima debe de ejercer un poder casi infinito sobre todos los cuerpos orgánicos y particularmente sobre los animales de sangre caliente".[361] Era comumente aceito que os índios estavam marcados pela herança geoclimática em que viviam, e os *criollos*, por sua vez, adquiriram os mesmos defeitos físicos e morais: pele escura, agressividade, preguiça etc.

O conceito de inferioridade americana, que já existia há séculos, seguia forte no século XVIII, muitas vezes sustentados por enunciados pseudocientíficos, sendo o exemplo de um naturalista ilustrado o abade Cornelius de Pauw. Sua publicação *Recherches philosophiques sur les Américains* (1768–1769) dava ao leitor uma aparência de seriedade e perícia científica que só poderia ter sido feito por uma profunda e seria investigação. Na leitura de Gerbi, para de Pauw, o clima não foi a causa única do estado triste em que estava o Novo Mundo; ele defendia também que houve um dilúvio que explicaria o fato de a América, "en general ha sido y sigue siendo hoy en día una región muy estéril".[362] O abade defende que essa terra era coberta de selvas e pântanos que justificava a teoria do dilúvio. A humidade provocada por essa recente saída do dilúvio, para De Pauw, deu a criação de uma fauna "particularmente repugnante" e os animais úteis, são escassos e "ridiculamente pequenos":

[360] BUFFON apud CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 247.
[361] *apud* CLÉMENT, *loc. cit.*
[362] DE PAUW, 1768-1769, p. 110 *apud* CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 248.

> La superficie de la tierra, atacada por la putrefacción, estaba inundada de Lagartos, de Culebras, de Serpientes, de Reptiles y de Insectos monstruosos por su grandeza y la actividad de su veneno, que sacaban de los jugos abundantes de este suelo inculto, viciado, abandonado a sí mismo".[363]

Essa caricaturização falsamente científica também foi levada aos homens. Segundo De Pauw, os homens do Novo Mundo estão em "estado de decrepitud y de caducidad" e que "del genio embrutecido de los americanos", os indígenas são fisicamente débeis, têm pouca ou nenhuma virilidade. Mais interessante, de Pauw ressalta a fraqueza moral dos autóctones americanos: "sua alma había perdido a proporción de sus cuerpos". O polemista tinha um olhar para os americanos como bestas: "Superiores a los animales, porque tienen el uso de las manos y de la lengua, son realmente inferiores al menor de los europeos; privados a la vez de inteligencia y de perfectibilidad, no obedecen más que a los impulsos de su instinto".[364]; e os mestiços, por terem sangue indígena, herdam os defeitos de seus pais índios, enquanto os *criollos* e os peninsulares europeus, presentes na América há muito tempo, sofrem a influência dos efeitos do clima e do solo. Nessa argumentação, de Pauw é enfático, e essa relação física e geográfica fazem deles seres inferiores a seus antepassados espanhóis. A única concessão dada por de Pauw é que, por serem descendentes europeus, são superiores aos indígenas. Os *mercuristas* ofendidos fizeram uma defesa:

> […] todo lo contrario se manda para los casos em que los dicterios o las sátiras se dirijan contra nuestra patria el Perú. Entonces la Sociedad hará todos los esfuerzos posibles, has sacrificarse para su defensa. si los detractores son literarios del otro hemisferio, especialmente si son extranjeros, deberá la Sociedad impugnarlos con las pruebas de hecho, y con los raciocinios más vehementes.[365]

Os redatores do periódico aceitaram, com algumas ponderações, as teorias de de Pauw. Eles traçaram um debate sobre as acusações lançadas contra *el país* e seus habitantes. Os membros da Sociedad Académica chegaram a aceitar a teoria do clima, mas fizeram uma ressalva: para aplicar tal teoria, é preciso conhecer bem a região da qual está se tratando, pois esses europeus indignavam os *mercuristas*, escreveram, "Sobre ligeras noticias que de paso adquirieron alguns Viajeros, se han combinado casi todas las Historias, reflexiones, Cartas, Tratados geográficos y Compendios, que se han

---

[363] DE PAUW, 1769 I, p. 7 *apud*: CLÉMENT, CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 248.
[364] DE PAUW, 1769, II, 154 *apud* CLÉMENT, *loc. cit.*
[365] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 132.

dado a luz sobre el Perú em las orillas del Sena, y del Támesis".[366]; ou seja, os europeus estão distantes e não têm o quê de empírico que demanda um verdadeiro ilustrado: "El espíritu del sistema, sus preocupaciones nacionales, la ignorancia a veces, y el capricho han influido tanto en la mayor parte de estas obras, que el Perú que ellas nos trazan, parece un país enteramente distinto del que nos demuestra el conocimiento práctico"[367].

A indignação é tamanha que os *mercuristas* chegam a falar que os olhos de europeus como de Pauw não conseguem perceber que o clima do Peru, em geral e especialmente o de Lima, "gozan de um Clima muy agradable".[368] Usam de uma destacada engenhosidade literária para falar das regiões americanas: "felizmente reina en estos países favorecidos no menos de Apolo y de Minerva que de Ceres y de Pomona, un temperamento dulce que hace connatural a sus moradores la humanidad y debilidad, todos son compasivos, todos generosos",[369] dando aos leitores do periódico a ideia de que o clima americano é benéfico e tem uma influência positiva para seus habitantes.

Além dessa polêmica, os *mercuristas*, dentro da ideia de *criollismo* que temos traçado, passaram a tomar consciência do território, de seu país. Segundo Clément, "la toma de consciencia de sus fronteras externas por los propios criollos, puesto que quien dice 'nación' dice territorio con límites precisos".[370] No caso da Sociedad Académica, representantes do caso peruano, isso ficou mais acentuado na criação do Vice-Reino de la Plata, processo efetuado em 1776 como umas das políticas geoadministrativas dos Bourbons. A separação do Vice-Reino do Peru criou a sensação de novas entidades territoriais com uma regionalização acentuada na América Hispânica, facilitando para os peruanos do *Mercurio* a tomada de uma consciência territorial, sendo manifestado na busca constante por conhecer o território em sua totalidade, dos homens que habitam, dos recursos naturais de que dispõem. Vendo por essa óptica, o *Mercurio* é peruano, e não só de Lima.

Os *mercuristas*, fazendo uso das ferramentas que dispunham, desde a ilustração, passaram a procurar dar conta da realidade em que viviam, seja no campo da história natural, da geografia, da economia, das matemáticas, da demografia e das mais variadas ciências; e voltaram-se ao interior do Peru, como na metáfora de Clément, "como un

[366] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 1.
[367] *Loc. cit.*
[368] *Ibidem*, VII, 1793, f. 176.
[369] *Ibidem*, IV, 1792, f. 141-142
[370] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 254.

niño que va descubriendo su cuerpo mirándolo y tocando lo, los criollos van aprendiendo a conocer su país a través de estas descripciones, textos tanto necesarios cuanto que el Perú aún no se conoce bien".[371]

A ilustração trouxe novas práticas culturais e a imprensa, o papel de criar comunidades imaginadas entre os *criollos*, como ensinou Benedict Anderson. O *Mercurio Peruano* enuncia um modo de conhecer o Peru, dando novo sentido de comunidade e sentimento de solidariedade entre os *criollos*. Nos termos de Margarita Garrido, podemos dizer que os leitores desse tipo de material fizeram parte, junto aos que enunciavam, de uma forma de sociabilidade secular, característica significativa do "patriotismo científico".[372] Mesmo que essa ilustração ainda seja vacilante no sentido de uma epistemologia própria, americana. Elaboramos isso melhor no próximo tópico.

4.3 Ilustração e conhecimento útil

Desde o final do século XVII, a ciência passa a ser o objeto universal de atenção. Em todas as frentes, ela ganha um desenvolvimento impressionante. Algumas disciplinas, como botânica, agronomia e medicina, alcançam nível de desenvolvimento jamais igualado. Outras deixam de lado suas superstições para ir ao encontro da "luz" e transformam-se em ciências autêntica, como no caso da alquimia, da química, da astrologia e da astronomia. Outras surgem como novidades, como a mineralogia, a geologia, a metalurgia e as ciências humanas.[373]

Outra caraterística importante dessa difusão do saber, além da quantidade de publicação, é a busca pelo maior número possível de leitores alcançados, ao alcance de todos, inclusive o "leitor mediano". Dentro dessa vontade de saber, a imprensa periódica cumpriu um papel fundamental. Nessa linha, os *mercuristas* entusiasmados comentaram: "el espíritu del siglo es propenso a la ilustración, a la Humanidad y la Filosofía. La América, que desde muchos tiempos se hallaba poseída de estas mismas ideas, se ha unido insensiblemente en adoptar un medio muy oportuno para

[371] CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 253.

[372] GARRIDO, Margarita. **Reclamos y representaciones**: variaciones sobre la Política en el Nueve Reino de Granada, 1770-1815. Bogotá: Banco de la República, 1993.

[373] Clément comenta que "El fenómeno se traduce en una fuerte progresión del número de libros publicados. François López (1981) ha mostrado que, si bien la producción salida de las prensas se cuadruplicó en España entre los períodos de 1721-1725 y 1784-1788, esto se debe esencialmente a la categoría de Ciencias y Técnicas, que llega a representar el 32,7% de la producción global, sobrepasando a las Bellas Letras (31,7%) y dejando muy atrás el sector, hasta entonces dominante, de la Teología y la Religión (19,5%). CLÉMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 107.

transmitirlas: éste es el de los periódicos".[374] O *Mercurio* promove a difusão da cultura, mas a preferência é pela Ciência, dentro do eminente espirito ilustrado do século XVIII, em que seus autores dedicaram um quarto da superfície impressa no periódico.

O *Mercurio* reflete a mudança no entendimento do conhecimento que passou a vigorar ao longo do século XVIII, representada pela ilustração. Novas epistemologias foram surgindo em todos os lugares da Europa e, na América, obtiveram frutos excepcionais, sendo o periódico da *Sociedad Académica* um dos grandes reflexos de uma intelectualidade comprometida com a ilustração.

A transição desse novo modo de pensamento chegou até a cultura colonial. Isso é inegável, mas há uma ressalva, conforme apontado por José Carlos Chiaramonte.[375] O autor explica que o pensamento ilustrado não surge bruscamente na América na forma de uma visão contra a metrópole e *librepensadora*, presente nas vésperas das independências. Para Chiaramonte, existem, previamente alguns passos representados por peninsulares ou *criollos*, comumente fiéis às monarquias e ao catolicismo. Essas formas de pensamento não deixam de ter um caráter inovador, por causa da influência ilustrada, mas é preciso ter uma observação em considerar essas manifestações como originais. Não é possível sustentar que houve um pensamento ilustrado separado do pensamento metropolitano, mas a existência de um processo intelectual que compartilha uma série de orientações e fundamentos da Ilustração europeia. O mesmo autor ainda adverte que houve inovações como recusa a certas pautas culturais e sociais; Chiaramonte as entende como "ilustração ibero-americana".

Por sua vez, Cañizares-Esguerra, no seu modo particular, ancorado em uma crítica ao eurocentrismo discursivo, aponta também um olhar sobre a ilustração. O autor explica que o iluminismo (a ilustração), em pesquisas recentes, é entendido como centrado em disputas sobre gênero, governo, religião, ciência e o exótico, dentro do surgimento de novas formas de sociabilidade. Essa explicação e ampliação do conceito de ilustração visa incluir todos os envolvidos na construção da "esfera pública" habermasiana. Mesmo assim não deixa de ser eurocêntrica. Livros baratos, jornais e periódicos ampliaram e globalizaram a esfera pública, isso não se pode negar. Para Cañizares-Esguerra "os temas importantes para o público da América espanhola tinham menos que ver com a construção de novas linguagens religiosas e políticas do que com

[374] *Mercurio Peruano*, I, 1791, p. 308.
[375] CHIARAMONTE, José Carlos. (ed.). **Pensamiento de la Ilustración**: economía y sociedad iberoamericanas en el siglo XVIII. Caracas: Ayacucho, 1979.

a construção de epistemologias críticas alternativas.[376] O iluminismo hispano-americano, como destaca o autor, era um espaço duplo de criação discursiva no que contribui para consolidação de uma esfera pública.

Margarita Eva Rodríguez García apresenta também uma boa leitura sobre esse movimento ilustrado no Peru. Em um artigo recente sobre a ilustração possível em Lima no século XVIII, a pesquisadora sugere pensar que a ilustração ofereceu aos *criollos* e peninsulares um discurso que esteve ligado a ideia de uma reorientação da monarquia para o comércio, sem questionar a cultura católica do mundo hispânico[377]. E que o *MP*, por sua vez, não pode ser enquadrado literalmente em uma ilustração peruana. A argumentação da autora se dá na própria advertência que fizeram os *mercuristas* ao se lamentarem de estarem isolados da contribuição do desenvolvimento da opinião pública o do espaço público no Peru, pois, segundo os *mercuristas*,

> […] un literato en Europa tiene muchos recursos, y acá empezamos por carecer del principal, que es una Biblioteca Pública (almacenes siempre abiertos a los cuales acude libremente un hombre de ingenio, sea para adquirir nuevos conocimientos, sea para rectificar los que tiene adquiridos). Las conversaciones domésticas, las Academias, los cafés son otros tantos puntos de reunión que acercan a los hombres de talento, facilitan el comercio delicioso de los descubrimientos literarios, excitan una noble emulación, publican y depuran las combinaciones científicas. Aquí un Escritor se ve aislado absolutamente, y nosotros lo hemos experimentado. Con las nociones pocas o muchas que nos han quedado de nuestros estudios, y con las limitadas que pueden sufragarnos nuestros libros y los prestados, hemos entrado en la dilatada y abstrusa carrera de la historia y literatura, contrayendo una y otra a la ilustración de los anales, ciencias y costumbres del Perú.[378]

Com isso, seria mais correto, na visão da autora, falar mais de ilustrados do que de ilustração.

Apresentado esses pontos de vistas, a nossa compreensão se baseia em uma ilustração particular que pode ser vista no *Mercurio Peruano.* A Ilustração *criolla* distingue-se da Ilustração europeia presente na América, pois assume condições próprias e um sentimento patriótico, uma identidade patriótica. Esses *criollos* tinham uma identidade local: escreviam como quitenhos, limenhos etc., não como espanhóis,

---

[376] CAÑIZARES ESGUERRA, **Como escrever**..., *op. cit.*, p. 322.

[377] RODRÍGUEZ GARCÍA, Margarita Eva. La ilustración posible en la Lima setecentista: debates sobre el alcance de las luces en el mundo hispánico. *In*: RODRIGUES, José Damião (ed.). **O Atlântico Revolucionário**: circulação de ideias e de elites no final do Antigo Regime. Lisboa, CHAM, 2012.

[378] *Mercurio Peruano*, VII, 1793, f. 10. *apud* RODRÍGUEZ GARCÍA, La ilustración..., *op. cit.*, p. 325.

ou seja, era um *criollismo* ilustrado onde o conhecimento proporcionado pela ilustração deveria ser útil a *la patria*.

Essa ilustração, que pode ser apreciada nas páginas do periódico, também tem suas especificidades. O *Mercurio Peruano*, sob influência da ilustração espanhola, dialoga em um primeiro momento com o que Beatriz Helena Domingues chamou de "Ilustración católica". Segundo a autora, este tipo de Ilustração é entendido como uma corrente da Ilustração racionalista europeia voltada a demonstrar a não existência de conflito entre o cristianismo e uma compreensão científica e moderna da realidade do mundo e da história:

> […] para los adeptos de esta corriente, la concepción ilustrada del mundo no podía reducirse al estrecho racionalismo crítico y antirreligioso de los filósofos. Sus obras – sean históricas, literarias o científicas – están animadas por el deseo de penetrar en los nuevos campos que la ciencia y a erudición les abrirán. De tal forma que, a pesar del rechazo a los postulados anticristianos de los enciclopedistas y de los filósofos en general, su afán para conciliar tradición y novedad se amparaba en bases intelectuales sólidas, visibles en su método, en su exégesis y en su estilo.[379]

Na mesma linha, a concepção do filósofo Johnny Octavio Obando Morán sobre a matriz ilustrada do periódico nos faz perceber que o *Mercurio* no século XVIII aparece como uma expressão renovadora das ideias da época no Peru. Porém, para esse autor, essa renovação foi bastante parcial, por ter se reduzido ao âmbito do conhecimento, que era muito deficitário e ainda por não "decir que fue empirista de claro signo realista tomista".[380]

Nesse sentido, sustenta o filósofo, houve a permanência de uma tônica "ontológica tomista-aristotélica hispânica" que "afectó a todos los aspectos de la conciencia y el pensamiento". Essa dimensão teria sido concebida em uma esfera empirista-realista. A *Ilustración* peruana seguiu com olhos "ontológicos tomista-aristotélicos hispânicos", e isso teria acentuado o conhecimento descritivo como

---

[379] DOMINGUES, Beatriz Helena. Clavigero y la ilustración: consideraciones sobre América y los americanos desde la perspectiva del exilio. *In*: ALFARO, Alfonso *et al.* (coord.). **Francisco Xavier Clavigero, un humanista entre dos mundos: entorno, pensamiento y presencia**. México: FCE, 2015. p. 282. Vale ainda mencionar a proposta apresentada por Clément em que "Catolicismo Ilustrado" no *Mercurio* pode ser visto como S. MERKLE pontua: "se ha caracterizado por la continuación em muchos sectores de la reforma tridentina (cultura bíblica, atención por la catequesis) y por rasgos nuevos resultantes de la evolución del siglo XVIII: interés por la liturgia, desprecio a las formas populares de la devoción, sentido histórico, espíritu crítico, gusto por la historia de la Iglesia, oposición al escolasticismo, austeridad moral (rechazo del probalismo), apego a las lenguas vulgares, crítica del estilo barroco em la predicación, actitud comprensiva, ecuménica, hacia los protestantes". a*pud* CLEMENT, **El *Mercurio***…, *op. cit.*, p. 141.

[380] OBANDO MORÁN, *op. cit.*, p. 1.

verdadeiro conhecimento.[381] Sendo este um dos sentidos de Ilustração que a elite *criolla* se propôs a pensar o Peru e o expor nas páginas do *Mercurio*.

Em uma análise do movimento ilustrado no Vice-Reino e a visão de sociedade que tinha os *mercuristas*, é interessante destacar os significados, que nesse momento, teve o termo "sociedade". Em uma primeira acepção da palavra, o *Diccionario de la lengua castellana* (1803) indica como "compañía de racionales", tendo suas variantes, cujo significado é "la junta o compañía de varios sujetos para el adelantamiento de las facultades y ciencias";[382] parece-nos bastante sugestivo para pensar essa sociedade de intelectuais redatoras do *Mercurio Peruano*. Ainda, esse termo ("sociedade") era visto como pilar ideológico do século XVIII, tanto para os que viam nela um modo de forjar a civilização do gênero humano, quanto para os que seguiam Rousseau, com a ideia de corrupção do homem naturalmente bom. Do ponto de vista ilustrado em Lima, na segunda metade do XVIII, a palavra "sociedade" era entendida como um lugar de troca de ideias e de conhecimento, como também no sentido político derivado de "sociedade civil". Esse termo evolui de forma concomitante ao posicionamento político do movimento ilustrado no Vice-Reino[383].

De acordo com o espírito *ilustrado*, que animava esta publicação periódica nas páginas do *Mercurio Peruano,* o pesquisador Puente Brunke comenta que a maior parte de suas páginas esteve dedicada "a tres materias", segundo a classificação elaborada por Jean-Pierre Clément: "conocimiento del país", "ciencias" e "economía". "Se trataba de las materias consideradas como de mayor 'utilidad práctica', y cuyo desarrollo contribuiría eficazmente al logro de la 'felicidad' del país".[384]

Sublinhamos que um dos programas do *Mercurio* foi a difusão das *luces* e defesa do país. Isso por meio do conhecimento prático, conhecimento útil, em escritos sobre geografia, economia, história natural, educação, higiene, agricultura, demografia, astronomia, etc. Tal difusão se deu por meio do "conhecimento útil" e apropriação redacional da realidade.

Os *mercuristas* se colocavam contra a *enseñanza tradicional*, ou seja, escolástica. Um dos redatores do periódico, Pérez Calama, comenta que "Las universidades y colegios en España y en Indias han sido (y lo peor es que continúan) el

[381] OBANDO MORÁN, *op. cit.*, p. 1.
[382] REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, *op. cit.*
[383] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 142.
[384] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, citado em PUENTE-BRUNKE. José. EI Mercurio Peruano y la religión. **Anuario de historia de la Iglesia**, ISSN 1133- 0104, n. 17, p. 139, 2008. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2592939. Acesso em: 3 jan. 2021.

baluarte de la ignorancia […] Así se han criado todos en este siglo y en el pasado".[385] Para os *mercuristas* a preferência sempre foi pelos estudos úteis para sociedade:

> El conocimiento de la naturaleza y sus efectos le es aún indispensable. En observarlos y servirse de ellos consisten las artes y la agricultura, el comercio y servirse de ellos consisten las artes y la agricultura, el comercio de la vida, y la vida misma. El hombre de letras pues, no se dispensa en esta para utilizar a todos; ved aquí su principal empeño. Avanza cuanto encierra el Universo; cuanto puede servir de provecho, lo inquiere, lo investiga, lo medita, lo reduce a la experiencia; pero aparta de sí al mismo tiempo como inútil, lo que no ministra más que abstracción estéril. Él reprueba esos conocimientos vagos, que pervierten el buen sentido, que no ofrecen a la Sociedad.[386]

A respeito desse ponto, Clément comenta que "el fin principal que se fija de ahí en adelante a la enseñanza, ya no cosiste en formar a clérigos o a hombres bien educados sino a ciudadanos"[387]. Podemos perceber esta sugestão do historiador francês se levarmos em conta o contexto da ilustração e o quanto esteve em voga esse projeto ou ideia de criar cidadãos. Vejamos como o verbete "Educação" aparece na Enciclopédia de Diderot y d'Alembert:

> As crianças que vêm ao mundo devem formar, um dia, a sociedade na qual elas irão viver; sua educação é, portanto, o objeto mais interessante: 1º- por elas mesmas, pois a educação deve fazer com que elas [as crianças] sejam úteis a esta sociedade, que obtenham estima e encontrem o seu bem-estar; 2º- por suas famílias, que elas devem amparar e honrar; 3º- pelo Estado mesmo, que deve recolher os frutos da boa educação que receberam os cidadãos que o compõem.[388]

Os *mercuristas* seguem o mesmo caminho. Indicam que os pais devem cuidar para que seus filhos sejam "ciudadano útil al Estado",[389] e que as mulheres também devem se atentar para "hacer de sus hijos ciudadanos".[390] No entanto, em que consiste essa cultura de ser *ciudadano*? Segundo Clement, "en adquirir 'conocimientos útiles' a la colectividad, es decir, que tengan aplicaciones prácticas casi inmediatas"[391]. Para o *Mercurio*, destaca o peruanista, uma boa formação vai "tener un aspecto material,

---

[385] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 131.
[386] *Mercurio Peruano*, V, 1792, f. 206
[387] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 179.
[388] D'ALEMBERT, J.R.; DIDEROT, D. **Encyclopédie**. Paris: Redon, 2002. CD-ROM. *apud* DE SANTANA, C. A. A efervescência das ideias pedagógicas na ilustração: o verbete "educação" da enciclopédia. (**Prometheus - Journal of Philosophy**, v. 11, n. 26, 2018. Disponível em: https://seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/8609. Acesso em: 3 jan. 2021.
[389] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 12
[390] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 34
[391] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 180.

práctico, concreto, porque la sociedad en pleno desarrollo económico necesita trabajadores cada día mejor adiestrados en su oficio".[392]

Outro assunto bastante destacado pelos *mercuristas* foi o *conocimiento del País* e, como já falamos antes, junto com ciências e economia, cobrem 73,88% do *Mercurio.*[393] Essa ânsia por conhecer o país confirma a vontade dos autores de serem úteis ao Peru, de fazer de seu órgão impresso um instrumento que servisse para fomentar a economia "nacional". É significativo que a instrução de Clément para entender o que vem a ser "conocimiento del país" no periódico:

> Conocer el país significa, para ellos, saber cuáles son los recursos económicos (riquezas del suelo y del subsuelo, capacidades de los moradores, etc) que ofrece el territorio al grupo social que lo dirige. De ahí, la importante contribución en materia de Economía y también de Ciencias, instrumentos necesarios para fomentar la exploración del virreinato. [394]

Isso somente seria possível pela instrumentalização do conhecimento com vistas para utilidade pratica na economia e "sociedade peruana". Partindo desse ponto, vejamos qual tipo de conhecimento estaria pautando os *mercuristas* desde as influências da ilustração. Em termos gerais, os pensadores peruanos – aqui vistos pela ótica dos *mercuristas*, no século XVIII – entendiam que o progresso humano não seria possível sem o desenvolvimento do conhecimento científico, "es el punto de vista defendido por todos los pensadores de la ilustración"[395].

O periódico, durante toda sua existência, exaltou nomes responsáveis pela ciência moderna: Copérnico, Galileu, Kepler, Newton, Bacon, Harvey, Huyghens, Boerhaave, Buffon, Lineu, etc. O *Mercurio* mostra que estas novas ideias foram ganhando espaços na Universidad de San Marcos.[396]. Essa renovação científica também chegou ao Peru:

> La Europa, que trata las otras partes del mundo de bárbaras, mirara quizás con admiración que en este hemisferio se intenta tratar histórica y dogmáticamente los sublimes descubrimientos que recibimos de ella, y que vuestro periódico sea el medio de su propagación.[397]

---

[392] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 180.
[393] Ver capítulo primeiro desta dissertação.
[394] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 97.
[395] *Ibidem*, p. 128.
[396] *Mercurio Peruano*, III, 1791, f. 205.
[397] *Mercurio Peruano*, VI, 1792, f. 75.

O *Mercurio Peruano* explica aos seus leitores, publicando em suas páginas integralmente em 1793,[398] a nomenclatura química, apresentada poucos anos atrás por Lavoisier na Europa. Acontece de forma semelhante com a botânica de Lineu, que segundo os *mercuristas*, "nació Linneo y brilló entonces la claridad del día en todo el vasto y admirable Imperio de los vegetables".[399]

Houve uma nova metodologia para estudar os fenômenos naturais. A primeira etapa dela consiste em observar o fenômeno, conforme explicava Buffon. "Me parece que el verdadero método para conducir el espíritu en estas investigaciones es recurriendo a las observaciones, reuniéndolas, haciendo otras y bastante numerosas para asegurarnos de la verdad de los hechos principales".[400] Antes dessa nova concepção de observação, estabeleciam as leis gerais e tentavam aplicá-la a todo custo, a todos os fatos. Ocorre que em Aristóteles partia das leis gerais para explicar os fenômenos naturais.[401]

No periódico, é frequente que as descrições de plantas, enfermidades e fenômenos naturais sejam minuciosas. Como salienta Clément, *"*observados y descritos los hechos analizados por fin, hay que recurrir a la experiencia para poder, con la repetición, llegar a la ley general, la última e imprescindible fase del método científico moderno".[402]

A ciência está imbricada no periódico a partir da análise da realidade econômica, com vistas sempre para o aspecto prático das coisas. Consideram que a ciência tem a sua praticidade sempre a serviço ao homem, ou seja, um conhecimento que tenha utilidade para a sociedade peruana. O conceito de "utilidade" marcou predominantemente os textos do século XVIII; muitas obras, dos mais variados pensadores, tiveram uma obsessão pela "utilidade". Buffon, destaca Clément, "explica con entusiasmo en la conclusión de sus *Épocas de la naturaleza, '*cómo, gracias a su conocimiento y a su dominio de la naturaleza, fue capaz el hombre de convertir una yerba inútil, como el trigo, en una planta benéfica y casi imprescindible para su subsistencia'".[403]

Para os *mercuristas* existe, uma redução da distância entre teoria e prática: "esta utilidad no había sido de puro aparato o adorno, sino que había servido mucho a los

[398] *Mercurio Peruano*, IX, 218-232, 234-241, 243-264.
[399] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 81.
[400] BUFFON *apud* CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 112.
[401] *Loc. cit.*
[402] *Ibidem*, p. 113
[403] BUFFON apud CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 127.

progresos de la navegación, la agricultura y el comércio".[404] Entre as ciências abstratas e as ciências aplicadas, preferem esta última que são diretamente úteis para o Peru:

> […] las sublimes especulaciones de las Ciencias abstractas las provechosas verdades que una orgullosa indiferencia hacia em otro tiempo despreciar; aquellas exigen una molesta aplicación del genio, y habitando una esfera superior al común de los hombres son inútiles para su felicidad.[405]

Os *mercuristas* deram maior atenção a textos que apresentavam aplicabilidade e possibilidades de utilidade para o Peru.[406] De modo geral, a preocupação ilustrada dos *mercuristas* foi de estudar, descrever e intervir discursivamente para melhorar a realidade de que faziam parte, e isso se deu por meio do conhecimento da época – entusiasmados pelas ciências modernas do século XVIII – e, a partir dali, propor melhorias aos Peru. Foi assim como a História natural, botânica, geografia, economia etc. Sempre com um norte em que o conhecimento deve ser útil para sociedade. A ideia do conhecimento útil esteve completamente ligada ao sentido de geografia no periódico, ciência que teve uma história até chegar ao *Mercurio*. Houve uma tradição geográfica no Peru, como veremos a seguir.

4.4 Tradição geográfica no Peru: da conquista ao *Mercurio Peruano*

Em termos gerais, a geografia, em um sentido mais amplo – descrições cartográficas e referencias naturais –, sempre esteve presente desde os primeiros tempos da conquista. Houve, na segunda metade do século XVI, uma enorme produção relacionada ao conhecimento geográfico da "América" e do "Peru". Essa produção visava objetivos estratégicos e de segurança e, sobretudo, de colonização.[407]

Os primeiros relatos geográficos foram realizados por cronistas que acompanhavam as armadas espanholas durante a colonização. Relatavam eventos, datas que consideravam importantes, descrições etnográficas e naturais, etc. O impulso de tais crônicas partia da Coroa, que determinava que no Novo Mundo os empreendimentos

---

[404] *Mercurio Peruano*, X. 1794, f. 145.
[405] *Mercurio Peruano* IV, 1792, f. 2-3
[406] Assim foram textos sobre Obstetrícia, Higiene, Mineralogia, Química, Matemáticas, Hidrologia etc. Sempre levando em conta o aspecto econômico da questão. CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 130.
[407] PINEDA, Ccente.; et al. **Perspectivas de desarrollo de la geografía en el siglo XXI**. El devenir de la geografía en el Perú (Tesis para el grado de Geógrafo) – Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 2003. Disponível em: http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtual/Tesis/Ingenie/Ccente_P_E/cap6.htm. Acesso em: 3 jan. 2021.

conquistadores deveriam levar com elas uma pessoa capaz de fazer *la descripción de la tierra*, bem como suas riquezas. Descrições nesse sentido constituíram as chamadas *relaciones geográficas*. Juntam-se a este tipo de material as crônicas feitas pelos soldados, em nomes como o de Cieza y Estete, e também dos conhecidos, como José de Acosta y Bernabé Cobo. Esses personagens foram os que "descobriram" o Peru geograficamente, ao apresentar o território com seus grandes contrastes e diversidade ecológica, levantando inventários da flora e a fauna peruana antes mesmo de existirem classificações criadas no século das luzes. As crônicas foram uma boa forma que a Coroa Espanhola encontrou para a elaboração de obras de caráter geográfico, sob a pluma de seus funcionários, em especial o "Cosmógrafo Cronista". Destaque para obra de Juan López de Velasco, autor de *Geografía y descripción universal de las Indias* (1574), esta publicação estabelece a clássica divisão tripartida de regiões peruanas "Costa", "Sierra" e "Montaña".[408]

No século XVII, a produção geográfica foi escassa, sobretudo a respeito da região da selva, ou "Montaña". Segundo Hildegardo Córdova Aguilar, faltavam relações geográficas detalhadas de áreas menores, como os *valles*, o uso do solo, a distribuição populacional e "conocimiento concreto del espacio amazónico".[409] Ainda neste século, segundo o autor, as explorações de tipo geográfico diminuíram, mas foi a época do surgimento sistemático das "Guías del Peru", publicadas de 1680 até o final do século XIX. Mesmo assim, algumas obras merecem destaque, como a de Diego Vaca de Castro (1619), que trouxe algumas considerações sobre as populações indígenas – "Maynas", "Jíbaros" e "Cocamas" –, e o trabalho de Pedro Teixeira, com a sua obra *Relación del descubrimiento del Río Amazonas y San Francisco de Quito y declaración del mapa donde está Pintado* (1638); sobressai, também, o nome de Antonio León Pinelo (1612-1658), que apresentou regiões importantes para estudo da flora e da fauna. Localiza-se, ainda nesse século, a obra do indígena Felipe Guamán Poma de Ayala e sua incrível *Nueva Crónica y Buen Gobierno* (1600-1615). Esta preponderante contribuição histórica e etnográfica, ajuda a conhecer os mecanismos sociais e políticos que influenciaram a distribuição espaço-territorial da colônia.[410]. Se, no século XVII, as produções foram escassas, no século seguinte a situação foi outra. O Século das Luzes, ou da ilustração, como ficou conhecido nas possessões espanholas, a geografia

[408] PINEDA *et al.*, *op. cit.*, 2003.
[409] CÓRDOVA AGUILAR, Hildegardo. La percepción geográfica del Perú entre 1790 y 1880. **BIRA 20** (Lima), p. 107, 1993.
[410] PINEDA *et al.*, *op. cit.*

impulsionada pelas mudanças epistemológicas desse período passou a ser peça-chave. A nova dinastia espanhola dos Bourbons, e seu esforço em incorporar as mudanças no campo do saber fomentou projetos de desenvolvimento científico, como ocorria na Europa ocidental. Dentro do que ficou conhecido como "despotismo ilustrado" neste século, as mudanças espanholas por meio das Reformas Bourbônicas, buscou com isso revitalizar toda a potencialidade da Espanha perante as outras nações europeias, que estavam de olho na América e faziam duras críticas a colonização peninsular.[411]

Esse interesse renovado pelas colônias e por suas potenciais riquezas é perceptível na publicação da Cédula Real de 19 de julho de 1741, sob ordens de Felipe V, direcionada aos vice-reis coloniais da Nueva Espanha, Peru e Nueva Granada e a todos os governadores, capitães generais e presidentes de audiências das províncias americanas:

> […] apliquen toda su atención y conato en adquirir por los informes de los alcaldes mayores y justicias de los partidos subalternos y por todos los demás medios posibles, las noticias particulares que necesiten para el conocimiento cierto de los nombres, número y calidad de los pueblos de su jurisdicción y de sus vecindarios; de sus naturalezas, del estado y progresos de las misiones, de las conversiones vivas y de las nuevas reducciones, no sólo del estado actual, sino también de la novedad que en adelante fuese ocurriendo.[412]

Sob a sombra das políticas reformistas dos Bourbons vieram as expedições cientificas; um de seus objetivos era mapear e classificar o mundo natural americano. Nicanor Domínguez Faura (1993) indica que a Coroa Espanhola no século XVIII esteve sob influência do iluminismo francês, que junto trazia "las nuevas ideas racionalistas, entendidas como la mejor manera de controlar, mediante su conocimiento, a la Naturaleza".[413] A série de expedições francesas e espanholas decorrentes dessa nova política imperial objetivava ampliar os dados geográficos e fixar a localização de pontos e lugares mediantes a observações astronómicas. Promovendo, também, o registro de novos recursos naturais por meio das expedições botânicas.

---

[411] O Auge da ilustração da Espanha foi sobre o reinado de Carlos III (1759-1788). "La política de Carlos III generó una serie de cambios y transformaciones en la metrópoli, muchas de ellas trasladas al Nuevo Mundo especialmente en la educación. La expulsión de los Jesuitas ocurrida en 1767, permitió la aparición del Convictorio de San Carlos (1771) y un conato de reforma en la Pontificia Universidad de San Marcos". PINEDA *et al., op. cit.*, p. 104.

[412] Fragmento citado em: DOMÍNGUEZ FAURA, Nicanor. La conformación de la imagen del espacio andino: Geografía e Historia en el Perú colonial. (1530-1820) Crónica bibliográfica. **Revista Andina** 21, n. 1, 1993, p. 214.

[413] *Ibidem*, p. 213.

Nesse ambiente ilustrado mesclado com dinamismo econômico, os redatores do *Mercurio Peruano*, empolgados com essa onda comentaram que as expedições científicas "deben borrar las tristes memorias de las expediciones de sangre. Ellas conducen a los pueblos remotos la cultura, la policía, las artes y un sinnúmero de bienes"[414].

A primeira dessas expedições foi a de Louis Feuillée (1709), conhecido na França por sua posição dentro da Academia de Ciências de Paris, tendo sido ainda botânico do rei da França. Feuillée esteve nas costas chilenas e peruanas; estipulou a posição geográfica de Lima e traçou os planos urbanos desta cidade e Callao. Suas viagens resultaram a publicação do *Journal de Observations Physiques, Matehematiques et Botaniques de I'Amerique Meridional*.[415]Entre 1712–1714, Amadée François Frézier esteve no Peru, continuando o projeto dos Bourbons; foi autorizado, em 1735, a fazer a expedição de Charles Marie de La Condamine para medir o arco do meridiano terrestre no Equador, também promovida pela Academia de Ciências de Paris, estando a bordo os franceses Godin, Bourger, La Condamine e os espanhóis Jorge Juan y Antonio De Ulloa. Resultando a publicação das *Noticias Secretas de América, e* a *Relación Histórica del viaje a la América Meridional* (Madrid, 1748, 4 v.) de Juan e Ulloa. Nas páginas desse informe, encontram-se as condições geográficas de Lima, notícias das riquezas minerais do Peru, sobre a fertilidade da terra e uma extensa relação de plantas e frutas.[416]

Ao final do século, o Vice-Reino volta a receber novas expedições científicas envidas pela Coroa Espanhola, que ainda estava em busca de informações detalhadas sobre os recursos naturais das regiões andinas. Este é o caso da expedição botânica de Hipólito Ruiz e José de Pavón, em que foram reunidas enormes quantidades de informações especializadas sobre botânica desde as premissas lineanas e editadas em 1792. A outra grande expedição do final do XVIII foi a empreendida entre 1780 pelo navegante italiano, Alejandro Malaspina, este esteve durante dez anos e realizou observações sobre o meio físico natural, publicando vários planos e mapas, sendo um deles sobre Lima intitulado *Plano del Fondeadero del Callao y Costas inmediatas desde La Punta Chilca hasta el Cerro de la Arena em el Puerto de Ancón.* Felipe Bauzá e o científico tcheco-alemão Tadeo Haenkee participaram juntos de Malaspina da

[414] *Mercurio Peruano,* IX, 1793, f. 25. Também não foi deixado de lado pelos redatores do periódico as expedições de Ruiz y Pavón (1777-1788) e Malaspina (1789-1795).
[415] CÓRDOVA AGUILAR, *op. cit.*, p. 109.
[416] *Loc. cit.*

companhia expedicionária nas costas peruanas em 1790; Bauzá escreveu *Descrição do Peru*, em 1799, a partir da viagem. A última grande expedição realizada no período colonial por estes viajantes filósofos, cuja matriz científica geográfica os guiava, foi a do Alemão Alexander Von Humboldt, que esteve no Peru em dezembro de 1802.[417]

Temos na segunda metade do século XVIII uma intensa e rica produção de investigações geográficas do Peru. Nos anos de 1787 e 1788, veio à luz o *Diccionario Geográfico – Histórico de las Indias Occidentales de* Antonio Alcedo y Herrera. Depois, aparece a *Descripción del Perú* do importante e prolífico Cosme Bueno, que foi Cosmógrafo Maior do Vice-Reino peruano e professor na *Universidad de San Marcos.* A publicação apresenta uma visão regional do Peru ao descrever cada uma das províncias[418]. Cosme Bueno realizou diversas sínteses dos informes que recebia e, como era redator desde 1757 de um almanaque anual chamado de *El Conocimiento de los Tiempos*, publicou descrições agrupadas entre 1764 e 1778; trata-se de estudo imprescindível para a geografia peruana do século XVIII.[419]

A geografia aparece como objeto constante entre os ilustrados peruanos do século XVIII. Influenciados pelo enciclopedismo, um caso especial é o do intelectual peruano – citado anteriormente – José Eusebio de Llano Zapata. Autodidata e dono de uma erudição admirável, ele pôde empreender em uma viagem em 1750 pelo Chile, Buenos Aires, Rio de Janeiro e Cádiz, experiência que o permitiu fazer observações geográficas e adquirir diversos informes sobre estas regiões. Ele escreveu, em 1757, o livro *Memórias histórico-Físico-Apologéticas de la América Meridional.* Enciclopedista, foi um grande investigador cuja inteligência abarcava ciências físicas, medicina, literatura e ciências naturais, tendo como inspiração o modelo de Descartes.

Na segunda metade do século, foi criado no Peru o Convictorio de San Carlos, fruto da reforma educacional promovida pelos Bourbons. Com a expulsão dos jesuítas,

---

[417] DOMÍNGUEZ FAURA, *op. cit.*, p. 220-221. Destas expedições realizadas pelos chamados viajantes filósofos foram publicados diversos diários e livros de viagens. Seguindo a Mary Luise Pratt, entendemos que "los libros de viajes les dieron a los públicos lectores europeos un sentido de propiedad de derecho y familiaridad respecto de las remotas partes del mundo en las que se invertía y que estaban siendo exploradas invadidas y colonizadas. Los libros de viajes tenían éxito. Generaban una sensación de curiosidad, emoción, aventura y hasta fervor moral acerca del expansionismo europeo. Además, propongo la hipótesis de que esos libros fueron uno de los instrumentos clava para hacer que las poblaciones 'locales' de Europa se sintieran parte de un proyecto planetario o, para decirlo con otras palabras, de la creación del 'sujeto doméstico' del imperio". (PRATT, Mary Louise. **Ojos imperiales**: Literatura de viajes y transculturación. México: FCE, 2010. p. 24.

[418] PINEDA *et al.*, *op. cit.*, p. 110. Em 1775 surge o Mapa Geográfico de La América Meridional composto por oito folhas sob a autoria de Juan de La Cruz Cano y Ormedilla. Neste mapa toda a produção que fora feito antes aparece ali recompilada contendo os informes dos mapas de Juan y Ulloa, Fritz, La Condamine e Feuilée. Idem.

[419] DOMÍNGUEZ FAURA, *op. cit.*, p. 215.

houve um espaço a ser ocupado no campo da educação. Foi assim que os colégios de San Martín e San Felipe originaram a criação do Convictorio em 1771, que se tornou um centro de estudos sobre novas correntes científicas inspiradas pela ilustração.[420] Em 1785, Toribo Rodríguez de Mendonza foi indicado ao posto de reitor do Convictorio, o mesmo que fizera uma profunda reforma no plano de estudos do Convictorio. Desse Convictorio saíram alguns dos intelectuais que participaram posteriormente na elaboração *Mercurio Peruano:* Baquíjano y Carrillo, Toribio Rodríguez de Mendoza e Ambrosio Cerdán de Landa, sendo uma das suas principais preocupações, a geografia do Peru.

Fruto do impulso renovador promovido pelas Reformas Bourbônicas, surge, como salienta Domínguez Faura, "una cultura dirigida"; é o caso das *Sociedades Económicas*.[421] Esses grupos dedicavam-se a estudar as questões regionais e a mapear as possíveis melhoras na exploração econômica no âmbito colonial. O *Mercurio Peruano* é resultado dessa onda de cultura dirigida, fundando com o apoio do Vice-Rei Gil de Taboada y Lemos (1790–1796) o grupo que formava Sociedad Académica Amantes del País, cuja materialização intelectual foi efetivamente a publicação do periódico entre os anos de 1791-1795. Em 12 doze tomos, está inclusa uma série de descrições geográficas de diversas partes do Vice-Reino peruano. O periódico, sob a inspiração redacional de Hipólito Unanue, José Rossi y Rubí, José Javier de Baquíjano y Carrillo e outros, inseriu descrições geográficas importantes como as *Descripción de Maynas*, de Requena (1791); *Descripción Geográfica de la Provincia de Chachapoyas*, de Safronio (1792); *Descripción Geográfica de la Provincia de Tarma*, de Millán Aguirre (1793); *Descripción del Partido de Saña o Lambayeque* (1793); *Descripción del Partido se Coxamarca* (1794), de Lequanda; *Descripción de la Província de Caxatambo* (1794)*; Descripción de la Provincia de Abancay*, de Espinavete López (1795) etc. Dessa produção, como infere Córdova Aguilar, "puede afirmarse que el *Mercurio Peruano* sirvió bien a la divulgación de la información geográfica peruana",[422] sobressaindo assuntos sobre plantas como os artigos de Padre Gonzáles

[420] Sobre o comando do Vice-rei Don Manuel Amat que "animado por la protección a las ciencias y letras que dispensaba Carlos III, se constituyó el Convictorio carolino, donde se inició estudios de Aritmética, Algebra y Geometría, además de filosofía moderna; las doctrinas de Newton fueron escuchadas con admiración en el colegio y fuera de él. Inicialmente el Convictorio adelantó muy poco bajo la dirección de sus primeros rectores Lazo y Arquellada". PINEDA *et al.*, *op. cit.*, p. 108.
[421] DOMÍNGUEZ FAURA, *op. cit.*, p. 218-219.
[422] CÓRDOVA AGUILAR, *op. cit.*, p. 111.

Laguna e, ainda, o tema em voga na época da ilustração – a "teoria do clima"[423] –, que via a influência do clima sobre o homem peruano, tema a que o *mercurista* Hipólito Unanue se dedicou[424] e outros muitos artigos dedicados a questões estatísticas sobre o Peru.

Somam-se a essas considerações relações geográficas e cartográficas dos jesuítas e franciscanos em suas missões na região amazônica. Essas inscrições, selva adentro , fizeram-se conhecidas a partir de 1790, e o *Mercurio Peruano* publicou as informações de Sobreviela em seus números.[425] A respeito desse tema, o historiador peruano Raúl Porras Barrenechea comenta:

> La ciencia geográfica jesuita y franciscana ofrece, en este siglo, el primer mapa del Marañón del Padre Samuel Fritz, los estudios etnográficos del jesuita Francisco de Figueroa, la fundación del monasterio franciscano de Ocopa en el linde de la selva, la marcha de los frailes menores hacia el Pajonal y la Pampa del Sacramento. el descubrimiento del Aguaytía, la navegación del Pachitea, las notas etnográficas del Padre Amich sobre los indios del Ucayali y los mapas del Ucayali y del Huallaga de los padres Sobreviela y Girbal publicados como el mayor trofeo geográfico en el Mercurio Peruano de 1791.[426]

O mapa de Ucayali e Huallaga referido nas palavras de Porras Barrenechea de Fray Sobreviela (MAPA 1) funcionou como impulso do conhecimento geográfico sobre a região da "Montaña", ou amazônica.

---

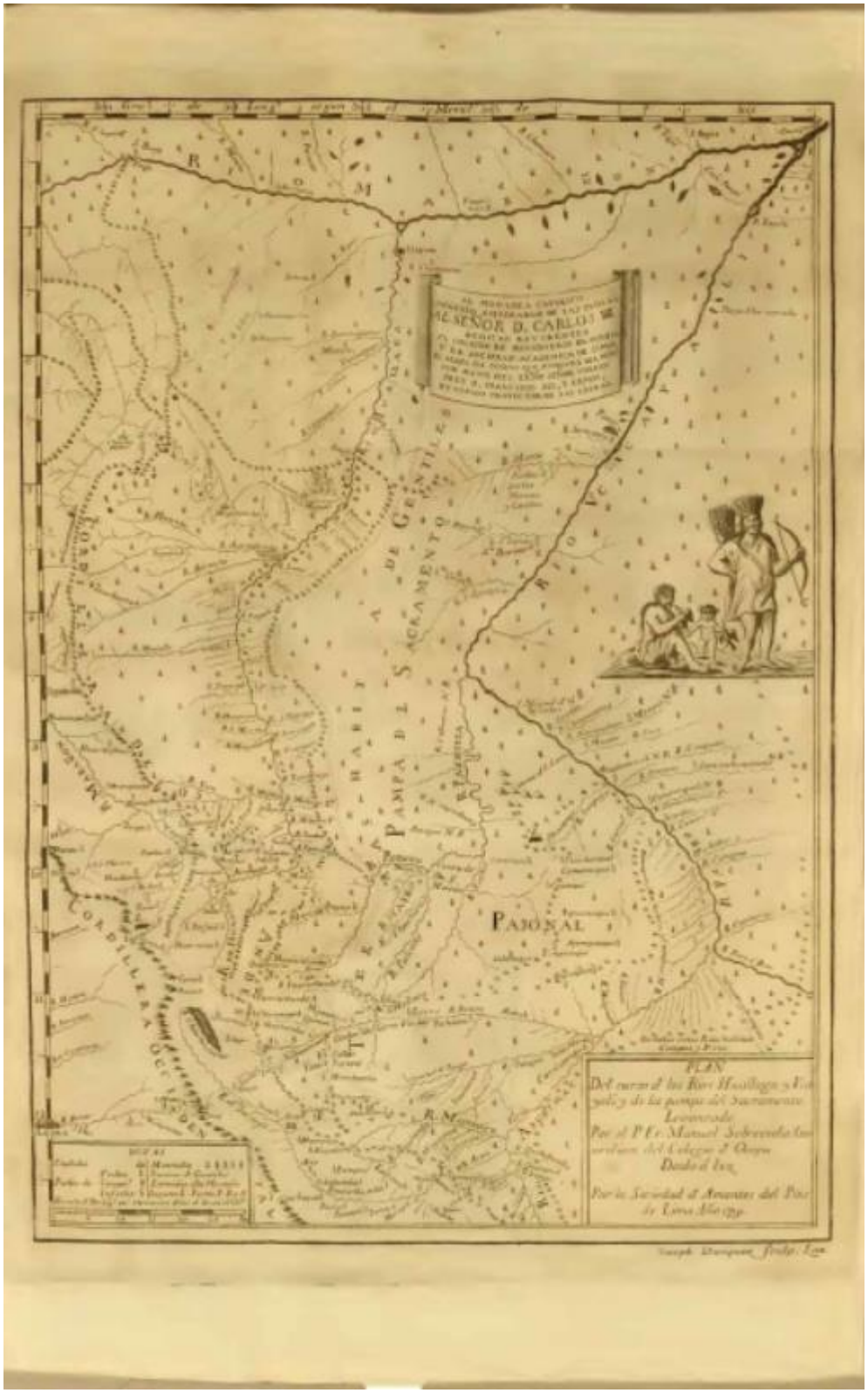
[423] No século XVIII a teoria conhecida como "dos climas", onde o clima influenciaria na constituição moral do homem, foi fundamenta por ilustrados como Montesquieu, sobretudo nas ciências, nomes como o de Buffon que afirmava em sua História Natural "En cuanto comenzó el Hombre a cambiar de cielo y se expandió de clima em clima, su naturaleza sufrió alteraciones". *apud* CLÉMENT, **El *Mercurio***..., op. cit., p. 247

[424] UNANUE, José Hipólito. Observaciones sobre el clima de Lima y sus influencias en los seres organizados en especial el hombre (1806). In: **Obras científicas y Literarias de José Hipólito Unanue**. Lima: Editorial Universo, 1975. t. 1.

[425] *Mercurio peruano*, II, 1791, f., 226-244; III, 1791, f., 49-66; V, 1792, f., 89-123; VI, 1792, f. 165-188; XI, 1794, f., 276-291.

[426] BARRENECHEA, Raul Porras. Fuentes Históricas Peruanas. Lima: Universidad de San Marcos. 1963, p. 401. *apud* CÓRDOVA AGUILAR, *op. cit.*, p. 111. Ainda, segundo Domínguez Faura, "también pueden aquí mencionarse los 'itinerarios de viajes', informes escritos por funcionarios coloniales luego de viajes de inspección, como el que realizó el visitador de la Real Renta de Correos, Alonso Carrióde la Vandera, entre Buenos Aires y Lima, entre 1771- 1772 (dio origen al Lazarillo de Ciegos Caminantes, Lima, 1776, o el que hiciera por las mismas zonas entre 1779-1781, como funcionario de la Real Renta de Tabacos, Francisco de Paula Sanz. DOMÍNGUEZ FAURA, *op. cit.*, p. 217.

Mapa 3 – Plan del curso de los Ríos Huallaga y Ucayali, y de la pampa del Sacramento. Levantado por el P. Fr. Manuel Sobreviela, Guardian del Colegio de Ocopa, en 1790. Único mapa inserido no *Mercurio Peruano*



Fonte: *Mercurio Peruano*, III, 1791, f. 109.

De modo geral, identificamos uma tradição de interesses geográficos no Peru desde a conquista. O *Mercurio* deu continuidade a essa tradição por meio de instrumentos da ilustração visando apresentar a geografia de seu "país" a partir de um conceito importante que pode ser identificado desde as primeiras linhas do periódico, a saber, o "conhecimento útil". No início da década de 1790, tempo de produção do *Mercurio Peruano* pela *Sociedad Académica Amantes del País*, percebe-se que já se tinha um conhecimento global das condições físico-naturais do continente americano e peruano. Tanto que o interesse em conhecer as condições ambientais e recursos naturais da vasta região do Vice-Reino já havia despertado no Peru, motivado sobretudo pelas visitas dos naturalistas europeus. Coube aos *mercuristas* formatar todo conhecimento adquirido.

4.5 A idealização geográfica no *Mercurio Peruano*: História natural, "geografia econômica" e utilitarismo

Temos traçado até agora um caminho com o intuito de mostrar como as diversas ideias contidas no *Mercurio Peruano* estiveram em diálogo com a mudança do entendimento sobre conhecimento no decorrer do século XVIII. Uma das grandes áreas do saber no período da ilustração foi sobre o mundo natural.

A vontade de saber por parte dos grupos dominantes, sejam eles na Europa ou no Peru, revela "un deseo de apropiación del territorio".[427] Essa concepção aparece claramente no periódico quando os *mercuristas* exaltam as plantas propriamente peruanas (coca, quina, tabaco, etc). Nas muitas descrições das províncias internas e nos relatos dos missionários que estavam em avanço sobre a selva, os redatores do periódico detalham os recursos botânicos, zoológicos e geológicos do território. Como bem indica Clément, para os naturalistas do século XVIII, se ater a tais descrições "tiene algo de la inspección del propietario".[428] Esse modo de entender pode ser aplicado perfeitamente aos artigos dos *mercuristas*, em especial na forma como se atentam às riquezas naturais de seu país.

O *Mercurio Peruano* esteve comprometido com a descrição sistemática das províncias peruanas em que ressaltam as plantas, os animais, a geologia e os moradores.

---

[427] Essa ideia está presente em CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 116. e também em NIETO OLARTE, *op. cit.*.

[428] NIETO OLARTE, *op. cit.*, p. 116.

É comum encontrar artigos desse tipo no periódico, como a *Descripción geográfica de la ciudad y partido de Trujillo*,[429] em que Lequanda, autor do artigo, descreve em 26 páginas divididos em três entregas, a fauna (mamíferos, pássaros e aves, répteis e peixes e também a flora da província).[430]

Visando à compreensão das potencialidades do território peruano, os *mercuristas* objetivam dar conta da realidade e das possibilidades econômicas nas mais distintas paragens peruanas. A forma para conseguir alcançar esse objetivo foi a publicação de muitas descrições de províncias, dando assim um quadro bastante completo do Peru. Clément destaca o número de 14 longas descrições, juntando a relatos de viagem e outros sobre missões, permite alcançar a cifra de 42 artigos: "la Geografía, que cubre el 11,57% de la superficie impresa en el año 1791 asciende al 25,34% en 1792, al 33,88% en 1793 y al 32,68% en 1794".[431]

Estas descrições que acompanham o tema de *conocimiento del País*, é visto de maneira significativa na Geografia, ao passo em que os temas de História foram diminuindo. Isso pode ser explicado pelo o conhecimento das riquezas naturais do território do Peru, que, segundo os *mercuristas,* foi "donde derramó el Criador todos sus tesoros".[432] Uma região de muita prodigalidade e "afortunada",[433] "la obra de más magnificencia que ha criado la naturaleza sobre la tierra".[434] A riqueza é tanta, dizem os redatores do periódico, que os próprios habitantes desconhecem.

É justamente nisso que entra o *Mercurio,* pois a publicação permitia que os peruanos pudessem conhecer o próprio país, "con la seguridad de extender una noticias más exactas, y tal vez mas nuevas de las que hasta aquí se han dado".[435] Os esforços para demonstrar as riquezas do pais se deram com a intenção de causar impacto econômico utilitário: descobrimento mineiros, novos territórios para cultivar, novas plantas para serem introduzidas, caminhos a abrir etc.[436] A colocação pode ser apreciada, por exemplo, no artigo do *mercurista* Francisco Gonçalves Laguna, intitulado de *Proyecto económico sobre la internación y Población de los Andes de la*

[429] *Mercurio Peruano,* VIII, 1793. fls. 36-71 Y 76-97.
[430] Alguns leitores do periódico mandavam cartas comentando artigos como este: *Mercurio Peruano,* I, 1791, f. 48; e *Mercurio Peruano*, IX, 1793, f. 213-214; demonstrando o espirito entusiasmado com a ciência da população letrada.
[431] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit*., p. 253.
[432] *Mercurio Peruano,* V, 1792, f. 215.
[433] *Mercurio Peruano,* IV, 1792. f. 11.
[434] *Ibidem,* f. 21
[435] *Ibidem,* I, 1791, f. 2.
[436] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit*., p. 100.

Provincia de Guamalies, propuesto y principiado por D. Juan de Bezares, em que ele apresenta algumas das plantas, como a quina o tabaco, e propõe ocupação e desenvolvimento econômico, que segundo suas palavras, a região, "en una palabra: un país incógnito de que podía hacerse una nueva Provincia, más rica que muchas de las pobladas".[437]

O setor da ciência cresce à medida em que suas aplicações práticas e, por conseguinte, úteis pra o homem. Assim, os assuntos de história natural foram crescendo, considerando esse argumento. Vemos que a geografia vista no periódico estava ligada às metodologias da História natural no século XVIII, em que as teorias classificativas de Carl Von Lineu ditavam o caminho descritivo.

No mundo conhecido do século XVIII ocorreu em diversas partes um entusiasmo pela botânica e a História natural. Lineu publicava suas nomenclaturas (botânica e zoológica) e as classificações passaram a serem referenciadas a partir de Lineu.

Diversos jardins botânicos foram inaugurados; Clément comenta que, só na França, foram 72. A Coroa Espanhola segue o ritmo, comprando o gabinete de História Natural de Pedro Franco Dávila, instalado em Paris, fazendo uma exposição ao público em 1776. Em 1781, é aberto o novo e maior jardim botânico em Madri. Na América, eles são fundados no México (1788), Manila (1792), um gabinete de História Natural na Guatemala (1788) e um observatório astronómico em Bogotá (1792). Em Lima, sob observação de nomes importantes de Francisco González Laguna e Juan Tafalla, ambos assinantes do *Mercurio Peruano*, é instalado, em 1791, o Jardín Botánico na capital do Vice-Reino.[438]

Não podemos perder de vista que, durante a segunda metade do século XVIII, o governo espanhol projetou e executou suas ambiciosas expedições com intuito de demarcar territórios e "investigar los posibles usos medicinales y comerciales de la vegetación tropical".[439] Os relatos diários de diferentes exploradores eram compostos de possíveis plantas referenciais para o comércio de medicamentos e para farmacologia. Como o caso da "quina", um medicamento utilizado para diversos tratamentos.

O século de 1700 foi de desenvolvimento das ciências modernas, os impérios ibéricos absolveram e transcenderam essa modernização no campo político e comercial,

---

[437] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 293.
[438] CLÉMENT, **El *Mercurio*...**, *op. cit.*, p. 116.
[439] NIETO OLARTE, *op. cit.*, p. 418.

buscando novas fontes de riqueza em suas possessões ultramarinas, como destaca Puig-Samper:

> […] la organización y envío de expediciones españolas a los dominios coloniales, además de ser una consecuencia de la política científica ilustrada borbónica, fue resultado de una serie de factores políticos como la delimitación de fronteras, el control de la expansión de otras potencias imperiales; económicos, como el aumento del comercio, la contención del contrabando y la explotación de nuevos recursos naturales; demográficos y cartográficos.[440]

Influenciados pela ilustração francesa, os espanhóis perceberam que a base para o sucesso econômico do Império era a exploração mais eficiente das riquezas naturais de suas colônias. Para isso, era preciso adquirir conhecimentos científicos específicos com os olhos voltados para a apropriação por meio do "conhecer cognitivamente a natureza", e aplicar isso nas colônias. "O século XVIII foi um período marcado pela certeza e, paradoxalmente, pela dúvida. O saber assume outro estatuto: quem o detivesse, deteria o poder".[441] As políticas bourbônicas seguiram essa linha e a selva do vale amazônico era um território importante para tais aspirações.

Abordamos os artigos em que o *Mercurio Peruano* ocupou-se de Botânica e História Natural desde a proposta de Michel Foucault em pensar a História Natural no fim do século XVIII em sua categoria taxonômica e discursiva. Pois, segundo o filosofo, o saber sobre a natureza passou a buscar por experiências, observações e leis que poderiam organizar o domínio mais complexo, mais vizinho dos seres vivos. E sob os diferentes regimes teóricos, algumas questões teriam sido colocadas: "possibilidade de classificar os seres vivos – só uns, como Lineu, sustentando que toda a natureza pode entrar numa taxionomia".[442]

A expedição de La Condamine que havia passado por Lima, seguindo pelo conhecimento da física newtoniana, parte fundamental do arsenal teórico que se fazia presente na expedição, "se enriqueció en el Virreinato a partir del contacto de los criollos ilustrados con los expedicionarios".[443] Outra expedição científica que teve muita influência sobre os ilustrados peruanos foi a de Hipólito Ruiz y Jose Antonio Pavón e o francês Joseph Dombey. Essa expedição deu lugar à elaboração e publicação

---

[440] PUIG-SAMPER, *op. cit.*, p. 20.
[441] GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994. p. 11
[442] FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo: Martins Fontes, 2016. p. 172-173.
[443] RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., op. cit., p. 180.

da *Flora peruana*. Dentre outros botânicos e intelectuais *criollos* da ciência e medicina contatados, um deles foi Hipólito Unanue, personagem fundamental da medicina peruana e proeminente escritor de artigos no *Mercurio Peruano.*

Unanue reflete um pouco da importância que os *criollos* concederam as expedições cientificas comentando em um artigo do *Mercurio Peruano* com o título de "Introducción a la descripción científica de las Plantas del Perú".[444] No artigo, Unanue situa a origem da botânica no Peru com a chegada de Ruiz y Pavón. O *mercurista* considerava que a partir das metodologias de Lineu, as expedições anteriores faltavam do mesmo "rigor" científico porque "careciendo de método para ordenar sus colecciones se veían reducidas a hacerlas cortas para no formar um caos".[445] Partindo do método sexualista lineano, continua:

> [...] recorrer con un ojo especulativo y exacto, no solo las campañas de la parte poblada del Perú; sino también las nunca registradas montañas de los Andes: aquel rico tesoro de la Naturaleza, donde esta madre benigna y sustanciadora de los mortales ha desplegado toda la fuerza de su inagotable fecundidad.[446]

Unanue esperava que os trabalhos iniciados por Pavon y Ruiz e outros impulsionariam o aprofundamento no conhecimento da botânica do vice-reinado. Para ele, seria necessária a comunicação entre a serra e a capital e entre ambas e o jardim botânico de Madri: "Nuestro laborioso Botánico, debe impedir la extinción de las luces derramadas en él, y mantener un giro perpetuo entre las montañas, Lima, y el Jardín de Madrid"[447]. Revelando a dependência econômica que a ciência *criolla* tinha da Coroa Espanhola, pois necessitava de seu apoio financeiro para empreender as expedições ao interior do Vice-Reinado, onde as condições de difíceis acesso demandavam um alto custo.

Foucault ressalta que a história natural é o espaço aberto na representação por uma análise que se antecipa à possibilidade de nomear, e a possibilidade de ver o que se poderá dizer[448]. Dessa perspectiva, o artigo sobre botânica de 29 de maio de 1791,

---

[444] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 68-76; 77-86.
[445] *Ibidem*, II 1791. f. 72.
[446] *Loc. cit.*
[447] *Ibidem*, II. 1791. fls. 74-75.
[448] Para Foucault, "a conservação cada vez mais completa do escrito, a instauração de arquivos, sua classificação, a reorganização das bibliotecas, o estabelecimento de catálogos, de repertórios, de inventários representa, no fim da idade clássica (...) uma forma de introduzir na linguagem já depositada e nos vestígios por ela deixados uma ordem que é do mesmo tipo da que se estabelece entre os seres vivos". FOUCAULT, **As palavras**..., *op. cit.*, p. 174

intitulado “Introducción a la descripción científica de las Plantas del Perú”, coloca que “el *Mercurio Peruano* auxiliado con un número suficiente de brazos laboriosos es el órgano por donde se deben ir anunciando las producciones raras y notables de este vasto imperio”; pois, “con este designio en el Tom. I. se dieron algunas pinceladas acerca del Reyno vegetal”. O segundo tomo traria “la descripción científica de sus individuos”.[449] O botánico Juan Tafaya, em suas expedições, teve “la Botánica el objeto principal de sus tareas”. Para este explorador, segundo o *Mercurio*, “La Botánica, es aquel parte de la História Natural, que ensena a distinguir por señales claras y características unas plantas de otras, da a cada una el nombre que le corresponde, y la grava en la memoria”. Para os editores do periódico, “la historia natural del Perú es fecunda en prodigios. Todos los sistemas que se han trazado en Europa sobre esta materia están sujetos a mil ampliaciones cuando aquí se hace la aplicación de sus teorías”. [450]

Como já foi mencionado anteriormente, o *Mercurio Peruano* teve a predileção pelas ciências aplicadas úteis ao Peru[451], como a História natural: “Las Ciencias Naturales son de primera necesidad en el Perú, atendidos los frutos que él ofrece, y han sido las más olvidada”. [452] É dedicado um espaço considerável para essa ciência, publicando, por exemplo, um longo artigo que tomou quatro números.[453] A botânica que aparece no periódico, ressalta Clément, “lleva la preferencia a sus ojos, porque ofrece a la agricultura fuertes posibilidades de desarrollo, como lo exponen en una serie de textos destinados a fomentar el cultivo del tabaco, de la coca, de los cedros etc.”,[454]

> […] por esta inducción – explica Unanue – se percibe muy bien cuantas utilidades pueden resultar a las Artes, a las Ciencias y al Perú, mediante las tareas de Don juan Tafaya y los desvelos de la Sociedad. La agricultura podrá mejorarse con las luces que vamos a esparcir sobre ella, y salir del miserable abandono en que se halla”.[455]

O *Mercurio Peruano* chega a sugerir que se desenvolva o ensino de História Natural nos colégios universitários.

No contexto das expedições científicas, uma delas – de Ruiz y Pavón – teve atenção especial no periódico. Dado ao fato da introdução da nomenclatura de Lineu,

---

[449] *Mercurio Peruano,* II, 1791 f. 69.
[450] *Loc. cit.*
[451] *Ibidem,*, IV, 1792, fls. 2-3
[452] *Ibidem,* VII, 1793, f. 85.
[453] *Ibidem,* X, 1794.
[454] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit*., p. 129.
[455] *Mercurio Peruano,* II, 1791, f. 83

defendida pelo *Mercurio* em uma série de artigos. O importante para os botânicos da ilustração era poder classificar, realizar inventário das riquezas vegetais, sendo perfeitamente adequado o sistema elaborado por Lineu[456]. A pesquisadora espanhola Rodríguez García comenta que "lo paradójico de la botánica de la ilustración fue que precisamente ese interés por una clasificación 'artificial' estaba guiado por la voluntad de sacar la máxima utilidad práctica al universo vegetal".[457] Segundo o destaque que deu Unanue em que "la utilidad común [...] es alma de nuestras tareas y son imponderables las particulares que ofrece el estudio de la botánica a las Artes, a las Ciencias y al Perú".[458]

Hipólito Unanue demonstra em seu artigo sobre as propriedades da folha da coca uma relação significativa para entender o propósito de utilidade. Seu interesse, patriótico, comercial e médico, o fez dissertar contra os supostos prejuízos defendido pelos europeus do uso das populações indígenas havia feito tradicionalmente da planta[459]. Os estudos de botânica no periódico não alcançaram tanta profundidade em nível teórico como se percebe nos artigos sobre coca e quina. Mesmo assim encontramos uma boa análise sobre o tabaco; o artigo dedicado à planta aborda a aplicação metodológica de classificação elaborada por Lineu, os benefícios e males da planta, e sua utilidade comercial para fomentar a economia regional. Segundo Unanue, autor do artigo, "todos saben que el Perú es uno de los países del mundo en que hay menos recursos para subsista la gente pobre […] El Tabaco alimentaba entonces a un número crecido de familias no solo en Lima, sino en todo el Reyno".[460]

Os artigos sobre geografia no periódico incluíram estudos de história natural. Estas dissertações visavam sempre uma reflexão utilitarista e sistemática para o avanço econômico das mais diversas regiões citadas pelo *Mercurio.* Predomina nesses textos a

---

[456] Cabe aqui uma ressalva, como bem destaca Rodríguez García: "La predilección de los ilustrados peruanos por la clasificación linneana no fue compartida por todos los criollos americanos que cultivaron la historia natural. Quizás el caso más significativo es el de la Historia Natural del Reino de Quito, elaborada por el Jesuita Juan de Velasco. A diferencia de los botánicos peruanos que se adhirieron al sistema de pretensiones universales ideado por Linneo, Velasco optó por la conservación de los nombres vulgares, esto es, en buena parte, aquellos utilizados por las comunidades indígenas para denominar las plantas y animales de su territorio. […] Al contrario, los criollos peruanos, desde el punto de vista científico, optaron por una nomenclatura que confirmaba su carácter de europeos, antes que por otra, la indígena, que podía ponerla en cuestión". RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**..., *op. cit.*, p. 226.

[457] *Ibidem*, p. 226-227.

[458] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 76.

[459] *Mercurio Peruano*, IX, 1793, fls. 205-220; 221-224; 229-236; 237-243; 244-251; 252-257.

[460] *Mercurio Peruano*, II, 1792, f. 47.

localização espacial da planta e a divulgação de suas caraterísticas e utilidades práticas sobre a teoria botânica.

O discurso geográfico foi, no século XVIII, uma ferramenta poderosa de dominação. Geografia entendida em um sentido mais amplo: território, clima, recursos naturais, comércio, vias de comunicação, demografia e fronteira. Toda ideia de território foi colocada como objeto de conhecimento, como mecanismo de apropriação e controle – territorialidade e apropriação.[461] Isso deu aos *criollos*, como os intelectuais do *Mercurio Peruano*, uma posição social e política de destaque.

Naquele século, a geografia, como linguagem escrita, esteve preocupada com seu caráter utilitário sobre a natureza para um bom governo com ordem e prosperidade para controlar o espaço e a natureza. A partir dessa óptica, temos um bom exemplo ao analisar um artigo dedicado em dois números do periódico em janeiro de 1792, que leva o título de *Descripción Corográfica de la provincia de Chachapoyas.*

Em primeiro lugar, o texto insere o tema dentro da defesa do comércio ao trazer a reflexão externa ao assunto: "Si la edad de oro fue aquella tan celebrada de los Poetas em que todo era común, y em que las gentes del antiguo Lacio recogían los frutos más sabrosos y abundantes, sin cultivar los campos [...]; fue sin duda la más infeliz em que han vivido los mortales";[462] e segue para mostrar a importância que teve a inserção de "las monedas" que introduzem, "dándoles a conocer el precio de las cosas, fueron el móvil de su fortuna",[463] e parte para defesa do comércio: "se promueve el comercio, se minora la ferocidad y la barbarie [...]; las selvas luego se convierten en Ciudades, y ya son útiles los hombres que antes se devoraban mutuamente".[464] Depois, traz-se o tema para análise interna, que, nesse caso, é a Província de Chachapoyas, fazendo uma ligação textual:

> Tal fue el principio de las Sociedades, y el medio que las condujo a tan alto grado de opulencia. Sin estos dos resortes no prosperan, pues sin las leyes se violan los derechos de la humanidad y no se promueve la industria, y sin la moneda, aunque aquellas vengan a su auxilio, esta se amortigua; así los más feraces territorios que carecen de esta última ventaja no salen de su pobreza, ni pueden hacer útiles los dones que con prodigalidad les franquea la naturaleza.[465]

[461] NIETO OLARTE, M. **Orden Natural y orden social**: ciencia y política en el Semanario del Nuevo Reino de Granada. Madrid: CSIC, 2008.
[462] *Mercurio Peruano*, II, 1792, f. 214.
[463] *Loc. cit.*
[464] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 215
[465] *Loc. cit.*

Continua localizando geograficamente a província mostrando a longitude e latitude de tal região, fazem a descrição das divisões internas, sua história que retoma o mais próximo sempre da "conquista" mostrando os benefício da colonização e como a religião chegou até la; apresentam a topografia, o terreno as vias de comunicação, como as vias hidroviárias no "famoso Marañon [...] se introduce en las de Chachapoyas [...] e se hace navegable en un lugar distante veinte leguas de la Ciudad [...]. Desde aquí se embarcan en canoas los naturales del país, y corren hasta Santiago de Borja[466]. O artigo continua a tratar de quem vive e como vivem na dita província, situando as diversas etnias indígenas, e dos cultivos que cada setor se dedica. O texto enfatiza: "los campos" produzem espontaneamente "varios árboles y yerbas medicinales [...]" em que "los naturales del país al medicamento más bien recibido entre los profesores de la Medicina" [467]. Ainda é feita uma crítica à falta de desenvolvimento das possibilidades da agricultura já que "con toda esta gran ventaja no ha hecho mayores progresos la agricultura; pues arando lo más la tierra con uma reja de palo, apenas la penetran media cuarta", pois,

> Contentas estas gentes con tales alimentos, no aspiran a otras conveniencias, ni propenden al mejor trabajo de los campos, que les rendiría las mayores utilidades; por esta razón las haciendas producen tan poco, que apenas pueden mantenerse sus dueños y pagar las pensiones de que están cargadas.[468]

Para o editor do artigo, os indígenas são bons em *oficios mecánicos*, mas não sabem manejar perfeitamente a agricultura, "esta es una de las principales razones por que no conocen la opulencia, ni las otras comodidades que acarea la industria, y viven en la misma miseria que los antiguos moradores de este territorio".[469] – e defende que

> se deriva la ignorancia y estupidez de estos naturales, entregados los más a las vanas supersticiones, y careciendo otros, aunque tengan buen ingenio, de la correspondiente instrucción por falta de maestros. Pero si saliesen de este letargo, se aplicasen a las artes y oficios, y estas tan vastas y despobladas tierras se hallasen ocupadas de más hombres, mudaría de aspecto la Provincia. No serian como ahora tan pocos los intereses que le rindiese su comercio; y si al presente por el ramo de Tabaco le entran setenta u ochenta mil pesos anuales; tal vez se cuadruplicaría la partida; y creciendo de este modo los manantiales de la felicidad pública, se aumentaría a proporción la de los particulares".[470]

---

[466] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 225.
[467] *Loc. cit.*
[468] *Ibidem*, f. 226.
[469] *Loc. cit.*
[470] *Loc. cit.*

Finalizando o artigo comentando sobre a falta de gente para habitar tão vasto território, "tan dilatado, y que, desde luego, como en el resto del Perú, incluye en su actual decadencia y miseria".[471]

O exemplo fornece subsídios para compreender como que para os *mercuristas* é possível encontrar em seus textos uma inseparabilidade entre política, geografia e economia. Ou seja, fazer dos espaços algo manipulável e controlável para um bom governo. Alcançar a prosperidade só seria possível, entendiam os *mercuristas*, com o estudo sistemático dos territórios peruanos, de seus recursos, limitações e possibilidades.

A economia do Peru foi um dos assuntos mais trabalhados pelos *mercuristas.* Diversos artigos analisam, propõe e dissertam sobre as condições da mineração, indústria interna e do comércio, visto sob a óptica das correntes da economia política do século XVIII, como meio de levar o desenvolvimento e civilização as mais distantes paragens do Vice-Reino. Os enunciados desses temas presentes no *Mercurio* seguem a lógica de um utilitarismo mercantilista.[472]

Constitutiva do próprio Estado, a geografia dentro da economia torna-se um discurso utilitário e instrumental. Em sua dimensão epistemológica, ela é praticada pelos editores do periódico como um discurso geográfico que lhe outorgariam autoridade. Esse conhecimento, tido como universal, é apresentado como interesse de todos. Os intelectuais do *Mercurio*, como José Rossi y Rubí, Hipólito Unanue e outros, não se contentaram em apenas descrever seus territórios. Eles buscavam dar conta do território e mostrar que era possível explorar todas suas potencialidades a partir do conhecimento empírico e utilitário.[473]

A geografia como linguagem escrita enuncia para um público definido: a elite intelectual administrativa do Vice-Reino. Ou seja, não é apenas para os *criollos* assinantes do periódico, mas para todos que fazem parte da comunidade cientifica

---

[471] *Mercurio Peruano*, II, 1791, f. 226.

[472] A proposta de leitura do periódico nessa linha teórico metodológica, dialoga com uma obra publicada nos anos de 1970 pelo pesquisador peruano, José López Soria. O autor propõe uma metodologia de estudo problematizando a economia e seus fenômenos ideológicos presentes no Mercurio Peruano. Trabalhando com analises de tipo quantitativos sobre os conteúdos dos artigos e escritos do Mercurio agrupando temas que se repetem com periodicidade. O autor fornece um caminho de entendimento de significado do significante Perú que configura-se em três critérios: "geográfico-político, lo poblacional y lo histórico". LÓPEZ SORIA. José. **Ideología Económica del 'Mercurio Peruano**'. Lima: Comisión Nacional del Sesquicentenario de la Independencia del Perú, 1972.

[473] Entre seus mais importantes escritos aparece: "Geografía Física del Perú" (1792) "Preludio a un examen de geografía" (1791), "Peregrinación por los ríos Marañón y Ucayali" (1791), "Conclusión de la descripción científica de las plantas del Perú" (1791), "Disertación sobre el aspecto, cultivo, comercio y virtudes de la famosa planta del Perú nombrada Coca" (1794) etc.

ilustrada administrativa. Através do discurso geográfico constrói-se além do território para civilização e prosperidade e felicidade, mas também, um sujeito. Esse sujeito como "legítimo conocedor y ordenador del espacio".[474] Sujeito como Don Jacinto Calero Morera, redator do *Mercurio* ao insistir no prospecto lançado em 1790 que,

> La escasez de noticias, que tenemos, del País mismo, que habitamos, y del interno; y los ningunos vehículos, que se proporcionan para hacer cundir en el Orbe Literario nuestras naciones, son las causas de donde nace, que um Reyno como el Peruano, tan favorecido de la naturaliza em la benignidad del Clima, y en la opulencia del Suelo, piensa ocupa un lugar muy reducido em el cuadro del Universo, que nos tracen los Historiadores. El reparo de esta falta es el objeto primitivo del *Mercurio.*[475]

A escassez de notícia que comenta o redator do periódico, foi preenchida em uma parte considerável pelo discurso geográfico. José Rossi y Rubi dá uma amostra do que encontramos na empreitada cartográfica que os *mercuristas* se dispuseram,

> Las Montañas de Chanchamayo, Huánuco, Lamas (...) son unos parajes privilegiados de la Naturaleza en cuanto a la portentosa lozanía, y hermosura de sus producciones. Las circunstancias de unos climas húmedos y cálidos, y el receio de los Indios Infieles que los habitan, contribuyen a que sean escasas las noticias que tenemos en esta línea; con todo hay bastantes para que muchos de nuestros Papeles se ocupen en su descripción.[476]

Vemos diversas regiões que seguramente muitos desses escritores nunca pisaram e apenas receberam relatos e cartas expedicionárias. Mesmo assim, comprometeram-se em "dar conta" geograficamente, tal como o sentido que está sendo elaborado aqui.

Sentido este que entende, na linha de Nieto Olarte, a geografia e seu papel instrumental do conhecimento, com a ideia de utilidade do conhecimento na tarefa de governar. Ou melhor, de problematizar a representação cartográfica do território de algo manipulável e controlável para o *buen Gobierno*, como expressão de algum "ideal de civilización y orden social em termos políticos y económicos". Visto como possibilidade para toda civilização que não é possível sem um "estudio sistemático del territorio de sus recursos, limitaciones y posibilidades".[477]

---

[474] LÓPEZ SORIA, *op. cit*., p. 100.
[475] *Mercurio Peruano*, "Prospecto" I, 1791 f. IX.
[476] *Mercurio Peruano*, I, 1791 f. 6.
[477] A epistemologia geográfica que emerge desses tipos de enunciados está vinculada diretamente ao seu caráter político. A dimensão epistemológica do discurso geográfico, como forma de diferenciação, outorga autoridade a seus porta-vozes. Pois, ela é vista como um saber, objetivo, neutro, uma retórica que se apresenta como um conhecimento universal. Essa retórica da neutralidade *dá aos ilustrados*

A "geografia econômica" presente no periódico proporciona as condições necessárias para apropriação e controle do território, por meio de inventariar, reconhecer, administrar, explorar e dominar o território. Como base para uma "classificação totalizadora" de fazer da realidade algo manipulável e controlável. Há, por meio do discurso geográfico, uma territorialização do espaço. Apresentado como natural, parte de um processo histórico de configuração de uma "entidade territorial" como se fosse sempre assim.

Vemos no *Mercurio*, nessas considerações, a recorrência discursiva de apropriação das regiões da selva amazônica. A construção discursiva de apropriação das regiões amazônica peruana vem desde as primeiras décadas da conquista. No século XVIII passa ter a ideia de que essas regiões deveriam ser povoadas e civilizadas, e assim também foi utilizada pelos redatores do periódico. Como indica o pesquisador Favarón, no *Mercurio,* "la élite intelectual confiaba en que la entrada occidental a la selva podía ejercer una impronta civilizadora sobre la región que expandiera el bienestar occidental".[478] A selva amazônica era vista como uma região de barbárie, e os nativos não passavam de selvagens e que deveriam ser orientados conforme a visão ocidental; a justificativa era de que a região era preenchida de espaços densos e mal aproveitados passíveis de serem bem utilizados: "se aplicasen a las artes y oficios, y estas tan vastas y despobladas tierras se hallasen ocupadas de más hombres, mudarían el aspecto de la Provincia. No serían como ahora tan pocos los intereses que le rindiera su comercio".[479]

As investidas missionárias na selva amazônica, para o *Mercurio*, teriam a função de adaptar os nativos de acordo com as formas de vida ocidental, o que, consequentemente, abriria espaço para outras intenções econômicas: "desde el establecimiento del *Mercurio,* hemos procurado dar à luz algunas Descripciones de distintos territorios del País, con el doble motivo de dar a conocer su situación local y sus costumbres, su industria y su comercio".[480] Tratava-se de mostrar as regiões desconhecidas e desfazer os erros cartográficos do passado, marcar o território e desenvolver o comércio na região. Houve uma busca constante para controle do território e as entradas dos missioneiros foram vistas dessa forma.

---

criollos força política, pois, esse conhecimento é apresentado como interesse de todos sobre um suposto geral de governança. NIETO OLARTE, **Orden**..., op. cit., p. 102.

[478] FAVARÓN, Pedro. Entrando en la Montaña: visión de la Amazonía en el *Mercurio Peruano*. *In*: Periodismo antiguo en Hispanoamérica. *In*: POUPENEY HART, Catherine. (coord.). **Tinkuy**: Boletín de Investigación y Debate, Serie Discursos Coloniales, v. 3, n. 14, p. 57-79, sept. 2010. Disponível em: http://llm.umontreal.ca/recherche/publications.html. Acesso em: 3 jan. 2021.

[479] *Mercurio Peruano*, V, 1792, f. 166.

[480] *Mercurio Peruano*, VIII, 1793, f. 124-125.

Victor Peralta Ruiz (2009) sugere que a fronteira amazônica no Peru do século XVIII foi construída por meio de "una representación desde la ilustración". Os espaços fronteiriços do Vice-Reino peruano experimentaram um auge em sua exploração nas últimas três décadas do século XVIII. As expedições religiosas em 1791 apresentadas pelo periódico e o seu êxito, estava relacionado simultaneamente com a capacidade de explorar novas rotas de "penetración a la Amazonia y de estimular uma colonización económica y mercantil em dicha región"[481].

Tanto na Europa quanto na América era comum a ideia de que o desenvolvimento econômico era inseparável da busca pela *felicidad*. Para Jean-Pierre Clement, "En la mentalidad burguesa que se está instaurando prevalecen nociones materiales como la libertad, el interés, la propiedad o la utilidad."[482] A concepção materialista agora se pauta de que Deus Criou a natureza, neste século das "luzes", e que para o homem ser feliz, é preciso utilizar o maior proveito do mundo natural para obter seu meio de sobrevivência e que, por meio da inteligência obter valor; ou seja "la felicidad del hombre está, por consiguiente, en sus propias manos". Dessa afirmativa, Clement frisa: "los mercuristas están convencidos de que el progreso material acarrea forzosamente el progreso social, intelectual y moral".[483]

Percebemos isso logo nos primeiros números do periódico, como enunciado por Baquíjano,

> Para tener idea cabal de un país, es preciso saber analíticamente cuales son los recursos que pueden hacer su felicidad. La ilustración, la policía, las modas, el valor tal vez y el modo de pensar se elevan o se abaten en razón de los grados en que está la industria y la opulencia de las naciones.[484]

Os *mercuristas* procuram apresentar seus conhecimentos sobre a realidade do Vice-Reinado.[485] Em outros números do periódico, enumeram uma lista de todos os obstáculos que, segundo eles, impediam o desenvolvimento peruano: insuficiência de habitantes na enorme extensão do país, decadência das capitais, zonas demasiada extensas e pouco ocupadas.[486] Os redatores do periódico, em seus discursos, estiveram

---

[481] PERALTA RUIZ, Víctor. La frontera Amazónica en el Perú del siglo XVIII: una representación desde la ilustración. **Llapa**, n. 4, p. 21, junio 2009.
[482] CLÉMENT, **El *Mercurio*...**, *op. cit.*, p 195
[483] *Loc. cit.*
[484] *Mercurio Peruano*, I, 1791, f. 209.
[485] *Ibidem*, X, 1794, f. 104.
[486] *Ibidem*, f. 259.

preocupados com o desenvolvimento econômico para andamento da sociedade, para a prosperidade *del País.*

A ideologia econômica dos *mercuristas*, como destaca Lopes y Soria, pautou-se no sentido empírico-utilitarista. Os *mercuristas* objetivavam um "deve ser" da economia do Peru. Buscavam o crescimento do bem comum que derivaria da produção e comercialização. A conquista das regiões distantes como a selva amazónica aconteceu a partir do utilitarismo, ou seja, na relação de comercialização e valores culturais que se daria pela conquista, pela instrução de técnicas de produção de bens no desenvolvimento das capacidades intelectuais pelo viés ocidental. A conquista devia estar unida ao povoamento, com o intuito de ganhar para o sistema econômico, para religião populações conquistadas. A inserção do sistema econômico atuaria como um poderoso motivo para a conquista e povoamento, que facilitaria as transações e o intercâmbio econômico-cultural. Há com isso, para os *mercuristas*, racionalidade, inteligibilidade e sentido.

O periódico *Mercurio Peruano* apresenta uma parcela do que pode ser entendido como agência *criolla*, pensado desde seus enunciados de cunho utilitaristas para o aproveitamento dos recursos naturais do Vice-Reino do Peru. Essa construção se deu nas práticas discursivas que operam no coletivo por múltiplos atores: humanos, naturais e fabricados.

Por meio dos textos do periódico que os *criollos* limenhos ilustrados apresentaram sua ciência e o modo de entendimento do conhecimento que deveria ser útil para a sociedade e ao desenvolvimento do Peru. Tal expediente discutido passou pela reflexão acerca da ilustração e do discurso geográfico. O conhecimento geográfico daria aos ilustrados a autoridade política e moral, ou seja, para convertê-los em donos e governantes das colônias espanholas. A maioria dos enunciados sobre os territórios desconhecidos e as riquezas naturais mal aproveitadas do Vice-Reino peruano, segundo os entusiastas *mercuristas*, configuram a emergência de um discurso utilitário caraterístico do que Nieto Olarte chama de "geografia econômica".

Portanto, a ideologia geoeconômica é perceptível pela busca de dar conta da realidade pelo uso do entendimento da natureza, do empirismo, das observações e sínteses, que nos é crível pelo elevado número de páginas que foram dedicadas no *Mercurio* as descrições histórico-geográficas e econômicas-sociais do Peru. O que foi colocado ao longo dessas páginas, visou apresentar como, por meio de discursos e enunciados presente no periódico, sobre ciência, história natural e geografia, culmina

em um patriotismo científico; pois, como procuramos demonstrar, os discursos de apropriação das mais diversas paragens peruanas, desde uma ontologia que pressupõem um lugar passível de ser penetrado e explorado, cheio de riqueza a ser utilizada para benefício do ideal econômico – ideologia que para muitas discussões atuais de exploração, por exemplo da Amazônia brasileira, continua presente – começou há muito tempo, desde a conquista, e teve seu marco e criação de discursos epistemológicos durante o século XVIII, em que nosso periódico está completamente inserido.

4.6 O *Mercurio Peruano* e a discussão sobre a independência

A discussão sobre se pode tomar o *Mercurio Peruano* e os seus redatores, bem como o movimento ilustrado do qual faziam parte, como sementes ideológicas para a independência tem sido debatida há muito tempo. Sebastián Wierny, Jean-Pierre Clement, Victor Peralta Ruiz e Margarita Eva Rodríguez García, entre outros citados nesta pesquisa, levantaram diversas críticas sobre a argumentação pura e simples de relacionar o *Mercurio* à independência peruana.

Ainda em se tratando de historiografia acerca do tema, em 2015 o IEP (Instituto de Estudos Peruanos) lançou o livro *La independência del Perú: ?Concedida, conseguida, concebida?* organizado pelos pesquisadores peruanos, Carlos Contreras e Luis Miguel Glav,[487] cujo subtítulo sugestivo fornece indagações para se pensar a questão específica da independência do Peru no século XIX. O mais interessante é que os artigos que compõe o livro trazem uma compilação que resgata desde século XVIII as primeiras manifestações "protonacionalistas". O livro traz as diversas visões de autores consagrados da historiografia peruana na primeira parte e novos investigadores sobre tema na segunda. Trata-se de um compêndio centrado em mostrar que, durante os anos 1970 e 1980, defendia-se a tese da "independência concedida" em autores como Heraclio Bonilla, Karen Spalding, Jorge Basadre, Timothy Anna, José de la Puente, Alberto Flores Galindo e Scarlett O'Phelan, que defendem que a independência havia sido concedida aos peruanos pelos exércitos de San Martín e Bolivar; nos anos 1990, foram desenvolveram novas teses da "independência conseguida" de autores de outros países, como Jaime Rodríguez, François-Xavier Guerra, Antonio Annino e Manuel Chust, com ênfase aos aspectos políticos, relacionando com a "revolução hispânica"; e

[487] CONTRERAS. Carlos; GLAVE, Luis Miguel. **La independencia del Perú**. ¿Concedida, conseguida, concebida? Lima: IEP, 2015.

nas últimas duas décadas, novas perspectivas sobre a "independência concebida", que trata de ver as independências como resultado da revolução hispânica contra os franceses em 1808, mostrando que houve revoluções políticas na conquista do poder por burgueses *criollos* emergentes que lutavam contra as antigas elites dominantes, que estavam à mercê dada as invasões napoleônicas, tese esta assinaladas por nomes como de Victor Peral Ruiz, Carmen McEvoy, Natalia Sobrevilla e Daniel Morán. Este, em especifico, mostra como no Peru uma força importante surgiu na transformação da opinião pública, por meio da imprensa e a formação de uma nova cultura política.

Em nossa própria leitura também acreditamos que não seja possível uma relação simplista do *Mercurio* ao processo de independência. No entanto, vale destacar algumas visões historiográficas sobre essa discussão.

A relação entre a ilustração e o movimento independentista como um tópico historiográfico teve vários momentos. O primeiro deles pode ser visto desde o início da Nova República peruana, logo em 1823, no primeiro congresso Constituinte. Nesse congresso, colocaram o Convictorio Carolino – aquele que serviu de berço para as discussões acaloradas dos membros da Sociedad Académica de Amantes del País – como o local onde germinaram os princípios revolucionários: "cuyo motivo fueron tenazmente perseguidos varios de sus alumnos bajo el gobierno español, que miró esta casa como el semillero de los principios revolucionarios".[488]

No século seguinte, por volta de 1930, esta defesa está mais clara. Jorge Guillermo Leguía argumentava que um dos membros da Sociedad Académica, Baquíjano y Carrillo, como defensor de *la libertad*, Luis Alayza Paz Soldan, em 1934, enaltecia, por sua vez, a figura de Hipólito Unanue de igual maneira. Em qualquer historiografia peruana daquela época, comenta Rodríguez Garcia, os *mercuristas* "se convertían definitivamente em precursores de la Independencia del Perú, y sobre todo, [...] en ideólogos de la nación peruana".[489]

Em sua vertente mais clara dessa ideia, estão os trabalhos do historiador José Agustín de La Puente Cándamo. O autor, nos anos de 1950, defendia que ao longo do século XVIII, o trabalhos dos ilustrados peruanos havia gestado um processo de "afirmação espiritual", que culminaria na nacionalidade peruana. Essa visão também pode ser encontrada em Pablo Macera em 1962 que também vincula o movimento ilustrado do final do século XVII à nacionalidade peruana.

---

[488] *apud* RODRÍGUEZ GARCÍA, **Criollismo**…, *op. cit.*, p. 311.
[489] *Ibidem*, p. 312.

No 150º aniversário da independência do Peru, em 1971, novas interpretações começaram a surgir. Mesmo assim, houve uma boa parte dos trabalhos que reiteraram as teses de de La Puente Cándamo. Uma das coisas mais importantes dessa efeméride foi a enorme quantidade de documentação publicada sobre a independência, o que possibilitou aos historiadores acesso a fontes diversas. Foram aparecendo interpretações novas e mais complexas dos fatores que levaram a emancipação.

Mais interessante foi que, paralelamente a essa comissão, um artigo de Heraclio Bonilla y Karen Spalding,[490] "daba el golpe de gracia" a essas visões excessivamente nacionalistas, como bem coloca Rodríguez García. O que autores defenderam enfaticamente foi justamente a ausência de uma nação peruana antes da independência e a inexistência de um projeto nacional. Esse artigo mostra que o trabalho dos *mercuristas* havia sido apenas a tarefa de uma elite intelectual, que em sua maioria, estava circunscrito a Lima, muito pouco representativa de um conjunto de nação.

Nas diversas leituras que realizamos para essa dissertação, essa "disputa" historiográfica ainda está presente. A depender da história que se quer contar a partir da documentação disponível, e das interpretações possíveis.

A interpretação que fazemos, vai ao encontro, em um primeiro momento, das ideias pautadas por Clément. Nas páginas do periódico está bem clara a ideia de apego pela metrópole, colocando, inclusive, que o Peru é uma "porción inestimable del Imperio Español".[491] Proclamando sua fidelidade ao monarca, em que Lima

> […] no sólo ha sido un continuo manantial del Erario, para ofrecer y darle cuantiosas sumas y donativos cuando se ha visto necesita la Corona, sino que sus fuerzas y respeto han sido el más generoso antemural para sostener los insultos que en lo externo han ocasionado las naciones rivales de nuestras posesiones.[492]

Na visão de Clément, no Peru, os *criollos* sentem-se diferentes dos peninsulares, mas desconfiam muito mais dos demais europeus. Tanto por razões religiosas quanto políticas e econômicas: a Revolução Francesa, o protestantismo, a guerra marítima, os corsários, etc. "Se puede afirmar que el Mercurio Peruano es la expresión de un grupo (la Sociedad Académica), a pesar de todo respetuoso con el poder central"[493]. Apesar de

---

[490] BONILA, Heraclio; SPALDING, Karen. **La Independencia del Perú**: las palabras y los hechos. Lima: IEP, 1972

[491] *Mercurio Peruano*, X, 1794, f. 215.

[492] *Ibidem*, f. 131

[493] CLÉMENT, **El *Mercurio***..., *op. cit.*, p. 258.

os textos do periódico indicarem respeito e atender os desejos das autoridades do governo, os escritos que podemos cunhar como propriamente peruanos demonstram que os *criollos* que leem o *Mercurio* vão tomando consciência de sua própria identidade. Essas publicações despertaram nos leitores um sentimento pátrio, que fazia germinar, mesmo que ainda rarefeito, o sentido da revolução de independência.[494]

Seguindo a formulação do filósofo G. Burdeau, que coloca que uma nação é um "sonho de futuro compartilhado", procedente de um uma consciência de um passado comum, Clément indica algumas ponderações a respeito dessa formulação para pensar o *Mercurio*. Para o autor,

> El periódico sólo expresa la toma de conciencia progresiva por parte de los criollos de su pasado particular, a la vez europeo y americano, y de su pertenencia a un territorio que nos es ni Europa ni América en su totalidad, y al mismo tiempo expone, más o menos inconscientemente, su concepto de un país y de una comunidad humana rico en promesas económicas.

A visão do historiador francês é instigante ao elaborar a ideia de que, no periódico, a Sociedad Académica se interessou intensamente pelo futuro do país. Isso revela o sentido de um sonho de futuro para os peruanos.

Por sua vez, em 2010, Sebastián Wierny trouxe uma boa discussão sobre o que ele chama de "despertar de una conciencia de sí" no Perú do século XVIII. A argumentação do autor passa pela possibilidade de visualizar indícios da formação de uma identidade americana, peruana, no *Mercurio* que resulta na cristalização de uma ideia de pátria. Segundo suas palavras, esta incipiente de pátria foi importante para uma crescente tomada de consciência identitária ligada à História e ao território, na qual o *Mercurio* teve uma considerável parte, pois atuará "como testigo de esta creciente toma de conciencia por parte de los criollos ilustrados del Perú, por lo cual contribuirá activamente a fortalecer, entre esta élite criolla, la convicción de la grandeza de la singularidad humana y natural peruana".[495] Em que a representação e as diversas reivindicações da história peruana no periódico bem como a descrições e levantamos

---

[494] Para Clément, "La identidad de los criollos es ante todo americana" […] los hijos de los conquistadores" percebem sua memória instalada nas Américas. Por conseguinte, as gerações que se sucedem compartilham um sentimento de americanidade. CLÉMENT, **El *Mercurio*...**, *op. cit.*, p. 258.

[495] WIERNY, Sebastián. "Reivindicación histórica y natural de los criollos ilustrados en el Mercurio Peruano: el despertar de una conciencia de sí en el Perú del siglo XVIII". *In*: POUPENEY HART, Catherine. (coord.) Periodismo antiguo en Hispanoamérica. **Tinkuy**: Boletín de Investigación y Debate, Serie Discursos Coloniales, v. 3, n. 14, p. 95, 2010.

geográficos, contribuíram ativamente com a formulação d a ideia de uma "conciencia de sí" que, no século XIX, foi transformado gradualmente em consciência nacional.

Uma segunda leitura que fazemos sobre esse assunto do nacionalismo incipiente no *Mercurio* dialoga com o que tem feito Margarita Garrido sobre um processo parecido na Nova Granada.[496] Garrido, em suas pesquisas, defende que experiências promovidas pela ilustração promoveram para a elite *criolla* o desenvolvimento de novas práticas de sociabilidade e um novo vocabulário político (felicidade, utilidade, justiça, nação e pátria, por exemplo). Isso teria dado base para uma cultura política e ideia de patriotismo, com características próprias. Essa bagagem político cultural, no qual podemos incluir o *Mercurio*, foi incorporada pelo novo regime da independência.

Por fim, estamos de acordo com Benedict Anderson, ao apontar que a ilustração trouxe novas práticas culturais. Esse sentimento de comunidade e solidariedade é fruto da percepção que os *criollos* foram tendo perante o governo espanhol: que estavam condenados a uma posição subordinada. A imprensa promoveu os sentimentos de solidariedade ajudando a criar as "comunidades imaginadas", elemento fundamental para as nações que veriam a surgir.

4.7 O fim de uma experiência editorial

Quais foram os motivos que levaram ao a fim da experiencia "mercurial" por parte da Sociedad Académica de Amantes del País? Teria sido as dificuldades financeiras; falta de qualidade dos artigos; desinteresse por parte do governo do Vice-Reino; ideias contestadoras da ordem vigente; desânimo dos *mercuristas*? Todas essas alternativas têm importância.

As dificuldades financeiras pode ser uma das razões, a princípio pelo fato de que manter o periódico era muito custoso e, depois de 1794, já não havia mais interesse da administração do Vice-Reino em financiar o projeto. Além dessa primeira resposta, Clément elenca algumas alternativas para entender o fim do *Mercurio.* Segundo o historiador francês, houve também uma progressiva perda de qualidade dos artigos que compunham o periódico, admitida pelos próprios editores[497]. Esta decadência pode ser explicada em parte pelo fato de que os redatores trabalhavam em outras profissões e não

[496] GARRIDO, *op. cit.*
[497] Ver os tomos do *Mercurio*: VII, VIII, X e XI, nos compilados de 1794.

tinham tempo para produzir novos artigos, com a qualidade e entusiasmo do início. Esse ponto teria causado a diminuição de assinantes, que ajudavam a financiar a impressão.

Completa-se, também, com a atitude do poder político, que no começo era bastante favorável para a publicação, e depois passa a ter desconfiança com o periódico e seus criadores; por exemplo, alguns números do *Mercurio* foram censurados (50, 216, 303, 304 e 348). Segundo Clément, embora os motivos da censura não tenham sido muito graves, eles revelam que alguns assuntos ou autores proibidos na época eram ideologicamente duvidosos para as autoridades: Bacon, Bayle, Bernadin de Saint-Pierre, Helvétius, Kepler e Montesquieu, entre outros.[498] O caso mais representativo é o do *mercurista* José Baquíjano y Carrillo, que, em 1781, citava esses autores, incluindo a Raynal e Maquiavel, proibidos pela Inquisição, em uma convenção na Universidade de San Marcos. Podemos relacionar isso ao próprio conteúdo do *Mercurio* que nas milhares de páginas dedicadas ao território peruano e suas potencialidades naturais, revelou aos habitantes *criollos* seu território – aspecto que revela uma *criollo*-territorialização, parafraseando o conceito de Garrido. Claro que isso não se traduziu em emancipação, mas provocou um sentimento de intranquilidade ao poder colonial. A estocada final veio com a negação do vice-rei Gil de Taboada e Lemos a entrega dos 400 pesos a Unanue, que neste momento era o secretário da Sociedad Académica, relato representado no *Mercurio* no artigo "Oración Fúnebre", de 1794, no tomo XI.

Em uma postura "contracorrente", Iago Gil Aguado, discorda de tudo isso que foi falado sobre o fim do *Mercurio.* Esse autor, em um artigo recente (2016),[499] defende a ideia que não seria possível ter esse desencontro entre a metrópole a os membros da Sociedad Académica. Sustenta ele que a visão tradicional, segundo a qual o periódico foi percursor dos movimentos independentistas e, por isso, teria dado motivos para as autoridades espanholas acabarem com o *Mercurio* não se confirma. Primeiramente, porque os *mercuristas* tinham "excelentes" relações com o vice-rei, "incluso después del cierre del periódico, ni las brillantes carreras de muchos de ellos en el seno de la administración española, concuerdan con esta interpretación". Segundo, porque no final do século XVIII, havia uma escassez de intelectuais na sociedade peruana, e os intelectuais do *Mercurio* foram premiados com carreiras na administração espanhola na Europa.

---

[498] Para um estudo dos mais diversos autores citados pelo periódico, recomendamos o trabalho de Clément, em sua primeira publicação sobre os índices do *Mercurio Peruano,* em 1983.

[499] AGUADO, Iago Gil. La clausura del *Mercurio Peruano*: una perspectiva a contracorriente. **Revista De Indias**, v. 76, n. 267, p. 481-507, 2016.

Na nossa contribuição, acreditamos que todos os fatores elencados contribuem para o fim do *Mercurio.* Somente acreditamos – e isso é uma hipótese, faltando um estudo documental sobre – que boa parte dos redatores do periódico se desanimaram com o projeto intelectual espetacular, que começou com os primeiros encontros e as *tertulias*. A falta de recursos financeiros reforçou o processo, mas, se levarmos em conta que alguns dos editores possuíam rendas extras e poderiam ter dado continuidade ao *Mercurio* por conta própria, isso pode gerar algumas dúvidas – ainda mais que o talvez único intelectual de carreira tenha sido Hipólito Unanue, o mais pobre. Sozinho, ele não conseguiria dar continuidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta pesquisa, algumas considerações ajudam a pensar o que foi o *Mercurio Peruano* e sua importância para o universo intelectual histórico americano. Os capítulos que foram estruturados visaram a dar conta das principais demandas dos intelectuais que pensaram esse periódico no Peru no final do século XVIII.

No primeiro capítulo, buscamos mostrar como a ilustração espanhola teve um importante papel sobre o que se desenvolveu no Peru nos anos de formação da comunidade de intelectuais que produziram o *Mercurio*. Assim foram os exemplos das *sociedades amigos del país* europeias, que influenciaram diretamente a América e as figuras de Rossi y Rubí, considerado o fundador do periódico, por toda sua polivalência intelectual, junto a outros jovens *criollos*, como Unanue e Baquíjano, os quais vislumbraram um projeto editorial bastante ambicioso. Esses jovens, chamados de *mercuristas*, pela atividade "mercurial" de escrita, objetivaram, por meio da Sociedad Académica Amantes del País, **dar conta**, enunciativamente, da realidade do Peru. Como uma verdadeira equipe redacional, utilizaram o *Mercurio Peruano* como plataforma de seus discursos e promoção da ilustração, com uma defesa de *las luces*. Ao longo dos 12 tomos, mesmo com toda dificuldade financeira, sempre procuraram enaltecer o conhecimento e a filosofia.

Os autores do periódico, como tentamos mostrar, refletiam uma peruanidade que se estava forjando antes da independência peruana no século XIX – uma plataforma de informações e de discursos sobre os mais diversos assuntos, que buscava alcançar um leitorado interessado pelos assuntos relativos ao Peru. Criando, de certa forma, uma comunidade de leitores, expandido o sentido de esfera pública literária. Essa configuração esteve ligada a um certo contexto social e intelectual, que foi compartilhado entre os produtores do periódico e seus assinantes, membros das mais diversas categorias sociais do Vice-Reino. Essa ideia de esfera pública, não é estritamente ao que postulou Harbemas, mas antes o espaço literário que estava se desenvolvendo em Lima desde a segunda metade do século XVIII, com o advento da imprensa. O periódico era lido nos cafés, o que fortalece essa ideia de uma expansão da esfera pública literária, ainda mais, se levarmos em conta, como mostramos, que, para cada 350 exemplares, podia considerar-se um número de 4.000 leitores. Rossi y Rubí, com a sua estratégia da criação de um leitor ideal, uma estratégia *periodística*, como chamamos, na busca de uma comunidade de leitores imaginário, contribui, também,

para essa formulação, pois o leitor concreto, que de fato lia o *Mercurio*, foi fazendo parte de uma de comunidade de leitores, ao encontrar as mais diversas cartas enviadas pelo próprio *mercurista*.

Cabe ressaltar que a esfera pública política e a situação do Peru no período colonial tardio, nos termos de Habermas, não se efetua em sua completude, pois o modo como esse intelectual pensa o conceito de esfera pública burguesa não tem a mesma efetividade analítica em uma colônia, como é o caso do Peru no momento de circulação do periódico, uma vez que não há rede própria de dependências comerciais. Na Lima colonial, vigorava uma ordem social estruturada de acordo com as estratificações do Antigo Regime, em que claramente se encontram as divisões étnicas e de castas, que se completam com as divisões sociais agravadas pelos Bourbons, entre *criollos* e europeus. Em suma, a esfera pública política independente habermasiana estava ausente em Lima em 1791, ano da publicação do periódico. No entanto, mesmo nessa proposta de Habermas, há algo importante e bastante instigante para pensar o periódico, de algo que é como precursor a esfera pública política, que é a esfera pública literária. Esse campo forneceu um aprendizado para uma reflexão pública e crítica da esfera privada, que aos propósitos do que foi essa pesquisa em cima do *Mercurio Peruano*, parece ser bastante pertinente. Nas discussões que se realizaram sobre os textos do periódico, vai aparecendo uma reivindicação cultural de pertencimento que fortalece o debate público.

Os assinantes do periódico buscavam por informações úteis para o comércio e o saber em geral. Como já foi dito, 75% deles residiam no Vice-Reino, contribuindo para essa noção de peruanidade e de "criollização" do conhecimento exposto pelo *Mercurio*. A esfera literária efetiva-se também ai, ao passo que esses assinantes estavam ligados à administração do Vice-Reino. O *Mercurio* não se limita nem à esfera privada de sentimentos privados nem ao discurso oficial. O que acontece é que ele mistura essas duas esferas, que coincidem com a precursão do que vem a se tornar uma esfera pública nos termos clássicos do filósofo alemão. Esse cruzamento do privado e o público foi forjando a construção de uma esfera pública da sociedade civil. A presença do periódico em Lima nos anos em que foi editado sugere uma esfera de pessoas privadas que se reúnem com um público, que não se preocupa apenas com os assuntos públicos, mas também com a própria "pátria", ou seja, não estava mais confinado às autoridades – e passa a ser considerado pelos *mercuristas* e todos que leem o periódico como propriamente deles.

Em cima desse ponto, os mercuristas abrangem uma multiplicidade de temas com o propósito de "iluminar" a realidade peruana. Os periódicos, como o *Mercurio*, foram, no século XVIII, o meio mais rápido para difusão da ilustração. Houve um desejo por parte dos redatores do periódico de iluminar a sua pátria, Peru. Esse solo peruano foi iluminado nos mais diversos enunciados, que buscavam apresentar aos leitores do periódico todas as possibilidade de um país presente e futuro. Não é à toa que os mercuristas apresentam uma série de artigos sobre grandes temas do comércio, da economia de um modo geral, seja nas minas, seja na agricultura, em todos os âmbitos.

Para os *mercuristas*, a busca pelo conhecimento sobre a realidade peruana esteve sempre direcionada a melhoria da economia com o avanço do conhecimento. Eles entendiam que faltava informações sobre o Peru. Como uma verdadeira equipe redacional, as escolhas dos temas estiveram em comum acordo dos autores uma certa postura ideológica. Assim, nessa ânsia intelectual, publicaram 19 dos 24 assuntos tratado ao todo. Alguns temas foram destacados nesta pesquisa, pois entendemos a importância da questão histórica para os redatores do periódico – e também a preocupação quanto a sociedade em qual faziam parte.

A respeito de tais objetivos redacionais e enunciativos, apresentamos a questão indígena e dos negros, temas que, para os *mercuristas*, entendemos como fundamentais para compreender a estratificação social do Vice-Reino. Os textos sobre História, por exemplo, foram marcados por um indigenismo historicista. Os textos mencionam os Incas, mas há uma prevalência de um Peru Espanhol ocidental e cristão, em que os indígenas contemporâneos não são relevantes para os membros da Sociedad Académica, para construção discursiva sobre a história peruana. Em suma, os textos de História resgatam os grandes feitos arquitetônicos dos Incas para inseri-los como parte da história humana. Essa forma historicista estava em comum acordo com os programas epistemológicos do século XVIII da História, que era entendida como suporte genealógico, e os Andes foram colocados como um alto grau de civilização em seus argumentos históricos. Sendo, os Incas, importantes como um método de procurar no passado as raízes de uma "nacionalidade" peruana, altamente desenvolvida.

Não foi à toa que houve uma tentativa de resposta sobre os ataques teóricos desenvolvidos na Europa sobre a América e seus habitantes, sobretudo os *criollos* peruanos. Isso gerou um incentivo para conhecer a realidade da qual faziam partes.

Unanue, por exemplo, apresentava os monumentos antigos dos Incas para fazer frente aos textos detratores europeus sobre a capacidade arquitetônica dos americanos.

Seguindo a visão europeia cristã, porém, os intelectuais do Mercurio, mostram o indígena como uma "raça" vencida. Então, as descrições sobre a sociedade que aparecem no periódico foram também utilizadas para manter e garantir a ordem social. Os mercuristas condenavam o aspecto religioso dos indígenas contemporâneos, que chamavam idólatras, bêbados, supersticiosos, relacionando-os a todo tipo de vício. Em suma, destacamos três aspectos fundamentais sobre a questão indígena em termos de História: historicista, focada nos Incas; os índios da selva amazônica colocados em uma etapa antropológica, na fase inicial do desenvolvimento humano; e os índios da serra como "borrachos" e idolatras. A saída que eles encontram foi a instrumentalização do indígena, em termos econômicos, para o desenvolvimento da pátria peruana. Chegam até a denunciar os trabalhos nas minas, mas a visão é sempre pensada na questão instrumental econômica.

Não foi muito diferente nos artigos sobre os negros. Em primeiro lugar, é preciso reafirmar um ponto que colocamos no primeiro capítulo: no *Mercurio*, o interesse ilustrado pelos indígenas e pelos negros foi muito maior que pelos mestiços. Sobre os negros, o periódico deu uma visão bem completa sobre a situação em que estes viviam, sua cultura e a relação com a sociedade. Ao mesmo tempo, uma ideia incompleta e, às vezes, discordante. Nesse caso, foram as críticas feitas sobre as festas que eles faziam. Os negros são, para os *mercuristas*, absolutamente inferiores. O periódico os coloca como responsáveis pela desordem social em Lima, bem como aponta que eles não tinham educação e seus comportamentos eram primitivos. É um racismo enunciativo. Não deixaram, porém, os *mercuristas* de realizar uma crítica ao trabalho duro nas plantações. Sobre a escravidão, a visão é uma questão econômica, não humanitária. Toda a análise a respeito desse tema foi feita de uma perspectiva moral, social e cultural.

De modo geral, podemos concluir essa parte, dizendo que essa dubiedade, a respeito da composição social na questão dos indígenas e dos negros, configura uma mudança de mentalidade. Essa mudança faz parte do que se vai tornar a mentalidade nacionalista no século seguinte ao encerramento do periódico. Uma visão economicista, preconceituosa e contraditória da classe burguesa que se desenvolveu. No entanto, essa preocupação dos *mercuristas* pode estar relacionada à busca por uma seriedade científica que almejavam para "dar conta" da realidade social em seus discursos e

enunciados. Ao mesmo tempo, na tentativa de discriminar e mostrar os comparativos e superioridade (que entendiam ter) dos redatores, ou seja, de uma raça branca e dominante. Não há nenhum interesse em alterar isso, mas de manter o equilíbrio da estratificação social, característica do período.

Em termos de um contexto mais amplo, procuramos mostrar como o *Mercurio* foi fruto das mudanças no Vice-Reino peruano ao longo do século XVIII nas Reformas Bourbônicas. Os Bourbons, durante o século da ilustração, procuraram fazer suas reformas que abarcaram a política, a situação militar, administrativa, econômica e educativa. As possessões ultramarinas converteram-se em objetivos concretos para o fortalecimento econômico do Império espanhol, e, por isso, foi importante toda a preocupação da Coroa quanto ao melhor conhecimento de suas colônias. Houve todo um processo de mudanças administrativas que culminaram na expropriação de cargos de poder ocupados pelos *criollos*, o que resultou em descontentamentos, ou, como destacou David Brading, uma alienação da elite *criolla*. Essas transformações foram fundamentais no desenvolvimento de uma cultura política ao longo do século para os *criollos* perceberem o quanto estavam submetidos aos mandos da metrópole, sendo retirados, em muitos casos, dos poderes locais.

Nesta pesquisa, buscamos destacar a terceira fase das reformas, que esteve sob o comando de Carlos III e seus ministros. Assim foi a realocação política administrativa no desmembramento do Vice-reino do Peru, com a criação do Vice-reino de la Plata em 1776. Reverberou, com isso, além do descontentamento por parte dos poderes locais de Lima, a profunda queda das rendas econômicas da mina de Potosí, que ficou a cargo do vice-reino platino. Os mercuristas sentiram os efeitos da separação e procuraram expor e propor novas formas de exploração de outras possibilidades extrativas. Com isso, tendo maior consciência territorial de seu país.

Os Bourbons, com suas estratégias de aumento de exploração econômica em relação a suas colônias, fizeram com que, com forte influência da ilustração, promovessem a ciência e o conhecimento útil. Assim, censos foram realizados ao longo do século, e isso ajuda para entender também como o *Mercurio Peruano*, ao publicar o censo de Taboada y Lemos, procurava “dar conta”, mais uma vez, da realidade de sua pátria.

Cabe um destaque para algo que entendemos como bastante relevante, junto às Reformas: a abertura para os diversos científicos que vieram mapear o mundo natural americano. Essa abertura foi abastecida pelas expedições científicas realizadas com

objetivos bem claros pelos Bourbons. As expedições científicas, como mostramos, em diálogo com Juan Pimentel, foram fruto das influências da ilustração, mas, além da questão científica, resultados dos objetivos políticos da Coroa: marcação e delimitação de fronteiras, possibilidades de fomento econômico, aumento do comércio, exploração de novos recursos naturais e geográficos. Em suma, estiveram configuradas em três pontos: geográfico, natural e econômico.

Se, no nosso texto, dialogamos com Pimentel, aqui nas, Considerações Finais, acreditamos que seja também importante pensar o que foram essas expedições sobre a reflexão de Mary Luis Pratt. Assim, é o caso de estudar como estas expedições estavam imbricadas de uma relação ambígua dos objetivos concretos imperiais, pois, há um interesse pela busca de riquezas e, ao mesmo tempo, uma busca por conhecimento. Tudo isso relacionado com a competição expansionista entre as potências europeias. Parafraseando Pratt, na segunda metade do século XVIII, a exploração científica, representada pelas expedições enviadas pela Coroa espanhola, converteu-se em um atrativo que reunia as forças e os recursos possíveis das complicadas alianças entre as elites intelectuais e comerciais em toda Europa. A exploração científica seria um foco de interesse público e a fonte de alguns dos maiores debates ideológicos, pelos quais os europeus relacionavam-se com outras partes do mundo.

Toda a produção literária, fruto das mais diversas expedições nesse período, bem como as publicações de literatura de viagem, escritas pelos viajantes filósofos, para usar o termo de Cañizares-Esguerra, sobre as partes não europeias do mudo, criaram “el orden imperial para los europeos locales, y los otorgaron un lugar dentro del”, eE os livros produzidos, fruto das múltiplas experiências de viagem pela América, “dieron a los públicos lectores europeos un sentido de propiedad de derecho y familiaridad respecto de las remotas partes del mundo en las que se invertía y que estaban siendo exploradas, invadidas y colonizadas”. Numa escala menor, os *mercuristas*, ao utilizarem métodos parecidos, por exemplo, ao expor o relato de Sobreviela sobre o Ucayali e outras regiões amazônicas, deram aos leitores do periódico o mesmo sentido de propriedade e direito sobre as terras milenarmente ocupadas pelas populações nativas.

As reformas promovidas pelos Bourbons foram realizadas também numa mudança no ensino e nas universidades. Com a expulsão dos jesuítas, houve um vácuo a ser preenchido tanto nos colégios quanto nas universidades. Fazendo parte desse momento a criação do Convictorio de San Carlos, de onde saíram alguns dos intelectuais e membros da Sociedad Académica, redatores do Mercurio. A renovação no

ensino esteve sob o comando do vice-rei Amat, que era um crítico do ensino da escolástica. Também foi feita uma inovação na área das "matemáticas", que estava relacionada aos objetivos defensivos e militares dos Bourbons, bem como a incorporação do ensino de *Derecho Natural y de Gentes*, ciência que foi acompanhada de uma crítica por parte dos setores mais conservadores, que a entendia como perigosa, por dar aos habitantes a possibilidade de questionarem a ordem vigente.

Recordamos também o caso de Baquíjano, um dos mais prolixos produtores de artigos do *Mercurio*. Baquíjano foi um defensor das ciências modernas que estava em voga na Europa, mas, nas suas tentativas de incentivar os novos conhecimentos, foi investigado, ao citar nomes proibidos pelo Tribunal da Inquisição.

A tentativa fracassada das reformas de Amat pode ser entendida pela visão retrógrada dos setores mais poderosos relacionado à Igreja, da Universidade de San Marcos. Esse foi o caso, por exemplo, da negativa da teoria de Newton sobre a funcionalidade do Universo, pois era vista como perigosa, ao questionar a grandeza de Deus. Esses pontos são interessantes para nos perguntarmos como se deu a ilustração de fato no Peru, bem como sua influência na formação dos intelectuais que vieram a produzir o Mercurio.

Entender como estava estruturada socialmente a cidade de Lima no século XVIII foi outro ponto trabalhado nesta pesquisa. A cidade estava estruturada em uma sociedade política e jurídica bastante hierarquizada e desigual. Os *mercuristas* formavam parte do quadro social dominante e obviamente não tinham nenhum interesse em alterar essa situação. Houve, nesse período, mudanças significativas no Peru colonial ao longo do século XVIII, motivadas pelas Reformas dos Bourbons e pelo crescimento demográfico. Os redatores do periódico procuraram analisar o que vinha ocorrendo no Vice-Reino, e muitos artigos foram dedicados a uma espécie de balanço econômico sobre as condições em que se encontrava o Peru, embora o foco principal fosse a cidade Lima.

O crescimento populacional foi uma matéria de atenção por parte dos *mercuristas*. Estavam atentos à população desempregada. Os intelectuais do *Mercurio*, por meio de seus artigos, procuraram racionalizar a cidade, pois Lima havia crescido tanto que passou a preocupar a elite dominante em termos de segurança. Começaram os redatores a discorrer e propor sobre uma cidade ideal e, nos seus enunciados, buscavam controlar a desordem da cidade. Chamavam a atenção para a ordem e a higiene. Na leitura que fizemos a partir das postulações de Ángel Rama, a cidade ordenada e

idealizada por parte dos membros da Sociedad Académica cumpriria a função de um ordenamento *criollo* ilustrado.

Compreender o *Mercurio Peruano* passou também pela atenção que dedicamos a uma breve análise histórica sobre a imprensa e o *periodismo* no século XVIII no vice-reino peruano. A Coroa espanhola promoveu uma abertura e esse tipo de produção literária. Em parte, seguindo ao que estava acontecendo em toda Europa, mas também porque podia ser utilizado como educação e controle político.

Mesmo tendo aparecido tardiamente na América, a imprensa contribuiu para o surgimento de novas formas de sociabilidades, servindo como fomento para a crescente expressão da opinião pública, se tomamos em conta a teoria de Habermas. Mas a proliferação de impressos nesse período não foi uma tarefa fácil. Algumas condições impediam a dinamização da imprensa: custo do papel; a existência de uma densa população letrada; distância de onde vinha matéria- prima para produzir os periódicos.

Considerando essas dificuldades, não deixamos de entender que havia um certo impacto dos periódicos, que eram lidos em público, ampliando o que comentamos sobre uma esfera pública literária. Para os governantes, esses impressos serviam para veicular certas orientações ideológicas; para os editores e autores, funcionavam como um poder alternativo. Motivado pela ilustração, o conhecimento metódico publicado nos periódicos serviu aos interesses de exploração colonial da Coroa, daí, por exemplo, os artigos sobre geografia e História natural; para os autores, deu a eles a oportunidade de demonstrarem suas habilidades intelectuais de compreensão cognitiva e da realidade da qual faziam parte, permitindo a uma autoconsciência cientifica regional, como foi o caso *Mercurio Peruano*. Essa autoconsciência, que foi surgindo naturalmente, proporcionou, por meio da publicação de periódicos e gazetas, seguindo a Benedict Anderson, uma comunidade imaginada entre seus leitores e editores. Não tardariam a aparecer elementos políticos na centúria seguinte ao fim do *Mercurio*.

Uma comunidade de intelectuais que passaram a imaginar uma nação de forma orgânica somente foi possível, de fato, no século XIX. No entanto, os elementos constitutivos de um sentimento de pertencimento geográfico e cultural é fruto de um longo processo em que periódicos como foi o *Mercurio*, pela ampla gama de assuntos tratados, contribuiu para uma peruanidade, de forma significativa. Por esses motivos, tentamos, em uma das seções, compreender o papel dos intelectuais enquanto um conceito mais amplo.

Visamos ali a demonstrar que o intelectual está dentro de uma categoria socioprofissional, ligados entre si em instituições. Também como a influência da cultura ilustrada, isso proporcionou aos intelectuais uma ideia de seu papel social, como o caso contado do *criollo* peruano José Eusebio Llano y Zapata – considerando, a partir de Ángel Rama, que a escrita está no campo do poder, e entendendo que a capacidade e domínio de articular a palavra escrita constitui um dispositivo de controle do saber e de negociação com o poder colonial. Os discursos dessa índole deram aos letrados o papel de legitimação da ordem social, colocando claramente qual seria a cultura legítima, que não era outra senão a deles mesmos. Llano serviu como referência para a geração de intelectuais da Sociedad Académica, tanto por seu trabalho de apresentar os problemas do Vice-Reino quanto pelas propostas de solução. Entendemos, assim, que, no *Mercurio*, nomes como de Llano funcionaram tanto como referência quanto método, por sua constante ênfase a um regionalismo científico – ou, ainda melhor, um patriotismo científico, com bem nos ensinou Margarita Garrido.

Na continuidade da discussão sobre os intelectuais, percebemos a necessidade de refletir sobre a formação de um pensamento *criollo* nas páginas do periódico. Com isso recorremos ao conceito de *criollismo* enquanto categoria de análise para as investigações sobre a emergência de um sentimento *criollo* e a formação dos laços de sociabilidades que foram surgindo enquanto grupo social. Para isso, tomamos como ponto de partida as análises dos enunciados patrióticos. O *criollismo* foi-se formando pela forma como os *criollos* perceberam que faziam parte de uma identidade particular, por meio de suas autodefinições, fosse na idealização, fosse na reivindicação dos laços com os conquistadores, pelo elogio da conquista, convertido como base para a permanência social – e o espaço *criollo* por excelência foi a cidade, vista como sinônimo de civilidade, com, porém, uma ressalva importante: os *criollos* não apelaram para uma identidade particular, e sim a hispânica.

A ilustração deu um impulso necessário para uma consciência *criolla*. Permitiu aumentar o conhecimento de seus países. O *criollismo* presente no *Mercurio* é visto na forma como eles reivindicavam um passando indígena, na memória dos Incas, e ao mesmo tempo, ao retratar um passado europeu, dos conquistadores, por exemplo. No entanto, mais significativa, em termos de *criollismo,* foi a defesa epistemológica que se propuseram a fazer perante as teorias depreciativas europeias realizadas por nomes como de Pauw, Buffon e outros. Aqui, utilizando de forma cuidadosa, pudemos ver o quanto os artigos dos mercuristas nos debates ocorridos, na chamada “polêmica do

Novo Mundo", contribuíram para uma "epistemologia patriótica". O conceito de Cañizares-Esguerra, foi claramente colocado para os textos produzidos por clérigos que criaram um método de ler as fontes indígenas tomadas como confiáveis para produzir a "história do Novo Mundo" no século XVIII. Entendo que *los mercuristas*, ao tentarem fazer a defesa de seu país, passaram também a propor uma nova forma de ler a História do Peru: no enaltecimento dos monumentos antigos dos Incas ou na defesa do clima americano, que, segundo eles, era benéfico aos seus habitantes; ou nas descrições geográficas carregadas de elogios as possibilidades de riqueza e desenvolvimento do Vice-Reino. Acreditamos que os redatores do periódico desenvolveram seus conhecimentos regionais patrióticos e os expuseram nas páginas do *Mercurio*, de modo a fazer surgir suas epistemologias próprias, patrióticas, componente típico do *criollismo* no período da ilustração. Valeria também uma pesquisa metodológica das escolhas de todas as fontes escolhidas pelos *mercuristas* e a forma como eles as leram e ressignificaram para os seus objetivos enunciativos, o que pode ser enfrentado sob a óptica da "epistemologia patriótica" enquanto conceito, como ensina o historiador equatoriano.

Dito isso, vale ressaltar uma crítica pertinente ao ser *criollo* no período tratado, elaborada por Edmundo O' Gorman, no clássico livro *Invenção da América*. Esse autor postula que não houve uma autenticidade diferenciada do ser *criollo*, a não ser mimética. A ideia por traz dessa afirmação é que os *criollos* constituíram-se somente num tipo peculiar de espanhol, que, por suas raízes e pelas crenças que compartilhavam, não merece o adjetivo de autonomia que lhes foi dado. Acreditamos que isso sugere uma pesquisa mais aprofundada, e abre-nos a possibilidade de pensar em fazer uma espécie de arqueologia da imprensa americana no século XVIII com essa problematização.

Entendendo o *criollismo* dentro da ilustração, trabalhamos, também, o que tipo de ilustração podemos encontrar no periódico. O *Mercurio* reflete a mudança no entendimento do conhecimento que passou a vigorar ao longo do século XVIII com as novas correntes epistemológicas da ilustração. Antes de tudo, atentamo-nos em ver a impossibilidade de uma ilustração separada do pensamento espanhol. Com isso, entendemos que o periódico não pode ser alocado literalmente em uma ilustração peruana. Levantamos, porém, algumas indagações para um tipo de ilustração que se distingue do que ocorria na Europa, pois assumiu condições particulares com um sentimento patriótico. Vemos, ainda, as influências de uma ilustração católica.

No *Mercurio*, elementos racionalistas apareciam em suas páginas; porém, enquanto estudos sobre a sociedade, eles mantinham concepções neoescolásticas, e isso teria acentuado o caráter descritivo proposto pelo periódico na produção do conhecimento. A ciência promovida pelos mercuristas estava relacionada ao aspecto prático das coisas. O conhecimento devia ter uma utilidade para a sociedade peruana. Assim, a matriz ilustrada dos mercuristas foi de estudar, descrever e intervir discursivamente para melhorar a realidade da qual faziam parte.

O periódico *Mercurio Peruano* apresenta uma parcela do que pode ser entendido como discurso *criollo* entendimento pensado desde seus enunciados de cunho utilitaristas para o aproveitamento dos recursos naturais do Vice-Reino do Peru. Essa construção deu-se nas práticas discursivas que operaram no coletivo por múltiplos atores: humanos, naturais e fabricados.

Foi por meio dos textos do periódico que os *criollos* limenhos apresentaram sua ciência e o modo de entendimento do conhecimento que devia ser útil à sociedade e ao desenvolvimento do Peru. Tal expediente discutido passou pela reflexão acerca da ilustração e do discurso geográfico. O conhecimento geográfico daria aos ilustrados a autoridade política e moral, ou seja, para convertê-los em donos e governantes das colônias espanholas. A maioria dos enunciados sobre os territórios desconhecidos e as riquezas naturais mal aproveitadas do vice-reino peruano, segundo os entusiastas do periódico, configuram a emergência de um discurso utilitário caraterístico que Nieto Olarte chama de “geografia econômica”.

Portanto, a ideologia geoeconômica é perceptível pela busca de “dar conta” da realidade pelo uso do entendimento da natureza, do empirismo, das observações e sínteses, que nos é crível pelo elevado número de páginas que foram dedicadas no *Mercurio* às descrições histórico-geográficas e econômico-sociais do Peru. O que foi colocado ao longo das páginas dedicadas a essa questão visou a apresentar essa questão, por meio de discursos e enunciados presente no periódico, sobre ciência, história natural e geografia, que resultaram em um patriotismo científico. Como procuramos mostrar, os discursos de apropriação das mais diversas paragens peruanas, desde uma ontologia que pressupõe um lugar passível de ser penetrado e explorado, cheio de riqueza a ser utilizada para benefício do ideal econômico, tiveram seu marco na criação de discursos epistemológicos durante o século XVIII, no qual o periódico está completamente inserido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fonte Principal:

Mercurio Peruano de Historia, Literatura, y Noticias Públicas Que Da À Luz la Sociedad Académica de Amantes de Lima. Lima: Imprenta Real de los Niños Huérfanos. [1790-1795]. 12 tomos.

Fontes consultadas.

Alonso. Carrió De La Vendera, **Concolorcorvo**, o El lazarillo de ciegos y caminantes. [1773] 1973, p. 383-384.

D'alembert, J.R.; Diderot, D. **Encyclopédie**. Paris: Redon, 2002. CD-ROM.

Diccionario de la lengua castellana. Compuesto por la Real Academia Española, reducido a un tomo para su uso más fácil uso (en formato HTML). Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, [1803] 2008. p. 9. Disponível em: http://www.cervantesvirtual. com/nd/ark:/59851/bmcs46r1. Acesso em: 20 nov. 2020.

J. Hipólito. Unanue, **Guía política, eclesiástica y militar del virreynato del Perú para el año de 1794 compuesta de orden del superior gobierno**. Lima: Impr. Real de los Niños Huérfanos, 1794. Disponível em https://catalog.hathitrust.org/Record/010823047. Acesso em: 3 dez. 2020.

José Eusebio Llano Zapata, "**Carta al ilustrísimo señor don Cayetano Marcellano de Agramont"**. Cadiz, 1764.

José Eusebio Llano Zapata, "**Carta al Marqués de Villa-Orellana, Vizconde de Antiána Mariscal de Campo, y Gobernador de las Armas en el Reyno de Quito, 1760**. pp. 211-219

Representación de José Baquíjano y Carrillo al Virrey Jáuregui remitido con un oficio del Virrey (16-1-1784)”, Colección Documental del Sesquicentenario de la Independencia del Perú, tomo XIX, Libro XIV de Claustros, Vol. Valcárcel, 1971

Bibliografia citada:

AGUADO, Iago Gil. La clausura del Mercurio Peruano: una perspectiva a contracorriente. **Revista De Indias**, v. 76, n. 267, p. 481-507, 2016.

ALTAMARINO, Carlos (dir.). **Historia de los intelectuales en América Latina**. I – La ciudad letrada, de la conquista al modernismo. Buenos Aires; Madrid: Conocimiento; Katz, 2008

ALVAREZ DE MIRANDA, Pedro. **Palabras e ideas**: El léxico de la Ilustración temprana en España (1680-1760), Madri, 1992.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2011

ARCOS-HERRERA, Carol. Mujeres e ilustración: polémica de los sexos en el mercurio peruano de historia, literatura y noticias públicas (1791-1795). Magister en Literatura Mención en Teoría Literaria. Universidad de Chile, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Hucitec, 2012.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. São Paulo: Editora 34, 2016

BARRENECHEA, Raúl Porras. Pequeña antología de Lima. Lima: Instituto Raúl Porras Barrenechea, [1709]1965.

BALAKRISHNAN. Um mapa da questão nacional. Rio de Janeiro: Contratempo, 2000. pp. 45-85.

BETHELL, Leslie (org.). História de América Latina. Barcelona: Editorial Crítica, 1990. p. 5.

BONILA, Heraclio; SPALDING, Karen. La Independencia del Perú: las palabras y los hechos. Lima: IEP, 1972

BRADING, David. A Espanha dos Bourbons e seu império americano. (P. 394) in: BTEHELL, Leslie. **Historia da américa colonial**. Vol 1., São Paulo: EDUSP, 1998.

BRADING, David. Orbe Indiano. de La Monarquía Católica a La República Criolla, 1492-186. (México: Fondo de Cultura Economica, 1991

BRANNIGAN, A. **The Social Basis of Scientific Discoveries**. Cambridge: Cambridge University Press. 1981.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. "La Utopía de Hipólito Unanue: comercio, naturaleza, y religión en el Perú," in CUETO, Marcos. (org), **Saberes andino**s: Ciencia y tecnología en Bolivia, Ecuador y Peru.. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 1995.

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge. **Como Escrever a História do Novo Mundo**: Histórias, pistemologias e Identidades no Mundo Atlântico do Século XVIII. São Paulo: EDUSP, 2011

CAÑIZARES-ESGUERRA, Jorge.. "Nation and Nature: Natural History and the Fashioning of Creole National Identity" in: **Late Colonial Spanish America**. Memorias LASA. 1997 http://168.96.200.17/ar/libros/lasa97/ephistory

CASTRO-GÓMEZ, Santiago. **La hybris del punto cero**: ciencia, raza e ilustración en la nueva granada (1750-1816). Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2005. 346 p

CAYCHO RODRÍGUEZ, Tomás. "La Percepción de la Psicología de los Indígenas Peruanos en el Siglo XVIII los Planteamientos de Hipólito Unanue". In: **Revista de historia de la psicología.** Jan 2016. Disponível emhttps://www.researchgate.net/publication/303811837.

CHARTIER, Roger. **A ordem dos livros**: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1994

CHARTIER, Roger. “Textos, impressão, leituras”. Em: Hunt, Lynn (Comp.). **A nova história cultural.** São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CHARTIER, Roger. **El mundo como representación**. Historia cultural: entre práctica y representación. Barcelona: Gedisa, 1996.

CLEMENT, Jean Pierre. **Bourgeoisie créole et lumière**s: le cas du "Mercurio Peruano" (1790-1795). Thèse pour le doctorat d'Etat présentée devant l'université de la Sorbonne Nouvelle - Paris III, 1983.

CLÉMENT, Jean-Pierre, PONS André. “Mercurio Peruano et Edinburgh Review: une analyse libérale de la situation péruvienne à la veille de la guerre d'Indépendance”. In: **Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien**, n°31, 1978. Numéro consacré em partie au XVIIIe siècle. pp. 113-133;

CLÉMENT, Jean-Pierre. **El Mercurio Peruano, 1790-1795** Frankfurt; Vervuert; Madrid: Iberoamericana. Vol 1: Estudio. Vol 2: Antología. 1997.

CLÉMENT, Jean-Pierre. “José Hipólito Unanue (1755-1833), journaliste, scientifique et politique péruvien”. In: **El Argonauta español** [En ligne], 6, 2009, mis en ligne le 15 juin 2009, consulté le 08 octobre 2018. URL: http://journals.openedition.org/argonauta/583; DOI: 10.4000/argonauta.583;

CLÉMENT, Jean-Pierre. ‘La Révolution française dans le Mercurio Peruano”. In: **Caravelle**, n°54, 1990.

CONTRERAS. Carlos; GLAVE, Luis Miguel. **La independencia del Perú**. ¿Concedida, conseguida, concebida? Lima: IEP, 2015

CÓRDOVA AGUILAR, Hildegardo. **La Percepción Geográfica Del Perú Entre 1790 Y 1880.** BIRA 20 (Lima) 1993. pp. 107-116.

CUETO FERNANDINI, Carlos. Presentación de: 1**964 Mercurio Peruano (1791-1794), edición facsímil**. Lima: Biblioteca Nacional del Perú, 1964-1966, 12 vols.

DANIEL VALCÁRCEL, Carlos. Perú Borbónico y Emancipación” In: **Revista de Historia de América**, nº 50, diciembre 1960, págs. 315-438

DE LA PUENTE CANDAMO, José A. **La independencia del Perú.** Madrid: Mapfre, 1992

DOMINGUES, Beatriz Helena. **Tão Longe tão perto**: a ibero-América e a Europa ilustrada (Rio de Janeiro: Museu da República, 2007).

DOMINGUES, Beatriz Helena. Clavigero y la ilustración. Consideraciones sobre América y los americanos desde la perspectiva del exilio. In: ALFARO, Alfonso; ESCAMILLA, Iván; IBARRA, Ana Carolina; REYNOSO, Arturo. (coords.). **Francisco Xavier Clavigero, un humanista entre dos mundos**: entorno, pensamiento y presencia. México: FCE, 2015.

DOMÍNGUEZ FAURA, Nicanor. **La conformación de la imagen del espacio andino: Geografía e Historia en el Perú colonial. (1530-1820)** Crónica bibliográfica. Revista Andina 21, nº 1, 1993,

ESPINOZA RUIZ, Antonio Grover. La reforma de la educación superior en Lima: el caso del Real Convictorio de San Carlos. In: O'PHELAN GODOY, Scarlett. (comp.). **El Perú en el siglo XVIII**: la Era Borbónica. Lima, 1999

ESTRELLA, Eduardo. **La Ciencia en el Ecuador en la primera mitad del siglo XVII**. Influencias de la misión geodésica, Madrid, 1987, p. 102.

FAVARÓN, Pedro. Entrando en la Montaña: visión de la Amazonía en el Mercurio Peruano IN: Periodismo antiguo en Hispanoamérica. In: Poupeney Hart, Catherine (Coord.) **Tinkuy** Boletín De Investigación Y Debate Serie Discursos Coloniales. n°3, N°14, pp.57-79, set. 2010. Disponível em: http://llm.umontreal.ca/recherche/publications.html.0, 2010,

FISHER, John. **El Perú borbónico.** 1750-1824. Lima: Instituto de Estudios Peruanos, 2000.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 2014.[

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

FUENTES, Manuel A. Biblioteca peruana de historia, ciencias y literatura. Lima: Felipe Bailly, 1861. t. 1, p. 1-2

GALINDO, Alberto Flores. **La ciudad submergida.** Aristocracia y plebe en Lima, 1760-1830. citado em ROSARIO SOLIS, 2005, p. 2

GARRIDO, Margarita. Reclamos y representaciones: variaciones sobre la Política en el Nueve Reino de Granada, 1770-1815. Bogotá: Banco de la República, 1993.

GERBI, Antonello. **O Novo Mundo. História de uma Polêmica (1750-1900)**. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

GIL AGUADO, Iago. La clausura del Mercurio Peruano. Una perspectiva a contracorriente. In: **Revista de Indias**, 2016, vol. LXXVI, n.º 267 Págs. 481-507, ISSN: 0034-8341 doi:10.3989/revindias.2016.015

GONDIM, Neide. **A invenção da Amazônia**. São Paulo: Marco Zero, 1994

GUERRA, François-Xavier. "Modernidad e independencias: ensayos sobre las Revoluciones hispánicas". Madrid: Mapfre, 1992.

GUIBOVICH PÉREZ, Pedro. **Alcances y límites de un proyecto ilustrado: la Sociedad de Amantes del País y el Mercurio Peruano. Histórica, [**S.l.], v. 29, n. 2, p. 45-66, mar. 2005. ISSN 0252-8894. Disponível em: http://revistas.pucp.edu.pe/index.php/historica/article/view/1277.

HABERMAS, Jürgen. "Mudança Estrutural da Esfera Pública". São Paulo: Unesp, 2014.

JAVIER CAMPOS F.; DE SEVILLA Fernández. El padre jerónimo Diego Cisneros, los libros prohibidos y el Mercurio Peruano. In: **Boletín de la academia peruana de la lengua Bol.** Acad. peru. leng. Vol. 54 N.º 54 Julio – Diciembre 2012 Lima, Perú.

JOSÉ TANZI, Héctor. El tema ideológico de la Revolucion Norteamericana y su influencia en Hispanoamérica". In: **Revista de Historia de América**, nº 86, julio-diciembre 1978, págs. 169-191.

KUETHE, Allan J. y KENNETH J. Andrien. El mundo atlántico español durante el siglo XVIII. Guerra y reformas borbónicas, 1713-179 6. Bogotá: Editorial Universidad del Rosa rio, Banco de la República, 2018.

LOCKHART, James e SCHWARTZ, Stuart B. **América Latina na época colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002

LONDOÑO, Fernando Torres; CUNHA, Sharley. **Ilustração limenha e o Peru além dos Andes no periódico Mercurio Peruano (1791-1795)**. Antíteses, [S.l.], v. 12, n. 23, p. 29-56, ago. 2019. ISSN 1984-3356. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/35947/25869>.doi:http://dx.doi.org/10.5433/1984-3356.2019v12n23p29.

LOPES Y SORIA. José. **Ideología Económica del 'Mercurio Peruano***'*. Lima: Comisión Nacional del Sesquicenterario de la Independencia del Perú, 1972

LUCA, Tania Regina de. Fontes Impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos". In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.) **Fontes Históricas.** São Paulo: Contexto, 2018.

LVAREZ DE MIRANDA, Pedro. **Palabras e ideas**: el léxico de la Ilustración temprana en España (1680-1760). Madrid, 1992, p. 358.

MARIÁTEGUI, Javier. **El Mercurio Peruano y la Medicina**. Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 1994.

MELÉNDEZ, Marisela. Inconstancia en la mujer: Espacio y cuerpo femenino en el mercurio peruano, 1791-1794. **Revista Iberoamericana**. Vol. LXVII, Núms. 194-195, Enero-Junio 2001, 79-88.

MELÉNDEZ, Mariselle. "Representing Gender, Deviance, and Heterogeneity in the Eighteenth-Century Peruvian Newspaper Mercurio Peruano", In: FÉLIX BOLAÑOS Alvaro; VERDESIO Gustavo (orgs). **Colonialism Past and Present**: The Politics of Reading and Writing about Colonial Latin American Texts Today. New York: SUNY University Press, 2002. pp. 175-195.

MELENDEZ, Mariselle. Patria, Criollos and Blacks: Imagining the nation in the Mercurio Peruano 1791-1795. **Colonial Latin American Review**, v. 15, n. 2, p. 207-227. 2006.

MENEZES, Edmilson. Duas posições de Voltaire sobre a história. Philosophica, Lisboa, n. 43, p. 61, 2014.

MORALES PADRÓN, Francisco. Historia general de América. 2. ed. Madrid, 1975, p. 391. In: BETHELL, Leslie (org.). **História de América Latina.** Barcelona: Editorial Crítica, 1990. p. 5

MORÁN, Daniel. La prensa y el discurso político en la historia peruana algunas consideraciones teóricas y metodológicas. In: **Investigaciones sociales.** Año XII N° 20, pp. 229-248 unmsm / iihs, Lima, 2008.

NIETO OLARTE, M. **Orden Natural y Orden Social**: ciencia y política en el Semanario del Nuevo Reino de Granada. Madrid: CSIC, 2008

NIETO OLARTE, *Mauricio.* **Historia Natural y la Apropiación del Nuevo Mundo en la Ilustración española.** Bulletin de l'Institut français d'études andines [En línea], 32 (3) 2003, Publicado el 08 diciembre 2003. Disponível em: http://bifea.revues.org/6049

NÚÑEZ HAGUE, Estuardo. **La versión alemana del Mercurio Peruano**. In: Boletín Bibliográfico de la Biblioteca Central de la Universidad Mayor de San Marcos, Lima 1936, año IX, nº 1, págs. 27-30.

O'PHELAN GODOY, Scarlett. Un siglo de rebeliones anticoloniales: Perú y Bolivia, 1700 -1783. Lima: IEP, 2012.

OBANDO MORÁN, J. Octavio. La ilustración peruana a través de El Mercurio Peruano (1791- 1795). 10.4000/bifea.6049 Nueva Corónica [en línea]. 2013, no. 1, v. 21 p.20 ISSN 2306-171,

PAZ SOLDÁN, Mariano Felipe. Biblioteca peruana, imprenta liberal. Lima: Felipe Bailly, 1879. p. 41.

PERALTA RUIZ, Víctor. "La frontera Amazónica en el Perú del siglo XVIII. Una representación desde la ilustración". In: **llapa** Nº 4, junio 2009, pp. 7-30.

PIMENTEL, Juan. **Ciencia y política en el pensamiento colonial de Alejandro Malaspina (1754-1794)**. Orientador: José Luis Peset Reig. 2002. (Tesis doctoral en Historia). Facultad de Geografía E Historia Departamento De Historia Contemporánea, Universidad Complutense de Madrid, 2002.

PINEDA, Ccente; ALBERTO, Elmer. LA TORRE, Ruiz, MÁXIMO, Fabricio.,. **Perspectivas de desarrollo de la geografía en el siglo XXI. El devenir de la geografía en el Perú.** Tesis (Geógrafo)-- Universidad Nacional Mayor de San Marcos. 2003 (ONLINE) http://sisbib.unmsm.edu.pe/bibvirtual/Tesis/Ingenie/Ccente_P_E/cap6.ht m

PORRAS BARRENECHEA, Raul. **Fuentes Históricas Peruanas**. Lima: Universidad de San Marcos.

POUPENEY HART. Catherine (coord.) **Tinkuy**: Boletín de Investigación y Debate, Université de Montréal, n. 6, 2007.

POUPENEY HART. Catherine. "Hacia una cartografia ideológica de la ilustración americana los pliegues de la escritura en el Mercurio Peruano". In: **Revista De Crítica Literaria Latinoamericana**, vol. 35, no. 70, 2009, pp. 165–182 on-line. Disponível em: <www.jstor.org/stable/41219731>

POUPNEY HART, Catherine. **Prensa Periódica y Letras coloniales**. In: Tinkuy: Boletín de investigación y debate, ISSN-e 1913-0481, Nº. 14, 2010, pp. 1-34. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3296406

PRATT, M. L. **Ojos imperiales:** Literatura de viajes y transculturación. México: FCE, 2010.

PUENTE-BRUNKE. José. **EI Mercurio Peruano y la religión**. Anuario de historia de la Iglesia, ISSN 1133- 0104, Nº.17, 2008, pp.137-148. Disponível em: https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2592939

PUIG-SAMPER, Miguel Ángel. **Las expediciones científicas españolas en el siglo XVIII.** Canelobre: Revista del Instituto Alicantino de Cultura Juan Gil-Albert, Csic. Madrid, España, n. 57, pp. 20-41, 2011. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4098632

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder e classificação social**. In: SANTOS, Boaventura S; Meneses, Maria P. (org). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010.

QUIROZ CABAÑAS, Lleisen Homero. **La razón ensombrecida:** ilustración y reformismo en. el Mercurio Peruano 1790 – 1795. Tese de licenciado em História. UNMSM. Peru, 2016.

QUIROZ CHUECA, Francisco & QUIROZ CABAÑAS, Lleisen Homero. **El Mercurio Peruano (1791-1795): historia y sociedade**. Investigaciones Sociales, v.18, n. 33, p. 131-139. 2014 ISSN: 1818-4758

RAMA, Angel. **A Cidade das Letras.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

RODRIGUEZ GARCÍA, Margarita Eva. **Criollismo y patria en la Lima ilustrada** (1732-1795). Buenos Aires: Miño y Dávila Editores, 2006.

ROSARIO SOLÍS, María del. **La obra de José Rossi y Rubí en el Mercurio Peruano**; búsqueda y creación del lector criollo ilustrado. Thesis (M.Sc.)--Université de Montréal, 2005 págs. 238 páginas

SALADINO GARCÍA, Alberto. **Ciencia y prensa durante la ilustración latinoamericana**. Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México, 1996.

SANCHEZ-BLANCO, Francisco. **La mentalidad ilustrada.** Madrid: Tauros Pensamientos, 1999.

SERRERA CONTERAS, Ramón; VILA VILAR, Luisa; HERNANDEZ-DIÁZ, Concepción (ed) **El aragonés Cosme Bueno y la Descripción geográfica del Río de la Plata (1768-1776)**, Hesca, 1996

SHARMAN, Adam. “Towards a literary public sphere: the Mercurio Peruano, Lima, 1791”. IN: Hispanic Research Journal 2017. ISSN 1745-820X (In Press)

TANZI, Héctor José. El tema ideológico de la Revolución Norteamericana y su influencia en Hispanoamérica. ***Revista de Historia de América***, [s. l.], n. 86, p. 187, jul.-dic. 1978.

TORRES ARANCIVIA, Eduardo. **Buscando un rey**. El autoritarismo en la historia del Perú. Siglos XVI-XXI, Lima: Pontificia Universidad Católica del Perú.

WAGNER DE REYNA, Alberto. A filosofia no Peru contemporâneo. **Revista Portuguesa de Filosofia,** [s. l.], t. 1, fasc. 4, p. 368-369, out.-dez. 1945.

WIERNY, Sebastian. "Reivindicación histórica y natural de los criollos ilustrados en el Mercurio Peruano: el despertar de una conciencia de sí en el Perú del siglo XVIII". In: POUPENEY HART, Catherine. (coord.) *Periodismo antiguo en Hispanoamérica*. **Tinkuy**: Boletín De Investigación Y Debate Serie Discursos coloniales N°3 N° 14, p.95-105 2010.

ZETA DE POZO, Rosa. "El Mercurio Peruano, expresíon de la mentalidade reformista". In: SESÉ ALEGRE, José María; MAGALI ROSAS, Ruth. (comp). **Luces y reformas en el Perú, siglo XVIII. Lima**: Universidad de Piura, Facultad de Ciencias y Humanidades, Departamento de Humanidades, 2005.